

O "Oscar"

Reds, o filme de Warren Beatty sobre John Reed e a Revolução Russa, e *On Golden Pond*, com Henry Fonda e Katharine Hepburn, são as películas que concorrem com o maior número de indicações para as diversas categorias do Oscar, cuja festa anual acontecerá amanhã, à noite, em Los Angeles.

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood confirmou que, nas categorias *hors-concours*, Barbara Stanwick receberá o Oscar de honra e Danny Kaye o Prêmio Humanitário Jean Hersholt. Henry Fonda e Warren Beatty estão indicados para o prêmio de melhor ator, juntamente com Burt Lancaster, Dudley Moore e Pau Newman. Para melhor atriz foram indicadas Katharine Hepburn, Diane Keaton, Marsha Mason, Susan Sarandon e Meryl Streep.



Dom José

"É alienante e é incompatível com a proposta que a Igreja faz, que não é de o homem estar se voltando para si mesmo, mas de o homem procurar se abastecer na palavra de Deus refletida com todos, nos sacramentos, para ele poder lançar-se cada vez mais à luta. A grande inspiração do Evangelho não é para que os discípulos fiquem no alto da montanha, mas para que eles desçam a planície e lutem". E um dos trechos da entrevista de Dom José Maria Pires a Carlos Antônio Aranha, Walter Galvão e Wellington Farias.



Fotografia

"Em cada aventura fotográfica que empreende, Bronzeado captura as linhas de uma tão secreta beleza, de uma tão aliciante sedução, que os nossos avós sensualmente adivinhavam, escondidas sob as anquinhãs e saias-balão, nos corpos cheios de graça, quebranto, langor e volúpia, das sinhas e mucamas das casas-grandes e senzalas dos engenhos do Nordeste". A apreciação do intelectual Odilon Ribeiro Coutinho é sobre a exposição *Engenhos e Senzalas*, do fotógrafo Luiz A. Bronzeado, que está montada no NAC da UFPB.



Catolé

Membros de famílias de pequenos agricultores da região semi-árida da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas, muitos jovens "aprendem a produzir produzindo", em regime de semi-internato, e com alimentação e transportes gratuitos, na importante experiência de ensino que é a Escola Agrotécnica de Catolé do Rocha.

Jornal de Domingo

Campina não tem medo de radicais

Burity lembra que os críticos de hoje foram os responsáveis pela falência de muitos



O povo de Campina Grande prestigiou a inauguração dos novos Calçadões com o governador

Peixe não vai faltar durante Semana Santa

Todo o peixe fresco que será consumido em João Pessoa durante a Semana Santa virá de outros Estados mas, conforme previsão dos revendedores, não faltará o produto porque já existe grande quantidade estocada nos frigoríficos.

Ontem, nas feiras livres do Mercado Central e do Bairro dos Estados, os vendedores estavam com pequeno estoque. No entanto, no Mercado do Peixe de Tambaú, o pescado era suficiente para a demanda, havendo inclusive condições de armazenamento para venda na próxima semana.

Para atender à grande procura prevista para a Semana Santa, os frigoríficos estão

recebendo o peixe fresco de outros Estados e também da Argentina. "Tudo será feito para que a população de João Pessoa não fique sem pescado durante a Páscoa", garantem os atacadistas.

Até ontem, a Sunab não tinha distribuído a tabela de preços dos pescados elaborada durante uma reunião, com representantes da Sudepe e atacadistas. Sabe-se que o peixe de classe especial custará Cr\$ 500 sem cabeça e Cr\$ 450 com cabeça; os de primeira classe por Cr\$ 400 e Cr\$ 450; os de segunda por Cr\$ 300 e Cr\$ 250 e os de terceira, por Cr\$ 150 e Cr\$ 200.



Revendedores garantem abastecimento

Menotti adverte para violência nos jogos

O treinador da Seleção Argentina, César Luis Menotti, advertiu que é "muito mais perigosa" a infração que se repete várias vezes durante uma partida contra jogadores habilitados, como Zico ou Maradona, que uma infração violenta. Menotti formulou seu comentário durante a primeira sessão do encontro de treinadores das quatro equipes sul-americanas classificadas para o Mundial, em Santiago do Chile.

No jogo 11 da Loteria Esportiva deu coluna do meio: Juventus e São Borja, ambos do Rio Grande do Sul, ficaram empatados sem abertura de placar.

O técnico Dino Sani já advertiu a todos os jogadores do Fluminense de que o seu adversário de hoje - o Ceará não obteve por acaso a sua classificação no Campeonato Nacional. "Estamos cientes das dificuldades que encontraremos aqui", disse ele numa rápida conferência de imprensa, promovida após o desembarque da delegação tricolor, que che-

gou em Fortaleza uma hora e meia depois da hora prevista. A equipe do Fluminense não tem problemas técnicos nem físicas para enfrentar o Ceará; o time carioca será novamente classificado no Campeonato Nacional se empatar as duas partidas contra a equipe cearense. O Jogo começará às 16 horas.

A primeira partida entre Bahia e Corinthians nesta nova etapa do Campeonato Nacional foi confirmada para começar às 17 horas de hoje, na Fonte Nova, em Salvador, pois não foi aceita a proposta de Cr\$ 10 milhões feita pela TV-S, no sentido de transferir o jogo para a noite permitindo sua transmissão para São Paulo. O abalo psicológico do time paulista depois da derrota contra o Flamengo e a ausência quase certa do jogador Sócrates são os trunfos com os quais o Bahia espera contar no jogo em que o Corinthians tem a vantagem de jogar por dois empates. (Esportes nas páginas 10 e 11).



O escritor e sociólogo Gilberto Freire esteve ontem, em companhia do governador Tarcísio Burity, no Espaço Cultural. Freire veio a João Pessoa participar da abertura da amostra fotográfica *Engenhos e Senzalas*, de Luiz Bronzeado, no Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba. Para o conhecido escritor pernambucano, o Espaço Cultural assumirá uma importância incalculável no contexto da cultura brasileira e, particularmente, da Paraíba. Num momento em que há deficiências no setor, segundo Freire, a iniciativa de Burity é sinônimo de educação.

- Campina Grande não tem medo de arroubos de minorias radicais e prepotentes. As pesquisas mostram, com o apoio popular, a vitória do Governo sobre os incapazes e responsáveis pela falência de inúmeros comerciantes da avenida João Pessoa, quando esses mesmos críticos exerciam o papel de governantes.

Desabafo feito ontem, à noite, pelo governador Tarcísio Burity, em Campina Grande, ao participar de comemorações relativas ao aniversário natalício do prefeito Enivaldo Ribeiro. Oito mil pessoas prestigiaram a inauguração de seis mil metros quadrados de calçadões nas ruas Cardoso Vieira, Venâncio Neiva e Maciel Pinheiro, num custo de 25 milhões de cruzeiros.

O programa constou, ainda, de uma missa na Catedral de Campina Grande. Entre outros líderes do PDS estiveram prestigiando o prefeito Enivaldo Ribeiro, afora o governador, Alvaro Gaudêncio, Wilson Braga, Marcondes Gadelha, Vital do Rego, Aécio Pereira, Olavo Nóbrega, Antônio Gomes, Francisco Benevides Gadelha, Manoel Gaudêncio, Sócrates Pedro, Juracy Palhano, Agnaldo Veloso Borges, Amir Gaudêncio, Raimundo Lira e José Carlos.

ORADORES

O deputado federal Álvaro Gaudêncio, depois de reconhecer a administração operosa do prefeito Enivaldo Ribeiro, demonstrou seu apoio à candidatura de Vital do Rego à Prefeitura de Campina Grande e reafirmou a união do PDS em todo o Estado, com vistas às eleições de novembro. Já o vereador Genésio Soares, em nome dos companheiros da Câmara, mostrou que nenhum projeto do prefeito Enivaldo Ribeiro fora rejeitado, porque suas proposições sempre refletiram os anseios populares. Genésio fez, ainda, referências às candidaturas de Vital, para prefeito, e de Wilson Braga para governador.

A festa de ontem, no centro da cidade, no entendimento do deputado Evaldo Gonçalves, que falou em nome da Assembléia Legislativa, era um reconhecimento à dinâmica administração do sr. Enivaldo Ribeiro, "um homem sempre atento às necessidades de Campina Grande." Evaldo, num rápido pronunciamento, sob aplausos demorados, disse que o PDS de Campina Grande significava o povo nas ruas, disposto a dar uma resposta às oposições inconsequentes nas eleições de novembro.

OPERÁRIOS

- Operários, estudantes, mães de família. Assim, arrancando aplausos do público, o deputado federal Marcondes Gadelha iniciou seu discurso - o mais longo - afirmando que, numa referência ao PMDB, que lhe tiraram a legenda, mas jamais seus ideais seriam usurpados. Marcondes reafirmou o compromisso de sempre continuar lutando contra as injustiças e mostrou que seus algozes são os mesmos que, em passado recente, debocharam da altivez de Campina Grande, comprometendo o desenvolvimento do município, para garantir a prepotência do Estado. Por fim afirmou que era grande a responsabilidade do deputado Wilson Braga em administrar, como governador, o legado que seria deixado pelo governador Tarcísio Burity.

Já o prefeito Enivaldo Ribeiro, como penúltimo orador, fez um relato de sua administração, citando obras realizadas em cada bairro e desafiando contestadores eventuais. Disse que hoje a condição urbanística de Campina era outra, inclusive com um novo plano de tráfego, a custo de verbas a fundo perdido, obtidas com o apoio do presidente Figueiredo e do governador Burity.

BURITY

Encerrando a concentração pública, o governador Tarcísio Burity reconheceu que, hoje, a fisionomia de Campina Grande era outra, com a operosidade da administração do prefeito Enivaldo Ribeiro. Burity, num discurso rápido, mas contundente, afirmou que o povo de Campina não tinha medo dos arroubos de minorias radicais e prepotentes, em face dos benefícios concedidos às camadas mais pobres da população pelo atual prefeito.

Constantemente aplaudido, Burity disse que fora a Campina Grande dar sua demonstração de apoio ao prefeito Enivaldo Ribeiro, "um homem que fez, faz e continuará fazendo" pelo desenvolvimento do município, enfatizando que "o barulho de minorias" não compromete a administração municipal, já que a oposição não entende e nem tem resposta para os problemas do povo.

Guerrilha boicota eleições em El Salvador



Os repórteres e cinegrafistas acompanham tiroteio na capital

Os guerrilheiros esquerdistas de El Salvador lançaram sua maior ofensiva em mais de um ano, ontem, combatendo tropas do Governo nas ruas da Capital Departamental de Usulután e paralisando os transportes em todo o país, com o objetivo de sabotar as eleições de hoje para uma Assembléia Constituinte. Os rebeldes esquerdistas montaram uma campanha para sabotar o pleito, através de intimidações e ataques que cresceram continuamente nas 48 horas anteriores à votação.

A senadora republicana Nancy Landon Kassebaum, presidente da equipe norte-americana de observadores das eleições, comentou que "evidentemente, a intimidação da esquerda está crescendo".

A rádio clandestina Venceremos advertiu que só a Cruz Vermelha e jornalistas estrangeiros poderão usar as estradas hoje. Os motoristas de ônibus levaram a ameaça a sério e as linhas para fora de San Salvador suspenderam o serviço.

Seis partidos concorrem às eleições de hoje, que constituem a pedra angular da estratégia norte-americana para a guerra civil salvadorenha. Entretanto, o pleito deverá ser uma disputa cabeça a cabeça entre os moderados democratas cristãos, apoiados pelos Estados Unidos, e os esquerdistas da Aliança Republicana Nacio-

lista, cujo líder prometeu "napalmizar todos os comunistas".

Os chefes militares advertiram aos salvadorenhos que não devem dar ouvidos aos chamamentos dos esquerdistas para boicotar as eleições de hoje, porque, disseram, o não comparecimento "equivaleria a votar a favor dos terroristas subversivos".

O Ministro da Defesa, general Guilherme Garcia, e dois outros altos oficiais do Exército, manifestaram que as Forças Armadas não favorecem nenhum dos seis partidos que apresentaram candidatos para ocupar as 60 vagas da Assembléia Constituinte e que o resultado das eleições será respeitado plenamente.

A agência de notícias soviética Tass afirmou que as eleições de El Salvador são uma "farsa" antidemocrática porque, qualquer que seja o resultado, os Estados Unidos continuarão a dirigir o país da América Central.

Em Paris, o Ministro das Relações Exteriores da França, Claude Cheysson, disse numa entrevista televisada que as eleições "não resolverão nada". Disse Cheysson que o verdadeiro problema de El Salvador é "a injustiça social básica e subjacente do sistema".

OPINIÃO



A PESQUISA

A nenhum partido interessa fazer pesquisa de opinião pública que não reflita a realidade das preferências populares. O objetivo da pesquisa é exatamente possibilitar ao partido uma visão realística da tendência da vontade popular, para efeito de orientação do seu trabalho, da sua atuação. Dados falsos ou distorcidos não serviriam de nada. Não tem sentido algum um partido político, seja ele qual for, contratar pesquisa de opinião pública para "fabricar" tendências.

A metodologia dessas pesquisas, por outro lado, é conhecida e está ao alcance de todos. É simples, objetiva. Ninguém precisa ser um gênio extraordinário para aprender a sua técnica, o seu método.

Quando a oposição se manifesta incomodada e irritada com a publicação dos resultados das pesquisas mandadas fazer pelo PDS e procura por em dúvida sua seriedade, seu realismo, sua correção, está apenas tentando tapar o sol com uma peneira, querendo evitar o impacto, na opinião pública, daqueles resultados, verdadeiramente desalentadores para o candidato opositorista.

A oposição, sim, é que se mostra empenhada numa pesquisa que a favoreça. A pesquisa realista, objetiva, autêntica, não lhe interessa. Mas ter medo da real tendência da vontade popular em nada vai adiantar à oposição.

O incômodo, a irritação da oposição, tudo isso reflete seu estado de desespero diante da verdade, diante da indiscutível verdade que é a esmagadora preferência da maioria do eleitorado paraibano pela candidatura do deputado Wilson Braga.

O deputado Antonio Mariz não se conforma com esta verdade. Recusa-se a aceitar o real, o que é uma forma de enganar-se, de iludir-se a si mesmo.

Ninguém mais desconhece, na Paraíba, de Cabedelo a Cajazeiras, que a candidatura do deputado Wilson Braga é muito mais forte do que a do deputado Antônio Mariz. Só o deputado Antônio Mariz teima em enganar-se, em iludir-se, em não ver esta verdade.

Se a tendência da maioria esmagadora do povo paraibano é em favor da candidatura do deputado Wilson Braga, é evidente que qualquer pesquisa de opinião pública irá refletir esta verdade. Pouco importa que seja mandada fazer pelo PDS ou pelo PMDB. A verdade aparecerá de qualquer maneira nos resultados.

O deputado Antônio Mariz pode ter a certeza de que ao PDS não interessa fraudar ou distorcer a apuração da verdade, da real tendência da vontade, das preferências do eleitorado. Isso só interessaria a quem estivesse sendo repudiado pelo povo. Não é o caso do candidato Wilson Braga.

Por mais incomodado, por mais irritado, por mais histérico que fique o deputado Antônio Mariz, a verdade é uma só: a Paraíba vai eleger o deputado Wilson Braga. A Paraíba vai dizer não à prepotência da oligarquia que quer dominar a Paraíba e Rio Grande do Norte, reduzindo os dois Estados a glebas do seu império feudal. A Paraíba é o Rio Grande do Norte não têm vocação para ser senzalas da família Maria.

A UNIÃO Diretor Presidente: **Petrônio Souto** • Diretor Técnico: **Hélio Zenaide** • Diretor Administrativo: **Etênio Campos de Araújo** • Diretor Comercial: **Aldson Viana Salgado** • Editor: **Walter Galvão** • Secretário: **Werneck Barreto** • Chefe de Reportagem: **Wellington Farias** • Redação e Publicidade: **Rua João Amorim, 384 Centro - Fones 221-2277 e 221-7001 Caixa Postal: 321 - Telex: 832295** • Administração, Oficinas e Parque Gráfico: **BR-101, Km 03, Distrito Industrial - Fones 221-1220 e SUCURSAIS: Brasília-DF: SCS - Q. 5 - Bl. "C" - 1º Andar - Ed. Paraisban - Fone: (061) 226-8562 - Telex: 612091** • Guarabira: **Pça. João Pessoa, 37 - Fone: 478** • Campina Grande: **Rua Maciel Pinheiro, 320 - Ed. Jabre - Fone: 321-3786** • Patos: **Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone: 421-2268** • Sousa: **Rua André Avelino, 25 - Fone: 521-1219** • Cajazeiras: **Rua Pe. José Tomaz, 19 - Fone 531-1574** • Itapipiranga: **Rua Getúlio Vargas, S/N - Fones 325** • Conceição: **Estação Rodoviária - Box 4 • Catolé do Rocha: Rua Barão do Rio Branco, 754.**

Amor e perdão

De amores fúteis poucas vezes falo, escreveu Augusto, revelando estranho desdém em relação a assunto explorado em todas as suas nuances pela literatura mundial, inclusive poetas maiores ou menores do que ele. Um outro cantor queixou-se: Amor, amor, e desse amor se vive, e desse amor se morre. E eu tenho amado tanto e não conheço o amor.

Porém tanto o enigmático escultor do *Eu* como os vates que em todos os idiomas do mundo viram e reviram pelo avesso o empolgante tema do amor só se referem nessa dobadura ao amor carnal, o sentimento que une o homem à mulher integrativo do relacionamento sexual, cuja perpetuidade assegura do ponto de vista biológico a conservação da espécie. Tudo quanto Deus fez foi bom e muito bom. Há, todavia, numa esfera infinitamente mais elevada, outro tipo de amor, de origem divinesca - o que dimana da chamada Lei Áurea - decretada pelo Rabbi da Galiléia. Executada com o dimensionamento universal que lhe preconizou o Mestre, resolveria todos os problemas do mundo e implantaria a Felicidade na terra. É o *agape* dos cristãos primitivos, a ênfase da alma classificada por Paulo de Tarso como sendo o vínculo da perfeição. Sem

limites no tempo e no espaço. O amai-vos uns aos outros participa, pois, da natureza telogal e social ao mesmo tempo. Mas infelizmente ei-lo obnubilado pela mais fulminante desgraça das que se poderiam abater sobre o gênero humano: a prática do resplandecente postulado jamais avançou um milímetro além do flácido terreno das utopias.

E como essa críse-mater, do relacionamento fraterno com o próximo assume por consecutivas outras crises derivadas, seguem-se no viver das gentes de fora como no nosso viver interno, dramáticos colapsos na conjugação subjetiva do verbo amar.

Está em crise o amor-gratidão. Em fase de desaparecimento a solidariedade política e operária, o apego entre oficiais do mesmo ofício, os que se hombreiam na tarefa comum. A atração dos semelhantes, quanto mais a repulsa dos contrários.

Mas a crise dramática por excelência - a mais grave e devastadora - é a que afeta e elimina o amor conjugal. Está sendo fonte multiplicadora até o inimaginá-

Osias Gomes

Proteção ao menor

O Juiz de Menores de João Pessoa, Martinho Lisboa, vem desenvolvendo um trabalho comente em defesa do menor abandonado. Em sua peregrinação através de clubes de serviço, entidades de classe e órgãos de comunicação, o esforçado magistrado tem procurado sensibilizar a opinião pública para ajudá-lo "nesta cruzada patriótica", visando, pelo menos, minimizar a grave questão social que não é só da Paraíba, mas de toda a Nação.

Lembre-se que o número de menores carentes no Brasil atinge a 30 milhões, mais do que a população de vários países, inclusive da Argentina.

Apesar da complexidade e das dimensões do problema, cujas origens são de ordem sócio-econômicas, o nosso abnegado Juiz de Menores não esmorece na sua campanha em prol do menor abandonado, empolgando-se de tal sorte que chegou a entrar em conflito com o Delegado Regional do Trabalho desta Capital, porque esta autoridade federal, agindo dentro da Lei, autou empresas que estavam explorando a força de trabalho das crianças, sem cumprir os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, que disciplina as relações entre empregado e empregador, protegendo, evidentemente, o mais fraco: o trabalhador.

Sob o argumento de

afastar os menores "carentes" da mendicância, da vadiagem ou da delinquência, o magistrado teve a surpreendente idéia de, através de convênios entre a Febrama - Fundação do Bem Estar do Menor Alice de Almeida - e casas comerciais varejistas, destacando-se os supermercados, utilizar as crianças para o trabalho sem vínculo empregatício, sem o salário de lei, na suposição de que os pequenos trabalhadores tirarão o sustento próprio e até de suas famílias, mendigando gorjetas dos clientes daquelas casas.

O dr. Martinho Lisboa chegou a pedir, publicamente, através do programa Luiz Otávio Informal, ao Delegado do Trabalho para, em outras palavras, fazer vistas grossas à exploração impiedosa dos supermercados, que já obtém lucros fabulosos, passando por cima da Lei, "porque o cumprimento da CLT ao pé da letra", prejudica os menores que querem trabalhar".

Esquece o bem intencionado Juiz que a solução do problema do menor carente, para usar a palavra mais suave, não será solucionado com medidas paliativas e, muito menos, com a exploração de seu trabalho

Oduvaldo Batista

vel de divórcios e separações judiciais. Porque o casamento estável independe dos papéis do registro civil e tão pouco da efêmera atração sexual entre os cônjuges. Repousa no poder aglutinante que cimenta o destino dos seres conviventes debaixo da garantia duma paixão desinteressada e pura, do nativa e sacrificial. Ou existirá esse elemento moral cristalizado em amor categorizado e invencível pelas vicissitudes da existência, ou jamais haverá casamento perdurante como patamar indescartável da família brasileira.

E por último: a solidez desse sistema se vincula ainda à capacidade de perdoar. Que tem de ser irredutível. Não há amor autêntico e duradouro entre consortes sem larga previsão desse ingrediente, sabido que de ambos os lados surgem os defeitos temperamentais. Dirão agora: também o adultério? Sim, também, ele. Assim, responde pelo menos um técnico na lei de Deus e na escafandragem da natureza humana, o rev. Elben Cesar, de Vigosa, MG. Um teólogo especializado no problema da eternização da família. Também o sétimo mandamento, cuja violação pode ser perdoada dentro, sim, dum dilúvio de lágrimas, mas, mas pode ser perdoada.

em favor de poderosos grupos econômicos, em grande parte multinacionais. Na realidade, esse sistema de dar "emprego" às pobres crianças só beneficia as empresas que, além de não pagarem salários aos pequenos trabalhadores, ficam livres das despesas com as obrigações sociais, porque não os registram em carteira.

O menino trabalha, sem vínculo empregatício, por setecentos cruzeiros mensais (a título de transporte) e fica esperando a caridade pública dos clientes dos supermercados.

Na verdade, este estranho sistema de proteção agrava ainda mais o problema do desemprego, e, obviamente, do menor abandonado.

A melhor forma de proteger o menor é lutar por melhores condições de vida do trabalhador. A existência de 30 milhões de menores desamparados é consequência da injusta distribuição de renda, do desemprego e dos baixos salários.

Enquanto mais de dois milhões de trabalhadores no Brasil continuarem vivendo de meio - salário mínimo; enquanto se continuarem fechando fábricas não se encontrará a solução para esta questão vergonhosa.

O que devemos fazer é lutar para a reabertura das fábricas que estão fechadas e por uma justa distribuição de renda.

CARLOS CHAGAS

UM POUCO DE BOM SENSO

Generaliza-se no governo, à exceção de seus radicais, o raciocínio de que se o PDS perder as eleições em determinado número de Estados, a derrota precisará ser absorvida e, acima disso, amplos entendimentos deverão ser logo desenvolvidos junto às forças vitoriosas. Não haverá hipótese de os eleitos não tomarem posse, e o importante será desencadear entendimentos e composições, que quem sabe até referentes a mudanças no quadro partidário. Os oposicionistas não são monstros, falam a mesma língua de toda a nação, terão seu interesse, também, em não acirrar os ânimos. Procura-se afastar a sombra de previsões do tipo daquela de que "a sorte da abertura política depende da vitória do PDS".

Do Ministro Leitão de Abreu ao Ministro Ibrahim Abi-Ackel, do Brigadeiro Délio Jardim de Mattos ao Almirante Maximiano da Fonseca, são inúmeros os auxiliares presidenciais do primeiro nível a procurar extrair do processo de democratização as suas consequências naturais. Ganhou, levou, importando a todos, vitoriosos ou derrotados, contribuir para o aprimoramento institucional. De um lado e de outro existirão recalculantes, ou seja, os que não admitem eleições senão com a predominância dos candidatos do sistema, ou os que, vitoriosos, entendem que a revolução deva ser revogada e instaurado no país um regime completamente novo. São, as exceções, capazes de neutralização e isolamento de se prevalecer o bom senso. O presidente João Figueiredo disporá de todas as condições para administrar junto com governadores oposicionistas, aos quais interessará estar em boa convivência com o poder central. Da mesma forma, poderá encontrar um ponto de equilíbrio com o Congresso, mesmo com o PDS não dispondo mais da maioria absoluta. Sempre existirão segmentos capazes de aderir, mas se isso não ocorrer, porque não buscar aliança com outras forças partidárias? Aliás, quem garante que os partidos, uma vez conhecida a voz das urnas, continuarão os mesmos?

Essas conversas, é óbvio, se fazem à curta voz, pois, para o público, o governo não admite a derrota. E até procura desenvolver o maior de seus esforços para vencer onde for possível. Sob esse prisma, o raciocínio surge meramente preventivo, ou teórico, ainda que, na prática, necessário por conta de previsões descompromissadas.

A perda da maioria absoluta do PDS no Congresso é quase fatal, para os analistas oficiais; e, nos Estados, alguns são considerados perdidos. Importaria salvar, no entanto, o espírito maior do processo, equivalet dizer, retirar a grande vitória da realização das eleições, independentemente de seus resultados.

Se puderem afastar o espectro negativo de derrotas mais ou menos previsíveis, os ministros e assessores do palácio do Planalto dedicados a esse objetivo sentir-se-ão fortes para enfrentar o obstáculo expresso nas eleições presidenciais de 1984. Aqui, todos concordam em que de forma alguma a Presidência da República poderá ser entregue às oposições radicais. Seria a ruptura. Porque não imaginar, no entanto, que o bom-senso continua a prevalecer e que venham as forças políticas, conjunto, fluir para uma candidatura de unidade nacional? Para a escolha de alguém, certamente um civil, empenhado na promessa de continuar a empreitada que o general Figueiredo começou?

Dias atrás o senador Tancredo Neves confidenciou que, eleito governador de Minas, não teria pruridos em examinar a hipótese de o seu Estado formar uníssomo em favor da candidatura do vice-presidente Aureliano Chaves. Ainda que sem se deter no exame de nomes, pensa da mesma forma o senador Franco Montoro. Outros existirão com iguais propósitos, nas oposições. O resultado, conforme os otimistas, resultaria num período de paz e tranquilidade políticas. O problema, para os pessimistas, é saber como reagiriam os radicais daqui e dali, sempre pressurosos em encontrar pretextos e motivos para acirrar os ânimos...

Do decreto assinado a 8 de janeiro pelo presidente da República estabelecendo o sistema de Comunicação Social do Poder Executivo, destracado antes pela Extinção da Secom, ao telex passado há uma semana pelo Ministro Leitão de Abreu a todos os Ministros, recomendando que "qualquer campanha de divulgação somente seja empreendida após prévia coordenação com a Secretaria de Imprensa da Presidência da República", não se deve inferir estar o governo disposto a utilização política dos quase 15 bilhões de cruzeiros que a administração direta e indireta gastam e gastarão este ano, em propaganda. A Secretaria de Imprensa carece de estrutura para selecionar, decidir e organizar todas as campanhas. Contam com o secretário, Carlos Atila, possui nove funcionários. A idéia do Presidente e do Chefe do Gabinete Civil é saber onde, como e de que maneira os Ministérios e os órgãos da administração indireta gastam as vultosas verbas de publicidade, no máximo evitando superposição ou campanhas inócuas. Não passaria daí a orientação pertinente às atividades de comunicação a serem doravante desenvolvidas, segundo comentam os homens da comunicação social do governo. O problema é que os homens que comandam o sistema de segurança e informações talvez não pensem assim, mesmo não se cogitando da formação de uma caixa única para a propaganda dos atos e das intenções oficiais...

Dois mineiros trocavam impressões, ontem, sobre a sucessão estadual, e um deles comentava a recente indicação do ex-deputado e jurista Oscar Dias Correia para o Supremo Tribunal Federal.

- Mas o que tem a sucessão a ver com isso?

- Ora, Oscar Correia sempre foi um dos líderes mais representativos da antiga UDN. Se é guindado, logo agora, a essa posição, trata-se de um fator a mais para que o candidato a Governador, pelo PDS, surja das fileiras do ex-PSD.

- Realmente, política mineira é para quem usa calças compridas...

DEDICATÓRIA

Sabendo que o jornalista Carlos Castello Branco iria conversar com o general Golbery do Couto e Silva, o senador Paulo Brossard pediu-lhe que levasse um exemplar da "Geopolítica do Brasil" para o ex-ministro autógrafo. Recebeu-a de volta, com o autógrafo e uma significativa dedicatória, que pretere não tornar pública. Como Brossard mantém a firmeza oposicionista de sempre, quem sabe não terá o general Golbery mudado de ótica, isto é, revelado na dedicatória que não continuaria tão governista quanto era?

Do Leitor

Fla/Seleção

Sr. Editor

Na edição de 27/03/82 de A UNIÃO, numa das melhores reportagens acerca da realização da Copa do Mundo no mês de junho próximo, ficou claro que não existe nenhum país favorito para sair campeão. Nós, que estamos acostumados a conviver com incertezas quanto às nossas disputas futebolísticas a nível de copa, vamos entrar no pário do mesmo modo que fomos em 70, e nas duas competições seguintes.

Enquanto ficamos indecisos - mais confiantes teremos hoje mais um grande espetáculo para assistirmos. Como não deixava de ser, trata-se do Flamengo no Maracanã, contra o Sport do Recife que, diga de passagem, é um bom time. Mas o Fla sabe manter sua superioridade técnica aqui e no outro lado do mundo.

Na última vez que a Seleção de Telé foi a campo, cinco jogadores do Mengo participaram da disputa contra a Alemanha, e provavelmente estes mesmos atletas serão convocados para a competição da Espanha e, com a participação dos demais "craques", poderemos ser tratados como favoritos logo nos primeiros jogos. Aliás, a Seleção brasileira sempre é favorita em qualquer partida que disputa.

Paulo José dos Santos
Jaguaripe

A UNIÃO HA 50 ANOS

Ivan Lucena

As fortunas dos soberanos exilados

No dia 28 de março de 1932
A UNIÃO publicou

Paris, março - (Comunicado epistolar) - Os sete monarcas que se acham actualmente exilados possuem uma fortuna global de 1.875 milhões de francos. Dessa importância deve-se reservar a maior parte para o antigo imperador da Alemanha, ou seja 437 milhões e 500 mil francos. Guilherme II é, ainda actualmente o alemão mais rico que existe. Em contraposição é a imperatriz Zita, da Áustria, que cabe a pouco invejável distinção de ser a mais pobre das antigas soberanas.

De todos os reis exilados, o ex-Shá da Persia era o que destrutava o maior luxo. Quando foi deposto habitava Paris e vivia como só o poderia fazer um monarca oriental.

A fortuna actual dos antigos soberanos da Espanha é avaliada em 250 milhões de francos. Assegura-se, entretanto, que esse

algarismo é bastante exagerado, pois embora a rainha tenha deixado a Espanha com suas joias de grande valor, diz-se que os capitães empregados pelo ex-rei, no estrangeiro são muito menos importantes do que se anunciava. O último sultão da Turquia vive na Suíça, rodeado de um grande luxo, mas ninguém sabe quais as sommas que ele pode trazer em 1923, quando deixou a Turquia para sempre... Seu pae, Abdul, era, certamente, o homem mais rico do mundo e, hoje, vinte e sete de seus herdeiros lutam para obter uma parcela da sua fortuna, avaliada em 37 e meio bilhões de francos!

Quando o rei Amanuallah e sua família fugiram de Kaboul, durante a revolução, transportaram joias valiosas e 125 milhões de francos, em dinheiro.

Entre os ex-soberanos menos ricos encontram-se os reis George, da Grécia e Manuel, de Portugal. O primeiro não possuía senão 3.125 mil francos ao deixar o seu país e o segundo a não ser uma dezena de milhões, recebe uma pensão que lhe foi concedida pelo governo de Portugal. Quanto ao rei da Bulgária, que abdicou em favor de seu filho Boris, a sua fortuna é das mais misteriosas.

A despeito da importância que se lhe atribue, é sabido que elle encontrava-se recentemente em sérias dificuldades financeiras.

•••••

VIDA RELIGIOSA

Como estava anunciado, effectuou-se ante-hontem a procissão do Senhor Morto, que percorreu as principaes ruas desta capital.

O alludido prestito religioso que foi o mais imponente desses ultimos annos, constituiu-se de varios andores, caprichosamente ornamentados, tendo o comparecimento do clero, cabido e seminário archidiocesano, numerosas irmandades e outras corporações catholicas, além de densa massa popular calculada em cerca de dez mil pessoas.

FESTA DAS NEVES.

A comissão da noite do Funcionarios Publicos, da Festa das Neves do anno passado, irá hoje, incorporada, ás 20 horas, fazer a entrega da bandeira que figurou na referida noite, ao sr. Franca Filho.

O Ponto da reunião é a casa do sr. Benício de Oliveira Lima, á rua General Osorio.

Fará um membro da comissão, fazendo a entrega da bandeira.

NOTAS POLÍTICAS

Hélio Zenaide

PÁSCOA POLÍTICA

A páscoa é uma festa comemorativa da ressurreição, uma festa que nos sugere a ideia de uma profunda mutação, uma profunda transformação, o fim da morte, a retomada da vida.

Desde suas remotas origens, a páscoa está associada a essa ideia. Assim foi com Moisés, no antigo Egito, assim foi com os povos nórdicos, que celebravam a mutação anual das estações, o fim do inverno (a morte) e o início da primavera (a vida). E assim é atualmente, pois a páscoa representa para os cristãos uma oportunidade de transformação interior, um convite para que, deixando os caminhos da morte, nos ehveredemos pelos caminhos da vida.

Para os povos nórdicos a festa era marcada no próprio equinócio da primavera, normalmente no mês de abril, numa simbologia muito rica de força sugestiva.

Inicialmente, a páscoa cristã não se diferenciava da páscoa judia, até que o Concílio de Nicéia, no ano 325 da nossa era, ordenou que a páscoa tivesse lugar no domingo imediatamente posterior à lua cheia que ocorre no equinócio da primavera (do outono, no hemisfério sul), ou após a primeira lua cheia depois do equinócio. A páscoa judia é comemorada no décimo quarto dia do mês lunar que cai ou segue imediatamente o mencionado equinócio, algumas vezes até coincidindo com a páscoa cristã. Para evitar isso o Concílio resolveu que quando tal ocorresse a páscoa cristã passaria para o domingo seguinte.

A páscoa, judia, introduzida por Moisés, marcava o início da era de Aries. A páscoa cristã determina o início da era de Peixes. É curiosa essa diferenciação astrológica. Está muito de acordo com as características da era de Ari e, do signo de Aries, a luta de Moisés para salvar o seu povo. Já a páscoa iniciada por Jesus, dando início à era de Peixes, é marcada por outro simbolismo. Em vez das lutas, das conquistas, da coragem e do arrojo, a ideia do amor e da união, da transformação do homem, do seu renascimento, com o Cristo renascendo dentro de cada um de nós.

E neste sentido que falo em páscoa política. Parece-me, por exemplo, que, no Brasil, a páscoa da oposição é mais uma páscoa judia: a páscoa do PDS é mais uma páscoa cristã. A oposição, tocando os clarins da guerra, o governo, os clarins do amor, da união, do sacrifício (o jejum pascoal) pelo renascimento da Pátria.

O coração da oposição está muito cheio de ódios e rancores, de instinto agressivo e belicoso, de radicalismo desesperado. A páscoa da oposição é uma páscoa de carne e sangue. Não é uma páscoa cristã.

Estou falando de páscoa. Mas os leitores já perceberam que também estou falando na diferença que existe entre Mariz e Wilson Braga.

Que o espírito da páscoa cristã ilumine o coração de todos nós. Que todos os brasileiros tenham uma só páscoa. Cristã e brasileira.

A PÁSCOA JUDIA DO PMDB

Recusam-se os judeus a comparar sua festa pascoal com a comemoração cristã.

Recusa-se também o PMDB a aceitar o convite do governo para a união (a mão estendida do presidente João Figueiredo) dos brasileiros em favor do renascimento da Pátria.

Para os judeus, a páscoa significa a libertação dos filhos de Israel da escravidão egípcia.

Por isso, eles lembram as palavras de Deus a Moisés: "nesse mesmo dia eu tirei as vossas fileiras da terra do Egito, guardai esse dia, de geração em geração, como instituição perpétua".

A oposição julga sua condição de oposição uma servidão, uma escravidão. Não se conforma. Quer libertar-se dessa escravidão de ser oposição. Por isso, a sua páscoa é uma páscoa de luta, de guerra de vida e morte. Ou deixa de ser oposição e conquista o poder, ou será o Apocalipse. A continuar oposição, isto é, a continuar sendo o que é, ela prefere, como Sansão, derubar as colunas do templo, para que todos morram soterrados: - Morra Sansão e todos os filisteus!

A PÁSCOA DA OLIGARQUIA

Nesta páscoa que vamos comemorar, a oligarquia de Catolé do Rocha também está preocupada com uma ressurreição, um renascimento. O renascimento da própria oligarquia!

Depois de João Agripino governar a Paraíba, a oligarquia quer o governo paraibano para Mariz.

Lá no Rio Grande do Norte, depois do governador Tarcísio Maia e depois do governador Lavoisier Maia, ela quer renascer com o governador José Agripino Maia.

Sua festa da ressurreição é a festa da ressurreição da oligarquia nos dois Estados.

A oligarquia confunde o renascimento dos dois Estados com o renascimento da família no poder.

Maia governando a Paraíba, Maia governando o Rio Grande do Norte: é a ressurreição da oligarquia.

Na Rússia, os ortodoxos, no dia da páscoa, se saúdam assim:

- Cristo ressuscitou.
- Ressuscitou realmente.
- Lá em Catolé do Rocha, os ortodoxos da família Maia se saúdam:
- A oligarquia ressuscitou.
- Ressuscitou realmente.
- É o que eles pensam...

Os teutônicos introduziram, na páscoa, o costume de presentear o ovo da páscoa.

Nesta páscoa, a oligarquia, em vez do ovo da páscoa, está presentando, na Paraíba, retratos coloridos de Mariz, e no Rio Grande do Norte, de José Agripino Maia.

Retrato de Maia virou ovo da páscoa.

O ovo, como se sabe, é um símbolo da vida, da fertilidade.

O retrato de Mariz e o retrato de José Agripino simbolizam a vida e a fertilidade de quem?

Da oligarquia. Da ressurreição da oligarquia. Da fertilidade de candidatos da oligarquia.

Para governador, um Maia; para deputado federal; um Maia; para deputado estadual, um Maia; para prefeito de Catolé do Rocha, um Maia, para vice-prefeito de Catolé do Rocha, um Maia; para vereador de Catolé do Rocha, um Maia.

Quanta fertilidade, santo Deus? É a festa da ressurreição da oligarquia.

O JUDAS DA OLIGARQUIA

No sábado de Aleluia, como se sabe, há o costume da malhação de Judas. Em quase todas as cidades, Judas de palha são pendurados, rasgados e malhados e queimados.

Essa malhação, essa queima de Judas é uma tradição de caráter punitivo. Judas é a personalização da traição, das forças do mal. Dai ser submetido a essa dilaceração punitiva.

O povo não perdoa o apóstolo traidor.

A oligarquia de Catolé do Rocha também tem o seu Judas.

Até ontem, como se sabe, João Agripino era apóstolo da Revolução, apóstolo do partido da Revolução.

Mas como o partido da Revolução deixou de apoiar a oligarquia, recusou-se a apoiar a candidatura de Mariz, o Judas se passou para a oposição.

Traiu o partido no qual militava há tantos anos, traiu os amigos que o acompanhavam há décadas, passando a combatê-los, só porque eles não se submeteram à oligarquia.

Hoje, o Judas está aí condenando, combatendo e acusando o seu antigo partido, os seus velhos amigos.

É natural, por isso, que esse Judas também seja malhado pelo povo da Paraíba.

É tempo de malhação, de todos os Judas.

Passada a Quaresma, vem aí a Semana Santa. Vem a páscoa. Vem o sábado de Aleluia. É o dia da malhação de Judas.

E neste ano a Paraíba tem dois Judas para malhar. Dois traidores. O que traiu o Cristo, por trinta moedas, e o que traiu o seu partido e os seus amigos pela oligarquia de Catolé do Rocha, da família que quer mandar na Paraíba e no Rio Grande do Norte, na base da prepotência, do quero, posso, mando, ordeno, exijo.

Justifico, dessa forma, a malhação que faço de João Agripino. Se é Judas, é para ser malhado.

É a tradição, o costume popular.

UM JUDAS SEM ARREPENDIMENTO

Judas Iscariotes, pelo menos, ainda sentiu remorso e arrependimento por sua traição, enforcando-se envergonhado do seu papel.

O nosso Judas da Paraíba, muito ao contrário, não sente o menor remorso, o menor arrependimento. Acha que a sua traição deve ser premiada. A Paraíba, no seu entender, deve premiá-lo pela traição, entregando o governo novamente à oligarquia.

O governo da Paraíba são as suas trinta moedas. Se tivesse sido apóstolo do Cristo, teria tomado o lugar de Judas Iscariotes. E não teria se enforcado no galho da oliveira.

Joacil diz que Agripino não tem mais liderança

Segundo o deputado Joacil Pereira, o sr. João Agripino não vai tirar ninguém do PDS porque ele não tem liderança no Estado. "Já teve, mas hoje está enfraquecida e se resta alguma liderança é em algum Município que lhe assegura a candidatura para a Câmara dos Deputados e será com uma votação muito fraca, talvez o quarto ou quinto mais votado."

Lembrado da hipótese da definição do candidato a vice-governador ocasionar uma dissidência no partido, tendo em vista a disputa pela indicação por Amir Gaudêncio e Ademar Pereira e que o nome ficou de ser definido pela Frente de Campina, disse Joacil que não se pode distinguir a Frente de Campina porque a maioria dos seus integrantes não são de Campina Grande e não se pode fazer política pleiteando cargos, com imposição, usando uma filosofia de "quero, mando e posso".

- Nesse caso, eu poderia dizer que quero ser candidato a vice e se não for rompo, vou me articular com o adversário por baixo do pano. Não acredito que os nomes cogitados para o cargo de vice-governador da Paraíba estejam agindo dessa forma o que creio é que se unirão em torno do nome escolhido na convenção para os cargos majoritários na eleição de 15 de novembro".

ADVERTIU

Apesar de não acreditar que algum elemento do PDS venha a mudar de posição a essa altura, o deputado Joacil Pereira advertiu as lideranças do partido para se premunirem porque, segundo ele, a pior traição é aquela que é feita por baixo do pano.

O deputado Joacil Pereira não acredita na notícia circulada em Brasília de que um elemento do PDS teria procurado João Agripino para hipotecar o seu apoio a candidatura de Mariz e que até lá, o dia da eleição, ficaria com o PDS porque não vê, à primeira vista, alguém capaz de cometer tamanha traição.

Eilzo faz campanha para manter colégio em Areia

O deputado Eilzo Matos está empenhado no sentido de evitar que o Colégio Santa Rita, na cidade de Areia, cerre suas portas. Disse o parlamentar que tomou conhecimento, através da imprensa, de apelos de areienses, os mais destacados, pela continuidade das atividades escolares do educandário, que estaria ameaçado de encerrar as suas atividades escolares.

- Por se tratar de instituição de ensino das mais tradicionais e conceituadas do nosso Estado, irei empreender uma campanha em defesa do Colégio Santa Rita, ou melhor, da manutenção dos seus cursos.

A BURITY

Eilzo Matos assinalou ainda que levará o assunto ao governador Tarcísio Burity e a secretária de Educação e Cultura, Giselda Navarro "pois Areia, como sempre, é irradiadora de cultura, podendo oferecer à Paraíba e aproveitando as instalações do Colégio Santa Rita - de um Centro de Formação e Capacitação Profissional de Professores, a nível médio".

Vale salientar, lembra Eilzo Matos, "que todos os empreendimentos relacionados com a cultura e a educação naquele Município, alcançam êxito, haja vista o conceito excelente de que gozam a Escola de Agronomia, ali criada por José Américo de Almeida diante do descrédito de tantos naquela época, bem como do Festival de Arte, do qual tive a honra de ser o



Joacil: Agripino já era

- Se vejo alguém capaz de cometer tamanha traição não interessaria dar nome aos bois. Até que provem o contrário, os homens do PDS são homens de bem e estão obrigados por lei à fidelidade partidária. Votar contra o senador ou governador do PDS é uma deslealdade, e por baixo do pano é uma traição inominável, sem nenhuma qualificação.

Acrescentou Joacil que se um elemento diverge e vai para a praça pública não deve fazer uma traição, mas pelo menos é uma traição que não tem os requintes da emboscada mais cruel, apesar de que a traição por baixo do pano, caladinho indo dizer ao adversário que vai ficar com ele mas até o dia da eleição disfarçará fidelidade ao governador Tarcísio Burity, é a típica e mais terrível das traições.

FILIAÇÃO

Com relação à reabertura do prazo de filiação partidária para os insatisfeitos com a incorporação do PP ao PMDB, que o sr. Humberto, Lucena classificou de

"prazo da corrupção", disse o deputado Joacil Pereira que não tem nada de corrupção, ao contrário, vem ao encontro das aspirações de muitos elementos que não tiveram oportunidade na primeira abertura de prazo para nova filiação de se desligarem do PMDB ou do PP.

Para Joacil Pereira, o que poderia causar espécie, se fosse usual na oposição fazer imposição e não apenas oposição, era "se nós obrigássemos alguém ficar nos partidos a força. Um partido que já não é o mesmo que ele se filiou. O PMDB é um partido descaracterizado e o PP não existe mais. Isso é que é violência, não tem nada de corrupção por parte do Governo Federal ou Estadual. E se tivesse de haver corrupção para compelir filiados do atual PMDB híbrido do ex-MDB e ex-PP não era unilateral, sempre é bilateral. Há um sujeito ativo e um passivo. Seria o sujeito ativo, na opinião da oposição, as autoridades e o sujeito passivo os que aceitassem as propostas, as vantagens e benefícios para mudar de partido. O PMDB, analisando bem, está ofendendo os seus próprios filiados achando que dentro do partido há elementos capazes de aceitar "proposta de corrupção, vantagens ilícitas".

MAIS VOTO

Quanto a afirmação dos líderes do PMDB de que o PDS não tem votos para ganhar eleição e está usando de artifícios, disse Joacil Pereira que é um argumento pueril e é muito fácil de verificar isso porque faltam apenas oito meses para a eleição. Eleição que, segundo Joacil o PMDB dizia que não ia se realizar e vai ser uma demonstração de que o povo não pode acreditar na pregação da oposição.

"É uma pregação de mentira e falsidade. Essa eleição vai se realizar para provar quem tem apoio popular e com quem vai ficar a maioria da nação que, de certo, não vai aceitar as conjunções espúrias de MR-8, PC, PCB, tudo dentro de um partido só, as forças mais heterogêneas e contestatórias, porque quer trabalho e ordem, democracia e liberdade.

Marcondes faz análise sobre nome do vice

A dificuldade da escolha do vice-governador está apenas no zelo e no cuidado que o PDS tem de oferecer à Paraíba o melhor que puder entre os seus quadros. Não apenas por isso ser funcional e ajudar na unidade do partido, mas porque também é uma obrigação relacionada com o interesse público.

A declaração é do deputado Marcondes Gadelha ao ser interrogado sobre a demora do partido governista na definição do seu candidato à vice-governador do Estado.

Marcondes não acredita em divergência internas, a seu ver o processo de maturação de um candidato é sempre longo e lento, mas acha que a Paraíba já avançou muito, porque em alguns Estados como Minas Gerais e Bahia não ficou ainda decidido o nome do candidato à governador pelo PDS.

NATURAL

Gadelha considera tudo muito natural e parte do democrático. "Partido que não se abre ao debate, é um partido morto. Esse questionamento interno é a maior prova de vitalidade do PDS na Paraíba", afirmou o parlamentar.

Quanto à escolha de um tertius, ele disse que há um consenso de que antes do envolvimento de outras figuras ou órgãos do partido, o debate se deve esgotar primeiro no âmbito de chamada Frente de Campina, "de modo que seria precipitado de minha parte opinar sobre nomes que sei serem todos da maior respeitabilidade".

Entende Marcondes que o grande passo para consolidação e continuidade da abertura democrática, implantada pelo presidente Figueiredo depois das eleições, deve ser dado no setor econômico, como maior participação do povo. "O grande passo deve ser econômico, havendo uma abertura ampla na área econômica, não apenas na formulação de políticas econômicas, mas sobretudo no próprio processo produtivo".



Deputado Eilzo Matos

seu primeiro defensor na Assembléia Legislativa".

O Colégio Santa Rita de Areia tem a sua área construída bem maior do que o Liceu Paraibano, num projeto detalhado para atividades educacionais e culturais, bibliotecas, dormitórios, auditório, sala para ensino de piano, entre outras.

Aécio quer telefone para distrito de Sta Gertudes

Depois que passou a contar com o apoio político do ex-prefeito de Patos, Aderbal Martins, o deputado Aécio Pereira, do PDS, começa a se preocupar com os destinos daquela região e uma das suas primeiras reivindicações, foi dirigida em dias da semana passada, ao presidente da Telpa Iost Van Damme, pedindo proceder estudos, viabilizando a instalação de um Posto Telefônico, no distrito de Santa Gertudes, situado a poucos quilômetros da sede do município de Patos, por entender, segundo o parlamentar, que os habitantes daquela área do sertão paraibano, estão a precisar de um serviço de comunicação dentro do menor espaço de tempo possível.

O requerimento apresentado pelo deputado Aécio Pereira, aprovado em discussão única no Plenário da Assembléia, tomou o nº 45/82 e teve o seguinte texto: "Requero, a V. Exa., na forma regimental e após ouvido o Plenário, seja formulado um apelo ao Ilmo. Sr. Presidente da Telpa, Iost Van Damme, no sentido de viabilizar a implantação de um posto telefônico no distrito de Santa Gertudes, situado no município de Patos, visando assistir

aquela comunidade com tão grande benefício público".

SESSÃO ESPECIAL

No mesmo dia o deputado Aécio Pereira, apresentou outro requerimento, o de nº 44/82, formulando convite ao sr. presidente da Telpa, Iost Van Damme, para em sessão especial a ser realizada no Plenário da Assembléia, em data ainda a ser marcada, fazer uma exposição para todos os deputados sobre o plano de expansão telefônica que nos últimos meses vem sendo empreendido pela Telpa, em diversas cidades do Estado. Aécio quer que a Telpa dê conhecimento público, com todos os detalhes, quais os municípios que serão beneficiados com sistema DDD ou que terão aumento de Canais e número de linhas, como foi o caso do município de São Mamede, para onde o parlamentar estadual conseguiu recentemente a expansão da rede telefônica da cidade, bem como a inclusão no plano de DDD, dentro de mais alguns meses.

Os requerimentos já foram aprovados em plenário e já devem ter seguido para o presidente da Telpa.

**SERVIÇOS
ODONTOLÓGICOS**
M. CARNEIRO DA CUNHA
Clínica Restauradora - Endodontia - Próteses
Ortodontia - Raios X

Profissionais:

Elizabeth de Fátima M. C. da Cunha
Manoel Carneiro da Cunha
Maria Helena Galvão
Romualdo Guilherme
Daisy Botelho

Coveralls: DVS - PATRONAL - IAA - SAKIPA - DER - JOR-
NAIS "A UNIÃO", "O NORTE" e "CORREIO DA PARAIBA"

Conjunto Residencial D. Pedro II nº 15
Fone: 222-0345 - João Pessoa, Pb
Parque Solon de Lucena
Atendimento das 8:00 às 12:00 e 14:00 às 18:00 hs

Assembleia Reunida Soreba S/A - PAROQUE
C.O.C. (R.F.) Nº 09.295.912/0001-81
Capital Autorizado.....R\$ 75.390.000,00
Capital Subscrito e Integralizado.....R\$ 13.514.568,00

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA
EMPAL DE CORTAÇÃO
Constituídos os Senhores Acionistas da Assembleia Reunida Soreba S/A - PAROQUE, a se reunir em Assembleia Geral Ordinária, que se realizará na sede social da Empresa, situada à Rua Senador João Lira nº 62, nesta Capital, no dia 30 de Abril de 1982, com início às 10 (dez) horas e logo após em Asses - blia Geral Extraordinária, a fim de deliberar sobre a seguinte ordem do dia: **ORDINÁRIA** - a) Leitura, discussão e votação do Relatório da Diretoria, Balanço Patrimonial e demais Demonstrações Financeiras referentes ao exercício social encerrado em 31.12.1981; b) Apreciação da aprovação da correção monetária do capital realizado, procedida com base no Balanço encerrado em 31.12.81; **EXTRAORDINÁRIA** - a) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social mediante o aproveitamento da Correção Monetária do Capital, com a consequente alteração dos Estatutos Sociais; b) Supressão da alínea "e" do Art. 1º dos Estatutos Sociais; c) Outras assuntos de interesse da Sociedade; **AVISO** - Acha-se a disposição dos Senhores Acionistas, na sede social da Empresa, os documentos a que se refere o Art. 133 da Lei 6.404 de 15.12.76, relativos ao exercício social encerrado em 31.12.81.

João Pessoa, 24 de Março de 1982.

MARIA HELENA GALVÃO
- Presidente do Conselho de Administração -

DR. ALEMAR DE LUNA FREIRE
CLÍNICA GERAL-PEDIATRIA
CRM-328
CONSULTÓRIO: RUA DUQUE DE CAXIAS
Nº 137 - 2º AND - SALA 202
FONE: 221-3108
(HORA - MARCADA)



Viberto Londres da Nóbrega
Missa de 7º dia

A Família de **VIBERTO LONDRES DA NOBREGA** convida os parentes e amigos para a missa do 7º dia que manda celebrar em sufrágio da alma do querido esposo, pai, irmão, tio, cunhado, sobrinho e primo, na próxima segunda-feira, 29 de março, às 17 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, nesta capital.



O presidente Fernando Milanez cumprimenta o novo Cidadão Paraibano, sr. José Flávio Pécora

Pécora recebe na Assembléia título de Cidadão Paraibano

O secretário-geral da Seplan, sr. José Flávio Pécora, ao receber sexta-feira, o título de Cidadão Paraibano em solenidade na Assembléia Legislativa, que contou com a presença do governador Tarcísio Burity e o deputado Wilson Braga, além de outras autoridades, proferiu o seguinte discurso de agradecimento:

Meus amigos da Paraiba,

Agradeço a generosidade das palavras do ilustre deputado Múcio Sátiro, que hoje me saudou como Cidadão da Paraíba.

É com humildade e espírito público que aqui compareço para receber este título.

Considero a concessão desta honrosa cidadania o reflexo de uma amizade que não esquecerei; uma homenagem à minha pessoa, e o reconhecimento e um estímulo ao trabalho que, com o apoio do ministro Delfim Netto, estamos desenvolvendo à frente da Secretaria-Geral da Seplan.

Temos procurado, de acordo com as nossas possibilidades, privilegiar cada vez mais aqueles programas e projetos que se voltam para o aumento da participação relativa dos Estados do Nordeste nos resultados do desenvolvimento econômico e social.

Para tanto, temos contado sempre com inestimável contribuição dos senhores deputados e, principalmente, do governador Tarcísio Burity, homem de inegável domínio dos assuntos do seu Estado e da realidade Nordeste.

Este momento é de emoção e respeito pela honraria que ora me é conferida, nesta Paraíba que tanto admiro pelo seu relevante papel na construção dos destinos nacionais.

Desde os bancos escolares o estudo da contribuição do Nordeste a nacionalidade confunde-se com a própria história deste Estado.

O desejo de identificação com a gente paraibana leva-me à irresistível tentação de falar de alguns de seus filhos ilustres.

A reconquista do solo brasileiro aos holandeses projeta na nossa história André Vidal de Negreiros, cuja ação coloca como o verdadeiro condutor da expulsão dos invasores, verdadeira alma da insurreição nativista, seu heroísmo não se limita à Paraíba, mas se amplia para todo o Nordeste, pela gigantesca obra de arregimentação popular contra o então inimigo comum.

Sempre presente às lutas que marcaram as grandes transformações políticas do país, numerosos paraibanos tombaram entre os revolucionários da Confederação do Equador, marcando com o seu sangue a defesa dos primeiros ideais republicanos.

Através de muitos de seus filhos, a Paraíba esteve presente de modo marcante na construção e consolidação da República.

Epitácio Pessoa foi o homem público de extraordinária versatilidade, que galgou todos os postos da República; das promotorias simples do interior passa à Constituinte da

Paraíba; ao Senado Federal, à Procuradoria Geral da República, ao Ministério da Justiça, ao Supremo Tribunal e à Presidência da República.

Em Castro Pinto temos o orador brilhante, incansável na luta pelos verdadeiros ideais do liberalismo, contra as oligarquias e os costumes político-eleitorais da Primeira República, como constituinte, como Senador da República e como Presidente do Estado é o verdadeiro precursor de João Pessoa.

João Pessoa foi a figura gigantesca que, "negando" a falsificação da República pelas práticas político-eleitorais vigentes, colocava em marcha a Paraíba, na liderança da Revolução de 30, juntamente com o Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Em José Américo de Almeida tivemos o político, o grande revolucionário e Ministro da Viação, que aliava à vocação de homem público a condição de escritor.

Este é o perfil de alguns dos homens da Paraíba, expressões maiores de seu povo.

É este passado que dignifica esta homenagem, dando-lhe um especial significado.

O clima que me envolve agora, fruto da acolhida tão amiga, deixame à vontade para apontar uma das facetas do que representa, para mim, tornar-me Cidadão Paraibano.

No desempenho da tarefa de avaliar alternativas e de escolher

prioridades, seguidamente o servidor público fica exposto a toda sorte de críticas e incompreensões, mas, tem sido verdadeira a busca incessante da conciliação da racionalidade na luta que ora travamos contra a inflação, para o equilíbrio das contas externas e contra as disparidades regionais, e o desejo de suprir, pronta e simultaneamente, todas as carências do homem brasileiro.

Porém, manifestações como esta, de apreço e de consideração, que fortalecem o espírito no exercício da difícil missão de adequar a oferta de recursos escassos às demandas justas e crescentes da população.

Recebo o título de "Cidadão da Paraíba" consciente, também, da responsabilidade que ele me transfere. Com ele me é legada toda uma tradição de trabalho e de desprendimento, qualidades que tem marcado a passagem dos paraibanos pela vida brasileira, corresponder a essa tradição, estou certo, é a melhor forma de honrar o título que me foi concedido.

A todas as personalidades ilustres da Paraíba, ao eminente governador Tarcísio Burity, aos dignos representantes do povo aqui presentes, em especial aos deputados múcio Sátiro a Fernando Milanez, presidente da Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba, e a todos os cidadãos anônimos que estão fazendo, com o seu trabalho, a história deste Estado, agradeço, sinceramente, o título de "Cidadão da Paraíba".

Lacerda faz apelo à SEPS para levar água a distrito

O deputado José Lacerda, fez sexta-feira na tribuna da AL, este discurso: "Considerando da maior importância os apelos que me fazem os habitantes dos Distritos de Olho D'água, Capim e Curral de Cima, todos situados no Município de Mamanguape, pedindo a direção da Fundação SESP, para complementar com a maior urgência possível, o serviço de abastecimento d'água daquelas localidades, que até agora permanece paralizado em qualquer providência.

Evidentemente, três comunidades estão seriamente prejudicadas, porque o SESP, assim me parece não

atentou para a gravidade desta situação.

As residências daqueles distritos, já estão em condições de receber água, porquanto o trabalho de encanamento se encontra executado, sem dúvida faltando apenas alguns detalhes para a definitiva complementação de obra.

Se é falta de material para o término desse trabalho, a direção do Sesp, deve agir o mais depressa possível para adquirir o que se fizer necessário. A demora vai implicar na aquisição mais cara do material, tendo-se em vista a inflação galopando que reina neste País.

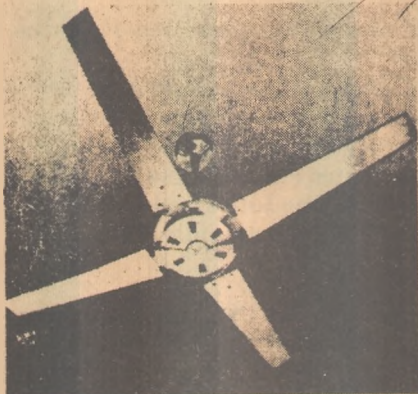
Se existe água que é o principal fator, não se justifica tanta morosidade, para que esse serviço de abastecimento d'água seja entregue a população dos distritos acima mencionados, que de há muito espera que o Sesp, dê uma atenção especial a este problema que não comporta mais retardamento.

Acredito e espero que com este alerta, com este pedido, medidas imediatas sejam postas em prática por se tratar de uma justa reivindicação de parte da coletividade do Município de Mamanguape."



O candidato a governador pelo PDS, deputado Wilson Braga, vem mantendo contatos permanentes com o prefeito de João Pessoa, Damásio Franca, e com o líder municipal vereador Cabral Batista, visando um trabalho conjunto para uma maior e mais tranquila vitória no pleito de novembro.

Dê um novo ar ao seu escritório



Ventiladores CICLO-NE que garantem ventilação contínua em ambientes que exijam arejamento intenso.

E mais: máquinas de escrever e calcular, móveis de madeira e aço, carteiras escolares, mimeógrafos e duplicadores, bebedouros, condicionadores de ar, fichários, cofres, liquidificadores, enceradeiras, aspiradores de pó e acessórios Olivetti.

EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO LTDA.

Matriz: Rua Maciel Pinheiro, 270
Fone: 221-4584 e 222-1397

JOÃO PESSOA - PARAIBA

TEKLA



O cinema do Espaço

A secretária de Educação, Giselda Navarro, garantiu que o cinema do Espaço Cultural não será explorado por qualquer empresa comercial. A finalidade desse cinema, segundo a secretária, é divulgar a arte e a cultura.

A afirmação tranquiliza a muitos que temiam a utilização do espaço para exibição de uma programação comercial. O governador Tarcísio Burity também concorda com a secretária. Em recente visita a este jornal, garantiu que o cinema será cultural.

□ □ □

Jânio e Figueiredo

• O ex-presidente Jânio Quadros deve se encontrar com o presidente Figueiredo, em Brasília, na próxima quarta ou quinta-feira, informou seu secretário particular, Mário de Freitas, que ontem se reuniu no seu apartamento com mais dois assessores de Jânio, Marco Antonio Mastrobuono e Jair de Carvalho. O ex-presidente continua repousando na casa de um amigo sem manter contato com a imprensa.

Apelo à Cagepa

• Moradores da rua João Amorim apelaram ontem à direção da Cagepa para que sejam reduzidos os cortes no fornecimento d'água em suas residências. Nessa última semana, por exemplo, diariamente o abastecimento foi interrompido causando transtorno aos que não têm grandes depósitos. Estranha-se a falta d'água em uma rua que fica a poucas quadras do reservatório existente na Diogo Velho.

Culpa da oposição

• O ex-deputado José Teotônio refutando críticas de opositores ao Governo, afirmou que os que estão na oposição atualmente são os verdadeiros responsáveis pela inflação e aumento do custo de vida. Ele se reportou a Juscelino Kubitschek acusando-o de responsável pela atual situação econômica por ter construído a Brasília. José Teotônio foi categórico: "se não fosse a atuação deles a situação hoje era outra".

Concurso ao ar livre

• A Secretaria de Educação e Cultura, através da Coordenação de Moral e Civismo - Comoci - promove amanhã o II Curso de Desenho Infantil ao Ar Livre que integra as comemorações da Semana da Arvore, cuja programação está sendo elaborada pela Delegacia do IBDF. No concurso, podem participar alunos do 1º grau das escolas da rede estadual e da rede particular, com idade inferior a 11 anos.

Dia do Teatro

O Dia Internacional do Teatro transcorreu ontem e a comunidade ligada ao setor em João Pessoa não programou nada para marcar a data. As comemorações, no Estado, foram feitas pelo movimento teatral de Cajazeiras.

As atividades naquela cidade serviram para reforçar o movimento pela construção do Teatro de Cajazeiras, proposta apresentada em 1977 e ainda não encampada pelas autoridades. Ontem, novas reivindicações foram apresentadas.

Reunião em Campina

• A Comissão Executiva do I Encontro da Mulher Paraibana realiza hoje, às 15 horas, a primeira reunião que tratará da formação da Comissão Estadual Pró-Federação das Mulheres Paraibanas, proposta vencedora daquele encontro. A reunião, em Campina Grande, será na Associação Comercial. As mulheres vão decidir também a data de realização do Congresso para formação da Federação.

Críticas ao PT

• Não procedem comentários sobre uma suposta fuga do PT das praças públicas e dos palanques. Pedro Gomes, do partido, afirmou ontem que a campanha será nas ruas, com o povo "pois o nosso discurso não é de cortiça. Ele tem o peso da análise da sociedade brasileira atual". Gomes informou também que para os comícios do PT virão representantes de todo o Estado.

□ □ □

O Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais - INOCOOP - realizará sorteio das chaves do Conjunto Residencial Cristo Redentor no próximo dia 3, sábado. O sorteio terá início às 8 horas, sendo realizado na Escola Técnica Federal da Paraíba, à avenida 1º de maio, 720, Jaguaribe.

O prazo para o pagamento de prestações vencidas para quem possui casa adquirida pelo Sistema Financeiro da Habitação, através da Cehap, termina amanhã. Com o pagamento, o proprietário da casa terá direito ao benefício fiscal instituído pelo Decreto-Lei nº 1.358, que devolve 12% das prestações pagas no ano passado.

Até a próxima terça-feira ainda poderão ser depositadas as notas fiscais que concorrerão ao próximo sorteio da Campanha Nota Quente, e Sorte da Gente, promovida pela Secretaria de Finanças do Estado. Além dos prêmios normais, o próximo sorteio oferecerá duas passagens à Espanha, na época da Copa do Mundo.

Lixo está prejudicando comerciantes

Comerciantes e consumidores do Mercado Central continuam com um grave problema: o acúmulo de lixo nas proximidades do pátio externo do mercado (na sua parte oeste) vem ocasionando a presença de moscas e insetos de diversos tipos que prejudicam, principalmente, a comercialização de carne e peixe, produtos que merecem a maior higiene possível.

O fato é que a coleta de lixo no Mercado Central vem sendo feita da maneira mais irregular e, devido a isso, o acúmulo de detritos se torna também irresistível para a presença de porcos e cães que vasculham tudo à procura de algum resto de carne ou outra coisa para se alimentarem.

No local já existe um coletor de lixo colocado pela Secretaria de Serviços Urbanos do Município que, por ser pequeno, não consegue suportar todo o lixo eliminado pelos boxes de comercialização do Mercado Central. Alguns dias, o caminhão que faz a coleta atrasa e os detritos aumentam ainda mais, como foi o exemplo observado ontem, quando uma área de mais de 50 metros estava completamente tomada por bagaços de cana, pedaços de carnes, latas secas, caixotes e muito papel.

Cooperativa construirá novas casas

A Cooperativa Habitacional dos Bancários em conjunto com o Banco Nacional de Habitação (agência João Pessoa, Caixa Econômica Federal da Paraíba e Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais, assina ainda esta semana, contrato para construção de um novo núcleo habitacional no Distrito Industrial. O novo conjunto residencial terá 262 casas e beneficiará 53 bancários, 59 industriários, 10 militares, 50 funcionários públicos, 22 comerciantes, 42 trabalhadores autônomos e 26 trabalhadores de profissão liberal que atuam em área próxima ao Distrito Industrial de João Pessoa.

O presidente da Cooperativa, Ariel Farias Filho, em conjunto com o Sindicato dos Bancários manterá entendimentos com o governador Tarcísio Burity para que presida a solenidade de assinatura de contrato das 262 casas do Bairro das Indústrias.

Ipê encerrará hoje seu curso de Psicologia

Termina hoje o curso "Laboratório de Desenvolvimento Profissional", que as alunas da Faculdade de Psicologia do IPE estão promovendo, ministrado pelo psicólogo clínico do Rio de Janeiro, Paulo Hindemburgo. Essa mesma turma promoverá, no próximo mês, um outro curso, desta vez de "Iniciação em Biodança", que será ministrado pelo também psicólogo Cezar Wagner Góes, de Fortaleza.

O primeiro curso foi desenvolvido basicamente em cima de vivências, onde o psicólogo Paulo aplicou técnicas ligadas à psicanálise, Gestalt, Psicologia Tietana, Transpessoal, Bioenergética, além de usar instrumentos como música, pintura, jogos e outras atividades que pudessem atender a proposta inicial do trabalho, cujo tema era "Identidade Profissional e Colonização Reflexões Marginais".

O próximo curso-Iniciação em Biodança - será realizado em abril do Teatro Piollin, Roger, e os interessados poderão pedir maiores informações pelos telefones 221.1320, procurando Célia, ou pelo telefone 221.7123, ramal 51, procurando Lucineide no período da tarde. As informações também poderão ser prestadas na própria Faculdade, no período da noite.



A rua está intransitável

Moradores pedem solução para os buracos de rua

Moradores da rua São Mamede, no centro da cidade, estão denunciando a despreocupação por parte das autoridades municipais, no tocante aos problemas acarretados aos moradores daquela artéria, devido a grande quantidade de buracos existentes na rua, já há vários anos, sem que nenhuma providência tenha sido tomada. Segundo os denunciantes, apesar de a rua ficar localizada no centro, próxima a Catedral, e apesar das inúmeras solicitações feitas ao prefeito Damásio Franca, inclusive com um documento acompanhado de um abaixo-assinado dos moradores, a rua continua com os mesmos problemas, ou seja, dificuldade na passagem dos automóveis, devido a grande quantidade de buracos existente.

O depreciação dos carros devido o péssimo terreno, o depreciação das casas, principalmente nas épocas chuvosas e a grande quantidade de ratos que por ali circulam são alguns dos problemas denunciados pelos moradores da São Mamede. "Vários abaixo-assinados já foram feitos ao prefeito, mas até agora nada foi resolvido, ficando os moradores com dificuldade de acesso numa rua localizada no centro".



O acúmulo de lixo já começa a atrair insetos

Berilo abrirá amanhã seminário sobre UFPB

Amanhã, às 9 horas, no auditório do Centro de Tecnologia, o reitor Berilo Borba fará a abertura oficial do Seminário "Universidade: Crise e Perspectivas de Mudança", que se realizará conjuntamente de amanhã a 31 desse mês, em João Pessoa e Campina Grande. A abertura em Campina, também se verificará amanhã, às 9 horas, com a solenidade presidida pelo vice-reitor José Jackson, no auditório da pró-reitoria para Assuntos do Interior (Prai).

Quinze minutos depois de um breve discurso do reitor Berilo Borba, na abertura oficial do encontro, o professor Cláudio Santa Cruz Costa (CCSA) coordenará os debates sobre o tema "Autonomia Universitária e o Status Jurídico das Universidades Federais". Também às 9h15m de amanhã, no auditório da Prai em Campina, o tema "Universidade, Estado e Sociedade Brasileira", terá

suas discussões coordenadas pelo professor Sebastião Guimarães Vieira.

Na terça-feira, às 9 horas, "A Problematização do Ensino Pago" será discutida pelo professor Edvaldo Teixeira de Carvalho (CCSA), no auditório do CT, em João Pessoa. Em Campina Grande, o professor Edgard Afonso Malagodi (CH) discutirá sobre o tema "Autonomia Universitária e o Status Jurídico das Universidades Federais".

O último dia do seminário, na quarta-feira, também terá mais dois debates: um deles, em João Pessoa, sobre "Universidade, Estado, e Sociedade Brasileira", coordenado pelo professor Cleanto Câmara Torres, no auditório do CT, a partir das 9 horas. O segundo, no mesmo horário, será coordenado pelo professor Firmino Brasileiro (CCBS) e discutirá "A Problematização do Ensino Pago".

Garantido a estudantes abatimento nos ônibus

Estudantes paraibanos que viajarem a qualquer cidade do interior durante a Semana Santa, terão direito ao abatimento de 50 por cento nas passagens de transportes coletivos, segundo informações do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem. Durante este período, as empresas estarão obrigadas a conceder 10 passagens pequenas em cada horário, mediante apresentação da carteira de identificação do estudante. Para evitar abusos e o não cumprimento da lei estadual, o DER vai montar um esquema de vigilância em todas as estações rodoviárias.

Segundo a Divisão de Fiscalização

do Tráfego do DER, localizada no Terminal Rodoviário de João Pessoa, a partir de quatro de abril, nas rodovias das cidades de Campina Grande, Guarabira, Itabaiana, Patos, Sousa, Solânea, Cajazeiras e Pombal terão fiscais de plantão para atender as reclamações que por ventura venham acontecer. O DER alerta aos estudantes para que caso as empresas não queiram vender mais as passagens pequenas, alegando haver esgotado o total de 10, devem procurar imediatamente estes fiscais que procurará solucionar o problema o mais rápido possível.

Saelpa agiliza seu ritmo de trabalho em vários distritos

Diante do desenvolvimento sócio-econômico da Grande João Pessoa, que vem ao longo dos anos alcançando índices consideráveis, a SAELPA procura acelerar seu ritmo de trabalho no momento em que atende a centenas de pedidos de extensão, melhoria, eletrificação de conjuntos residenciais, povoados, distritos e vilas. De janeiro de 1981 até março do corrente ano, com algumas obras ainda em andamento, a empresa apresenta um quadro geral que representa, em números redondos, a implantação de 2.721 postes e recursos, de diversas fontes, na ordem de Cr\$ 144.341.000,00.

O presidente da SAELPA, Marcelo de Figueiredo Lopes, e o seu diretor-técnico, Marcelo Renato de Cerqueira Paes, conscientes desta realidade estrutural da Grande João Pessoa, estão empenhados, sem medir esforços, no sentido de atender à demanda desta área populacional, vindo ao encontro dos planos da Secretaria de Energia e Recursos Minerais, por sua vez recebendo orientação expressa do governador Tarcísio Burity para que a infraestrutura esteja sempre presente no desenvolvimento da Grande João Pessoa e em todo o Estado.

NÚMEROS

Em potência instalada, com parte em andamento, foram empregados nas cidades que formam a Grande João Pessoa, no período acima referido, 111 transformadores correspondendo a 11.534 KVA. No que atende a eletrificação de conjuntos residenciais, estão concluídos o Promorar Grótes I e II, em João Pessoa; Odilândia, em Santa Rita; Luiz Fernandes, João Pessoa; Mangabeira I; Esplanada I e II, João Pessoa; e Loteamento 2001, Estrada da Penha, sendo, no total destes conjuntos, implantados 1.309 postes, 31 transformadores com 1.680 KVA de potência e empregados recursos na ordem de Cr\$ 43.868.000,00.

Estão em andamento o conjunto Cidace dos Funcionários II, com recursos do BNH, implantado nesta obra 339 postes, um transformador com 450 KVA, e recursos na ordem de Cr\$ 13.478.000,00; e o loteamento Alto do Mateus, com recursos do IUEB, no valor de Cr\$ 3.893.000,00, sendo empregados 73 postes.

Na praia do Poço, em Cabedelo, está para ser concluída a Subestação com um transformador de 5.000 KVA, com recursos do IUP, correspondendo a Cr\$ 10.526.000,00. Foi eletrificado o Autódromo "Mario Andreazza", em João Pessoa, onde a SAELPA instalou 27 postes e um transformador de 30 KVA, com recursos na ordem de Cr\$ 814.000,00.

Estão concluídas e com parte em andamento, várias melhorias em ruas, praias e granjas; correspondendo a instalação de 294 postes, num valor total de Cr\$ 51.408.000,00. No que se refere a extensões, estão concluídas e em andamento a instalação de 730 postes e empregados recursos na ordem de Cr\$ 37.367.000,00.

Na zona rural da Grande João Pessoa, concluída e em andamento obras no valor de Cr\$ 2.339.000,00 com a instalação de 31 postes e quatro transformadores de 60 KVA.

Aloysio confirma a liberação de verbas de centro de saúde

O ex-secretário da Saúde do Estado, Aloysio Pereira Lima, estranhou a notícia dando conta de que o prefeito de Cajazeiras estava tentando a liberação de recursos para o término das obras que se realizam naquela cidade, inclusive o Centro de Saúde, que ali se constrói - o maior do Estado - afirmando que já haviam sido liberados três milhões de cruzeiros, recursos estes incluídos no orçamento de 1980, mas entregues em 1981.

Com os recursos liberados em 1981 - disse dr. Aloysio - todas as obras poderiam ser perfeitamente concluídas dentro do cronograma previsto, mas o Centro de Saúde de Cajazeiras, infelizmente não está terminado, embora o prefeito daquela cidade tenha recebido mais 1 milhão e 200 mil cruzeiros, em 1982, que dariam perfeitamente perfeitamente para a conclusão das obras.

CEBRAE

DOA

PRÉDIO

AO CEAG



Flávio Pécora assina a escritura de doação

O secretário de Planejamento do Estado, Geraldo Medeiros, atual presidente do Conselho Deliberativo do Ceag, disse que "sabemos retribuir o gesto do Cebrae com um trabalho voltado para a consolidação do programa de microempresa, porque a nossa região para se desenvolver tem que promover a microempresa e o desenvolvimento se faz com gerência e tecnologia".

Ao relembrar o início das atividades do ex-NAI, hoje denominado Ceag, disse que "nós somos pioneiros, desde a década de sessenta, no Nordeste, na formulação e execução de uma política voltada para as pequenas empresas, uma prática que continuamos hoje com o apoio não apenas do Cebrae, mas do próprio Governo do Estado que compreende e procura solucionar através de recursos as dificuldades dos pequenos empresários".

A escritura de doação do prédio onde funciona o Ceag foi assinada pelo diretor executivo do Ceag, Edgar Antonio de Sousa, pelo secretário geral da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, José Flávio Pécora e pelos diretores do Cebrae Rubem de Freitas Novaes e José Antonio de Oliveira Itapary.

Além do sr. Flávio Pécora, secretário geral da Seplan, participaram da solenidade os srs. Rubem de Freitas

Novaes, José Antonio de Oliveira Itapary, diretores do Cebrae, Geraldo Medeiros, secretário de Planejamento, Fernando Perrone, presidente do Paraiban, Berilo Borba Ramos, reitor da UFPB; Milton Vendício, secretário das Finanças do Estado; técnicos do Ceag, da Seplan-PB e toda a comitiva que acompanhou o sr. Flávio Pécora à Paraíba, que recebeu o Título de Cidadão Paraibano, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba.

"O Ceag é a entidade mais sólida e mais estruturada do Sistema Cebrae", foi o que disse ontem o presidente do Centro Brasileiro de Apoio a Pequena e Média Empresa - Cebrae -, economista Rubem de Freitas Novaes, ao assinar a escritura de doação do prédio que serve de sede ao Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa da Paraíba - Ceag.

O sr. Rubem de Freitas Novaes reconheceu a importância do Ceag no contexto da economia estadual ao incrementar o apoio técnico-gereencial e creditício às micros e pequenas empresas em todo o Estado da Paraíba. "O Governo - disse - está decidido a apoiar todas as iniciativas que promovam a microempresa e o Cebrae não pode deixar de estimular esse segmento empresarial através de recursos cada vez mais volumosos".

Depois de afirmar que o Cebrae se

interessa mais do que ninguém para interiorizar uma política justa às microempresas que "estão espalhadas por este Brasil afora", o sr. Rubem de Freitas Novaes declarou num discurso de improviso que o "Ceag representa com dinamismo, como agente do Cebrae, uma política saudável e sobretudo humana, social, em defesa da pequena e da microempresa da Paraíba".

O diretor executivo do Ceag, Edgar Antonio de Sousa, disse em seu discurso de agradecimento que "os primeiros contatos com a diretoria do Cebrae, fiz ver a importância que representa para o Ceag o título de proprietário de seu imóvel-sede, tanto para maior credibilidade externa - relações com bancos e fornecedores - como para o relacionamento com o corpo funcional". E acrescentou: "a base física solidifica as raízes da entidade e fortalece o sentimento de segurança e preservação das atividades do Ceag em todo Estado".

Finalizando o seu discurso, disse: "agradeço, em nome da diretoria, do corpo técnico e administrativo do Ceag, ao Conselho Deliberativo do Cebrae, aqui representado pelo dr. José Flávio Pécora, a diretoria do Cebrae e em particular aos srs. Rubem de Freitas Novaes e José Antonio de Oliveira Itapary, esta doação de grande significado para todos nós".

AS ATIVIDADES DO CEAG

O Centro de Apoio a Pequena e Média Empresa da Paraíba - Ceag - ex-NAI (Núcleo de Assistência Industrial), começou suas atividades na Paraíba com uma equipe de cinco técnicos, com apoio da UFPB, preocupando-se inicialmente com a utilização de crédito disponível e dos incentivos fiscais (34/18), cujos trabalhos foram desenvolvidos em convênios com a Sudene.

O economista Mauro Nunes Pereira, fundador do Ceag, lembrou que "em fevereiro de 1970, o ex-NAI constituiu-se no primeiro agente do sistema regional de apoio às pequenas empresas ao assumir a personalidade jurídica. Foi o primeiro passo para a consolidação do sistema no Estado da Paraíba".

"A partir de 1970 - lembra o atual

diretor de Planejamento do Ceag - firmamos convênios com a Sudene e o Governo do Estado, o que nos permitiu ampliar nossas atividades, mantendo escritórios em João Pessoa e Campina Grande".

Em 1975 - e mais uma vez com o substancial apoio do Cebrae - ex-NAI se consolidou ainda mais e ganhou estabilidade com a construção de sua base física. Graças a sensibilidade do Cebrae, o uso desta base física pelo ex-NAI, proporcionou um clima de confiança que se estendeu desde a equipe técnica até outras instituições e, principalmente, junto ao empresariado paraibano.

Mauro Nunes Pereira reconheceu "o substancial apoio que o Ceag sempre recebeu do Cebrae, transformando-se numa entidade respeitada junto aos segmentos mais sé-

rios que se preocupam e formulam a política econômica, cuja respeitabilidade repercute inclusive fora do Estado da Paraíba. Mauro lembrou ainda que o atual Ceag, desde a sua criação, atendeu cerca de três mil empresas através de apoio técnico-gereencial e creditício, das quais 1.500 são microempresas.

Lembrou ainda que o Ceag está preparado para executar os seguintes programas de microempresa, prona-

NOTÍCIAS MILITARES

Maviael de Oliveira

Palestra

O Reitor Berilo Borba, da Universidade Federal da Paraíba, vai proferir palestra no auditório do QG do 1º Grupamento de Engenharia, às 10:00 horas da próxima, terça-feira, sob o tema "A Universidade no Nordeste".

Além do General Inaldo Seabra de Noronha, outros oficiais da Cuarnição e autoridades civis, vão ouvir o Reitor.

31 de Março

Com a presença do Governador Tarcísio de Miranda Burity, autoridades civis e militares e convidados, será comemorado amanhã, às 08:00 horas, no QG do 1º Grupamento de Engenharia, o 18º Aniversário da Revolução Democrática Brasileira de 1964, com a seguinte programação e sob a presidência do General Inaldo Seabra de Noronha, Comandante da Grande Organização Militar:

- Formatura Geral
- Apresentação da tropa ao Comandante do 1º Gpt E
- Hasteamento do Pavilhão Nacional
- Leitura da Ordem do Dia do General Ex Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, Ministro do Exército.
- Leitura dos nomes das vítimas do terrorismo e da Subversão, na Área do IV Exército.

- Toque de Silêncio, em memória dos heróis civis e militares que tombaram no cumprimento do dever vítimas do terrorismo e da subversão.
- Canto do Hino Nacional
- Desfile da tropa

08:30 hs - Missa em intenção dos que se sacrificaram no cumprimento do dever, oficiada pelo Major Capelão Cônego Eurivaldo Caldas Tavares.

O traje para os civis, será o Passeio Completo.
- SALVE O XVIII ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO.

16ª RC Mec

Dentro da programação do Aniversário da Revolução de 31 de Março, o 16º Regimento de Cavalaria Mecanizado, sob a presidência do seu Comandante Coronel Marden Alves da Costa, fará amanhã no quartel da Estrada do Aeroporto competições esportivas, culminando no dia 31 com:

- Formatura da Tropa
- Apresentação da Bandeira do Brasil aos recrutas.
- Canto do Hino Nacional
- Leitura da Ordem do Dia do Ministro do Exército
- Desfile da Tropa.
- SALVE O XVIII ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO.

1964

O 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, vai comemorar o Aniversário da Revolução Brasileira de 1964, com um vasto programa, onde se destaca:

- Apresentação da Bandeira aos Recrutas
- Canto do Hino Nacional
- Leitura da Ordem do Dia do Ministro do Exército, General Walter Pires.
- Desfile da tropa.
- SALVE O XVIII ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO.

Mensagem

"Todas as obras humanas constituem a resultante do pensamento das criaturas. O mal e o bem, o feio e o belo viveram, antes de tudo, na fonte mental que os produziu, nos movimentos incessantes da vida". (EMMA-NUEL)

Corrida das Praias

A partir da próxima terça-feira, as inscrições da "16ª Corrida das Praias", serão incentivadas, pois pela primeira vez, atletas femininas vão participar da competição pedestre que, no gênero, "é única no mundo".

As inscrições, como sempre gratuitas, serão feitas no Departamento de Pesquisa de A UNIÃO, rua João Amorim, 384, com Luzia, Fátima e Aparecida, e é uma homenagem do esporte amador da corrida a pé, a Revolução de 1964, e ao 3º Ano da Administração Governador Tarcísio Burity.

- SALVE O XVIII ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE MARÇO DE 1964.



Em fevereiro último completou cem anos de existência o General Reformado Raul Silveira de Mello. Pertencente à turma de aspirantes de 1908, da Escola Militar da Praia Vermelha, o Gen RAUL, é o mais idoso oficial vivo do Exército Brasileiro. Escreveu diversas obras sobre a História Militar e continua até hoje, de forma lúcida enviando sua preciosa colaboração para o "Verde Oliva", órgão do Centro de Comunicação Social do Ex.



Covas do cemitério de S. José do Bonfim quebradas

Cemitério de S. José do Bonfim arrombado

Patos (A União) - Um caso raro aconteceu sábado da semana passada na cidade de São José do Bonfim, localizada na região da grande Patos. Um indivíduo, até o momento desconhecido pelas autoridades locais, aproveitou o silêncio da noite, arrombou o portão de entrada do cemitério, e armado de uma chibança destruiu quase todos os túmulos existentes no local. No cemitério só escapou aqueles túmulos construídos de concreto armado, tendo mesmo assim o indivíduo ameaçado as cruzes de ferro.

As covas existentes que apenas tinham uma cruz, como sinal de lembrança, foram todas arrancadas e jogadas fora do cemitério juntamente com as grinaldas. O caixão que a Prefeitura mantinha no local para servir aos mortos, cuja família não tivesse condições financeiras de comprar um caixão novo, também não saiu ileso, o(s) indivíduo(s) quebraram e jogaram sua tampa por cima do muro, amanhecendo o dia ao lado daquele campo santo.

As famílias tradicionais daquele vizinho município encontram-se bastante revoltadas com o que aconteceu. Todos pedem providências no sentido



Tampa do caixão foi jogada

de que as autoridades competentes capturem o elemento que já está sendo denominado no município como o "Monstro do Cemitério". A Prefeitura Municipal, na pessoa do prefeito Manuel Moura, já está tomando providências e prometeu que dentro de poucos dias, todos os túmulos serão reconstruídos sem nenhum prejuízo às famílias que têm parentes sepultados naquele cemitério.

Saúde fará saneamento básico de municípios

Com recursos da ordem de 13 milhões e 600 mil cruzeiros oriundos da Secretaria da Saúde do Estado e do Polonordeste, os municípios de Tavares, Desterro e Piancó serão beneficiados com obras de saneamento básico, com execução de 680 privadas higiênicas nas localidades de Silvestre, Belém e Jurema (120), Tataira e Cacimbas (400), Brotas, Pitombeira do Uirapuru e Junco (160).

No ato de assinatura dos Convênios, no gabinete do Secretário da Saúde, Romildo Domingues de Melo, estiveram presentes os prefeitos de Tavares, Sr. Manoel Leite da Silva, de Dester-

ro, Sr. João Leite Almeida, e de Piancó, Sr. Edvaldo Leite Caldas, assegurando o desenvolvimento de uma ação integrada, com vistas a expansão e melhoria qualitativa dos Serviços de Saúde e saneamento naquelas localidades.

Por força dos Convênios firmados, os recursos oriundos do Polonordeste serão assim distribuídos: 2 milhões e 400 mil cruzeiros para os municípios de Tavares; 8 milhões de cruzeiros para Desterro; e 3 milhões e 200 mil cruzeiros para Piancó, perfazendo a quantia global de 13 milhões e 600 mil cruzeiros.

Vereadores de Patos parabenizam Cláudio

Patos (A União) - A possível indicação do vereador Cláudio de Sousa Barreto como vice-prefeito na chapa do médico Carlos Candeia, do PDS, foi motivo de alegria e de congratulações entre os vereadores, durante sessão recente na Câmara Municipal de Patos. Apesar de haver muitas matérias de interesse da coletividade, como ante-projetos de lei e requerimentos, para serem discutidos durante o expediente mas os vereadores aproveitaram toda sessão para parabenizar Cláudio Barreto, pela sua possível indicação, uma vez que durante toda vida política de Patos nenhum vereador teria seu nome ventilado para concorrer a um pleito mais elevado, com apoio das lideranças.

O assunto foi lembrado pelo vereador Polion Carneiro, do PMDB, que logo ao iniciar seu discurso quis parabenizar em nome de toda sua bancada, o vereador Cláudio Barreto, pela sua possível campanha a vice-prefeito na chapa do médico Carlos Candeia. O vereador Abdias Guedes, do PMDB, pediu a parte ao orador para filiar-se ao seu pronunciamento e ao mesmo tempo afirmar que o legislativo patense sempre foi desprestigiado pelas grandes lideranças da cidade de Patos. Para Abdias, se o nome de Cláudio Barreto vier realmente a figurar na chapa do PDS como vice-prefeito, "ele pode se orgulhar, pois conseguiu na sua vida pública quebrar um tabu que há muitos tempos existia nos meios políticos da cidade de Patos".

O vereador Virgílio Trindade, em um dos apartes, justificou a posição de sua

bancada afirmando a certo ponto que, embora reconhecesse o prestígio e o trabalho do vereador Cláudio Barreto, ele não o apoiaria por uma questão de ordem política. Já o Vereador Nestor de Alcântara Gondim, em seu discurso, afirmou que o PMDB foi muito feliz em ter a iniciativa de se manifestar sobre o assunto, muito embora, a iniciativa que merece mais aplausos é do partido governista, que levará o nome de Cláudio Barreto como Vice-Prefeito na chapa de Carlos Candeia.

Depois de muitas congratulações, a sessão começou a ficar num clima mais tenso, quando o vereador Vigolvinho Lopes dos Santos tentou justificar a sua posição dentro do PDS com relação às eleições para Prefeito e deputado estadual numa linguagem que não agradou o vereador Francisco Antonio de Maria do PMDB, que imediatamente pediu um aparte, e usando de uma linguagem grosseira e batendo forte na bancada que separa as duas correntes políticas tentou a todo custo deturpar os trabalhos que até pouco tempo vinha se desenvolvendo muito bem. O clima na Câmara voltou ao normal quando o vereador Cláudio Barreto, Presidente da casa, pediu aos dois parlamentares que tivessem calma e, se dirigindo ao vereador Francisco Antonio, afirmou que "se a Câmara Municipal é a casa do Povo deve prevalecer aqui o respeito, e bater em mesa e usar de palavras grosseiras não significa gestos de grandezas".

Repercute a candidatura de Nogueira

Uirauna (A União) - Vem repercutindo neste município o nome do médico Geraldo Nogueira de Almeida para disputar a Prefeitura municipal nas próximas eleições pelo PDS, e para tanto, conta com o apoio de várias lideranças da cidade e da zona rural.

O presidente do Grupo Jovem do PDS, José Wilson Santiago para compor a chapa do médico Geraldo, como vice-prefeito, também está sendo apontado como mais provável devido a sua penetração no eleitorado residente nos sítios e povoados do município.

Segundo informações de alguns líderes políticos de Uirauna, é natural que o vice-prefeito da chapa do médico Geraldo Nogueira venha da região que engloba o Distrito de Poço Dantas, porque é o segundo colégio eleitoral, contando com 40% por cento do número de eleitores do município.

Assilon se candidata pelo PDS

Sousa (A União) - O jovem Assilon Elias Sarmiento, ex-presidente do PMDB no município do Lastro, será candidato a Vereador nas próximas eleições, pelo PDS, apoiando a candidatura do Vereador Expedito Gonçalves Nobre para Prefeito.

Assilon Elias deixou os quadros do PMDB, juntamente com Expedito Gonçalves, e já estão em plena campanha, apoiando os deputados Wilson Braga e Marcondes Gadelha, para governador e senador, respectivamente.

O candidato a vereador Assilon Elias Sarmiento está recebendo integral apoio dos senhores José Sarmiento de Sá e Max Sarmiento, dois grandes líderes do partido governista no município do Lastro.

Nildo Mendes disputará Prefeitura

Sousa (A União) - Segundo o deputado Antonio Quirino de Moura, o quadro político no Município de Nazareinho, pelo PDS, já está praticamente definido, com a candidatura de Nildo Mendes dos Santos para prefeito e José Luiz Sobrinho para Vice-prefeito.

Espera o deputado Antonio Quirino uma vitória para os candidatos do PDS, por mais de mil votos naquele município, visto que o grande líder do PMDB, ex-prefeito Osório Luiz Ferreira, ficou com o partido do Governo. Vale ressaltar que o esquema político do atual Prefeito José Augusto Mendes, juntamente com o ex-prefeito Francisco Mendes Campos, há doze anos não perde eleição em Nazareinho,

A Caminho da Luz

Primórdios do Espiritismo Experimental

Aureliano Alves Netto

Quem não quer raciocinar é fanático. - William Drummond.

Os fenômenos espíritas ocorrem desde as eras mais recuadas da História. Entretanto, só pretendemos abordar os fatos a partir da segunda metade do século XIX, quando deles começou a cuidar o Espiritismo Experimental.

Os anos 1848-1849 foram, na verdade - assegura Eugênio Nua -, "a fase de incubação do *modern spiritualism*, o futuro *espiritismo* na Europa".

Em fins de 1844, numa modesta casa de Hydesville, vilarejo típico do Estado de Nova York, pancadas e ruídos misteriosos começaram a molestar os seus moradores. A 11 de dezembro de 1847, ali passou a residir o casal Fox, com suas filhas Margaret e Kate. Continuaram os ruídos até meados de março de 1848, sem que os novos moradores lhes dispensassem maior atenção.

"Dessa data em diante cresceram continuamente de intensidade. Às vezes eram simples batidas; outras vezes soavam como o arrastar de móveis. As meninas ficavam tão alarmadas que se recusavam a dormir separadas e iam para o quarto dos pais. Tão vibrantes eram os sons que as camas tremiam e se moviam. Foram feitas todas as investigações possíveis: o marido esperava de um lado da porta e a mulher do outro, mas os arranhões ainda continuavam". (*Histórias do Espiritismo* - A. Conan Doyle, págs. 74-75).

Com a curiosidade muito humana de sondar o mistério, a jovem Kate desafiou a força desconhecida para revidar as batidas que ela produzia com os dedos. Pasmada, viu o desafio longo atendido. Daí a estabelecer um código de pancadas foi um passo, Mrs. Fox fez uma série de perguntas, todas prontamente respondidas. Havendo indagado do número de seus filhos, as batidas insistiam em que eram sete, enquanto ele protestava que só tinha seis, até que se recordou de haver morrido um em tenra idade.

Estava instituída a telegrafia espiritual. E funcionando. Ficara provado que um efeito inteligente derivava duma causa inteligente.

A 31 de março, perante várias testemunhas, a *inteligência invisível*, pelo processo mencionado, declarou ser um Espírito: chamara-se Charles B. Rosma e fora assassinado naquela casa por um antigo inquilino, por causa de dinheiro. Acrescentou que fora enterrado numa adega, a dez pés de profundidade. *Oboston Journal* - uma folha não espiritual -, de 23 de novembro de 1904, informa que, no local indicado, foi encontrado um esqueleto humano.

Os apodos e vitupérios que sofreram os Fox e que até hoje lhes são assacados, foram o prêmio dos vexames por que passaram na investigação dos fatos por eles presenciados, sem o querer, aliás.

Em fins de 1850, os próprios Espíritos indicaram nova maneira de comunicação: bastava algumas pessoas reunirem-se em torno duma mesa, em cima da qual poriam as mãos. Enquanto se recitava o alfabeto, a mesa, levantando-se, daria uma pancada ao se pronunciarem as letras que o Espírito desejasse juntar. Os resultados obtidos por esse meio, embora moroso e estafante, foram mais do que satisfatórios. Daí se chegou às "mesas girantes e falantes", verdadeira coqueluche da época.

Há de notar que a mesa não se limitava a levantar-se sobre um pé para responder às perguntas: movia-se em todos os sentidos, girava sob os dedos dos experimentadores, às vezes se levantava no ar, sem que fossem descobertas as forças que a tinham suspenso (Cf. *History of Modern Spiritualism*, 1870 - Emma Hardinge).

"Sendo curiosíssima essa nova maneira de proceder, não houve quem não se sentisse fortemente atraído por essas experiências e destarte a moda das mesas girantes e falantes tomou de assalto as cidades norte-americanas. Sacerdotes de mil e tantas seitas ocuparam-se da questão. Os padres católicos, julgando-se os mais fortes, confiantes e com grandes reforços de hissopes, vieram exorcizar os Espíritos e as mesas caprissaltantes. Mas as mesas possesas faziam coro e respondiam amém às orações exorcistas. O efeito era nulo; a água benta da Idade Média havia-se deteriorado". (*O Espiritismo* - 1686 - Paul-Gibier).

Endereço para correspondência: Av. Manuel de Freitas, 34 - CEP 55100 - Caruaru - Pernambuco.

GERAL

NUTRIBRÁS S.A. - CARNES E DERIVADOS

C.G.C. n.º 09.293.608/0001-37

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convidamos os Senhores Acionistas da NUTRIBRÁS S.A. - CARNES E DERIVADOS, para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na sede da Empresa, sito às margens da BR-101, KM 98, Alhambra-PB, às 10:00 horas do dia 5 de abril de 1982, a fim de discutirem e deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: 1) Relatório da Diretoria; 2) Balanço Geral Parecer do Conselho Fiscal e dos Auditores Independentes, tudo relativo ao exercício social encerrado em 31.12.81; 3) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social, mediante o aproveitamento da Correção Monetária e reservas, com a consequente alteração do "caput" do Artigo 5º (quinto) dos Estatutos Sociais; 4) Fixação dos honorários dos Diretores e dos Conselheiros; 5) Outros assuntos de interesse geral da sociedade.

João Pessoa, 25 de março de 1982
JOÃO DA MATA DE SOUSA
Diretor Presidente

NEGÓCIO SEM INTERMEDIÁRIO

Conjunto João Agripino II

Vende-se uma casa (liquidada) localizada à rua Municipalista Pedro da Silva Coutinho, 78 - contendo os seguintes cômodos: Toda em muro alto, abrigo para automóvel, terraço social, sala de visita, sala de copa, 3 quartos internos, lavanderia, área de serviço, cozinha com azulejo decorados até o teto, balcão em mármore, dependência completa para empregada.

Accepta-se automóveis como parte do pagamento. Tratar pelo fone: 224-5304 - Valor: Cr\$ 2.500.000,00.



agropecuária cearense s.a. - acesa

C.G.C. (M.F.) nº 07.799.913/0001 - 32
CAPITAL AUTORIZADO 04 150.000.000,00
CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO 04 117.498.413,00
Ficam convocados os senhores acionistas da agropecuária cearense s.a. - acesa, para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária a se realizarem simultaneamente, instrumentadas na ata única, às 10:00 (dez) horas do dia 28 de abril de 1982, em sua sede social, à rua Santos Dumont, 41 - centro, nesta capital, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: 1) Relatório da Diretoria; 2) Balanço Geral Parecer do Conselho Fiscal e dos Auditores Independentes, tudo relativo ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981; 3) Eleição do Conselho Fiscal e fixação dos seus honorários; 4) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social, mediante o aproveitamento da Correção Monetária e reservas, com a consequente alteração do "caput" do Artigo 5º (quinto) dos Estatutos Sociais; 5) Fixação dos honorários dos Diretores e dos Conselheiros; 6) Outros assuntos de interesse geral da sociedade.

CIPÓ AGROPECUÁRIA S.A.

C.G.C. (M.F.) nº 08.665.978/0001 - 84
CAPITAL AUTORIZADO 04 100.000.000,00
CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO 04 68.997.671,00
Ficam convocados os senhores acionistas da CIPÓ Agropecuária S.A. - CIPÓ, para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária a se realizarem simultaneamente, instrumentadas na ata única, às 10:00 (dez) horas do dia 28 de abril de 1982, em sua sede social, à rua Santos Dumont, 41 - centro, nesta capital, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: 1) Relatório da Diretoria; 2) Balanço Geral Parecer do Conselho Fiscal e dos Auditores Independentes, tudo relativo ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981; 3) Eleição do Conselho Fiscal e fixação dos seus honorários; 4) Proposta da Diretoria para aumento do Capital Social, mediante o aproveitamento da Correção Monetária e reservas, com a consequente alteração do "caput" do Artigo 5º (quinto) dos Estatutos Sociais; 5) Fixação dos honorários dos Diretores e dos Conselheiros; 6) Outros assuntos de interesse geral da sociedade.

MAGURY AGRICOLA S.A.

C.G.C. (M.F.) nº 09.319.567/0001-08

PRIMEIRA CONVOCAÇÃO

Ficam os senhores acionistas da MAGURY AGRICOLA S.A., convidados a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária convocadas na forma prevista no art. 131, parágrafo único da Lei nº 6404, de 15 de dezembro de 1976, a se realizarem em primeira convocação na sede social, localizada na casa sede da Fazenda Vale do Mangeraba, município de Lucena, Estado da Paraíba, às 8 (oito) horas do dia 05 (cinco) de abril do corrente ano, a fim de apreciar as seguintes matérias: na Assembleia Geral Ordinária: as contas dos administradores; as Demonstrações Financeiras; o Balanço Patrimonial; as Demonstrações das Origens e Aplicações de Recursos; Eleição do Conselho Fiscal, se for o caso; fixação dos honorários dos administradores, inclusive do Conselho Fiscal; a Correção Monetária do Capital Social e sua capitalização; e a Correção Monetária do Capital Autorizado. Na Assembleia Geral Extraordinária: aumento do capital social, mediante aproveitamento de créditos de acionistas em conta corrente, e capitalização de reservas; aumento do capital autorizado; alteração do artigo 5º do Estatuto Social, face aos aumentos verificados. Nas Assembleias poderão ser tratados outros assuntos de interesse da sociedade.

Lucena (PB), 26 de março de 1982.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Arthur Tavares de Mello
Virgílio Tavares de Melo
Marcelino Tavares de Melo
José Urbano da Costa Carvalho

ARTESA - ARTEFATOS DE COURO DA PARAÍBA S/A.

C.G.C. 08.872.329/0002-29

Edital de Convocação

Convidamos os Srs. Acionistas da ARTESA-Artefatos de Couro da Paraíba S/A, para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária, na sede social da Empresa, sito à Av. das Indústrias, quadra W; Lote 4,5 e 6. Distrito Industrial João Pessoa - PB, às 9:00 (nove) horas do dia 05 de abril de 1982, a fim de discutirem e deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: 1) Relatório da Diretoria; 2) Balanço Geral Parecer do Conselho Fiscal e dos Auditores Independentes, tendo relativo ao exercício social encerrado em 31.12.81. 3) Proposta da Diretoria para o aumento de Capital Social, mediante o aproveitamento da correção monetária e reservas, com a consequente alteração do "caput" do Art. 5º (quinto) dos Estatutos Sociais; 4) Eleição para os cargos de Diretoria; 5) Fixação dos honorários dos Diretores e dos Conselheiros. 6) Reforma Estatutária relativa aos Arts. 25º, 26º, 27º, 28º, 29º, 30º, 31º, 32º, 33º, 34º, 35º, 36º, 37º, 38º, 39º, 40º, 41º, 42º, 43º, 44º, 45º, 46º, 47º, 48º, 49º, 50º, 51º, 52º, 53º, 54º, 55º, 56º, 57º, 58º, 59º, 60º, 61º, 62º, 63º, 64º, 65º, 66º, 67º, 68º, 69º, 70º, 71º, 72º, 73º, 74º, 75º, 76º, 77º, 78º, 79º, 80º, 81º, 82º, 83º, 84º, 85º, 86º, 87º, 88º, 89º, 90º, 91º, 92º, 93º, 94º, 95º, 96º, 97º, 98º, 99º, 100º. 7) Outros assuntos de interesse geral da Sociedade.

João Pessoa, 25 de março de 1982

JOÃO DA MATA DE SOUSA
Dir. Superintendente

Europa vai adiantar os relógios

Londres - Ao adiantar seus relógios em uma hora, hoje, a França se propõe a economizar energia equivalente a 300 mil toneladas de petróleo bruto a Itália, ao fazer o mesmo, pensa poupar 50 milhões de dólares em iluminações desnecessárias, bem como preservar suas rendas provenientes do turismo.

Pela primeira vez na história, os 10 países integrantes do Mercado Comum Europeu e outras 17 nações europeias alteram a hora simultaneamente.

A alteração dará a Grã-Bretanha seis horas de adiantamento sobre a hora da costa leste dos Estados Unidos - hora est - ao resto do continente europeu um adiantamento de sete horas, devido em grande parte a um acordo negociado em 1980.

A mudança de hora ocorrerá à 01:00 hora de hoje (domingo, 28 de março). As 27 nações que adiantarão seus relógios hoje somar-se-ão a primeiro de abril a União Soviética, a 4 de abril a Bulgária e a 11 de abril a Romênia.

Os países que se negam a modificar o horário são a Albânia, Gibraltar, Islândia, Iugoslávia e Turquia por causa disso, a ilha de Chipre terá dois fusos horários: os cipriotas gregos adiantaram seus relógios e os cipriotas turcos, seguindo o exemplo da Turquia, não o farão.

Na Iugoslávia, que aderirá a alteração da hora no ano que vem, os trens internacionais de passageiros esperarão uma hora para que suas partidas e chegadas coincidam com as tabelas nos horários.

Estudante põe votos a venda

Porto Alegre - As dificuldades financeiras levaram o estudante de Educação Física Robak José Barros, 19 anos, de Santa Catarina, a anunciar em jornais gaúchos que troca cinco votos de pessoas de sua família, nas próximas eleições, por uma bolsa de estudos no educandário universitário onde estuda, a Fundação Educacional de Criciúma (SC).

O anúncio, publicado na coluna "troca troca" do jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, que poderia interessar os partidos políticos catarinenses pois toda a família reside em Criciúma, é justificado por Robak por ganhar apenas um salário-mínimo como laboratorista numa ótica, insuficiente para cobrir suas despesas com livros, uniformes e passagens de ônibus.

Com 19 anos, e completando 20 no dia 12 de outubro, o universitário catarinense confessa não ter preferências partidárias, por isso não se importa qual dos partidos lhe ofereça a bolsa de estudos.

"A atual situação de todos os partidos políticos é extremamente demagógica, voltada apenas para o interesse próprio dos candidatos e dos apadrinhados", segundo ele informou à Folha da Tarde.

Seu salário-mínimo não cobre as despesas e a mensalidade de Cr\$ 11.928 e não pode contar com a ajuda da família, pois sua mãe, viúva, recebe apenas uma pequena aposentadoria. Com seis irmãos, dos quais dois menores, Robak já obteve o apoio deles de que votará no partido que lhe oferecer a bolsa de estudos.

Bancário dá golpe eletrônico

Porto Alegre - Por enobrar os colegas, detratando-os seguidamente, seguro do golpe fácil que vinha realizando há dois meses, o bancário Jorge Giovanni Aires Carvalho, de 22 anos, foi demitido do Banco Bradesco desta Capital, ocasião em que foi descoberto que ele desviou Cr\$ 16 milhões das quebras de caixa para sua conta pessoal, após descobrir o código do computador, setor onde ele trabalhava.

Do total desviado, Jorge gastou Cr\$ 7 milhões para adquirir um fino apartamento no bairro Cristal, mobiliado com móveis rústicos de Gramado, e um Passat totalmente equipada, afora outros Cr\$ 1 milhão 500 mil que ele deixou escondidos embaixo do colchão de sua cama. A Polícia apreendeu esse dinheiro, o Banco Bradesco bloqueou sua conta e Jorge Giovanni responde, em liberdade, a inquérito na Delegacia de Defraudações. Ao delegado Ivair Maynard, Jorge justificou o golpe. "Eu ganhava pouco e via passar muitos milhões pelas 'minhas mãos. Não resisti'".

O primeiro golpe eletrônico, em bancos do Rio Grande do Sul ocorreu no Centro de Processamento de Dados do Bradesco, agência da Avenida Farrapos, quando Jorge, funcionário do setor, descobriu o código do fundo do Bradesco para repor as chamadas quebras de caixa. Os valores a mais, Jorge repassava, em lançamentos fictícios, para sua conta pessoal, aberta na mesma agência que trabalhava. Durante dois meses, o golpe foi praticado com sucesso, permitindo a compra de um apartamento no bairro Cristal, viagens de táxi ao município de Gramado, para a compra de móveis rústicos, os mais famosos e caros do Rio Grande do Sul.

Itamar pode deixar PMDB caso não chegue a acordo

Brasília - O senador Itamar Franco disse que seu grupo espera resolver suas divergências com o senador Tancredo Neves só até a próxima semana, "através de uma conversa objetiva e conclusiva". Se a tentativa não der resultado, vai disputar a indicação de candidato a governador na convenção ou se transferir para outro partido.

O sr. Itamar Franco espera ter um novo encontro hoje, com o ex-presidente do PP mineiro, deputado Hélio Garcia, consideramos necessário um novo e definitivo encontro com o próprio senador Tancredo Neves, para definir, "diante de propostas concretas a nossa situação dentro do quadro sucessório no PMDB de Minas".

O senador Itamar Franco afirmou que sua corrente deseja aplicar em Minas o mesmo parâmetro que foi adotado no Rio de Janeiro na incorporação do PP ao PMDB. Ali o PP era mais forte, mas, nem por isso, deixou de haver uma composição que contentou outras correntes do antigo PMDB", disse.

O que a corrente Itamar Franco deseja é o cargo de vice-governador, admitindo que o Senado seja disputado em sub-legendas por dois candidatos, um do PMDB - que tem direito de disputa, por possuir um Sepador - e outro do extinto PP, que poderia ser o deputado Hélio Garcia. afirmou que teve uma conversa" de 15 horas com o senador Tancredo Neves e nada de concreto ficou decidido".

Ainda que o senador Tancredo Neves tenha conseguido conquistar oitenta por cento do partido, "como eles dizem", o sr. Itamar Fran-

Marchezan quer discutir novas regras eleitorais

Brasília - O presidente da Câmara dos Deputados, Nelson Marchezan, anunciou a intenção de reunir os líderes de bancadas a fim de conclamá-los a tentar um entendimento a respeito de importantes matérias que tramitam no Congresso, desde o aumento do número de cadeiras naquela casa, de 420 para 500, ao projeto do deputado Erasmo Dias que propõe a separação da vinculação total de votos, estabelecida pelo pacote de novembro.

O sr. Nelson Marchezan observa que o presidente Figueiredo já decidiu não tomar qualquer nova iniciativa em matéria de legislação eleitoral, deixando ao Congresso a competência para adotar o caminho que julgar conveniente. Afirma o Presidente da Câmara que os políticos sempre reclamam a interferência do Executivo, mas, agora, parecem paralisados diante de proposições importantes que tramitam no Legislativo.

O parlamentar gaúcho disse que, quando líder da maioria, sempre ouviu queixas de muitos de seus liderados sempre que o Poder Executivo tomava iniciativas. Muitos consideravam algumas propostas do Planalto interferências ilegítimas em assuntos que deveriam ser decididos pela corporação política.

Golpista assume em Dacca o governo de Bangladesh

Dacca - Abdul Fazal Muhammad ChoWdhury, ex-juiz do Supremo Tribunal, prestou ontem juramento como novo presidente de Bangladesh, disseram as autoridades da Lei Marcial.

O juramento foi administrado pelo juiz Supremo Kemaluedil Hussain, numa cerimônia simples no Palácio Presidencial, da qual participaram dois ex-presidentes, o líder do golpe militar general Hossain Mohammed Ershad e um vice-presidente do Governo do presidente deposto Ardu Sattar.

Sattar não compareceu a cerimônia, em que ChoWdhury, de 67 anos, prometeu "desempenhar fielmente seus deveres dentro do quadro da Lei Marcial".

ChoWdhury também prestou juramento de fidelidade ao Governo Militar que assumiu o poder num golpe chefiado por Ershad na quarta-feira.

Aldeia é soterrada por desabamento de montanha

La Paz - Uma aldeia em que viviam cerca de 100 famílias, "San Josecito", no Sul da Bolívia, perto da fronteira com a Argentina, foi soterrada por uma pequena montanha, que desabou sobre ela causando a morte de vinte pessoas, segundo informações chegadas a esta Capital.

Camponeses da área que sobreviveram ao fato explicaram em Tarija, a Capital do Departamento Meridional desse nome, que "um estranho fenômeno foi registra-



Senador Itamar Franco

co acha que seu grupo, "mesmo apresentando só vinte por cento do PMDB, teria condições de criar problemas para o sr. Tancredo Neves".

Nenhum candidato majoritário em Minas conseguiu ganhar por mais de 200 mil votos. Tancredo elegeu-se senador com 68 mil de diferença.

O grupo do senador Itamar Franco, segundo ele mesmo, examina duas alternativas: ou comparecer à convenção regional do PMDB com chapa própria, tendo ele mesmo na cabeça, para Governador, ou examinar a hipótese de se transferir para outro partido, caso não encontre uma fórmula de conciliação com os antigos pepistas, até a próxima semana.



Nelson Marchezan

No entanto, o mundo político se acostumou a viver das iniciativas do Executivo. Agora mesmo, temos inúmeras matérias importantes tramitando no Congresso à espera de uma definição - disse.

A idéia do Presidente da Câmara é a de convocar uma reunião de todos os líderes de bancadas para lhes fazer ver a necessidade de vencer "a atual estagnação" e tentar um entendimento interpartidário a respeito de várias alterações constitucionais e na legislação eleitoral de que tratam diferentes proposições.



INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DA PARAÍBA

REVOGAÇÃO DE LICITAÇÃO

AVISO

O Diretor Superintendente do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba - IPEP, leva ao conhecimento de quem interessar possa, que, por interesse da Administração, decidiu REVOGAR a Tomada de Preços nº 01/82, que se realizaria no dia vinte e nove (29) do mês de março do ano em curso, para aquisição de um Conjunto Radiológico destinado à Policlínica da referida Instituição.

João Pessoa, 25 de março de 1982.

Fernando Guedes Pereira.

Diretor Superintendente



Esteliano Monteiro Guedes

Missa de 7º dia

Berenice Melo Guedes, viúva, Gilvan Monteiro Guedes, esposa e filhos; Geraldo Monteiro Guedes, esposa e filhos; Gérson Monteiro Guedes, esposa e filhos; Gilberto Monteiro Guedes, esposa e filhos; Givaldo Monteiro Guedes, esposa e filhos; Gilda Monteiro Guedes, esposa e filhos; Guilherme Monteiro Guedes e Gilvanete Guedes Rangel, esposo e filhos, convidam parentes e amigos para assistirem à missa de 7º dia que mandam celebrar amanhã (dia 29), na Igreja do Rosário, às 17 horas. Antecipadamente, agradecem a este ato de fé e piedade cristã.

BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S.A.

C.G.C. 09 093 352

AVISO AOS ACIONISTAS

Comunicamos que se encontram à disposição dos Senhores Acionistas deste Banco, em sua sede social à rua Duque de Caxias, 610, nesta capital, endereços provisórios, os documentos a que se refere o art. 133 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, relativos ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981.

João Pessoa, 26 de março de 1982

FERNANDO PERRONE

Presidente

DR. MARGARIDA OLIVEIRA LIMA

CIRURGIÁ DENTISTA

Diariamente às 15:00 horas

Av. Princesa Isabel, 326 - 1º andar - Fone 224.6490

João Pessoa-Paraíba



DIARIAMENTE

Patos - São Paulo
Saídas 8:00 - 10:00 e 16:00 horas

Agente Martinho
Estação Rodoviária
Box 5 - Fone 421-2246
Patos Pb.

RESINOR-RESINAS SINTÉTICAS DO NORDESTE S.A.
C.G.C. (M.F.) nº 09.119.447/0001-59
ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Ficam convocados os Senhores Acionistas da RESINOR-RESINAS SINTÉTICAS DO NORDESTE S.A., a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na sede social, no Distrito Industrial de João Pessoa-PB, às 13h da BR 101 às 10:00 horas, do dia 30 de abril de 1982, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

1. Leitura, Discussão e Votação do Relatório da Diretoria, Demonstrações Financeiras e de Resultados, referente ao exercício findo em 31 de dezembro de 1981;
2. Distribuição do Lucro Líquido do exercício;
3. Apreciação da Correção da expressão monetária do capital social e sua consequente capitalização;
4. Fixação dos honorários dos administradores;
5. Outros assuntos de interesse social.

Outrossim, estão à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social os documentos a que se refere o Artigo 133 da Lei nº 6.404/76.

João Pessoa, 16 de março de 1982

JOSE MARCONI
Diretor - Presidente

Por isso, procure superar instantes de timidez no contato com pessoas que possam interferir em seu trabalho. Surpresa em relação a pessoa amiga, Clima financeiro em fase neutra. Evite gastos desnecessários. Não se mostre intolerante ao enfrentar problemas ligados a pessoas de sua família. Satisfação amorosa. Ainda são muito boas as condições de sua saúde. Vitalidade.

Uma jóia para a Miss Paraíba-82

• A exemplo do que irá ocorrer em outros Estados brasileiros, notadamente nos da região Nordeste, o prêmio maior para a jovem que for eleita Miss Paraíba-82 será uma jóia. A informação nos foi dada pelo colunista Josildo Albuquerque, que o Grupo Silvio Santos achou por bem credenciar como responsável pela organização e realização do concurso em todo o Estado. No dia 3 de abril, a diretoria do Campinense irá fazer a apresentação da sua jovem candidata, a escultural Geusa Moreira(foto). A festa final para a escolha da Miss Paraíba-82 será no dia 17 no Ginásio "César Ribeiro", em Campina.



Foto de Neywa

• Com seriedade e determinação, a campanha de Velas ao Mar vem sendo conduzida desde o ano passado. Por conta disso é que o já vitorioso movimento está ganhando novos adeptos, que vêm em Célio di Pace, Djair Nóbrega e Guimarães, os nomes mais capazes para gerir com firmeza os interesses administrativos do Iate Clube. Votar certo é votar com Velas ao Mar.

Joel conquista outros setores

• O empresário Joel Falconi, disparado o melhor diretor social de clube, não só está conquistando a admiração dos que fazem o quadro associativo do Jangada, como também de outras entidades, que o apontam como a mais grata revelação dos últimos tempos.

• O empenho e a dedicação de Joel Falconi, ao lado de Giselda, está lembrando a mesma linha de trabalho executada pelo saudoso José Carlos Cavalcanti e pelo médico Giácomo Zaccara, ambos do Cabo Branco.

Lions Leste em outro assalto

• Depois de Rita-Givanildo Samuel e Raimundinha-João Alves Portela, ontem foi a vez do casal Celso (Nora) Novais de receber o pessoal do Lions Clube-João Pessoa Leste, para mais uma das chamadas reuniões preparatórias, também conhecida como "assalto".

• O encontro leonino foi na residência dos Novais. Ontem também a data foi significativa para o Lions-Cabo Branco, que esteve aniversariando. O evento foi comemorado com um jantar na sede do Iate Clube, com Osvaldo Neiva ocupando posição de destaque na mesa.

Sociedade DONALDO CORREA

Atendimento mais efetivo

Natércia Madeira, também "expert" em ambientação, foi a decoradora dos novos consultórios dos médicos Augusto Almeida, Lavoisier Feitosa e Marco Aurélio Barros, à rua Carlos Gomes 36, anexos ao Hospital "Samaritano". Os atendimentos já começarão esta semana.

• Esta mudança constitui um grande benefício para os clientes daqueles três profissionais, que passarão a atender no mesmo horário e oferecendo uma assistência bem mais efetiva.

Wanderley na presidência

• Abelardo Tavares Wanderley será eleito, dia 15, presidente do Conselho Regional de Odontologia, liderando a única chapa que pediu inscrição. Com ele, na executiva, estarão Antonio Silveira, Djalma Nunes de Carvalho, Genival Pereira e Manoel Ferreira de Abreu.

• Serão suplentes: Izonel Imperiano Costa, João Cavalcanti Pessoa de Luna, Marcelo Gomes Guedes Gondim, Nazareth Avellar e Thales Almeida.

Aniversário do Astréa

• Depois do sucesso marcado com seu carnaval, o Astréa entrou num período de recesso. Mas as turbinas já começaram a ser acionadas com a diretoria cuidando do programa que irá marcar mais um aniversário de fundação do alvi-celeste.

• Djacy Andrade já está tratando da contratação de um conjunto e também de uma atração artística (um cantor, de preferência) do sul do país. A informação é do public-relation Fernando Wallach.



Foto de Neywa

ISABEL Cristina Guedes Farias, fez 15 anos ontem, mas não quis festa para marcar o significado evento. Aos seus pais, bacharel e sra. José Marcos (Isabel) da Silveira Farias, ele Chefe do Escritório de Representação do IAA na Paraíba, Isabel Cristina pediu (e vai ganhar) uma viagem pelo sul do país.

Rápidas

- ESTÁ fazendo um ano hoje o menino Danilo, filho do casal professor Hudson (Rosário) Paiva. ••• TEREZA, casada com Jair Cavalcanti, estará aniversariando amanhã. ••• ARQUITETA Madalena Zaccara Sabino está concluindo excelente reforma da Agência Central do Paraiban. ••• MUITOS abraços recebeu sexta-feira, na sede do Cabo Branco, Aneci José de Arruda Luna, um dos assessores do Secretário Chico Franca. Ele estava aniversariando. ••• FESTA de entrega dos Oscars será amanhã, às 11 da noite, pela televisão. ••• GISELDA Barbosa de Paiva, Assistente Social, assumirá quarta-feira, suas funções à frente do Projeto Casulo, da LBA. ••• PAS-TORIL do Balança Coreto, de Olinda, faz sua última apresentação, hoje, no Lima Penante. ••• E Velas ao Mar. Com Guimarães e Djair, o Iate só tem a ganhar.



MENSAGEM AOS ASSOCIADOS

"Caro Sócio:

Era nosso desejo não voltar a dirigir o Iate Clube da Paraíba é disso não fizemos segredo.

Não obstante isso, eis que, agora, um grupo de amigos, abnegados iatistas, convoca-nos e impõe a nossa candidatura na eleição que será realizada no dia 18 de abril próximo.

Como aos amigos quase nada se pode negar, e dada a afeição que criamos ao Iate pela obra que ali realizamos e pela nossa presença diuturna na sua sede, resolvemos reconsiderar nossa decisão.

Diante disso, é-nos grato levar ao conhecimento da família iatista essa nossa resolução de disputar o cargo de Comodoro na próxima eleição. E o fazemos na presunção de pleno êxito eletivo, louvando-nos num passado administrativo, mormente na fase penosa e embrionária do Clube, quando não apareciam aqueles que hoje chamam para si a paternidade do Iate.

E então, nós, cheios de muita fé e confiança absoluta nos iatistas, conseguimos conceituar o Clube perante a sociedade pessoense e elevá-lo no conceito dos demais Iates do Brasil, pelo incentivo que emprestamos ao esporte a vela, realizando memoráveis campeonatos de âmbito regional e internacional, destacando-se, entre eles, o IV Campeonato Sul-Americano da Classe "Optmist", ocorrido em abril de 1976.

Além disso, com centelha de amor e dedicação, realizamos, afanosamente, o seu projeto de crescimento, de bem estar e assistência aos associados, sem, porém, sacrificar um só instante o seu destino financeiro e econômico pelo levantamento, sequer, de um centavo na rede bancária, através de empréstimo e comprometimentos outros que vinculasse seu patrimônio e destino.

Assim, por via desta mensagem, legal e cordial, convocamos o caro sócio a se engajar à nossa tripulação e, juntos, lançarmos as "Velas ao Mar" para um longo horizonte, durante o qual usaremos o Amor como bússola e a compreensão como carta de navegação, de forma que possamos alcançar o porto da paz, quando, então, de mãos dadas, lutaremos pelo engrandecimento do iatismo em nossas águas.

Manoel Guimarães Ferreir
(Manoel Guimarães Ferreir)

Palestra de Berilo

• O professor Berilo Ramos Borba, Reitor da Universidade Federal da Paraíba, convidado, vai pronunciar palestra terça-feira vindoura, enfocando o tema "A Universidade no Nordeste".

• A conferência do Reitor Berilo Borba é patrocinada pelo I Grupamento de Engenharia e Construções e terá lugar, às 10h, no auditório do Quartel General, daquela unidade.

Nova idade de Magda

• Considerada como uma das mais bonitas senhoras da sociedade de João Pessoa, Magda Angela recebe hoje muitos abraços de felicitações pelo aniversário ocorrido na última quarta-feira.

• Casada com o industrial Paulo Germano Régis Ribeiro Coutinho, Magda recebe suas amizades para um almoço na fazenda "São José", no município de Sapé.

Caçadores já tem a sua candidata ao Miss PB

• Os diretores do Clube dos Caçadores de Campina Grande, notadamente seu Departamento Social, já estão empenhados na organização da festa do dia 3 de abril, quando também apresentará sua candidata ao Concurso Miss Paraíba-82.

• A jovem Ionolda Barros(foto) é quem irá representar aquela agremiação social



Ionolda Barros

Márcio Guedes na TV Globo

• Ganhador de dois Prêmios Esso, jornalista esportivo há 12 anos, com passagens por jornais, rádio e televisão, Márcio Guedes é o novo comentarista contratado pela Divisão de Esportes da Central Globo de Jornalismo. Márcio será um dos comentaristas da Globo na transmissão da Copa do Mundo. Ordenado: acima de 500 mil.



CLÍNICA DE TOCOGINECOLOGIA E PATOLOGIA MAMÁRIA LTDA.

GINECOLOGIA: Planejamento Familiar, Esterilidade, Prevenção do Câncer — assistência clínica e cirúrgica e Citologia.

OBSTETRÍCIA: Assistência Pré-Natal. PATOLOGIA MAMÁRIA: Assistência clínica e cirúrgica.

Dra. Maria Bernadete de Medeiros Bezerra - CRM 1931 - com estágio em Tocoginecologia no Hospital de Base de Brasília.

Dr. Giuseppe Sarto Souto Bezerra - CRM 1764 - com estágio em Ginecologia e Mama no Hospital de Base de Brasília (UNICAMP).

Dr. Geraldo Majela Souto Bezerra - CRM 1944 - com estágio em Tocoginecologia no Hospital de Base de Brasília.

RUA JOAQUIM NABUCO, 144 — FONE 221-490a
JOÃO PESSOA — PARAIBA



CENTRO OFTALMOLÓGICO PARAIBANO

DR. JOSÉ EWERTON DE ALMEIDA HOLANDA C.R.M. - 1539

• Curso de Especialização e Doutorado em Oftalmologia 4 anos no serviço do Professor Hilton Rocha na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

• Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba

• Membro do Conselho Latino-Americano de Estrebiismo

• Membro da Sociedade Brasileira de Lentes de Contato

• Membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia

• Especialista em Oftalmologia por concurso pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia

PLANTÃO NOTURNO

Consultório: Rua Monsenhor Walfredo Fones 222-0090 - 222

Consultas: Hora Marcada

Residência: Rua Silvio de Almeida, 820 - Tamboré Fone: 226-2466



exame de biópsias e peças cirúrgicas
prevenção do câncer ginecológico
diagnóstico imediato do câncer (congelado)
citologia das cavidades
sedimentação espontânea
citocentrífuga

17 CONSULTORES INTERNACIONAIS
Avenida D. Pedro II, 790 - Fone: 221-3358



cristina pereira
marilza souto

PROJETOS DE ARQUITETURA

Rua Odon Bezerra, 352
Fones: 221-4888 221-4755
Tambá - João Pessoa-PB



ESPANHA 82

Espanhóis faturarão 2,5 bilhões na Copa



Espanhóis esperam um lucro de 2,5 bilhões de dólares durante a Copa do Mundo

Aumenta a cotação dos favoritos para o Campeonato Mundial de 82

Madri - A série recente de partidas de preparação para o Campeonato Mundial que será jogada neste país em junho serviu para confirmar o Brasil, Argentina, Alemanha Ocidental, Espanha e França como favoritos para passar a segunda fase do torneio.

O Brasil, com uma apertada mas merecida vitória sobre os alemães no domingo passado parece não ter obstáculos no Grupo VI, que integra juntamente com a União Soviética, Escócia e Nova Zelândia, para se classificar.

A interrogação aqui é quem acompanhará o Brasil, se a União Soviética ou a Escócia, já que se classificam duas equipes.

No Grupo III, a Argentina embora mostrando várias falhas em sua equipe, conseguiu um duro empate ante os mesmos alemães. No mesmo grupo estão a Bélgica, Hungria e El Salvador. Os húngaros foram derrotados em sua própria casa esta semana pela Áustria e evi-

dentemente não estão ainda no mesmo nível da Argentina nem dos belgas.

Neste grupo poderia haver dúvidas sobre quem será o primeiro, se argentinos ou belgas, estes estimulados por serem uma das melhores equipes da Europa. A Bélgica ganhou facilmente há dois dias por 4 a 1 da Romênia, porém com a ressalva de que no jogo em Bruxelas os romenos apresentaram uma equipe alinhada com jogadores novos nas partidas internacionais. Os críticos assinalam que a Bélgica mostrou desorganização no meio campo e falta de velocidade.

No Grupo IV, que no momento de ser realizado o sorteio nesta capital há dois meses, era considerado como um dos mais equilibrados, a França vem se destacando claramente e dando excelentes exibições em suas partidas de preparação.

Esta semana liquidou sem dificuldades a Irlanda do Norte por 4 a 0, dando-se

ao luxo de deixar no banco seis dos seus primeiros jogadores principais. Foi a quarta vitória seguida dos franceses nestes encontros preparatórios, nos quais anotou 12 gols. Um deles foi na vitória por 2 a 0 sobre a Itália.

Além da França, neste Grupo estão Inglaterra, Tchecoslováquia e Kuwait. Os tchecos venceram a Grécia na quarta-feira, em Praga por 2 a 1, porém foram criticados pelos analistas desse país. Mostraram pouca eficácia na linha de ataque e falta de solidez. Um prognóstico que poderia não ser muito audacioso é o da classificação francesa no primeiro lugar e uma disputa do segundo entre tchecos e ingleses.

A Alemanha Ocidental é para quase todos os analistas o principal candidato europeu a campeã do mundo e as duas partidas jogadas esta semana no Rio de Janeiro e em Buenos Aires não desmentiram essa previsão.

Os alemães mostraram

uma equipe sólida na defesa e no meio de campo, embora deixando ver que lhes falta penetração no ataque. Perderam para o Brasil em apenas 8 minutos do final e foi preciso que Júnior anotasse um magistral gol. Contra os argentinos conseguiram um empate de 1 a 1 em sua própria casa.

Portanto, em seu Grupo, calcula-se que serão primeiros e que o restante será disputado pelo Chile e Áustria. A Argélia completa o grupo. A Áustria obteve quarta-feira uma brilhante vitória por 3 a 2 sobre a Hungria em Budapeste, enquanto que o Chile, um dia antes, havia vencido o Peru em Santiago por 2 a 1, numa boa apresentação. A Espanha é favorita para se classificar no Grupo V, principalmente porque este é, aparentemente, o Grupo mais desequilibrado.

As três equipes restantes são Iugoslávia, Irlanda do Norte e Honduras.

Menotti se mostra um pouco preocupado com a Seleção Argentina

Buenos Aires - O treinador César Menotti manifestou-se preocupado diante dos problemas do selecionado que dirige, que considera sem ofensiva e depositou suas esperanças de solução na incorporação dos dianteiros Daniel Bertoni e Jorge Valdano. Ele espera também que Mário Kempes, o goleador de 78, recupere seu nível de grande artilheiro.

"Falta força ofensiva na equipe argentina e isso constitui uma verdadeira preocupação", disse o técnico em artigo publicado pelo jornal "El Clarin". "Com Bertoni, mas logo que possa oferecerei Valdano e o nível que devem ter em junho Maradona, Diaz, Kempes e Calderon estou seguro que essa preocupação vai desaparecer", acrescentou.

Bertoni, de 27 anos, do Fiorentina, da Itália, marcou um gol quando a Argentina venceu a Holanda por 3 a 1, no final do Mundial de 78. Valdano, de 26 anos, do Saragoza, da Espanha é velho conhecido de Menotti, pois já integrou o selecionado em 1975. Os dois jogadores estarão no selecionado em abril, juntamente com o meio campo Osvaldo Ardi-

les, que está no Tottenham, da Inglaterra.

A lentidão, indecisão e imprecisão do ataque argentino se tornaram evidentes nos empates com os tchecos, no dia 9, e com a Alemanha Ocidental, em um gol, esta semana.

Sobre Diego Maradona, o astro do futebol argentino, Menotti admite que lhe falta elasticidade porque fez um trabalho de treino muito duro, com muito esforço, e ao não ter idéia de criatividade, permite que os marcadores o segurem.

Quando aos dois jogos, disse entender que o ataque foi neutralizado na maioria das vezes por uma boa defesa alemã, que cobriu todos os claros e tem experiências para pressionar e cortar, demonstrando que os alemães serão difíceis de superar, e isso exige todos os reflexos.

Mesmo assim, Menotti disse estar tranquilo com a defesa e com o meio campo, embora ache que merece alguns ajustes, tais como o de mais rapidez e técnica na entrega da bola. Os argentinos jogarão no dia 15 de abril em Buenos Aires contra a União Soviética, uma partida amistosa.

Madri - Embora falem várias semanas para o início do Campeonato Mundial, já ganhou força em toda a Espanha a "mania" pela Copa e os comerciantes procuram capitalizar os dividendos, numa atividade mercantil que está no auge e onde as casas comerciais vendem centenas de artigos relacionados com o torneio. Camisas, bandeiras, chapéus, bonecas, e especiais de vinho cartazes e até um desenho criado pelo pintor catalão Juan Miro.

Outras as formas de aproveitamento é o oferecimento de apartamento de aluguel, com os preços quatro vezes mais elevados. Em 1981 a Espanha teve um recorde de 40,2 milhões de tu-

ristas e este ano, com o Mundial, se espera, que os visitantes superem este número em pelo menos meio milhão.

Durante a Copa, em junho e julho, 14 cidades espanholas receberão os torcedores e selecionados de 24 países classificados. As previsões são de que haverá um lucro extra de 2,5 bilhões de dólares para a economia espanhola, isto é, aproximadamente um terço do total que entrou no país atualmente, através do turismo.

O Comitê Organizador Espanhol planejou desde dezembro de 1978 as etapas do Mundial e prevê que 7.500 jornalistas poderão entrar no país, além da organização promocional, até

a fabricação de objetos com temas da Copa.

Embora o selecionado dos Estados Unidos não tenha só classificado, muitas das empresas patrocinadoras do campeonato são norte-americanas. Além da variedade de lembranças, a mascote oficial, o "Naranjito" será comercializada em todo o mundo. Em cada uma das cidades onde será realizados os jogos já estão sendo vendidos, selos, pipas, mascotes, jogos eletrônicos, uma coleção especial de moedas com a imagem do Rei Juan Carlos e a figura da Copa e ainda uma bola do outro lado assim como centenas de outros artigos de lembrança do Mundial 82.

Derwall: argentinos são mais perigosos que Brasil

Paris - O técnico da Seleção da Alemanha Ocidental, Jupp Derwall e o jogador Uli Stielike disseram ao jornal esportivo L'Equipe que consideram a Argentina mais perigosa que o Brasil, mas que, ainda assim, é possível vencer o time argentino na Copa da Espanha.

Derwall disse na entrevista publicada ante-ontem que a primeira coisa que aprendeu na viagem dos alemães a América do Sul e que os jogadores sofrem com o excesso de calor e que precisam estar em excelentes condições físicas para a Espanha.

"Outro ponto a considerar é que os jogadores da categoria de Zico e Maradona podem desaparecer por completo se são bem marcados", acrescentou o técnico. "E, finalmente, fiquei impressionado com a Argentina do que com o Brasil. Os resultados das partidas não representam grande coisa", disse Derwall.

Os alemães perderam de 1 a 0 para o Brasil e empataram por 1 a 1, com a Argentina. Por sua vez, Stielike disse: "A Argentina é superior ao Brasil. Técnico-



Derwall considera argentinos perigosos

camente os dois são iguais, mas os argentinos são mais robustos fisicamente e jogam com mais força. Mas, sobretudo, nós demos conta de que, mesmo levando em conta as condições técnicas, que são um ponto favorável no futebol americano, so-

mos superiores as duas equipes".

Ambos disseram que se os alemães tivessem contado com Karl-Heinz Rummenigge teriam vencido. "A equipe perde 50 por cento de sua capacidade quando ele não joga", disse Stielike.

Técnicos analisam atuação da equipe campeã do Mundo

Buenos Aires - A pobre atuação das Seleções da Argentina e Alemanha Ocidental no empate de 1 a 1 aqui esta semana se refletiu nos desfavoráveis comentários de vários treinadores estrangeiros que vieram assistir a partida. Mais direta foi a reação dos 75 mil espectadores, que vaiaram as duas equipes, a miúdo mencionadas entre os favoritos para ganhar o Mundial.

"A Argentina careceu de variantes ofensivas para suportar a exagerada defesa alemã, mas creio que solucionarão esses problemas para o Mundial, especialmente quando se incorporarem Osvaldo Artilles e Daniel Bertoni", disse o técnico do Brasil, Telê Santana.

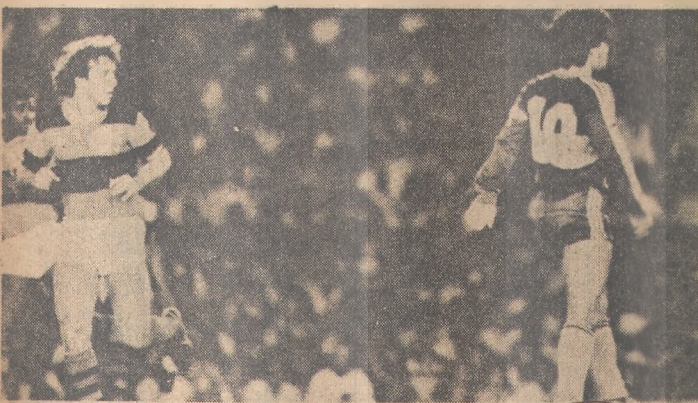
"Qualquer equipe que pretenda fazer um bom papel na Espanha deverá ter um bom jogo de ataque, e isso a Argentina no momento não tem, daí ter que melhorar muito" adiantou Telê, cujo time venceu por um a zero os alemães no Rio de Janeiro.

O treinador Soviético Konstantin Beskov disse

Helena Herrera, do Barcelona da Espanha, disse que "Argentina esteve lenta, sem muitas mudanças ou variantes e isso facilitou o trabalho a uma equipe, que se tivesse vindo com todos os seus titulares teria vencido".

O chileno Luis Santibanez disse que seu colega argentino "dá uma vantagem colocando na equipe um Kempes que está muito longe de sua melhor forma, mas é bom que o faça jogar se confia na volta do goleador. A Argentina tem que melhorar, mas terá que pedir paciência ao público para que não pressione com seu descontentamento".

Leo Benhakker, técnico do Saragoza. Espanha, disse que "A Argentina me decepcionou muito". O treinador de El Salvador, Mauricio Rodriguez, afirmou que "na Argentina existem jogadores que estão muito longe de sua forma técnica ideal e não gostei de sua atuação, embora esteja seguro que será outra coisa quando jogar no Mundial".



Maradona (a direita) bastante criticado

FERNANDO HELENO

Rio e São Paulo maioria na Copa

Neste domingo vai começar mais uma etapa da Taça de Ouro, com a participação das dezesesseis agremiações classificadas, três das quais representam o futebol do Nordeste, no caso Ceará, Bahia e Esporte Recife, este último com uma campanha das mais brilhantes, aparecendo sempre na primeira colocação do seu grupo, nas fases disputadas.

Os outros dois nordestinos conseguiram as vagas nas partidas finais, valendo salientar que o alvi-negro alencarino eliminou a Ponte Preta, em Campinas, com a “Macaca” jogando pelo empate, o que não deixa de se constituir numa façanha merecedora de registro.

São Paulo e Rio de Janeiro participam desta nova etapa com mais de cinquenta por cento dos disputantes, pois, os dois somam a metade mais um, dentre os que continuam presentes à competição, sendo que os paulistas são cinco e os cariocas quatro. Os outros sete, representam igual número de Estados.

Além do natural interesse pela conquista de uma melhor posição, os integrantes deste certame têm as suas vistas voltadas para o lado financeiro e, neste aspecto, Esporte Clube do Recife e Bahia estão situados numa boa posição, pois, jogarão contra Flamengo e Coríntias, respectivamente, e é indubitável que são quatro clubes considerados de massa. Os quatro encontros, que eles irão realizar, deverão registrar grandes arrecadações, principalmente, porque todos os jogos serão importantes, não havendo aquele negócio de que a classificação venha ser obtida por antecipação.

Pelo fato de ter chegado em primeiro lugar, à frente do próprio Flamengo, o atual campeão mundial de clubes, o rubro-negro de Pernambuco vai jogar pelo empate, atuando a segunda vez em casa, o que não deixa de ser uma vantagem. Joga na casa do adversário, cuida um pouco mais da defesa e, se não perder, já tem a vantagem ampliada, relativamente.

Quando começaram a despontar os clubes que passariam para a fase que vai ser iniciada neste fim de semana, as agências de notícias “do lado de lá”, tiveram o cuidado de, em alguns grupos, apontar esta ou aquela agremiação como companheira daquela que estava virtualmente classificada, e não tiveram dúvida em mostrar que o grupo “Z” seria formado por Fluminense e Ponte Preta. E se assim pensaram é porque não acreditavam que os comandados de Caiçara pudessem chegar em Campinas e dobrar a Ponte, todavia, a moçada “terra de Iracema” mudou os planos de muita gente e acabou arrancando um triunfo sensacional.

Quando se observa tal situação, a gente percebe que o paraibano, principalmente aquele que torce pelo Botafogo, tem um motivo para ficar contente com a posição desfrutada pelo Ceará, pois ali estão Caiçara, Nicássio, Magno e Getúlio, gente que por aqui passou e deu inúmeras alegrias aos adeptos do clube da estrela vermelha.

Agora vamos esperar o andamento da Copa de Ouro, numa fase em que oito ficarão de fora e igual quantidade permanecerá, ganhando dinheiro e mantendo acesa a esperança de chegar ao título máximo. E dentre estes que aí estão, figuram ganhadores de títulos anteriores e, portanto, com experiência suficiente para esta nova “guerra”, onde muitos lutam, mas somente um acaba sendo laureado.

●●●●●●●●

O Guarabira continua movimentando o seu futebol, enquanto a FPF e os demais clubes resolvem o problema do campeonato. Hoje o “Guará” vai atuar em Currais Novos, contra o Potiguar, pois, o jogo que estava acertado com o ABC de Natal, foi adiado, por motivo superior para o próximo dia 11 de abril.

Antes de jogar com os natalenses, a equipe da “capital do Brejo” enfrentará o Cruzeiro de Sapé (dia 04 de abril), estando acertado um outro amistoso para o dia 18 do próximo mês, contra o mesmo Potiguar de Currais Novos, no Silvio Porto.

●●●●●●●●

Os dirigentes do Botafogo estão estudando uma fórmula para resolver os seus problemas financeiros e, dentro de mais alguns dias, a solução, isto é, o plano estará sendo anunciado.

Por falar em Botafogo, os seus dirigentes não estão concordando com aqueles que insistem em ficar lembrando os “lances” da briga da administração anterior com a FPF, havendo até alguns que estão dispostos a fazer apelos diretamente aos que assim estão procedendo.

Botafogo joga amistoso hoje contra Jet Club de Timbaúba



Zito, firme na zaga tricolor, hoje, no amistoso contra o Jet de Timbaúba

Juracy ameaçado de perder seus aliados na eleição 82

A situação de Juracy Pedro Gomes, atual presidente da Federação Paraibana de Futebol, está ameaçada com relação a sua tentativa de reeleger-se na eleição de dezembro, em função do clima de animosidade que ele conseguiu entre os clubes. Após os problemas criados com o Botafogo, Juracy perdeu outro aliado, o Auto Esporte. E vem perdendo também a liderança entre a maioria dos clubes amadores.

Na última quarta-feira, o Diretor de Patrimônio do Auto Esporte, Pedro Martins, saiu revoltado da Federação, após Juracy fazê-lo esperar quase uma hora. “Diga que estou conversando com um representante do Campinense e não posso recebê-lo agora” - ordenou ao seu secretário. Revoltado, Pedro Martins saiu e disse que não tinha tempo a perder.

Fontes da própria Federação, disseram que os dirigentes dos clubes amadores - embora venham recebendo materiais esportivos - não estão satisfeitos com o dirigente. Diante disso, os especialistas acreditam que dificilmente ele será reeleito, já que os clubes, não apenas de João Pessoa, mas de Campina Grande, afora o Campinense, que está do seu lado, vão fazer um movimento para derrotá-lo.

Esporte ainda vê chances de disputar o campeonato

O Esporte de Patos, através dos dirigentes estão aguardando com ansiedade a resposta com relação ao pleito de voltar a disputar o Campeonato Paraibano, já que o clube estava cumprindo uma suspensão imposta pela FPF e não vê motivos

para não poder retornar ao certame, embora tenha havido modificações nas Leis que regem as competições oficiais, promovidas pelas Federações.

Toda a documentação organizada pelo Esporte foi enviada pelo presidente Ju-

racy Pedro Gomes, da FPF, à Confederação Brasileira de Futebol, que vai julgar o pedido e dar o seu parecer final. Em Patos, todos acreditam que o Esporte voltará, o que acontecendo, servirá para devolver à cidade, o grande clássico local.

Acep se reúne amanhã para discutir o Torneio Início

O presidente da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba, Marciano Soares, confirmou para amanhã, às 16 horas, uma reunião com o presidente Juracy Pedro Gomes, da Federação Paraibana de Futebol, na qual serão discutidos os detalhes com relação a promoção do Torneio Início, que poderá ser realizado no final de abril, caso o

Campeonato seja antecipado para maio.

Marciano não quis opinar sobre a antecipação do Campeonato Estadual, ressaltando que a decisão vai depender dos próprios clubes, já que a Federação enviou ofício a cada um deles pedindo a opinião sobre a antecipação do Certame.

- Não quero me precipitar para não dizerem que a Acep tomou partido - ob-

servou Marciano. - De acordo com as respostas dos clubes, a FPF convocará o Conselho Arbitral, que naturalmente tomará a decisão mais viável. A Acep, por enquanto vai discutir os detalhes do Torneio Início, já que será disputado em João Pessoa e nossa preocupação é fazer uma festa que agrade a torcida, aos clubes e as nossas entidade.

Yustrich impõe normas que revoltam time do Cruzeiro

Belo Horizonte - Nas normas disciplinares que vem baixando nos últimos dias, no Cruzeiro, o técnico Yustrich acrescentou, mais um item: nenhum jogador poderá fumar nas dependências do clube. Imediatamente, o goleiro Luis Antonio reagiu, alegando que fuma desde os 18 anos e que nunca sentiu-se mal. Yustrich não levou em consideração a justificativa e expulsou o goleiro da reunião da qual participavam todos os jogadores. Luis Antonio ainda tentou apelar:

- Você imagine eu estar com minha mulher em um supermercado, por exemplo, e aí aparece o Yustrich. Eu vou ter que me esconder ou

então, diante de minha mulher, ouvir a exigência para que jogasse o cigarro fora. Sou franco, honesto, não aceito este tipo de situação e, felizmente, ele parece que já entendeu, depois de uma conversa particular, depois da reunião.



Nelinho

Mas Yustrich não ficou nisso e enriqueceu o seu catálogo disciplinar limitando o horário do trabalho da imprensa. Os repórteres estão avisados que só poderão trabalhar no intervalo entre o treinamento da parte da manhã e da tarde.

- Eles estão avisados e tenho certeza de que terão um procedimento coerente com a vida de um atleta. Relação aos incidentes com Luis Antonio e Toby, que no Rio deixaram a concentração, já está tudo superado. Yustrich falou ainda que Nelinho é um jogador fora dos seus planos e que o problema agora é exclusivamente da diretoria.

O Botafogo cumpre hoje à tarde, em Timbaúba, mais um amistoso da série que vem realizando desde o início da temporada, enfrentando a representação do Jet Club, num encontro que está sendo aguardado com grande expectativa pelos torcedores locais, que prometem proporcionar um recorde de arrecadação, já que o clube paraibano se constitui numa atração.

O treinador Pompéia gostou do rendimento da equipe durante os treinamentos da semana, e mesmo sem poder contar com o quarto-zagueiro Deca, o último jogador do grande

até o ano de 80, acredita que o time poderá realizar uma boa exibição e sair de Timbaúba com a vitória.

No lugar de Deca será escalado Zecão, que aos poucos está recuperando a sua forma física, já que chegou ao Botafogo, há mais de um mês, com excesso de peso. O ponta Esquerdinha, que não agradou na sua estreia, terá nova oportunidade para mostrar seu futebol.

Sua contratação ainda não foi definida, o que vai depender do seu rendimento.

O Botafogo vai jogar com Carlos, Zito, Zecão, Marcos e Da Costa; Enéias, Edmo e Chocolate, Lala, Moisés e Esquerdinha.

Auto enfrenta Guarany de Juazeiro no seu 1º jogo fora do Estado

O Auto Esporte realiza hoje, em Juazeiro do Norte, contra o Guarany, o seu primeiro amistoso do ano, disputado fora do Estado, o que, para seus dirigentes, será uma boa maneira para o treinador Evilásio Fissory fazer um balanço do seu trabalho. Dependendo deste jogo, o Auto poderá permanecer no interior do Ceará até quinta-feira, para disputar mais dois jogos.

Essa possibilidade será discutida logo após o jogo desta tarde, quando o chefe da delegação, Pedro Martins, conversará com os dirigentes do Icasa e de outro clube, de Iguatú. Para o jogo de hoje, Fissory vai

contar com a força máxima da equipe, embora não disponha de um centro-avante, sendo forçado a deslocar o meio-campo Ramos para a posição.

A propósito do interesse do Nacional de Patos, pela dupla Nascimento e Da Silva, por solicitação do técnico Zé Lima, o diretor Pedro Martins disse que o Auto não vai se desfazer dos seus melhores jogadores de defesa, justo quando se aproxima o Campeonato Estadual. O Auto vai jogar com Valdemar, Edvaldo Moraes, Nascimento, Da Silva e Edilson; Vavá, Pedrinho e Neto; Alberto, Ramos e Serginho.



Valdemar, presença garantida no gol do Auto

Naça decide contra o Santa Cruz título do Torneio Incentivo

O Nacional de Patos poderá conquistar hoje o penta-campeonato do Torneio Incentivo, promovido pela Federação Paraibana de Futebol, caso derrote o Santa Cruz de Santa Rita, em jogo previsto para esta tarde, no Estádio Teixeira. Aliás, um simples empate dará o título ao alvi-verde sertanejo. Em caso de derrota, será realizada uma partida extra com o Auto Esporte, que é o vice-líder da competição.

O treinador Zé Lima ficou satisfeito com o rendimento da equipe nos treinos realizados durante a semana e acredita que tem condições de vencer o Santa

Cruz, sobretudo que individualmente leva vantagem sobre o adversário.

Embora tenham comentado que Zé Lima está ameaçado de perder o cargo caso não conquiste o título, o treinador nacionalino disse que está tranquilo, considerando que o tempo em que está à frente do time é pouco para se fazer um balanço do seu trabalho, considerando que a equipe está bem e tem condições de render ainda mais no Campeonato.

O Nacional vai jogar com Índio, Mendes, Jaime, Teomar e Bau; Clóvis, Silva e Messias, Dadá, Carlos Brasília e Vandinho.



Messias, o maestro do Nacional

Burity visita a exposição de Bronzeado

O governador Tarcísio Burity, acompanhado da primeira dama Glauce Burity, e do secretário geral da Seplan, Flávio Pécora, visitou sexta-feira, à noite, a mostra fotográfica “Engenhos e Senzalas, do artista paraibano, Luiz Antonio Bronzeado, na galeria do Núcleo de Artes Contemporâneas.

O Chefe do Executivo fez questão de observar todas as fotografias da exposição, sempre elogiando o trabalho do artista Luiz Bronzeado. Ainda estava presente o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre.

O governador acompanhado de dona Glauce, ainda, visitou o teatro Lima Penante, quando foi recebido pelo seu diretor Fernando Teixeira. Na oportunidade estava se apresentando o pastoril Balança Coreto, de Olin-da.

A mostra recebe o patrocínio do Governo do Estado e Universidade Federal da Paraíba. Estiveram presentes ao Núcleo de Artes Contemporâneas o reitor da UFPb, Berilo Borba, secretário Geraldo Medeiros, do Planejamento, Aécio Vilar de Aquino, do Tribunal de Contas, além de outras autoridades que prestigiaram a mostra de Luiz Antonio Bronzeado.

Prazo para a Nota Quente até 4ª feira

Termina na próxima quarta-feira, 31, o prazo para depósito de documentos fiscais (notas fiscais e cupons de máquinas registradoras) que concorrerão aos 61 grandes prêmios do sorteio de 10 de abril da *Nota Quente*, a sorte da gente, inclusive as duas passagens de ida e volta à Copa do Mundo da Espanha, com todas as despesas pagas, numa permanência de 16 dias na Europa.

O movimento de depósito de envelopes contendo documentos fiscais tem aumentado significativamente nessas duas últimas semanas, em decorrência da aproximação do prazo final. “A tendência natural é de que o movimento continue a aumentar gradativamente até a quarta-feira que vem, a exemplo dos sorteios anteriores”, afirmou ontem o Secretário das Finanças, Milton de Sousa Venâncio.

Para concorrer aos prêmios da campanha, os consumidores deverão colocar três ou mais notas fiscais ou cupons de máquinas registradoras em cada envelope (distribuído gratuitamente pela Secretaria das Finanças), cujo valor somado seja igual ou superior a um mil cruzeiros. Só valerão notas, cupons, para efeito de premiação, expedidas por estabelecimentos comerciais da Paraíba a partir do dia 1º de dezembro do ano passado.

IBDF abre a Semana da Árvore

O Delegado do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, na Paraíba, Luiz Freire de Menezes, fará amanhã, às 8,30 horas, a abertura da Semana da Árvore, a convite da Secretaria da Educação.

A solenidade está marcada para a própria sede do IBDF, na avenida Pedro II, com a participação de autoridades e representações estudantis. A promoção começará com o Hasteamento da Bandeira e canto do Hino Nacional. Em seguida haverá a realização do II Concurso de Desenho Infantil ao Ar Livre, ainda na Delegacia do IBDF. Durante a semana o programa prevê plantio de árvores nas escolas, distribuição de mudas nos bairros e em postos fixos no Parque Solon de Lucena, Praça da Independência e Escola Técnica, palestras e recreação.

Estão engajados na promoção da Semana da Árvore, além do IBDF e Secretaria da Educação, a Emater, União dos Escoteiros, Projeto Rondon, Associação dos Engenheiros Agrônomos, Dema, I Grupamento, Escola Técnica, Secretarias de Serviços Urbanos e Turismo da Prefeitura.

Dallari fará palestra em João Pessoa

“O Direito Justo” será o tema da conferência que o jurista Dalmo de Abreu Dallari fará na abertura do V Curso de Especialização em Direito. A conferência será realizada amanhã, e o jurista chegará a João Pessoa ainda hoje.

O V Curso de Especialização em Direito será desenvolvido na antiga Faculdade de Direito, situada em frente à praça João Pessoa, sendo promovido pela Universidade Federal da Paraíba, através do Centro de Ciências Sociais Aplicadas. As inscrições poderão ser feitas ainda amanhã, naquela faculdade.



O Governador Tarcísio Burity e Dona Glauce Burity na mostra Engenhos e Senzalas

Estado intensifica plano para a industrialização

A Secretaria de Indústria e Comércio do Estado, dentro do seu Programa de Desenvolvimento Agroindustrial para 82, criará possivelmente ainda este ano três agroindústrias cooperativas, para a industrialização da banana e do tomate nas zonas das lavouras irrigadas.

Ainda no setor de Agroindústria, o secretário Marcos Baracuhy fará a arregimentação de empresários e ainda irá oferecer-lhes apoio técnico na instação de 42 pequenas indústrias para o desenvolvimento de matérias-primas, ampliação do aproveitamento do abacaxi, da graviola, da goiaba, da pinha - e dará ainda assistência empresarial para implantação, modernização e ampliação de agroindústria em 36 municípios.

Segundo técnicos daquela Secretaria, existem no Estado matérias-primas com potencialidade para o seu aproveitamento industrial, até então inaproveitados, a exemplo do sisal, o algodão, os frutos tropicais, os produtos indus-

trializados das lavouras irrigadas, etc.

- Por esse motivo - adiantaram as fontes - é que o secretário Marcos Baracuhy está no firme propósito de acelerar as providências já referidas, inclusive conscientizando e motivando o empresário localizado no município produtor, dando-lhe assistência eficaz a nível de orientação e acompanhamento dos pleitos realizados ou de suas arregimentações para os investimentos.

O Programa de Desenvolvimento Agro-industrial para 82 prevê ainda a ampliação do parque têxtil algodoeiro, mediante a aplicação programada de estímulos governamentais à iniciativa privada; diversificação do uso industrial do sisal, através de um melhor aproveitamento da matéria-prima; aproveitamento industrial de frutos tropicais, visando a obtenção de sucos, néctas, passas, doces e geleias, além da dinamização dos projetos agroindustriais interiorizados nas zonas de concentração de lavouras irrigadas.

Convênio dá andamento à irrigação em Sousa

Foi definida esta semana, em reunião na Sudene, a continuidade do convênio Sudene/Dnocs e Embrapa, visando desenvolver pesquisas no perímetro irrigado de São Gonçalo, em Sousa, no manejo de água e solo, recuperação de solos salinos e testar culturas que se adaptem melhor a essas condições. O convênio teve início em 1976, durante reunião entre os órgãos acima citados.

Participaram da reunião em Recife, o diretor presidente da Emepa-Pb, agrônomo Abdon Miranda Junior, o coordenador de pesquisa, agrônomo Aresque Machado, e o assessor técnico administrativo da empresa paraibana, agrônomo Nilton Marinho. Da Sudene, participou Silvio Campelo, chefe do Departamento de Irrigação; do Dnocs o sr. Francisco Franco Pereira, diretor da Diretoria de Irrigação. Todos eles ficaram impressionados com os programas de pesquisas desenvolvidos pela Eme-

pa e asseguraram recursos suficientes para a continuidade dos trabalhos no decorrer deste ano.

Atualmente, segundo o diretor presidente da Emepa, no perímetro irrigado de São Gonçalo são desenvolvidas pesquisas com banana, arroz, tomate industrial e frutas tropicais. Vale ressaltar que esta programação naquele perímetro irrigado envolve as empresas de pesquisas Emparn, Rio Grande do Norte; Emepa-Pb; IPA - Pernambuco e a Epaba, da Bahia. A Emepa, graças a a continuidade dos trabalhos já desenvolvidos pelo CPATSA- Centro do Trópico Semi-Árido da Embrapa, em Petrolina, Perbambuco, encontra-se numa etapa avançada deste programa, haja visto que o responsável pela sua execução em São Gonçalo, pesquisador Aurelir Nobre Barreto foi convocado para ministrar cursos semelhantes em áreas irrigadas do Piauí.



A medida visa evitar tráfego de veículos pela contra-mão

Detran deverá reforçar sinalização nas praias

O Departamento Estradual de Trânsito e o Departamento de Engenharia daquele órgão deverão reforçar a sinalização vertical da orla marítima já a partir de amanhã, conforme determinação do diretor-superintendente Geraldo Navarro. A medida visa exclusivamente evitar o tráfego de automóveis pela contra-mão, o que vem causando uma série de acidentes constantemente naquele recanto balneário da cidade.

O fato ocorre todos os dias e se agrava nos fins de semana quando é maior o fluxo de automóveis na orla marítima com determinados motoristas não obedecendo a sinalização e causando acidentes, alguns, de grandes proporções com vítimas fatais.

Para que o problema seja solucionado, o titular do Detran determinou reforçar a sinalização vertical na orla marítima com o objetivo de evitar que profissionais do volante dirijam na contra-mão. A decisão do sr. Geraldo Navarro, em comum acordo com o Departamento de Engenharia do Detran começará a vigorar a partir de amanhã.

SINALIZAÇÃO

Enquanto isso, o diretor-superintendente do Detran em contato com a reportagem afirmou que dentro de mais alguns dias todas as ruas pavimentadas da orla marítima serão sinalizadas para disciplinar mais ainda o trânsito em todo o centro balneário e para que diminua o índice de acidentes.

Governador recebe título na 6ª feira

Sexta-feira próxima, pela manhã, durante concentração pública no centro da cidade, o governador Tarcísio Burity e a secretária Giselda Navarro, da Educação, recebem o título de Cidadãos de Catolé do Rocha, aprovado recentemente pela Câmara Municipal.

Burity parte de João Pessoa às 8,30 horas daquele dia, chegando a Catolé às 10,20. Nas duas horas seguintes participa da concentração pública e recebe a cidadania catoleense. O encontro será encerrado com um show do cantor e compositor Pinto do Acordeon.

Antes do almoço na residência do sr. Cidalino Almeida, Burity visita e inaugura o Hospital Distrital, Hotel Batik, construído pela Pb-Tur, e a cozinha industrial da Escola Agrotécnica da Secretaria da Educação. Às 14 horas, a professora Giselda Navarro fará a distribuição de módulos escolares.

Acompanham o governador Burity os deputados Wilson Braga, candidato a governador, o secretário da Saúde, Romildo Domingues, o deputado federal Marcondes Gadelha, o deputado estadual Francisco Pereira e o sr. Francisco Evangelista, ex-sub-chefe da Casa Civil e postulante à Assembléia Legislativa.

Princesa terá ampliação da rede d'água

O BNH aprovou financiamento para a ampliação do Sistema de Abastecimento d'Água da cidade de Princesa Isabel, segundo afirmou o ex-secretário da Saúde Aloysio Pereira Lima, baseando-se em informações fornecidas pelo Diretor Presidente da Cagepa Jael de Carvalho através de ofício enviado ao líder da região princesense.

O comunicado feito pelo dr. Aloysio Pereira veio acompanhado de telegrama enviado pelo gerente da Cosan, Irvando Mendonça Pires, com o seguinte teor: “Comunicamos V. Sa. aprovação em 16.03.82 financiamento destinado ampliação melhoria Sistema Abastecimento Água cidade Princesa Isabel”.

Com isto, o dr. Aloysio Pereira dá mais uma prova do seu prestígio junto aos altos escalões do Governo e do seu permanente interesse pelas coisas da sua região, sem prejuízo das suas atenções pelo Estado como um todo.

“Fui assim como secretário da saúde e continuarei sendo como candidato a deputado estadual”, acrescentou o dr. Aloysio Pereira.

Areia vai ganhar mais 50 terminais

A cidade de Areia, no Brejo paraibano, vai ter seu sistema telefônico acrescido de mais 50 terminais, a partir de maio, conforme plano de expansão da Telpa para 1982. Atualmente aquela cidade conta com 150 terminais e que somados aos novos que serão implantados, disporá de 200 linhas à disposição dos usuários.

Segundo técnicos da Telpa, o sistema telefônico da cidade de Guarabira terá DDD ainda neste semestre. No momento, a central telefônica ali existente, conta com 600 terminais fazendo DDD regional, “servindo somente à Paraíba”. Com este novo serviço que será posto em operação possivelmente em maio próximo, todos poderão utilizar o sistema para qualquer cidade brasileira que já disponha dessa facilidade.

Enquanto isto, prosseguem em ritmo acelerado os trabalhos de implantação do novo sistema telefônico, com disponibilidade inicial de mil e seiscentos terminais, cujos trabalhos deverão estar concluídos até o início do próximo ano. Os investimentos em aplicação no projeto de Guarabira, ao final de sua implantação, deverão aproximar-se dos Cr\$ 500 milhões.

Pesquisa revela que no Estado existe 1 médico para quase 3 mil pessoas

Na Paraíba, existe apenas 1 médico para cada 2.795 habitantes, 1 dentista para cada 6.000, 1 enfermeiro para 14.320 e 1 leito para 370 pessoas. Os números fazem parte de um documento elaborado por uma equipe de alunos do Curso de Saúde Pública da Universidade Federal da Paraíba referente ao *Diagnóstico de Saúde do Estado*.

Numa demonstração comparativa com outros países, o documento mostra os seguintes números: em Israel há 1 médico para cada 420 habitantes; na Argentina, 1 para 620; nos Estados Unidos, cada médico serve a 650 habitantes; na África do Sul, 1 para 1.500; no Brasil de um modo geral, há apenas um médico para 1.962 pessoas, sendo, portanto, índice menor que o da Paraíba.

Já numa comparação com o setor odontológico, que na Paraíba é de 6.000 pessoas para cada dentista o *Diagnóstico* mostra que na República Federativa Alemã 566 habitantes são atendidos por um odontólogo, enquanto nos Estados Unidos 1 dentista serve a 1.919 habitantes, e no Brasil a 3.597.

RECURSOS HUMANOS

Segundo a pesquisa, dentre os recursos humanos das várias instituições de saúde, nota-se uma concentração de profissionais de nível superior, na Secretaria de Saúde, com 51,0%, onde os mesmos encontram-se distribuídos em sua maioria nos grandes centros urbanos (João Pessoa e Campina Grande); e o Inamps, com 53,4%, caracterizando o serviço ambulatorial prestado por esta instituição.

A pesquisa alerta quanto ao atendimento do Inamps que, através das ex-entidades responsáveis como o INPS, Ipase e Funrural, vem se procedendo de modo regular, contudo, “convém ressaltar que, ainda é no campo que vive a maior parte da população paraibana que não tem acesso a estes ser-

Falta controle à tuberculose

Constituindo um grave problema de saúde pública, a tuberculose ainda não é controlada na nossa população e, apesar dos avanços na luta contra a mesma, sua incidência é bastante elevada. A afirmação está contida também no *Diagnóstico de Saúde do Estado*.

O Programa Estadual de Tuberculose, segundo orientação da Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária - DNPS -, tem como principais objetivos a redução da morbidade, da mortalidade e a solução dos problemas sócio-econômicos através do uso apropriado de conhecimentos técnicos e científicos e de recursos disponíveis e mobilizáveis. Através da padronização de medidas simplificadas e eficazes de prevenção, diagnóstico e tratamento, preconizados pelo DNPS, permite-se a sua execução através de pessoal polivalente, recrutado e treinado a nível das unidades sanitárias, nas quais o Programa funciona integrado às demais atividades da Unidade.

Contudo, diz o *Diagnóstico*, “a carência de recursos financeiros, aliada ao atraso do recebimento

Laboratórios são implantados

Com o intuito de prestar serviços à vigilância sanitária e epidemiológica, foi implantada isoladamente na Paraíba uma rede de laboratórios de Saúde Pública, que paralelamente com as demais estruturas de Saúde da Secretaria, como Núcleos Regionais, Centros de Saúde, Rede Hospitalar e alguns outros programas, visam o atendimento e a melhoria da saúde pública.

Segundo o *Diagnóstico de Saúde do Estado*, apesar de relativamente bem equipados e funcionando com pessoal treinado em centros bem referenciados como o Laboratório de Saúde Pública Adolfo Lutz, em São Paulo, os laboratórios integrantes da rede laboratorial supra mencionado não vêm desempenhando a contento a sua finalidade, que é de realizar todos os

viços; e as consultas realizadas pelo ex-Funrural representam menos de um terço do atendimento médico total. Por outro lado, vale salientar que as condições desses atendimentos são precárias, tanto quantitativa como qualitativamente, uma vez que os beneficiários têm que se sujeitar a enfrentar enormes filas para a triagem e encaminhamento aos especialistas de saúde, para não falar dos prazos de atendimento muito esparsos a que estão sujeitos os pacientes”.

Numa pesquisa de 122 páginas, tendo como fontes a Secretaria de Saúde do Estado, Fundação Instituto do Estado da Paraíba, Núcleo de Promoção e Exportação do Estado, Sudene e IBGE, o *Diagnóstico de Saúde* faz um amplo levantamento da situação atual da população paraibana com relação a saúde e suas implicações, os motivos deste quadro e conclusões.

“E a saúde - o setor mais rico de indicadores da situação da Paraíba. Os coeficientes de mortalidade infantil, a incidência de doenças transmissíveis, alta participação destas no obituario, a elevada presença de doenças carenciais estão a revelar o panorama sombrio da nossa população”, diz o *Diagnóstico*.

Concluindo, os pesquisadores afirmam que “resta da análise global deste trabalho, ocupar o espaço destinado ao setor saúde, oferecendo às populações do Estado, dentro de um esquema racional de prestação de serviços, uma cobertura efetiva e permanente. Paralelamente deve influir junto aos demais setores para que seus programas possam considerar saúde como um aspecto necessário e inerredável, e que mereça atenção eficaz. Os indicadores apresentados não devem apenas retratar uma realidade condenável, mas sugerir um posicionamento capaz de modificá-la e transformá-la à altura da massa expectativa”.

de material permanente (microscópio), dificultou o bom desempenho das atividades de controle da tuberculose, como também a evasão de pessoal treinado e a ausência de supervisão tanto do nível central para o regional, como deste último para o local. Daí a referida programação não ter alcançado as metas esperadas”.

Uma tabela elaborada pelo *Diagnóstico de Saúde do Estado*, mostra o desempenho do Programa em 1979, tendo como fonte a Secretaria de Saúde do Estado. A vacina BCG. ID tinha meta prevista de 201.295 pessoas, atingindo apenas 117.330, sendo 58,2 por cento da previsão; descoberto o controle da tuberculose tinha uma meta prevista de 26.965, atingindo apenas 53,8% (14.519); as metas previstas de cura eram de 1.182, atingindo 618, sendo 52,3%; os comunicantes examinados seriam de 7.682, ficando em 1.934, o que representa uma meta realizada de 25,1 por cento; já os tratamentos iniciados seriam de 2.378, ficando em 1.195, representando 50,2 por cento do previsto.

Laboratórios são implantados

exames que se relacionem com a saúde pública, limitando-se à realização de exames parasitológicos e sumário. “Sente-se que não está havendo uma articulação satisfatória entre a estrutura montada para a realização de exames laboratoriais e a demanda de exames oriundos dos serviços de saúde (exames clínicos, vigilância epidemiológica), bem como atuação em doenças endêmicas no Estado”.

A pesquisa elaborada por estudantes do Curso de Saúde Pública revela que a rede de laboratórios de saúde pública cede às pressões de demanda de análise clínica, uma vez que o número e a localização dos seus laboratórios são muito disparados em comparação ao número de Centros de Saúde e os serviços expedidos por estes.

Astrólogo pernambucano dará curso na Capital

O astrólogo prifissional Eduardo Maia, de Recife, ministrará no período de 19 a 25 de abril o curso de Iniciação à Astrologia, que será realizado no Centro de Cultura Anglo Americana-CCAA, na rua Pedro II, 551. As inscrições já estão sendo realizadas na Visual Galeria de Artes, na loja 12 do Hotel Tambau, ao preço único de Cr\$ 3 mil.

O curso será desenvolvido com duas turmas, sendo uma das 14 às 16h30m e outra das 19 às 21h30m, Eduardo Maia é representante, no Nordeste, da Escola Júpiter, de São Paulo, e da SARJ (Sociedade de Astrologia do Rio de Janeiro). Eduardo já promoveu cursos em Natal, Recife e Macaé e ainda trabalha com teatro, super-8 e vídeo arte, realizando roteiro, texto e direção, com temas voltadas para iniciação em astrologia, destinados principalmente para crianças.

Na abertura do curso, Eduardo fará a leitura com interpretação dramática e cômica da Célebre Alegoria “O Cometa e a Estrela”, de Eliphas Levi. No decorrer do curso ele fará conferências sobre os seguin-

tes temas: Histórias e Estórias da Astrologia; a Fantasia; o mito e a lenda na astrologia; Astlogôgenesis: origem e essência; A Técnica; os signos, os planetas, as casas, os aspectos e a Interpretação; um desafio ao nosso poder criador.

No encerramento será dada uma aula prática do Céu, com observações de constelações, planetas e outros menos identificáveis e mesmos não-identificáveis. Além disso, dará ainda aula de Ioga Celeste, com atividade livre de integração com o cosmos.

Eduardo Maia explicou que há um crescimento de interesse muito grande de pessoas em relação a astrologia, já que elas estão muito desgastadas pelo real. “O Real lhes fornece uma estrutura de vida cinzenta, estreita e sempre monótona. É sintomático também que o fato de que a humanidade está saindo do Real em direção ao irreal, do concreto ao abstrato, do visível ao invisível, e seria preciso relembrar que a astrologia não é um modismo de época, mas sim umas ramificações da ciência tradicional”, tiisse.

D. JOSÉ MARIA PIRES

“Estou mais livre para defender os direitos dos que sofrem”

Foram duas horas de entrevista, em seu gabinete de trabalho, no Palácio do Carmo. Teria sido mais, se houvesse espaço e tempo. O Arcebispo de João Pessoa, Dom José Maria Pires, revelou seu domínio absoluto no trato não somente das coisas da Igreja, que aqui dirige, mas de toda a atualidade e realidade com as quais os bispos e padres católicos estão sempre se relacionando, em nome do Evangelho, da palavra de Deus. Assim, com fluência e profundidade de raciocínio, D. José abordou assuntos diferentes entre si, como a questão da infalibilidade do Papa posta em questionamento pelo teólogo Hans Kung e a atuação de escolas como a Ordem Rosacruz e a Sociedade Teosófica. É uma entrevista que enriquece o debate dos dias de hoje. (CAA).

• Dom José, estaria havendo uma modificação na linha de ação social da Igreja? Isso, por conta das últimas posições do Papa João Paulo II, em relação às atividades políticas dos padres, aos jesuítas e ao teólogo Hans Kung?

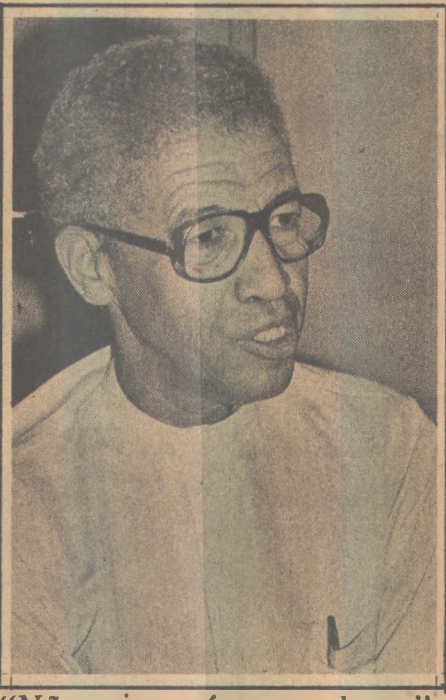
□ - A minha opinião é de que se está dando a esses atos da Santa Sé uma dimensão que eles não têm. Talvez a colocação exata deles, ajudemos a lhes dar o sentido exato. O mais discutido foi esse relativo à política e à sindicalização por parte dos padres. O documento não é diretamente do Papa. É de uma das congregações formadas. Congregações funcionam assim como Ministérios, e há uma congregação denominada Congregação Para o Clero, como há uma para os bispos, para os religiosos e outra para evangelização, etc. E, num documento bastante recente - de 8 de março -, e que foi visto pelo Papa, e aprovado por ele para divulgação, essa Congregação recomenda duas coisas que são antigas na Igreja: primeiro, padre não pode organizar uma espécie de partido político, uma associação política; segundo, padre não pode formar um sindicato, porque a relação entre os padres e os bispos não é como uma relação entre empregado e patrão, mas é uma relação de cooperação, de colaboração. A ordem dos padres é colaboradora da ordem dos bispos. Então, não tem cabimento os padres se reunirem para formar um partido político, porque está fora da função deles; como não tem cabimento os padres quererem formar um sindicato. Daí se extrapolou e começou-se a dizer que padre não pode entrar na política, pertencer a partido político, e nem ter atuação sindical. Veja que a coisa é bastante diferente. A recomendação é antiga, e apenas é reforçada atualmente, porque há rumores - não no Brasil, mas sobretudo na Europa - de tentativa de organização de padres, quase como se fosse um grupo que quer fazer reivindicações, ou perante a Igreja, ou perante a sociedade civil, ou perante os seus bispos. Ora, não é esse o espírito da Igreja. Quanto à política, a Igreja sempre atuou na política; todas as ações da Igreja têm uma dimensão política. Se ela se coloca do lado do pobre, a gente está fazendo política. Não a política partidária, mas a política do pobre. Se ela cruza os braços, ela está fazendo a política dos braços cruzados, e se ela se coloca do lado do poder, está fazendo a política dos poderosos. Não há possibilidade de uma organização como a Igreja existir no mundo sem que ela tenha uma atuação política. Por outra parte, o que o Papa sempre recomendou para os padres é que a atividade específica do padre não é na política. O lugar dele, portanto, não é na política partidária; o que não significa, porém, uma proibição absoluta. O próprio Direito Canônico supõe que, quando se trata de um padre que quer se candidatar a cargos eletivos, se é para o Legislativo, basta a licença do seu bispo; se se trata do Executivo - candidato a prefeito, a governador -, além do consentimento do Bispo, supõe-se o consentimento da Congregação Para o Clero. Então, são exceções, é claro, mas não há proibição nem mesmo de que o padre milite na política partidária. Entre nós acontece que, quando o padre faz a sua opção, exigimos dele que deixe os cargos pastorais que exerce. Por exemplo: se é vigário, mesmo que dentro da licença que for dada a ele, não convém que permaneça na paróquia, porque a paróquia não é um partido único; e, se ele fez uma opção por um partido é de se supor que ele vai lutar por aquele partido. Então, pelo menos no período eleitoral, ele deve deixar os cargos que ocupa, a não ser se for um cargo que nada tem a ver com a política. Por exemplo: administrador dos bens de uma congregação, uma diocese, etc. Com relação aos sindicatos, está provado que ele deve apoiar a sindicalização. Os padres não vão entrar para um sindicato a não ser que ele pertença àquela classe. Se um padre é professor, ele será do Sindicato dos Professores; quando fui professor num colégio particular, e diretor em outro colégio, pertenci a um sindicato de professores. Se ele exerce uma outra função, digamos, sociólogo ou psicólogo, e tem o sindicato daquela classe, ele como profissional, deve pertencer ao sindicato daquela classe. O que não há, e não deve haver, é um sindicato de padre. Mas, por outra parte, a Igreja apoia a sindicalização, e o exemplo mais importante que nós temos é a do próprio Papa apoiando o Sindicato Solidariadade, na Polónia. Apoia de uma maneira clara, e ao mesmo tempo tão bonita, a um sindicato alternativo, unido e autônomo como nós nem temos no Brasil, onde o Sindicato depende do Ministério do Trabalho. Pois bem, nós lutamos por um sindicato livre. O segundo, com relação aos jesuítas, acredito que também estão ultrapassando os limites do que os documentos permitem. Todos sabem que o padre Arrupe, que era o preposto geral - superior geral - da Com-

panhia de Jesus, que é um homem espetacular, teve um problema cardiovascular, e ficou impossibilitado de exercer as suas funções. Aqui, haveria dois caminhos, como há na Diocese. Se vaga uma Diocese, há dois caminhos. Vagou a de Campina Grande, o clero de lá se reuniu, os consultores diocesanos fizeram uma eleição e escolheram o monsenhor Genival Saraiva para assumir a Diocese, até que viesse o novo bispo. Vagou a Diocese de Baijé, no Rio Grande do Sul, porque o bispo adoeceu. Santa Sé nomeou um administrador apostólico. Há dois caminhos, então. No caso dos Jesuítas, a Santa Sé interviu e escolheu o padre Dezza como o representante do papa, até a nova eleição; e a coisa continua. Houve uma reunião, depois, sob a direção do interventor. Agora, sempre nessas reuniões, é preciso tratar dos assuntos mais atuais que está vivendo a Companhia de Jesus, que é a maior congregação religiosa existente na Igreja, com cerca de 26 mil sacerdotes, superando todas as outras, e abrangendo um maior número de países e continentes. Então, é claro que a posição dos jesuítas na América Central não pode ser igual à que eles assumem aqui no Brasil; e a posição deles no Brasil, não pode ser a mesma assumida na Europa, Espanha, Roma, França, etc. Então surgem estas divergências que são naturais, como ocorre nas nossas assembleias, quando os bispos do Sul não podem ter a mesma visão dos bispos do Nordeste, que estão entrando no quarto ano de um período de seca. E aí se sente que a Companhia de Jesus na América Latina, especialmente na América Central, está muito mais voltada para o social. Até onde ela, nessa volta para o social, está ultrapassando os limites? Isto é, dando preferência ao social, sobre o religioso e espiritual? É isso que se debate. E aí, é claro, que as opiniões se divergem, e é possível que haja exigências para a unidade que não satisfaça aos diversos grupos. Mas, o que acontece é que, mesmo você não estando satisfeito, você sente que é necessário caminhar com os outros. Então, temos que modificar os passos que damos, não porque achamos que estão errados, mas porque nós devemos caminhar na unidade e, sobretudo, na submissão ao Papa. O jesuíta faz um compromisso sério de estar à disposição da Santa Sé. Que há divergências, há. Mas, que nessas divergências haja ruptura, absolutamente não. Me parece que nem da parte da Companhia de Jesus está havendo uma resistência, nem da parte do Papa uma mudança de orientação da Igreja, mas uma avaliação dos acontecimentos que nós vivemos. O problema do Kung, ao qual está de certo modo ligado, também ao de Leonardo Boff, e de outros teólogos, é um problema bastante sério na igreja. Os teólogos ajudam muito na elucidação das verdades, na atualização da comunicação. Isto é, a verdade não se modifica. Mas, como apresentar, hoje, estas verdades, do mesmo modo como foram apresentadas no ano 300, no século XII, no século XVIII? Ou tem que haver uma formulação diferente, não só de acordo com o progresso da ciência, mas também de acordo com a mentalidade e o estímulo de hoje? É um ponto um tanto difícil que os teólogos vão pesquisando, se assessorando inclusive com as ciências sociais - os dados da Economia, da Sociologia; por outro lado, das Ciências Naturais, a Biologia, Psicologia, etc. - e eles sentem que certas formulações antigas não resistem hoje a uma análise crítica. Então, não é que a verdade mudou, mas a sua formulação. Para que ela seja aceita hoje, por um homem de ciências como por um outro de conhecimentos gerais, essa formulação tem que ser adaptada. Mas, por outra parte, a repetição teológica vai caminhando, e aqui se cria uma espécie de descompasso. O teólogo está muito longe nas suas reflexões, e às vezes ele apresenta já como verdade aquilo que está só na reflexão. Que ele publique em livros, discuta isto no ambiente de teólogos, está muito bem. Mas, quando hoje, através dos meios de comunicação, isto vai para o povo, então ocorre que muitas coisas causam estranheza e desorientam. Discutir um aspecto, por exemplo, da infalibilidade da Igreja ou do Papa, discutir isso em termos de teólogos, que significa mesmo? Quando é que o Papa e a Igreja são infalíveis? E dizer: bem não se trata propriamente de infalibilidade, mas de fidelidade e infidelidade. Isto é, a igreja está sendo fiel ao projeto de Jesus Cristo, o que não significa que neste mesmo ponto em que ela está sendo fiel, ela é infalível. Então uma coisa é discutir estes pontos num ambiente de teólogos, e outra coisa é jogar isto em livros e se começar a circular, circular, e criar uma idéia errada de que não exista a infalibilidade. Então, quando os teólogos começam a ser vulgarizados, traduzidos na linguagem popular, eles estão traduzindo não a doutrina da igreja, mas a reflexão deles sobre essa doutrina. Aí é preciso

• Entrevista a Carlos Antônio Aranha, Walter Galvão e Wellington Farias
• Fotos de Gustavo Moura

que a Santa Sé acompanhe e diga: espere aí, vamos devagar. Se você escreve esses livros para ficar num círculo restrito, expõe essas teses num seminário de teólogos é uma coisa, mas se coloca isto nas mãos de todos para que os padres, agentes pastorais, religiosos comecem a divulgar como um catecismo, claro que isso vai provocar uma confusão muito grande. No caso do Boff, ele tem tido uma submissão muito grande, diz que há outras coisas para fazer importantes, no meio do povo, refletir com o povo teologia. Hans Kung vive num outro ambiente, que não é pastoral. Para ele é muito mais difícil submeter-se numa situação como essa. Daí esse problema que vem se arrastando há muitos anos, e um diálogo difícil, mas que até agora não se concluiu com bons resultados, entre a Sagrada Congregação para a Doutrina da Sé e Hans Kung.

• O Papa João Paulo II vem sendo acusado de privilegiar a Polónia, com um notável apoio, considerado até demasiado, a política polonesa, e foi criticado pelos salvadorenses que também se consideram filhos de Deus e gostariam de mais atenção por parte do Pontífice. O Papa, assim dariq bastante apoio ao Lech Walesa, apoio que não daria ao Lula, por exemplo? □ Acredito que um Papa brasileiro daria muito mais apoio - se fosse dar apoio às causas do Brasil e da América Latina, do que da Polónia, pelo simples motivo dele conhecer melhor aquilo e de sentir mais. Então, se o Papa é polonês,



“Não vejo o céu como lugar”

se sofreu na própria carne, como operário, aquilo que ele está vendo hoje outros sofrendo, é natural que fale mais sobre aquilo e que coloque mesmo mais ênfase na defesa de uma causa que ele considera justa. Por outra parte, creio que o Papa tem dado um apoio geral às causas dos pobres e dos operários. Basta a gente ver sua última Encíclica, que é sobre o trabalho humano, em que ele, inclusive, mudou o conceito que é na prática vivido na sociedade; ele colocou o trabalho na frente do capital: a primazia está com o trabalho, e não com o capital. É o trabalho que produz o capital; então, o capital não pode estar acima do trabalho. Então, quando o Papa inverte aquilo que a prática diz - vale quem tem capital, e não aquele que trabalha - ele ao invés de opor um ao outro, estabelece a hierarquia na qual atribuiu o primeiro valor ao trabalho. É uma posição muito corajosa. Ele conhece melhor a Polónia, é a terra dele, e tem que se sintonizar mais com seus conterrâneos.

• A Igreja como um corpo único, nessa discussão de teologia, teria um lado oculto que não fosse completamente demonstrado aos seus fiéis?

□ Não, não tem. O que a Igreja tem são formulações muito antigas. O Credo, por exemplo, é a formulação do fim do século III e início do século IV, o Sínodo de Constantinopla e o chamado Sínodo dos Apóstolos, que é o mais curto. No momento em que alguém começa a refletir sobre um desses artigos e diz por exemplo: “Creio na Santa Igreja Católica” - e começa a acreditar na Igreja Católica, não como uma instituição, mas como um conjunto de todos aqueles que aceitam Deus, o amor, etc... E esse teólogo começa a transmitir como se fosse a doutrina comum da Igreja, não existe nada de oculto. Mas, existem formulações aceitas oficialmente, e tudo aquilo que vier para explicitar essas formulações, tudo bem, mas aquilo que vem como mudança do conteúdo, é claro que é nesse ponto que se estabelece a dificuldade do diálogo entre teólogos, pastores e a direção da Igreja. Mas não existe na teologia da Igreja nada que seja segredo, arcano; todos podem penetrar. Mas, na formulação, existe uma norma de fé. Você se afasta dela, é alguma coisa

que vai imediatamente atingir aqueles que são chamados de guardiães da fé, não para impedir você de pensar, mas para impedir que uma norma diferente seja introduzida.

• Seria uma espécie de garantia da sobrevivência da Igreja? □ Não garantia de sobrevivência, mas garantia de autenticidade da fé.

• D. José, o trabalho dos teólogos é acompanhar criticamente o surgimento de novas formas de pensamento para que eles façam a crítica de possíveis novas propostas para a Igreja. No século XIX, pensadores fizeram a crítica do capitalismo, definindo-o como uma etapa vencida. Foi proposto o socialismo. Como a igreja encara a questão do socialismo, se ele representa a formulação de um Estado materialista que não daria vazão às questões espirituais defendidas pelo Cristianismo?

□ Nada interessa à Igreja enquanto sistemas econômicos ou políticos, porque a igreja não é perita em economia, não é perita em sociologia, nem em política. Mas tudo isso interessa à igreja em razão da fé, da moral, da justiça, do amor. Então, para a Igreja enquanto Igreja, tanto o sistema capitalista como o socialista seriam sistemas aceitáveis se esses sistemas respeitassem os direitos da fé, da justiça e do amor. No momento em que esse sistema é colocado em relação ao homem, é que ele começa a interessar à igreja. Não pelo fato de ser um sistema. Digamos, pode ser um sistema que produza mais casas, mais comida, mais tempo de lazer, etc. Mas se ele não está a serviço do homem, se ele oprime o homem, deve ser questionado. É nesse aspecto que ele interessa à Igreja. Então, na medida em que ela vai analisando o capitalismo e sente que o capitalismo é desumano, o capitalismo é elitista, o capitalismo vai sugando o esforço dos pequenos e transferindo esse esforço para as mãos de poucos, então, o que é que existe aí? Está havendo a desunanimidade. Ainda que esse sistema fosse tecnicamente muito bem organizado e produzisse os melhores resultados, ele está sendo baseado em injustiça. Então, cabe à Igreja condenar o que há de pecado no sistema. Pecado é tudo aquilo que está sendo um desperício para com o homem. A mesma coisa na análise do socialismo. Enquanto sistema, ele pelo menos teoricamente não é baseado no enriquecimento de poucos à custa de muitos, mas esse sistema que tem dado bons resultados em alguns aspectos, em diversas experiências, está respeitando a liberdade do homem? Ele é personalizante? Os direitos da pessoa estão garantidos? Na medida em que o socialismo passa a ser uma espécie de capitalismo do Estado, e por isso oprime, é que a Igreja, a teologia, tem que analisá-lo. A teologia não vai buscar as ciências e os sistemas em vista deles mesmos mas na sua relação com o homem. Portanto, são os valores éticos e não os valores financeiros, econômicos, que a teologia vai visar em qualquer campo que atinja a pessoa humana.

• Então, D. José, a Igreja faz a sua reflexão permanente sobre esses sistemas, não é isso? □ Sim. E vai fazendo a sua caminhada.

• Numa posição também política...

□ É também crítica. No que diz respeito ao direito de propriedade as formulações da Igreja hoje seriam consideradas exageradas há 90 anos, há 100 anos. Isto é: a formulação que João Paulo II dá ao direito de propriedade na última carta, Sobre o Trabalho Humano, são formulações que vão muito além das formulações de Leão XIII, há 90 anos, na *Rerum Novarum*. Existe um progresso na teologia e no pensamento da Igreja. Só que isso não pode ser feito desordenadamente, porque seria feita a maior confusão.

• Da mesma maneira que os partidos comunistas acompanham criticamente determinados governos e sistemas, e também agrupamentos de filósofos que de fato não tenham algum tipo de religião acompanham criticamente outros tipos de governos, a Igreja também, da sua maneira, acompanha. Se ela acompanha, tem sua reflexão crítica: então, ela apontaria um sistema de governo ideal. Qual seria esse sistema?

□ A Igreja, na sua reflexão, não vai à formulação de um sistema, porque esse tipo de formulação já não é mais da sua competência, mas de todos os cidadãos que pertencem, ou não, à Igreja. O que a Igreja pode e deve dizer é aquilo que está de acordo ou que está contra o que ela considera os princípios da fé. Não cabe a ela ir mais longe. Quando chega à formulação de um projeto, é claro que aí os católicos estão e devem estar é pé de igualdade com aqueles que não são católicos. Os crentes, sejam católicos, protestantes, etc., estão é pé de igualdade com os não crentes, dentro da sociedade. A formulação de um sistema que atendesse cada vez mais às exigências da justiça, do amor, da fraternidade, tem que ser buscada e realizada não pela igreja enquanto tal, mas por todas as forças vivas de uma sociedade. Então, a competência da Igreja vai até esse ponto. A razão de pecado ou a razão de virtude. Nisso aqui há um pecado

que é contra os interesses dos homens. Por exemplo, quando a Igreja se debruça sobre a nossa atual situação, e vê que há uma projeção neste país de mais de 200 bilhões de dólares para os próximos dez anos, isso só para 33 grandes projetos, e vê que o povo continua faminto, sem casa, etc., ela tem de dizer: existe uma razão de pecado nisso. Por outro lado, se esse Governo, ainda que ele não fosse dentro do sistema capitalista, mas que com esse mesmo dinheiro, esses 200 bilhões de dólares, estivesse voltado para os grandes problemas do povo, aí caberia a Igreja dizer: aqui há uma razão de virtude. Isto é, o Governo está cumprindo exatamente a função para a qual ele existe: cuidar do bem do povo. Agora, como organizar isso, já não é da competência da igreja. Ela não deve meter-se nisso; não existe para isso. Seria a Igreja tendo que organizar-se em partidos políticos ou coisas que realmente a afastam da sua finalidade.

• No caso então, há uma função histórica e crítica da Igreja, que teve, por exemplo, uma luta aberta contra o Império Romano. Não é isso?

□ Não, não. Havia, e há, nos Evangelhos, uma posição clara de Jesus Cristo contra as forças que oprimem o povo e que, no tempo dele e no lugar em que ele vivia, na Palestina, eram sobretudo as forças religiosas. Então, ele se levanta contra o sistema. “Vocês estão colocando sobre esse povo pesos que vocês mesmos não carregam!”. “Vocês estão comendo com as orações de vocês as casas das viúvas!”. “Vocês estão levando o povo a oferecer a Deus aquilo que é necessário para a sua alimentação. Então ele vai se levantando contra o sistema que o oprime. Com relação à mulher, que ninguém aceitava, não valia nada. Então, ele acintosamente dá um destaque à mulher é exatamente aquelas mulheres que seria as mais marginalizadas. É uma prostituta, é uma que já tinha vivido com diversos homens, tem uma que é surpreendida em adultério, e ele defende o direito delas de viverem. Não o direito de pecar, mas o direito de ser tratada como pessoa humana e não ser submetida a torturas, a humilhações. Ele fica bem dentro da moral; “Vá em paz e não peques mais”. Mas sempre atacando o sistema. O sistema tem uma série de contradições. Por exemplo, o sábado, e essas tradições acima do homem. Então, que quebra aquela tradição do sábado e faz nesse dia aquilo que os costumes não permitem. Com relação ao sistema romano até o Cristo não entra muito. Quando eles vêm trazer a moeda perguntando se é permitido pagar o tributo a César ou não, ele diz: “De quem é essa moeda? Não é de César essa inscrição? Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Não entra muito nessas questões. Porque não era isso que estava oprimindo o povo. Que fosse César ou que fosse outro, o povo estava sendo oprimido. Então, vamos tirar a opressão que está aqui mais perto. Seria como, aqui no Brasil, a gente estar preocupado com o comunismo, quando o comunismo não está oprimindo a gente; o que está oprimindo a gente é esse capitalismo selvagem que está em cima. Então, se existe uma mensagem ou uma crítica a fazer, é aquele opressor que está encarnado aí impedindo o pessoal de caminhar. Se fosse o comunismo, se ele estivesse no poder, então era função da Igreja também denunciá-lo ou o opressor na medida em que ele estivesse oprimindo.

• Anteriormente, a Igreja exerceu um papel inverso ao que ela assume hoje. No passado, ela não esteve tão ao lado dos oprimidos; esteve mais ao lado dos ricos, dos afortunados. Hoje ela está em posição inversa. Como se explica essa mudança?

□ Em primeiro lugar, penso que a Igreja sempre esteve ao lado do oprimido. E ela sempre fez muito pelos pobres. Houve, por exemplo, no passado, uma congregação religiosa para cuidar dos escravos; e que fazia um voto que era o dos seus membros ficarem escravos, para libertar os escravos. Era a Congregação de Nossa Senhora das Mercês para a Redenção dos Cativos. Houve congregação que surgiu só para tratar dos presos, dos enfermos. Então, a Igreja sempre esteve ao lado dos pobres. O dado novo, então, foi a reflexão já de um século para cá, em que se começa a perceber que a pobreza, a doença e todos os sofrimentos, não são resultantes da vontade de Deus, mas de uma sociedade mal organizada e, então, mudou-se não o objetivo, mas mudou-se o enfoque. Enquanto se via o pobre como o infeliz coitado, sofrendo, cumprindo a sorte que Deus deu, vamos ter caridade com ele? Então vamos pedir um pouco aos que têm para distribuir com os que não têm nada. Mas, no momento em que a Igreja ajudada pelas Ciências Sociais percebeu que o que existe aqui é uma situação de injustiça, como o Papa muito bem formulou na abertura da Conferência de Puebla, existem mecanismos em âmbito internacional que produzem ricos cada vez mais ricos, às custas de pobres cada vez mais pobres, então espere aí... O nosso compromisso com o pobre tem que ser diferente: não se trata mais apenas de ajudá-los para melhorar um pouco a situação deles, mas para lutar para mudar essa ordem social, que está produzindo a nível inter-



nacional, ricos cada vez mais ricos, às custas dos pobres. O mal não é haver rico cada vez mais rico. O Papa estabeleceu uma relação dialética - causa e efeito - ricos às custas dos pobres. E foi a partir do Vaticano II que se definiu a igreja antes de tudo como sendo o povo de Deus. E essa reflexão de que quanto mais eu me aproximo do povo mais vejo que o povo é injustiçado, é sofredor, não é pobre é empobrecido, então tenho que mudar o meu compromisso, cuja expressão tem que ser muito mais política do que social. Agora a visão é outra: ajudar aos pobres se organizarem para exigir os seus direitos daquilo que até hoje era dado como esmola.

• *Mas D. José, sabe-se que a Igreja sempre foi muito rica. O sr. admite que a Igreja também participou dessa parcela de ricos que se sentem culpados, com um peso na consciência?*

□ Primeiro, não sei se a gente poderia dizer que a Igreja é muito rica. No ano passado tivemos que fazer uma coleta extraordinária para ajudar o vaticado a enfrentar pelo menos uma parte do seu débito, porque esteve na iminência de alienar alguns bens históricos para poder continuar mantendo a sua despesa, que é quase toda com pessoal. Se você se refere ao passado, realmente houve igrejas muito ricas. A própria Santa Sé era proprietária de grande parte da Itália. Felizmente, esses Estados Pontifícios foram tomados, a igreja foi despojada, e ficou com aquela área mínima chamada Estado do Vaticano, que você contorna em pouco tempo a pé. Hoje a igreja não é mais rica em territórios. Existem ainda terras da Igreja que dão muito mais despesas e preocupações do que renda. Ocorre que se vem cada vez mais procurando transferir para os usuários dessas terras, também a propriedade delas: é um processo que não se pode realizar de uma vez, mas está a caminho. E a igreja hoje tem exatamente mais condições de lutar em favor dos pobres, porque ela vai se tornando cada vez mais pobre.

• *Isto significa, então, que se a Igreja continuasse rica não lutaria pelos pobres?*

□ Seria muito mais difícil, porque suponhamos que eu seja um proprietário de 2 mil hectares, veja que eu já não teria a mesma tranquilidade e a mesma segurança para falar de pobreza, de distribuição de terras, como eu realmente não tendo nada. Então fico mais livre para falar. Posso dar um testemunho de pobreza, não de miséria. Eu teria de defender também a minha propriedade, o que é natural.

• *Essa sua idéia não dá direito ao latifundiário de continuar não querendo dividir a sua terra com quem precisa e já a explora?*

□ É direito dele. Agora como também é direito do pobre sobreviver. Aqui, estão direito contra direito. Qual é o direito que é prioritário, o direito de propriedade? O Papa diz que sobre todo o direito de propriedade pesa a hipoteca social. Então, como não sou proprietário, estou mais livre para defender os direitos dos que estão sofrendo. Realmente é uma luta, que para nós será não dentro da violência, mas dentro da compreensão e do amor. Eu não nego o direito do proprietário, absolutamente, mas me coloco do lado da Igreja, que vê sobre o direito dele pesando a hipoteca social.

• *D. José, em certos momentos históricos, como este que está ocorrendo na Nicarágua, El Salvador e Guatemala, a luta política assume uma outra conotação: a violência. Quando as pessoas começam a morrer pelos seus direitos, quando o conflito social chega a esse ponto, qual a posição da igreja?*

□ Em teoria, em doutrina, a Igreja sempre deve pregar a não violência, porque o texto básico do cristianismo é o amor fraterno. O homem, qualquer que seja, é meu irmão. Um dia ele poderá ser meu adversário, nunca deixará de ser meu irmão. O ser adversário é um acidente. Agora, há momentos históricos, em que houve uma polarização tal que se chegou a um confronto. A Igreja tem que lutar para que não se chegue a esse ponto. E é sempre possível se caminhar sem se chegar a esse ponto. Por exemplo: se os outros países que têm alguma ação nesse conflito tomassem uma atitude não violenta, com certeza não haveria pelo menos a violência que está havendo. Se os Estados Unidos não estivesse apoiando El Salvador, o conflito teria terminado. Então, eles são responsáveis por muitas mortes que estão havendo ali, porque estão fornecendo os meios para se matar. E quem está matando é o Governo. O povo está agindo em legítima defesa. É claro que está se defendendo com atos de violência, mas ele está se defendendo. O caminho deveria ser a não violência, como ocorreu com os camponeses que se instalaram aqui, em frente ao Palácio, e conseguiram seus direitos. O grupo de Alagamar luta há seis anos e conseguiu várias vitórias sem atos de violência. Agora suponha que no meio disso comece a haver da parte dos outros, todo tipo de violência e perseguição, como fizeram em Camucim, derrubando duas casas, e suponha que não haja providências nesses casos e o povo comece também a fazer violência...

• *Quer dizer que a Igreja não faz crítica a Cardenal?*

□ É um não violento, e lutou quanto pôde para que a situação na Nicarágua não chegasse àquele ponto. Me encontrei com alguns ex-guerrilheiros da Nicarágua, num congresso de Teologia, e esteve lá o D'Escoto, que é padre, e um dos guerrilheiros dizia que não praticavam a violência, mas chegou a um ponto em que concluíram que ou pegavam em armas para ajudar a acabar com a violência, ou então a violência continuava.

• *No momento em que um policial prende um jovem de 17 anos por uso de maconha, depois prende mais dois jovens, depois deixa de só prender e passa a bater também, há muita violência nisso. Porque o problema do agricultor de Camucim se torna prioritário diante do problema do jovem que é preso na Capital? Porque os Centros de Defesa dos Direitos Humanos, não prestam assistência a esse jovem também oprimido?*

□ A questão é muito bem posta. Antes de tudo, há uma maior facilidade nossa de atuar junto ao homem do campo mais do que na cidade. É que os problemas do homem do campo de modo geral são mais simples. Trata-se, por exemplo, de um problema de terra. Resolvido aquele problema, ele continua a sua vida normalmente, com tranquilidade, etc. Os problemas de cidade, de um modo geral, são muito mais complexos, a começar, por exemplo, do problema do operário. O operário que quiser participar de grupos, logo se expõe a perder o emprego, e a legislação trabalhista, que não foi feita pelos trabalhadores, legaliza tudo isso. Ele não tem segurança no emprego. Basta que o patrão considere, não que ele é mau operário, mas que é uma pessoa que não convém, porque ele participa de grupos, de reuniões - não chega atrasado no emprego, isso não diminui a sua produtividade - mas politicamente não interessa, e ele já está fora do emprego. Então, o problema do homem da cidade nesse ponto da subsistência se torna mais complexo. Além disso, certos problemas, como o de tóxicos, eles não têm ali uma causa imediata. Seria necessário ir às cau-

sas. Por que esses jovens estão agindo desse modo? Onde é que está a raiz disso? Seria na família dele? Seria um desajustamento na escola? Por que está acontecendo isso? É muito mais difícil você tomar uma posição do que quando se trata de um problema claro, como é o do agricultor. Por outro lado, o do agricultor é mais imediato: trata-se de alguém que ou permanece ali ou não tem mais como sobreviver, enquanto que este daqui não é tão imediato. Pode ser até mais grave, nas suas causas, nas suas raízes, mas não é tão imediato. Então, de fato, a Igreja, não está sabendo ainda como organizar uma pastoral urbana. Ela tem uma pastoral rural, com algumas linhas já definidas. Em outras palavras: no que diz respeito à opção preferencial pelos pobres, a Igreja vem dando passos; no que diz respeito a outra opção preferencial pelos jovens, a Igreja não tem sabido como se comportar. Ela tem consciência disso, que é uma opção, e o jovem - então aí não se distingue se é rico ou se é pobre, é jovem - está merecendo uma atenção especial; mas a situação é tão complexa, que nós confessamos ainda a nossa incapacidade nesse ponto. Por isso, que apesar de termos o Centro de Defesa dos Direitos Humanos a grande maioria dos casos que são aqui tratados e acompanhados são casos ou do Interior ou da periferia. Eu não sei se existe algum caso especificamente de jovem. Eu confesso que de fato estamos bastante atrasados nisso.

• *O senhor falou há pouco na questão do jovem e isso faz lembrar uma pergunta: como está a questão das vocações sacerdotais?*

□ O problema no Brasil sempre existiu. Nós nunca tivemos um clero abundante. Em algumas épocas e em algumas regiões, a coisa se torna mais grave. É o caso da Paraíba. Aqui já tivemos um clero mais numeroso. Não quantitativamente, mas proporcionalmente. A população era menor e o número de padres que nós tínhamos era igual ao que nós temos hoje. Mas também naquela época tínhamos um seminário. Lá pelo começo da década de 60 se fez uma opção diferente: ao invés de diversos seminários, com dificuldade de manterem um corpo docente à altura, vamos fazer um seminário só, regional, e escolheram Recife. Se fez um seminário regional, mas não deu o resultado que se esperava - era calculado para 500 teólogos, não chegou a 200 - e se viu que realmente não era aquela a solução. Então, o problema é antigo entre nós e inclusive há razões históricas para o problema. No início, por exemplo não se admitia os nativos como candidatos ao sacerdócio, a não ser os nativos descendentes dos portugueses, mas os negros não eram absolutamente admitidos. Os outros, que eram nascidos aqui mas não eram de origem portuguesa, também para esses se faziam as maiores dificuldades. Então, o clero no Brasil era quase todo importado. Quando veio a Lei Pombal, que expulsou as congregações religiosas, aí a coisa foi um desastre, porque a grande maioria dos padres teve que voltar para a Europa. Então, é um problema que sempre existiu. Hoje, me parece que ele está começando a encontrar soluções. Primeiro porque não se pensa só no padre. Antes o padre era uma espécie de factótum, tudo era com o padre. Hoje os leigos já assumem na Igreja diversas responsabilidades que eram só atribuições dos padres. E aí começam a aparecer as vocações. Por exemplo, aqui em João Pessoa, para a preparação do curso de Crisma são somente jovens. São vinte e tantos jovens que preparam outros jovens para a Crisma. O padre não tem interferência nenhuma ali, a não ser na reflexão com os jovens. Há um encontro de um jesuíta com esses jovens para refletir com eles uma vez por semana; mas o curso fica entregue a eles, coisa que antes era o padre mesmo que fazia. Na parte de administração, hoje os leigos assumem muito mais responsabilidades na Igreja. E quanto à formação específica para o sacerdócio, o Instituto de Teologia do Recife está este ano com a maior matrícula da sua história, atingindo agora a mais de 130 candidatos do Nordeste ao sacerdócio. Então, me parece que para a frente esse problema será cada vez menor.

• *O senhor não tinha uma proposta de um Seminário Rural?*

□ Bem, eu tinha uma proposta de um Seminário Rural e foi iniciada. Mas, logo no primeiro ano, fizemos uma reflexão que nos mostrou que aquele seminário não satisfazia às exigências mínimas de Roma para um seminário. Então, ao invés de continuar com o nome de seminário, nós o modificamos para Centro de Formação Missionária: A formação é dada do mesmo jeito. Aqueles jovens terminaram o período de formação, de seis anos e vão iniciar o seu serviço missionário. Se os bispos acharem que aqueles jovens têm condições de serem ordenados padres, eles mandam que se submetam a uma banca examinadora de um instituto de teologia. E se eles realmente forem considerados capazes de exercer o ministério sacerdotal, o bispo pode ordená-los sem que tenham feito um curso regular de seminário. Então, como preparação é uma preparação para missionários; mas, nada impede que esses missionários, depois de formados e já tendo exercido por algum tempo seu serviço como missionários possam, ser considerados aptos, serem ordenados padres.

• *O senhor acredita no Inferno e no Céu?*

□ Bom, eu acredito, e concebo o Céu como sendo esta plenificação do amor. Tudo aquilo que a pessoa humana pode desejar de bom, então ela terá. E concebo o Inferno como a ausência do amor, isto é o lugar onde ninguém se ama, onde ninguém se sente amado; ninguém tem valor. Então, para mim, o Céu é o termo de um esforço de fidelidade na caminhada. Existem diante de mim propostas. Há uma que pode satisfazer até os meus desejos e há outra, que o experimento, que é a proposta de Deus. Pois bem, eu quero ser fiel a essa proposta, e o ser fiel já me dá um sentido de realização maior do que se eu tivesse seguido o meu próprio caminho, porque aí eu me fechei dentro de mim mesmo. Na medida em que eu aceito a proposta de Deus, começo a me sentir feliz, realizado. O Inferno é o contrário, ao invés de aceitar a proposta de Deus que está dentro de mim e que é exigente, E o que acontece? Eu vou tendo frustração sobre frustração e estas frustrações vão chegar ao máximo quando, eu não tendo mais condições de mudar a estrada, eu sentir que erre o caminho e erre conscientemente. Então, é o máximo de desaprovação para uma pessoa; é o chamado estado de condenação. Para mim, eu não concebo o Céu, antes de tudo, como um lugar e não concebo o Inferno como uma enorme fôrma.

• *Nós temos notado a entrada e o desenvolvimento no Brasil de religiões como a Seicho-no-ô, a Ordem Rôna Cruz, a Sociedade Teosófica, a Ciência Cristã, entre outras. A Igreja Católica admite que se possa ser católico e ao mesmo tempo frequentar uma dessas ordens religiosas?*

□ A gente teria que começar um pouco atrás. O Evangelho não é uma religião. Ele não faz para você uma proposta religiosa, mas uma proposta de vida, de prática. Ele apresenta paravocê uma nova maneira de você viver e não uma nova maneira de você ser religioso. O ser religioso vai ser uma decorrência da sua vida. Então, o que



Dom José foi incisivo ao dizer que "não há possibilidade de uma organização como a Igreja existir no mundo sem que ela tenha uma atuação política".

é essencial no Evangelho é que você oriente sua vida de acordo com aqueles princípios dados por Deus e recuperados por Jesus Cristo. De qualquer religião é possível se caminhar ao Evangelho e na medida em que se descobre a sua mensagem vão sendo purificadas as formas religiosas. O que acontece com essas religiões? Elas não estão absolutamente voltadas para a proposta do Evangelho, mas elas querem dar uma resposta ao homem, às necessidades dele. Então, geralmente são religiões intimistas, voltam-se para a felicidade do homem, não para a formação de uma sociedade segundo os princípios do Evangelho, mas para que os homens sintam bem. De modo geral essas religiões se colocam um pouco na linha dos tóxicos. Assim como o jovem está procurando alguma coisa que o deixe aí como numa viagem, num sonho, poder sentir-se eufórico, assim há religiões que levam a pessoa a buscar isso. Não jogam a pessoa numa luta, como é o Evangelho: eu vim para ver fogo na terra e quero que ela pegue fogo mesmo. Então, na medida em que estas pessoas, de qualquer religião, descubrem o Evangelho e caminham dentro da proposta evangélica, elas vão cada vez mais relativizando a religião, e colocando a proposta do Evangelho em primeiro lugar. O importante não é me satisfazer, não é me sentir bem. O importante é somar com os outros para a gente poder transformar este mundo, fazendo dele já um começo do Reino de Deus. O Reino de Deus não se faz quando me recolho com algumas pessoas para buscar minha satisfação, meu bem-estar pessoal, mas esse reino vai se realizando à medida em que luto por uma transformação das estruturas injustas e desumanas. Diante disso, torna-se incompatível a presença de um católico em qualquer uma dessas seitas, sem exceção, porque o que ele busca de tranquilidade pessoal, ele vai encontrar na sua Igreja, através do Sacramento que é aquele mínimo que Jesus Cristo colocou aí para poder alimentar também as pessoas, em vista da caminhada. E quanto à caminhada, ele vai

Evangelho: vá para a montanha o necessário só para você se abastecer e poder lançar-se à luta.

• *Quando essas religiões fazem vinculações entre o Apocalipse e profecias como as de Nostradamus, elas não estão então, corretas?*

□ Essas vinculações não existem. E sempre que a Igreja tentou vincular isto, ela viu que saiu de seu campo. Foi, por exemplo, o célebre caso de Galileu, em que ele foi condenado em nome da Bíblia quando a tese dele era uma tese científica certa. Isto é, deu-se à Bíblia uma atribuição que ela nunca teve: de ser um livro científico. A Bíblia não fala sobre verdades científicas, sobre artes, etc. O que ela diz é uma proposta religiosa, sem querer absolutamente entrar no campo científico. Na Bíblia apenas se está contando, de uma maneira popular, uma verdade: tudo que existe foi criado por Deus. A Igreja não condena as pessoas. Bom, se você quer curtir lá essas religiões orientais, faça a sua curtição, já que isso não está prejudicando a você. Agora, essa não é a proposta de tua Igreja. Ela te oferece coisas muito concretas e muito seguras, porque estão confirmadas, avaliadas pela palavra de Deus.

• *Então, o Apocalipse seria exatamente o que?*

□ O Apocalipse é um grande livro da história da salvação e ele se coloca em confronto com o primeiro livro, o livro do Gênesis, que dá como o início. O livro do Apocalipse dá como o fim, a revelação. No início já se coloca essa proposta de Deus para o homem e como o homem tem que se determinar. É interessante como (se vê São João tomando o mesmo argumento do livro do Gênesis, de uma outra maneira, numa outra linguagem, numa linguagem apocalíptica. Então, no Gênesis, vai aparecer ali a mulher e a serpente; no Apocalipse vai aparecer uma luta da mulher que está para dar à luz e um dragão que está diante dela esperando que ela dê à luz para devorar o menino. Lá também aparece o menino, isto é, "porei inimizade entre ti e a tua descendência". O que significa isto? É que, de ponta a ponta, a vida do povo de Deus tem que ser uma luta, uma caminhada. Agora a vitória já está garantida, mas vai ser conquistada com esforço. Então, desde o início se anuncia: "porei inimizade entre ti e a mulher. Um dia ela te pisará a cabeça". E lá, no final, está a mulher, a criança nascendo, está o dragão para devorar. A criança nasce, é arrebatada para o céu, a mulher vai para o deserto e a luta continua, mas os pequenos estão sempre com a proteção de Deus. Então, não se sabe como, sem violência, aquela mulher consegue livrar-se da serpente. Pois bem, é esta mulher e esta criança que são os instrumentos de Deus para derrotar a serpente. Então, a grande tese é esta: Deus se serve dos meios fracos para realizar o seu projeto de salvação dos homens. Ele nunca se serve dos meios poderosos. O Apocalipse, então, vem servir para os cristãos que estavam naquele sofrimento louco do tempo das perseguições romanas, especialmente de Nero. Os cristãos estavam vivendo o maior sofrimento, eles leram aquilo e puderam sentir como é que a fraqueza do homem tem como aliado poder de Deus. Aquilo passa a ser uma referência constante para a Igreja. Hoje, o livro do Apocalipse é de uma atualidade enorme.

• *E' como é que o senhor vê a questão das religiões africanas no Brasil, a Umbanda, por exemplo?*

□ Uma coisa são as religiões e outra coisa são essas formações que vão surgindo da cabeça de filósofos e pensadores. As religiões são coisas muito da alma do povo, à maneira como o povo expressa os seus sentimentos para com Deus. No passado, a Igreja condenou muito as outras religiões. O próprio Concílio de Trento se reuniu para discutir e condenar, por exemplo, o protestantismo. A partir do Vaticano II, a Igreja tem uma posição bastante diferente. É uma posição de respeito, e esse respeito a leva a reconhecer o que em todas as religiões existem sementes da palavra de Deus; por isso, a partir daquela convicção religiosa, as pessoas podem ir descobrindo a palavra de Deus e podem começar a viver o Evangelho. Diante disso, a atitude deixa de ser de oposição radical para ser: primeiro, de respeito segundo, de uma busca dos elementos comuns; terceiro, de valorização do que há de humano nessas religiões. Primeiro, então, o respeito. Aqui não se trata de um grupo de europeus que vão começar a adotar uma religião africana. Se um culto africano é daqueles cujos antepassados também viveram isso, é uma conquista, está profundamente ligado à cultura deles. Então, não tem sentido um europeu que vem para o Brasil fazer-se, por exemplo, xangozeiro, só porque veio para o Brasil. Isso não tem nada a ver com a cultura dele. Fez isso como uma opção dele. A religião tem muito a ver com toda a história de um povo, com a sua cultura. Em segundo lugar, uma preocupação em descobrir quais os elementos comuns que existem aí. Ao invés da gente estar brigando com protestante, por que não ver o que é comum entre nós? Ao invés de estar brigando com o pessoal do xangô, será que eles têm alguma coisa igual ao que nós fazemos; então, se têm, vamos valorizar isso. E em terceiro lugar, a valorização dos elementos específicos de cada religião. Há religiões que valorizam muito o papel da mulher. Nos cultos africanos, por exemplo, tem muita mãe-de-santo - e ela é uma grande autoridade. Num país como o nosso, onde o machismo é tão forte, esse não seria um elemento importante para valorizar a mulher? Se ela ali é considerada grande todos vão lá beijar a mão dela, por que fora ela vai ser tratada como escrava. Outro elemento é a preocupação com o sofrimento. Se busca dar remédios, se fazem as curas, em vistas de que? Ganhar dinheiro? Não, de ver se libertar o outro. Como inspiração, não é muito válido querer ajudar o outro a melhorar? Então, por que não vamos desenvolver mais todos os aspectos da medicina caseira? Não vamos incentivar mais a ciên-

"Não existe segredo na Igreja"



"A Bíblia não é científica"

ver que essas religiões ao invés de favorecer, têm muito mais um aspecto alienante do que comprometedor. Levam muito mais às pessoas a se afastar do que propriamente a se lançar cada vez mais nessa caminhada e nessa luta.

• *Quer dizer, então, D. José que o esoterismo, o ocultismo, sem exceções, é alienante?*

□ É alienante e é incompatível com a proposta que a Igreja faz, que não é de o homem estar se voltando para si mesmo, mas de ele procurar se abastecer na palavra de Deus refletida com todos, nos sacramentos, para ele poder lançar-se cada vez mais à luta. A grande inspiração do Evangelho não é para que os discípulos fiquem no alto da montanha, mas para que eles desçam à planície e lutem. É a inspiração original do

cia a buscar remédio contra o câncer, isto ou aquilo? A Igreja procura hoje respeitar e valorizar ao máximo outras religiões que são ligadas à cultura e à valorização dos pobres.

• *Se a Igreja procura um ponto comum com a Umbanda, por que também não procura um ponto comum com as religiões O cultistas?*

□ É que as outras não são religião. Uma coisa é uma religião que vem dos antepassados e que tem o seu povo e sua tradição - e dentro dessas tradições pode haver muitas coisas alienadas, mas há também valores, e não vamos brigar por causa disso, mas vamos salientar os valores - e outra coisa são divulgações de alguns sábios, cientistas, que querem dar um caráter religioso à sua ciência. A Igreja nem vai discutir. Os cientistas que discutam isso. Não venham misturar ciência com religião. Religião é alguma coisa que procura estabelecer a relação do homem com Deus, o que sempre existiu; no buscar este relacionamento, o homem se engatou em muitas coisas. Por exemplo: ele atribuiu a Deus o que era coisa só da natureza. Então passou a ser um castigo de Deus, ou uma benção de Deus, o que era produto da natureza. Ele atribuiu a castigo de Deus aquilo que simplesmente foi um acidente. Mas, por trás disso tudo, ele procura sempre ter o relacionamento com Deus. Como isso se processou e quais os valores que se descobriu nisso? A que isso levou o homem? Aí vem toda uma carga de tradição que passou de pai a filho, é verdadeiramente uma religião. Outra coisa são esses grupos de cientistas que querem dar uma conotação religiosa às suas ciências.

• *No caso, esses cientistas segundo os conceitos de Bem e Mal, estariam pecando?*

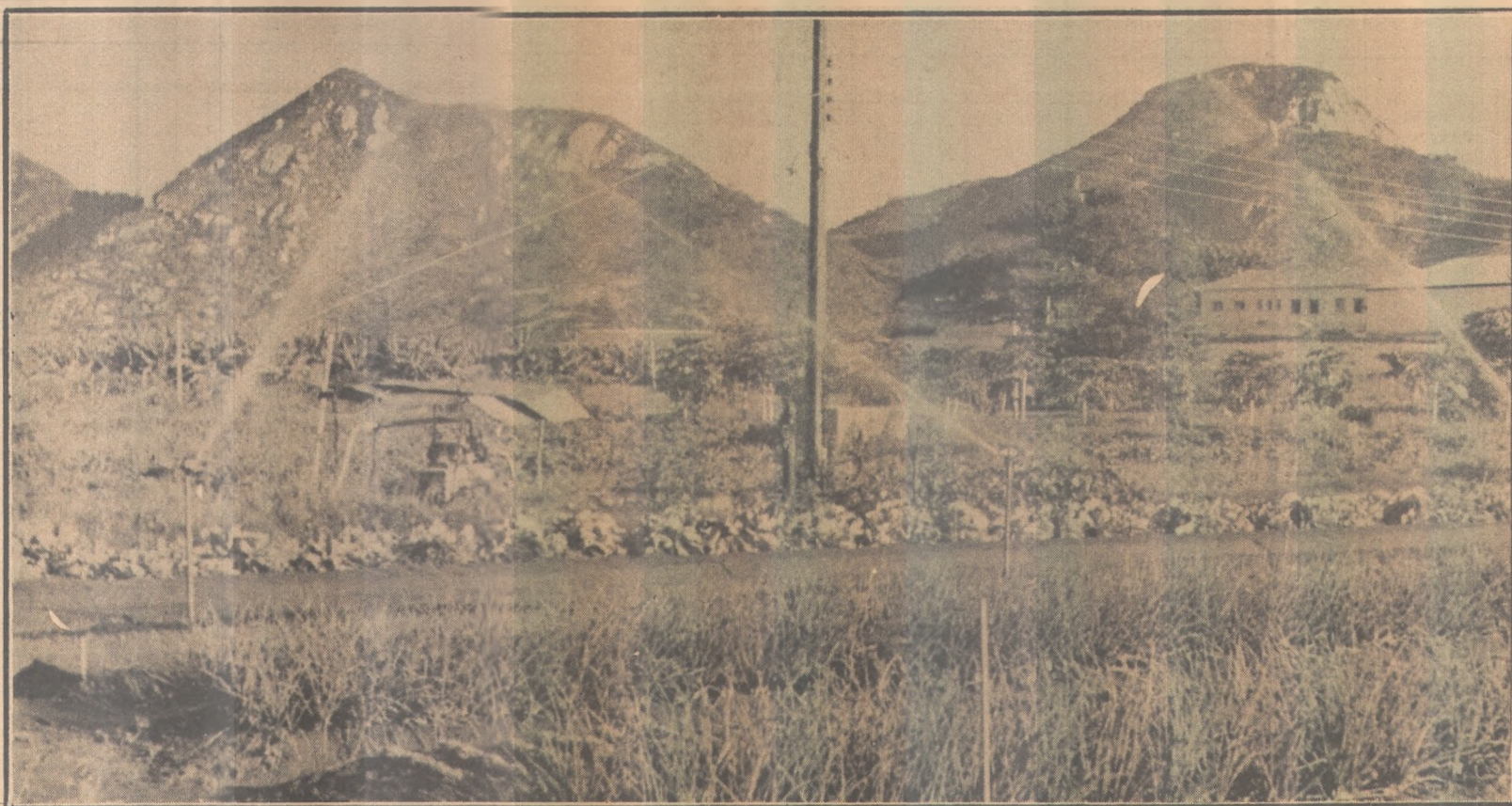
□ Não. Se você toma a Bíblia, ela dá o conceito exato de pecado. Ela mostra que o pecado é aquilo que impede a caminhada do homem em duas direções: para Deus e ataminhado do homem ao encontro do homem. Você toma, por exemplo, os Mandamentos, e vê quase tudo em forma de proibição. Mas a proibição é uma ordem. E as primeiras proibições referem-se ao relacionamento do homem com Deus: "não terás outro Deus, antes de mim". Aí tem centenas de Deus, só que você não faça imagem de nenhum deles, eu não tenho imagem; eu tenho nome, você não faça como os outros que estão colocando os nomes dos deuses em toda a parte, o meu é para ser respeitado. Então você não vai profetizar em vão esse nome. E eu tenho um dia que é consagrado a mim, e nesse dia você não vai trabalhar, sua escama não vai trabalhar. Agora no mais, é tudo com relação ao homem, a começar do relacionamento dos filhos com os pais: "Honrarás teu pai e tua mãe para teres vida longa", que significa que é para você cuidar do seu pai, e de sua mãe quando eles precisarem de você. O pecado é aquilo que está impedindo o seu relacionamento com Deus; prendeu você, por exemplo, ao dinheiro, e Deus ficou no segundo ou terceiro lugar. Você pode ter um bom emprego, dinheiro, carro, mas só tem um Deus. Essas coisas não podem interferir no seu relacionamento com Deus. O que sai disto é que é pecado. O mais são desvios, mas que não afetam o grande projeto de Deus: fazer dos homens uma grande família, de modo a fazer todos sentir-se como irmãos.

• *Para encerrar a entrevista, gostaríamos que o sr. falasse sobre alguns assuntos da atualidade no país: a televisão, por exemplo.*

□ Depende do aspecto. Acho que a televisão brasileira vez um progresso extraordinário. Por exemplo: é incomparável o que a televisão fez na ocasião da visita do Papa. Ela mobilizou o país todo para que pudesse acompanhar tudo aquilo. Por outro lado, a televisão pode servir para o Bem e para o Mal, dependendo da destinação que se dá. A televisão, a meu ver, é atualmente a maior fonte de alienação. Ela, ao invés de favorecer a comunicação, traz muita informação mas dificulta uma comunicação essencial para a sociedade: a comunicação em família, que quase não há mais, ou diminuiu demais. Como vai crescendo cada vez mais o número de telespectadores, vai diminuindo na mesma proporção a possibilidade de uma comunicação, e o tempo se perde. Me parece que o meio em si é extraordinário, aproveitou-se, mas não penso que de modo geral favoreceu a comunicação, e sim ajuda na alienação e cria necessidades de que as pessoas não podem se desfazer. Certa vez estive aqui uma senhora cujo marido havia perdido o emprego e ela veio pedir ajuda. Era de classe média, e uma assistente social, que trabalha conosco, foi à casa dela fazer um levantamento. Então, fez uma relação das coisas que precisava. Estava com o colégio atrasado, uma prestação atrasada, mais isso e aquilo. A assistente indagou qual das coisas preferia que ajudássemos e ela disse: olhe, o colégio é muito importante, isso aqui também, a prestação da casa também, todavia, o que não posso perder é a minha TV a cores.

• *O que o sr. diz sobre a atuação do presidente João Figueiredo?*

□ Começa que o processo que nós temos não é um processo democrático. A escolha do presidente da República fica restrita a um pequeno grupo, e, depois, a eleição dele também é restrita a um Colégio. Todo o processo vem de cima para baixo. Em segundo lugar, que quando ele foi escolhido, me parece que se tratava de uma pessoa despreparada para aquele cargo. A formação dele não foi uma formação política. Apesar das qualidades pessoais e militares que ele tem, não foi alguém que se preparou no dia a dia para ser Presidente de uma república como o Brasil. Apesar disso, os primeiros tempos do Governo dele deixaram uma esperança muito grande, que parecia ser alguém que ia lutar mesmo para, como dizia, transformar este país numa democracia. Penso que de um certo período para cá, o general-presidente se calou, não tanto nas palavras, mas na sua ação, que já não é aquela mesma que sustentava esperanças como antes. Ele perdeu o ímpeto inicial e foi entrando na rotina.



Adotando currículo equiparado ao do COAGRI, a Escola Agrotécnica Estadual de Catolé do Rocha prepara filhos de pequenos agricultores da região e contribui para a melhoria dos métodos agrícolas no semi-árido, evitando o êxodo rural.

EM CATOLÉ, APRENDE-SE A PRODUZIR PRODUZINDO

• Professor, quais as instalações que o senhor dispõe para oferecer ensino tão especializado?

□ Possuímos boas instalações físicas. Temos dez salas de aula, dois alojamentos amplos, biblioteca, sala de reuniões, ambiente para lazer, almoxarifado, cooperativa, cozinha industrial, refeitório, gabinete odontológico, consultório médico, oficina mecânica, carpintaria, cantina, abrigo para máquinas e implementos agrícolas, aviário, pocilga, estábulo, estando em fase de conclusão um Centro de Manejo e mais um aviário além de um biodigestor.

• Qual o currículo da Escola?

□ Em linhas gerais, o nosso currículo se equipara ao do COAGRI. A grade curricular da Escola é composta de treze disciplinas de formação geral e dez de formação específica, sendo onze específicas e três instrumentais.

• Esta Escola apenas prepara o aluno para o vestibular de agronomia ou procura melhorar o nível das atividades agropecuárias da região semi-árida?

□ A filosofia da Escola é a de "Aprender a produzir produzindo". Utilizando métodos que se afinam com essa filosofia, preparamos basicamente técnicos em Agropecuária, garantindo com esses elementos uma melhoria da mão-de-obra para esta região semi-árida e, consequentemente, a sua permanência na região evitando o êxodo rural. Embora o objetivo do curso seja preparar técnico de nível médio, é natural que eles procurem o curso superior de agronomia.

• Quantos professores o senhor dispõe aqui e qual a qualificação deles?

□ Atualmente, temos quinze professores. Oito com formação geral e sete com formação especial. Os de formação geral são aqueles que possuem, por exemplo, licenciatura plena, licenciatura de 1º grau e suficiência de 2º grau. Os de formação especial são os três agrônomos graduados, dois agrônomos com especialização, veterinário e técnico em agropecuária.

• A Escola adota o regime de internato, como Bananeiras? Qual a origem do seu alunado?

□ Adotamos o semi-internato. O aluno chega às 6:30 e sai às 17 horas. Contamos com 359 alunos, a maioria do meio rural. Estão matriculados alunos vindos do Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas, mas a grande maioria é de paraibanos.

• Como você mantém esse refeitório com alimentação boa e gratuita?

□ Boa parte dessa alimentação é adquirida pela Secretaria de Educação que dispõe de verba para esta finalidade. A outra parte, nós compramos através da nossa Cooperativa, que já possui algum capital para manter em parte o estabelecimento. Por exemplo, ovos, aves, carne, hortaliças, normalmente produzimos aqui.

• Qual a programação da Escola para o corrente ano letivo?

□ Além da formação geral e específica, pretendemos aprimorar e enriquecer os conhecimentos adquiridos através da implantação de novos projetos, cursos intensivos de vacinação, extensão rural, irrigação, adubação, mercantilização agrícola, armazenamento de forragem, além da implantação de hortas escolares no Município de Catolé do Rocha.

• Professor, a escola esteve praticamente abandonada por mais de 11 anos, apesar da sua importância na formação de mão-de-obra especializada nessa região carente. Quando ela foi reaberta? Ela funciona normalmente, com cem por cento de sua capacidade?

□ Infelizmente, a Escola esteve fechada 11 anos. Foi reaberta em 1980. Ela, na verdade, funciona normalmente, no entanto ainda não atinge cem por cento de seu potencial.

• Na sua opinião o ensino agrícola deveria ser prioritário no país?

□ É claro. Nós somos considerados o país do futuro para a produção de gêneros alimentícios, graças a nossa enorme densidade demográfica, bons solos, etc. Evidente que temos que colocar em prioridade o ensino agropecuário no país.

• Esta escola é especializada. Ela tem tido atenção especial da SEC?

□ A Secretaria de Educação, na pessoa de sua titular, professora Giselda Navarro Dutra, tem dispensado uma atenção toda especial à Escola, o que contribui fortemente para o seu perfeito funcionamento. Não podemos negar de forma nenhuma o especial zelo que a professora Giselda tem por esta Escola.

• Professor, para finalizar, o que falta à Escola atualmente para que ela passe a cumprir plenamente os seus objetivos?

□ Mais professores especializados, o funcionamento de um laboratório que, no momento, se encontra ocioso por falta de técnico para realizar a sua montagem, água suficiente para que sejam desenvolvidas todas as atividades práticas do setor de agricultura. Quadro de professores completo.

Este ano sai a primeira turma

A experiência da Escola Estadual Agrotécnica de Catolé do Rocha, em que pese o pouco tempo decorrido desde a sua implantação, já pode ser avaliada como bem sucedida, conforme acredita a secretária Giselda Navarro Dutra. Essa escola, inicialmente construída pelo Ministério da Agricultura e depois transferida para o Ministério da Educação, esteve fechada por mais de 11 anos, pois o Governo Federal alegou falta de recursos para o seu funcionamento. No entanto em 1980 o governador Tarcísio Burity, que desde a época de Secretário de Educação e Cultura mostrava grande interesse pela escola, resolveu reabri-la, tendo mobilizado para isso, naquele ano, recursos da ordem de Cr\$ 12 milhões. Com essa medida, Burity conseguiu recolocar a Paraíba na condição de principal Estado nordestino formador de mão-de-obra especializada em técnicas agrícolas.

Atualmente existem cerca de 360 alunos matriculados na escola, que é destinada apenas a estudantes de 2º Grau. No final deste ano sairá a primeira turma de técnicos de nível médio especializados em agropecuária. A recuperação da escola, inicialmente chamada de Colégio Agrícola de Catolé do Rocha quando ainda era patrimônio federal, foi iniciada em 78, quando o Governo do Estado conseguiu, de fato, a posse do imóvel. Além da recuperação de toda a parte física, o Governo do Estado comprou ainda todo o equipamento, já que dela não restavam nem mesmo cadeiras. Os recursos inicialmente foram conseguidos em convênio com o Polonordeste, Coordenação de Ensino Agrícola do MEC e FDE.

Passando a funcionar em 1980, a Escola Agrotécnica de Catolé do Rocha conta hoje, além dos equipamentos básicos, com um caminhão, um micro-ônibus, dois tratores, uma kombi, implementos agrícolas, uma barragem, cinco poços Amazonas, quatro poços artesanais em construção, aviário de postura e de corte, curral, pocilga, um bio-digestor construídos pelos agrônomos que trabalham na Escola e pelos alunos, e, no próximo dia 3 de abril, o governador Tarcísio Burity inaugurará a sua cozinha industrial.

Com o propósito de que os alunos da Escola possam desenvolver atividades práticas na área de agricultura e pecuária, além de assimilar as práticas de comercialização dos diversos produtos, através da Cooperativa-Escola, a Escola Agrotécnica vem desenvolvendo diversos projetos e, até setembro do ano passado, os estudantes estavam engajados nos seguintes: projeto de suinocultura, até então com 68 animais, com os quais praticavam as técnicas de criação, parto, alimentação adequada, etc; projeto de Bovinocultura, com 63 animais e uma produção de 100 litros diários de leite, utilizados para o consumo e comercialização; projeto de avicultura postura, ou seja, criação de galinhas para revenda de ovos, e avicultura corte, com mil aves, e, finalmente, o projeto de culturas diversas: algodão herbáceo, arroz, feijão, milho, culturas de forragens (capim elefante, capim cameron e capim búfalo), olericultura (tomate, pimentão, beterraba, melão, cenoura, melancia, cebolinha, coentro, pepino, rabanete, alface, repolho, abóbora), coqueiro, videiras, cítricos, maracujá, mamão, bananas, entre outros.

Com o lema Aprender a Produzir, Produzindo, os alunos estudam e trabalham incansavelmente todos os dias, em regime de semi-internato. Eles chegam à escola às 6:30hs da manhã e somente retornam às suas casas às cinco horas da tarde. A maioria dos seus alunos (cerca de 70 por cento) são filhos de agricultores, que aproveitam os ensinamentos da Escola para continuarem o trabalho de seus pais em seus pequenos pedaços de terra.

Segundo fontes da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, o currículo desenvolvido pela Escola, inclusive em atividades extracurriculares, executa vários projetos no âmbito da pecuária. O plano de ação inicial prevê que a Escola seja auto-suficiente em termos de alimentação, e o excedente produzido comercializado com as comunidades locais, preferencialmente, a preços abaixo do mercado, mediante a execução de 10 projetos prioritários que hoje estão em pleno funcionamento.

O uso racional das terras disponíveis permitiu que, nos 93 hectares, fossem experimentados outros projetos, além daqueles inicialmente estabelecidos, e, em consequência, já está lançando no mercado local quantidades razoáveis de cenoura, melão, beterraba, com tamanho, cor e características bem superior à média da região, conforme asseguram as mesmas fontes. O projeto de avicultura excedeu todas as expectativas e já tornou a escola auto-suficiente na produção de frango e ovos, além de abastecer, regularmente, o mercado local.

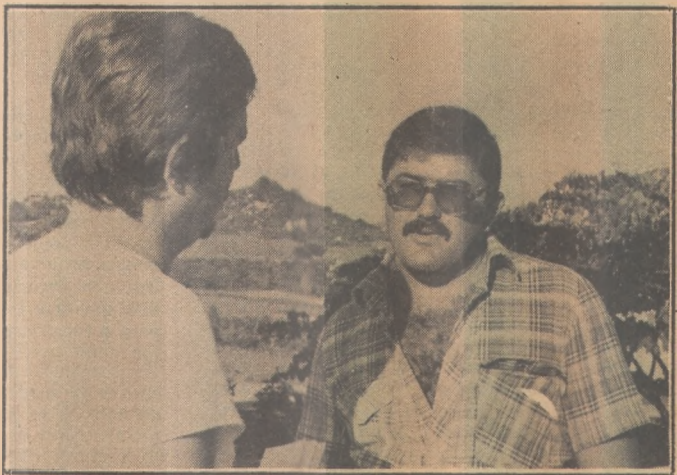
Durante mais de 11 anos a Escola Agrotécnica Estadual de Catolé do Rocha esteve fechada. O governador Tarcísio Burity encontrou-a completamente abandonada quando ainda era Secretário de Educação. Nos primeiros meses do seu governo decidiu recuperar e reabrir a Escola, que voltou a funcionar em abril de 1980.

Localizada numa fazenda de 93 hectares pertencente ao Estado, há apenas 3 quilômetros do centro da Cidade de Catolé do Rocha, "a primeira impressão que se tem dela é a de um oásis em pleno sertão da Paraíba", comentava o cineasta João Ramiro Melo, que lá se encontrava realizando filmagens.

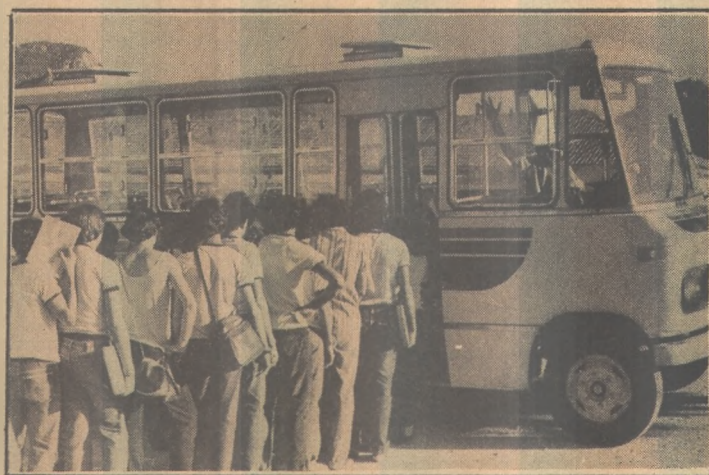
Hoje, apesar de não funcionar com cem por cento do seu potencial, a Escola Agrotécnica Estadual de Catolé do Rocha tem 359 alunos matriculados, após criterioso exame de seleção. O interessante, porém, é que esses jovens, de ambos os sexos, pertencem a famílias de pequenos agricultores da região semi-árida dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas, que "aprendem a produzir produzindo", em regime de semi-internato e com alimentação e transporte gratuitos.

Nesta entrevista a Petrônio Souto, o Diretor da EAECR, agrônomo Coriolano de Moura Gomes, 34 anos, conta como funciona essa importante unidade especial da SEC, inteiramente voltada para o ensino agrícola, formando no sertão "mão-de-obra cuja tendência natural é permanecer na terra contribuindo para atualizar os métodos de produção agropecuária do semi-árido". As fotos são de Manuel Clemente.

O Diretor Coriolano de Moura Gomes, destacou o apoio que tem recebido da secretária Giselda Navarro para manutenção da Escola.



Transporte, alimentação e assistência médica -odontológica asseguram o bom rendimento escolar dos alunos e tranquilizam os pais.



Nas aulas práticas não há distinção: rapazes e moças recebem o mesmo tratamento e executam as mesmas tarefas.



Professores e alunos garantem parte do abastecimento do refeitório. Hortaliças, ovos, aves e carne são produzidas na Escola.

OS PARAIBANOS EM BRASÍLIA

Naná Garcez
(da Sucursal de Brasília)

Brasília, a Capital Federal, é a cidade que possui a população mais heterogênea do país. Nela vivem brasileiros de todas as regiões, estrangeiros de diversas partes do mundo. A Paraíba é um dos Estados do Brasil que mais contribui para o seu desenvolvimento fornecendo imenso contingente, pessoas que aqui chegam para tentar uma nova vida, obter um emprego com melhor remuneração, aperfeiçoar a qualificação profissional, ter acesso a mais informação e movimentos culturais ou, ainda, estar em contato com o Poder Central. As causas e razões da emigração dos paraibanos, assim como os motivos da escolha de Brasília, variam de época para época, dependem da classe social do "retirante", do grau de escolaridade e da profissão que possui. Alguns chegam para arriscar, outros transferidos, e há ainda aqueles que são convidados. A maior parte tem uma saudade enorme da terra natal, dos amigos e familiares, muitos pretendem retornar, mas alguns já estão perfeitamente adaptados e estabelecidos na Capital Federal e que apenas visitam a Paraíba por causa de parentes que ficaram. Existem ainda os que não pensam mais em retornar por causa do trabalho ou porque a vida de antes não foi feliz. Entrevistamos dez paraibanos que aqui residem, exercendo as mais diferentes funções, cada um com sua história, razões e motivos particulares para a mudança.

A minha terra, Pombal, não tem nada, é tudo seco; não tinha onde trabalhar. Sai de lá há dez anos. Primeiro fui para São Paulo e estou há oito anos em Brasília. Vou a Paraíba constantemente ver meu pai, mas não posso voltar.

Este é o depoimento de Olivio Nóbrega Fernandes, técnico da Telebrasil, residente em Taguatinga, onde tinha um restaurante de comidas típicas de sua terra, que fechou.

Ele partiu de Pombal juntamente com um irmão para tentar a vida no Sul, veio para Brasília, se estabeleceu e criou laços, constituindo família. Acompanhou a vida política do seu Estado até cinco anos atrás; embora nunca tenha votado, garantiu que este ano fará isso na representação Paraíba. Apesar de não ter ainda definido o seu candidato, pretende requisitar a folha de votação no Cartório Eleitoral. Acredita numa re-

viravolta política, com o retorno de Marcondes Gadelha ao PMDB e Antonio Mariz ao PDS.

Outro, o atual superintendente regional do INPS, Antonio Agostinho Vilar, saiu de Taperóá em 1950 para o Rio de Janeiro. Segundo ele, por necessidade de sobrevivência viajou para o Sul, pois era filho de agricultor, com muitos irmãos. Com a ajuda de Alcides Carneiro, conseguiu um emprego e depois, com a transferência da Capital Federal para o Planalto Central, veio para Brasília: foi na época em que trabalhava com Juscelino Kubitschek, no Palácio do Catete. Em 1961, já em Brasília, atuou como delegado do Serviço de Alimentação da Previdência Social, durante a Presidência de Jânio Quadros. Na década de 70, foi delegado do Ipase; com a implantação do Sistema Nacional de Previdência Social, ficou no cargo de superintendente regional do INPS, função que exerce até hoje.

Na opinião de Agostinho a migração de pa-

raibanos para Brasília atualmente não é por causa da necessidade de trabalho, mas pelo fluxo de autoridades do Poder Central. "O paraibano vem pensando no apoio que a bancada Federal pode oferecer", Agostinho Vilar, acrescentando que "para o homem do campo residir nas grandes capitais é um suicídio social, porque, bem ou mal, a Paraíba tem uma estrutura social e não se justifica que o trabalhador venha ganhar salário mínimo, morar em favela, sem a mínima condição de fixação". Ao seu ver, a emigração rural para as grandes capitais não se reduz porque não há uma divulgação dos problemas sociais, da criminalidade e da precariedade de moradia.

Embora considere Brasília um oásis do país, tem vontade de retornar a Taperóá, desde que não perca o vínculo com Brasília. Todos os anos ele visita a Paraíba pelo menos cinco vezes e durante as eleições vota na sua cidade natal. "O voto é o mais caro da minha vida. Pago passagem do meu bolso e escolho o candidato", disse ele. Fundador de Brasília Esporte Clube, do qual já foi presidente e vice-presidente, sendo agora membro do Conselho Deliberativo, é também torcedor do Auto Esporte e do Treze.

Também para tentar a vida e estudar, Antonio Carlos Nóbrega, representante do Governo do Estado da Paraíba em Brasília, partiu de seu Estado em 1942, com 15 anos de idade, indo morar em Recife, onde havia um campo de trabalho maior. Dez anos depois se estabeleceu no Rio de Janeiro como exportador e importador, e está há oito anos radicado em Brasília como empresário produtor de esquadrias de alumínio e divisórias. Durante muito tempo, perdeu o contato com a Paraíba mas em 1979 foi convidado, pelo governador Tarcísio Burty, a assumir a chefia da Representação.

— Aceitei o convite com muito orgulho, tratando-se de ser um paraibano de origem muito humilde. O motivo da minha escolha deve ter sido em virtude do meu acesso aos órgãos do Governo Federal, nos Ministérios e, inclusive, porque privo da amizade pessoal com o Presidente da República.

Sempre acompanha os fatos políticos da Paraíba de perto, e considera que o fenômeno da emigração deve-se à falta de emprego no Estado: "As dificuldades se avolumam a cada dia para um mercado de trabalho que já é escasso". Últi-

mamente tem ido com frequência a Paraíba, mas não acredita que seja possível voltar a morar em João Pessoa, porque já está estabelecido em Brasília e no Rio de Janeiro, muito embora "gostaria de envelhecer no torrão natal".

Esmeraldo Braga, há um ano na Capital Federal, disse que "o que menos se esquece é o caminho de volta para a terra natal". Ele, que se fixou em Brasília para estar próximo do eixo Rio-São Paulo, ficar perto de movimentos culturais, pretende retornar para João Pessoa, tão logo tenha uma oportunidade.

Natural de Sousa, atualmente empregado na 2ª Secretaria da Câmara dos Deputados, Esmeraldo se preocupa com tudo que é relativo à Paraíba, principalmente com a atividade teatral, onde destaca o trabalho de Fernando Teixeira e Ednaldo do Egypto, com o projeto Vamos Comer Teatro, no segundo ano de sua realização. Um dos colaboradores do *Correio das Artes*, suplemento de A UNIÃO, ex-funcionário da Rádio Tabajara, ele teve uma peça montada em Brasília, mas considera que o movimento cultural desta cidade é inferior ao de João Pessoa, com "um público frio, apoio oficial insignificante e verbas insuficientes". Há dez dias atrás, teve a terceira edição de seu livro *"Danação em Terra Quente"*, lançada no Congresso Nacional.

"Brasília é uma cidade que, por mais esforço que você faça, não vai deixar de sentir solidão. O que faz falta são as boas amizades de João Pessoa. Aqui todos moram longe uns dos outros e não há pontos estratégicos para encontros", lamentou.

Opinião semelhante sobre a cidade possui Edson Gaudêncio Filho, gerente da agência da Caixa Econômica Federal no Congresso Nacional, cargo que assumiu aos 22 anos de idade. Para ele, Brasília "é um clube fechado, onde você só entra se for convidado por um sócio remido, e este normalmente é um tecnocrata. Esta cidade proporciona uma sensação de se encontrar totalmente desgarrado do mundo".

Nascido em Campina Grande, há oito anos reside em Brasília, onde chegou aos 18 anos. Seu primeiro trabalho aqui foi como vendedor ambulante de livros; depois, passou no concurso da Caixa Econômica, local onde trabalha até hoje. Mantém constantes contatos com a Paraíba, visitando-a anualmente. Sobre a partida de uma pessoa da terra natal, pensa que é uma tentativa

de independência na medida em que se cortam todos os laços com a família. Hoje todos os seus familiares já estão aqui e sua mãe, Maria da Conceição de Figueiredo Gaudêncio, é assessora da 2ª Secretaria da Câmara dos Deputados.

O general Reynaldo Mello de Almeida teve um motivo diferente para deixar João Pessoa, em 1930. Ele, que atualmente é ministro do Supremo Tribunal Militar, foi estudar no Rio de Janeiro onde fez vestibular para Direito e concurso para a Escola Militar do Realengo, tendo sido aprovado nas duas tentativas, durante dois anos consecutivos.

Posteriormente, o general optou pela carreira militar sendo declarado oficial em janeiro de 1934. Por exigência de sua profissão, nunca prestou serviço em João Pessoa, embora durante a guerra tenha estado em Recife e depois em Natal. Todos os anos passava as férias com a família em Tambá. A doença do seu pai, o escritor José Américo, lhe levou a frequentar mais assiduamente a Paraíba. A sua última ida a João Pessoa foi exatamente durante a inauguração da Fundação Casa de José Américo, instalada na antiga residência de seu pai, a 10 de janeiro passado. A sua próxima visita à Capital paraibana será para manter contatos com o Governo do Estado sobre a construção de um Mausoléu que irá receber os restos mortais de José Américo.

Ele considera o paraibano determinado, inteligente e que tem amor à aventura, "normalmente vencendo onde se estabelece". Acredita que muitos conterrâneos migram por uma questão de mercado de trabalho, sendo evidentes as maiores possibilidades culturais e financeiras fora do Estado.

Luis Torres Brás, há dez anos em Brasília, veio transferido pelo INPS para implantar o Serviço de Nefrologia. Para ele esta cidade tem um mercado de trabalho mais convidativo. Contudo não considera que seja vantajoso para um médico se transferir porque já está havendo uma saturação do mercado de trabalho e dificuldades para quem chega se instalar, embora também a migração para Brasília já esteja diminuindo. Ele acha que a Capital Federal "é o espelho do país", porque dela partem todas as decisões. A sua próxima viagem para Campina Grande será em novembro, durante as eleições, para votar.

Helio Guimarães veio trabalhar no setor imobiliário e estudar. Natural de Boaventura, aqui chegou em março do ano passado, trabalhando com seu irmão, João Leite Cavalcanti, proprietário da Solo Empreendimentos Imobiliários Ltda. Quase toda a sua família já se transferiu para Brasília por apenas uma razão: mercado de trabalho.

Em situação diferente ocorreu a mudança de Ubirajara Targino Botto, que trabalha no Ministério do Trabalho como assessor para assuntos internacionais, sendo representante do Brasil na Organização Internacional do Trabalho.

Ele veio para Brasília a convite do ministro Murilo Macedo, há dois anos, quando era assessor especial do governador Tarcísio Burty, depois de retornar de Strassbourg, onde fez doutorado em Direito Internacional Público.

Como seu cargo é de confiança, possivelmente voltará a residir em João Pessoa. É também professor da Universidade Federal da Paraíba, de Direito Internacional. Se sente bem em Brasília, "cidade ideal para se morar; além disso, tudo na vida depende do estado de espírito".

Ele vai a João Pessoa de três em três meses. Além disso, mantém contatos com o governador Tarcísio Burty e com os parlamentares. Entende ele que o migrante sempre quer voltar mas para a realização profissional as maiores chances estão em Brasília.

Dona Creusa Barbosa, revisora do *Correio Brasiliense*, mudou-se para Brasília porque "na Paraíba não tinha espaço profissional e a única solução era sair dali. Vim para Brasília por uma consequência do destino".

Todos sentem saudades, seja da cidade, seja da praia, dos amigos, da família. A comunidade paraibana, que é grande está sempre se contactando, e quem chega é logo apresentado aos demais.

Mas Orlando Tejo, autor de *Zé Limeira: o Poeta do Absurdo*, campinense, foi o único entrevistado que declarou ter esquecido a terra natal. Há dois anos em Brasília, empregado como redator do *Correio Brasiliense*, disse que não tem vontade de voltar, porque a Paraíba deixou de lhe interessar, frisando: "o que os olhos não vêem, o coração não sente".

Luiz Carlos Pereira Os recursos minerais não devem ficar a mercê de lucros de empresas

Qual a importância dos Recursos Minerais para o Estado?

— Os recursos minerais constituem a base de qualquer sociedade moderna. As vezes, passamos despercebida a dimensão real de sua importância e de suas aplicações. A partir dos minerais, são construídas nossas casas, fabricados nossos carros, aviões e navios, feito o calçamento de nossa rua, desenvolvida a indústria petroquímica, a de fertilizantes, a indústria siderúrgica, produzidos o óleo, a gasolina, etc. O produto mineral industrializado ou mesmo em seu estado bruto assume cada dia uma importância maior em todos os setores da vida do homem e da sociedade. Os recursos minerais geram mão-de-obra, geram a matéria prima para a indústria, geram empregos, impostos, etc. Aqui na Paraíba, o ano passado, foram recolhidos cerca de 75 milhões de cruzeiros de I.U.M. (Imposto Único sobre Minerais) para o Estado, quantia esta toda reinvestida para pesquisa mineral, através da CDRM/PB, nossa companhia de mineração, sediada em Campina Grande. Vale frisar, no entanto, que o maior efeito econômico e social da mineração se faz presente na fase da industrialização. Além do mais, existe um outro aspecto muito importante aqui no Nordeste e na Paraíba. É que as inúmeras

O governador Tarcísio Burty, fez ver a necessidade de um maior apoio ao setor mineral, tanto que criou, logo em seu primeiro ano de governo, a Companhia de Desenvolvimento Mineral - CDRM/PB, localizada em Campina Grande, e em novembro de 1980 foi criada a Secretaria de Energia e Recursos Minerais, que tem como titular o engenheiro Marcelo da Figueiredo Lopes. Hoje, o minério paraibano é uma realidade.

O geólogo Luiz Carlos Pereira, mestre em geociências pela Universidade Federal da Bahia, e Coordenador de Desenvolvimento Mineral da Secretaria de Energia e Recursos Minerais, concedeu entrevista ao Jornal de Domingo, falando sobre a importância dos minérios.

"Os recursos minerais geram mão de obra, matéria prima para indústrias, empregos, impostos etc. Na Paraíba em 1981 foram recolhidos cerca de 75 milhões de cruzeiros de Imposto Único sobre Minerais, quantia esta toda reinvestida para pesquisa mineral através da CDRM/PB".

ras regiões de garimpo que se espalham na região Nordeste, constituem, verdadeiros focos de resistência à seca, inclusive absorvendo mão-de-obra da agricultura nesses períodos, permitindo a fixação do homem no campo.

Como o senhor vê o problema da escassez de alguns produtos minerais e de seus reflexos na sociedade?

— Esta é uma pergunta bem interessante. Acredito que podemos respondê-la, ingressando inicialmente numa espécie de "filosofia mineral" se assim podemos chamá-la. Os recursos minerais, como todos sabem, constituem produtos não renováveis. Suas reservas são finitas. Uma vez extraídas do sub-solo e utilizadas pelo homem com o passar do tempo vão se esgotando e se acabam. Não são como os produtos agrícolas que são renováveis toda hora, em vários períodos do ano. Ai está a grande responsabilidade de fazer um bom uso dos nossos recursos minerais. Estes jamais deveriam ficar a mercê da sede de lucros de empresas, próprias da sociedade de consumo. Isto constitui falta de respeito e zelo pela nossa sociedade especialmente pelas gerações futuras. A extração e o uso dos recursos minerais tem que ser disciplinados e planejados de modo que venham atender as reais e vitais necessidades do homem de hoje, garantindo também um quinhão para aqueles que hão de vir. Os recursos minerais

devem ser usados para o bem do homem para a preservação do seu bem-estar, para sua proteção, já para a guerra, para sua destruição ou para algo supérfluo, inconsequentemente. Veja o petróleo, por exemplo. Um dia certamente vai se acabar. Se o homem tivesse há anos passados, racionalizado a distribuição e consumo do petróleo, projetando os problemas futuros, advindo de sua possível escassez, certamente não tínhamos passado pela crise do Petróleo na década de 70, cujos reflexos ainda hoje, atingem profundamente a economia dos povos, especialmente aqueles em vias de desenvolvimento. Agora, temos que encarar o problema da escassez com naturalidade. Havendo a escassez de algumas substâncias minerais, isto levará o homem a atravessar crises, mas sempre encontrará tecnologias apropriadas para superá-las. É claro, que as crises seriam muito mais amenas se o homem planejasse adequadamente a produção e o consumo minerais.

Quais os principais planos da Coordenadoria de Desenvolvimento Mineral?

— Cabe à Coordenadoria, o controle e o fomento da produção mineral estadual. A Coordenadoria é constituída por duas divisões: A Divisão de Economia Mineral e a Divisão de Geologia e Pesquisa Mineral. Este ano está previsto a elaboração de vários perfis de comercialização e estudo de oportunidades de investimentos no setor, para várias substâncias que ocorrem no estado, entre as quais, o quartzo, o feldspato, o calcário, a bentonita, a água mineral e o caulim. Estamos também preparando o mapa geotônico do Estado, os mapas metalogenéticos previsionais das substâncias que ocorrem em nosso sub-solo para melhor orientar a pesquisa e os investimentos minerais. Viamos também dar início as instalações do Laboratório para identificação rápida de minerais e rochas e do equipamento para foto-interpretção. Este último, especialmente por causa do levantamento Aerofotogramétrico do Estado, na escala de 1:25.000 aprovado pelo Governo, a ser realizado pela FAB ainda este ano. E temos também mais dois importantes projetos que são o de Cooperativismo Mineiro e de Produção de Gemas e Artesanato Mineral de grande alcance social. Nosso objetivo na realidade é aumentar a produção mineral estadual a partir de projetos de pesquisas e programas especiais como estes últimos. Temos que produzir mais minérios é verdade, mas tentando de alguma forma beneficiar o maior número de pessoas possível, a partir daqueles responsáveis pela sua produção. Outra coisa muito importante: Temos que adotar uma política que primeiro venha atender às necessidades domésticas para depois exportar os excedentes. Não tem lógica alguma, por exemplo, nós nos orgulharmos, com entusiasmo, de que somos um dos maiores exportadores de calçados do mundo se milhares de brasileiros ainda andam descalços.

O senhor fez questão de frisar que o Programa de Cooperativismo Mineiro era uma das mais importantes metas da sua coordenadoria dada a sua importância social. O que vem a ser este projeto e porque esta atenção toda especial?

— Qualquer que seja a atividade do Estado, esta deve visar sobretudo ao bem comum e a melhoria da saúde física e mental do homem e do seu desenvolvimento intelectual. O homem deve ser o centro de atenção, a razão e o objetivo maiores do Estado. A nossa preocupação com o homem que trabalha com a mineração, é muito natural. Trata-se de uma questão de coerência com aquilo que pensamos. Os garimpeiros, os pequenos mineradores são encontrados espalhados em centenas de pequenas regiões produtoras de minérios, gerando riqueza à intermédiações e à empresas. Eles criam e desenvolvem cidades. No entanto,



"Minérios geram mão-de-obra"

continuam ao longo dos anos a viver em condições sub-humanas, sem educação, sem moradia, sem segurança no trabalho, sem nenhuma perspectiva de vida decente. E essa massa de homens que alimenta o comércio, alimenta a indústria e dá conforto ao homem da cidade. O projeto de Cooperativismo Mineiro trata-se de uma experiência nova na tentativa de mudar o quadro existente. Esta primeira experiência está sendo feita na região do Junco do Seridó, a maior produtora de caulim na Paraíba, onde também são extraídas a tantalita e a columbita como subprodutos. Cerca de 700 famílias são dependentes da atividade mineral local. Os garimpeiros e os pequenos mineradores que lá vivem já se organizaram numa associação. Estamos conseguindo recursos e ajuda dos governos Estadual e Federal. Os primeiros resultados positivos já estão sendo obtidos. É uma experiência que, com certeza, será repetida em outras regiões do Estado a fim de oferecer oportunidades para melhorar as condições de vida dessas centenas de pessoas que trabalham diariamente produzindo riqueza e nada têm. Estamos fazendo isto, porque acreditamos que a maior riqueza de um povo, está no homem que se encontra em cada cidadão. Se temos um homem fraco temos uma nação fraca. Se a grande maioria da população for bem nutrida, saudável física e mentalmente teremos uma nação verdadeiramente desenvolvida. O nível de vida da grande maioria é a única medida segura através da qual podemos avaliar corretamente o grau de desenvolvimento de um povo. Números, cifras ou registros de produção nada significam para a Nação, se a riqueza não for distribuída com sua população, e se esta não estiver bem.

Como o senhor vê o quadro geral da produção mineral estadual?

— Sem dúvida a Paraíba é rica em minérios. Trata-se de uma vocação natural que precisa ser dimensionada a melhor. Hoje a Paraíba é a principal produtora de bentonita do Brasil, na região de Campina Grande, e vamos começar a produzir titânio em Mataraca onde existe a maior reserva de ilmenita do Brasil. Temos também uma

variedade de matérias de construção, sendo o principal, o calcário do qual se fabrica o cimento, cujas ocorrências se concentram especialmente na faixa costeira do Estado. Também temos sheelita e vários minerais de pegmatitos como tantalita, columbita, caulim, feldspato, além do ouro em Catingueira e fosfato na região costeira cujas reservas podem atingir 180 milhões de toneladas, havendo possibilidades da implantação de um pólo de fertilizantes na região Conde - Alhandra.

Quais as perspectivas reais do ouro na Paraíba, e o que o Governo tem feito para recomenciar sua produção?

— A história da mineração na Paraíba começa com a história do ouro em Princesa Isabel e Aguiar desde 1766. Nossas principais áreas de ouro estão localizadas no município de Piancó, Catingueira e Teixeira e estão há muito paralizadas. A área de Itajubatiba, (Catingueira) é considerada potencialmente pelas características geológicas, a mais importante. Hoje o Governo Estadual através da CDRM/PB está em vias de entrar em acordo com o detentor de direito de lavra em Catingueira visando à pesquisa e à reativação de produção de ouro no local. Sabe-se que na década de 40 foram retiradas cerca de 5 toneladas de ouro na região através de garimpo aplicando-se métodos rudimentares. Estudos tecnológicos do aproveitamento do ouro que está contido no rejeito local já foram iniciados e acredito que, ainda este ano, a CDRM/PB, venha a produzir ouro.

Com as eleições bem próximas e a mudança de Governo às vistas, poderão ser alterados os projetos e as metas da SERM no que se refere ao setor mineral. Como o senhor vê este problema?

— Eu não sou político. Como técnico, como geólogo, procuro fazer o melhor dentro dos limites dos meus conhecimentos, junto a nossa equipe de trabalho, tendo o apoio do nosso competente Secretário de Energia e Recursos Minerais, o Eng. Marcelo de Figueiredo Lopes, e os resultados que estamos conseguindo até agora são positivos. Nossos projetos e nossos planos na Secretaria são frutos de decisão baseada naquilo que consideramos que seja o mais correto, o mais proveitoso para o setor mineral. Agora, temos que considerar, como muito natural que, toda vez que houver mudanças de governo, ocorrerá alterações na equipe de técnicos, nos métodos de trabalho e de projetos. E na alternância do poder que a sociedade encontra o caminho de seu aperfeiçoamento. Como a maior parte dos nossos projetos é de natureza básica, fundamentalmente técnica, em linhas gerais, certamente, não sofrerá mudança. Poderão surgir novas idéias novos projetos o que será muito bom para o desenvolvimento e fortalecimento do setor, como ora desejamos.

Como o senhor vê a atuação do técnico no plano político?

— Acredito que os problemas políticos devem ser resolvidos pelos políticos e os de natureza técnica pelos técnicos. Por outro lado é importante frisar que, o técnico não pode ser um homem passivo, acomodado, servindo de mero instrumento de uma classe dominante qualquer. Muito pelo contrário. O técnico como todo cidadão que se preza, tem que se interessar pelo destino do seu país e de sua gente, tendo consciência histórica dos problemas políticos, administrativos e econômicos da sociedade em que vive. Deve tentar, inclusive, influenciar nas decisões políticas, manifestando livremente suas idéias e seus projetos tendo também, naturalmente, o direito de participar na escolha de seus governantes. Sendo assim, o técnico pode participar como fazer também um pouco da história de sua sociedade através do seu trabalho sério e honesto, construindo um mundo melhor e mais justo para todos.



Luiz Carlos: pela alternância

Engenhos e Senzalas

Fotografias de Luiz A. Bronzeado

Desde ante-ontem que *Engenhos e Senzalas*, ensaio fotográfico de Luiz Antônio Bronzeado, provoca a admiração de todos os que têm chegado ao salão de exposições do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPb, na rua das Trincheiras, para ver o novo trabalho desse areense de 33 anos.

No folder distribuído durante o *verneisage* da exposição, Luiz Bronzeado explica como um verdadeiro elenco foi montado, em ritmo semelhante ao de uma produção cinematográfica, para ser concretizada a idéia de *Engenhos e Senzalas*, nascida na cabeça do fotógrafo há dois anos atrás. Uma produção que fez com que ele relese várias obras de José Lins do Rêgo e providenciasse que figurinos,abelos, posturas, etc., dos personagens tivessem uma reconstituição a partir de fotografias da época.

O trabalho de Luiz Bronzeado é requintado e chega com o aval de importantes personalidades da vida cultural brasileira, a exemplo de Gilberto Freyre e Paulo Freire, que sobre ele escreveu: "Um vigoroso artista cuja obra surpreende e retrata, de maneira autêntica, o sensualismo dos trópicos - corpos que se movem ondulantemente, desenhando o mundo".

Luiz atuou para revistas como *Veja*, *Cláudia*, *Pop* e *Realidade*. Entre suas andanças, foi aos Estados Unidos, onde chegou a realizar um estudo chamado *Manhattan Skyline*.

Nesta página, o *Jornal de Domingo* apresenta alguns dos belos, equilibrados e intensos momentos plásticos do ensaio *Engenhos e Senzalas*, que continuará em exposição no NAC da UFPb durante esta semana.



A máquina fotográfica de Luiz Antonio Bronzeado tem parte com a máquina do tempo de Wells. Não é um instrumento que acorrenta o instante, mas vai além do tempo-que-passa. O instante, para esse fotógrafo de olhos vertiginosos como arpões, é apenas o campo visual imediato, por onde ele penetra para atingir, não espaços mais dilatados, porém tempos mais abrangentes. Nesse sentido, é que a sua câmera se parece com a máquina do tempo inventada pelo famoso escritor inglês. As lentes de sua câmera são ávidas de réstias antigas, são o tunel por onde, numa prática de feitiçaria, a luz penetra para produzir a redescoberta do tempo perdido. Desse modo, o instrumento de que Luiz Antonio Bronzeado se utiliza, opera como um alcapão de milagres, que captura o tempo-que-foge. Cada fotografia deste artista é uma pequena viagem ao fundo do passado brasileiro, de onde ele recolhe, como de uma botija recheada, as intimidades submersas nos velhos álbuns de família. Viagem à maneira de Julio Verne, que não leva ao centro da terra, mas à atmosfera do tempo perdido, ao fundo do inconsciente coletivo, que desperta do torpor em que adormeceu, como uma donzela encantada num jardim de sombras, tocado pelo sortilégio de belas imagens eróticas. E, em cada aventura fotográfica que empreende, em cada safári em que se afoita, Bronzeado captura as linhas de uma tão secreta beleza, de uma tão aliciante sedução, que os nossos avós sensualmente adivinhavam, escondidas sob as anquinhas e saias-balão, nos corpos cheios de graça, quebranto, langor e volúpia, das sinhas e mucamas das casas-grandes e senzalas dos engenhos do Nordeste.

ODILON RIBEIRO COUTINHO

LETRAS

Carlos Romero

ERA UMA VEZ UM CINEMA...

Telefone para o cineasta Linduarte, chefe do nosso Patrimônio, e indago-lhe se o prédio do cinema Rex, recentemente vendido a um Banco, - vai ser demolido.

Com toda a sonoridade de sua voz de ex-locutor da Rádio Tabajara e o calor da bafurada de seu inveterado cachimbo, - responde o Linduarte pela negativa. E eu fiquei pensando com os meus botões: - "por que diabo não agiram da mesma maneira com o histórico prédio de "A União?".

Mas, voltemos ao Rex.

Há mais de 40 anos, isto é, na manhã de 1º de agosto de 1935, o leitor deste jornal deparava-se com o seguinte aviso da Companhia Exibidora das Filmes S.A. - "HAVENDO ESSA COMPA-

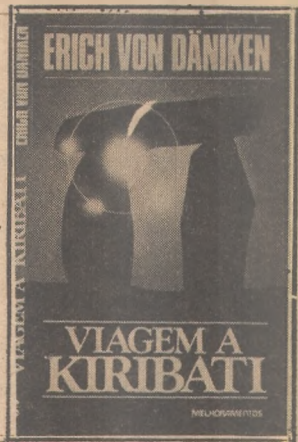
NHIA ADQUIRIDO, POR COMPRA, O CIRCUNTO CINEMATOGRAFICO DO SR: EINAR SVENDESEN, TORNA PÚBLICO QUE A PARTIR DE HOJE FECHARÁ O CINE-TEATRO RIO BRANCO, QUE SERÁ REABERTO, APÓS COMPLETA E INDISPENSÁVEL REFORMA, NA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA, 8, COM O NOME DE REX".

Fechava-se, assim, o antigo Rio Branco, de saudosa memória, famoso pelas suas alegres sessões das maçãs, a que se refere o cronista Ascendino Leite, e inaugurava-se o Rex, cujo filme de estréia foi a opereta Meu coração te ama, com o tenor Jean Kiepora e o soprano alemão Martha Eggerth, "o rouxinol que se humanizou".

O surgimento do Rex foi acontecimento social dos mais elegantes. Toda a chamada nata da sociedade compareceu ao cinema. E era propósito da Empresa centralizar ali "toda a vida elegante e aristocrática da cidade", como enfatizava uma nota.

A sala de projeção se transformou em sala de visita do nosso soçate. O Rex teve, portanto, uma origem elitista. Nas suas telas desfiliavam os melhores filmes do País e na sua sala de espera os vestidos e as roupas do último figurino.

Mas o tempo foi passando, a cidade crescendo, a burguesia foi morar mais longe, outros entretenimentos surgiram e, aos poucos, começou o declínio da tradicional casa de diversões.



OS LIVROS MAIS VENDIDOS

Na Cooperativa Cultural da Universidade Federal da Paraíba, segundo informou Gerani Feliciano Pedrosa, os livros mais vendidos, na última semana, foram:

1 - O Analista de Bagé - Luis Fernando Verissimo - Editora L & PM.

2 - O Despertar dos Deuses - Isaac Asimov - Hemus.

3 - O grande sol de Mercúrio - Isaac Asimov - Hemus

4 - Boneca do Destino - Clifford D. Simak-Hemus

5 - Passagens - Gail Sheeky - Francisco Alves

6 - Mulher Daqui,para frente - Marina Colasanti - Nórdica

7 - Pábis Angelical - Manuel Puig - Codecri

8 - As Pipas - Romain Gary - Francisco Alves.

9 - Norte Contra Sul - Julio Verne - Hemus

10 - Changi - James Clavell - Record

11 - Que loucura! - Woody Allen - L & PM

12 - Guida, Caríssima Guida! - Dinah Silveira de Queiroz José Olympio.

AS ÚLTIMAS NOVIDADES DAS LIVRARIAS

"A mulher e sua independência econômica"

"Se a mulher (solteira ou casada) coopera no sustento da família, ela tem o direito de saber aonde vai o dinheiro, tem direito de dar sua opinião, com o que acaba o poder absoluto do marido, que é a característica da família androcêntrica".

Eis o que afirma Jacob Bazarian, no livro Introdução à Sociedade, recém-lançado pela Editora Alfa Omega.

O livro tem como subtítulo: "As bases materiais da sociedade".

"Meu Amor Bandido"

O título acima é do último livro da cronista Marisa Raja Gabaglia. A ideia de escrever este romance nasceu num momento de grande tristeza para Marisa. Ela decidiu "desvendá-la", por conta própria a intrincada aventura policial em que se enveredou um ex-amor seu.

Meu Amor Bandido, recém-lançado pela Codecri, é um livro irônico do início ao fim, escrito em linguagem confessional e narrado na primeira pessoa. Trata-se da história da vida de um cirurgião plástico chamado Hernay Planus. Qualquer semelhança com o caso "Hosmany Ramos" não é mera coincidência - informa um topico da Editora.

Cidade, Povo e Poder

Nas livrarias, o livro Cidade, Povo e Poder - uma coedição CEDEC/Paz e Terra que reúne artigos de José Álvaro Moisés e Lucio Kowarick, entre outros, na síntese de algumas linhas de pesquisa que têm atraído e entusiasmado os estudiosos dos movimentos sociais urbanos durante a última década".

Ilusões do mundo

Reunindo crônicas que valem como momentos privilegiados em que a autora harmoniza em narrativas curtas os elementos constitutivos de seu universo poético de uma forma exemplar dentro desse gênero tão finalmente desenvolvido na literatura brasileira - eis que já se encontra nas livrarias o livro de Cecília Meireles - Ilusões do Mundo - Trata-se de um lançamento da Nova Fronteira.

Satisfatório o desempenho da Editora Universitária

"O desempenho da Editora Universitária, após um ano de atividade ininterrupta, até certo ponto pode ser considerado satisfatório. Basta dizer que em pleno ano de recessão foi possível manter um programa editorial razoável, atender às diversas solicitações da UFPb e ampliar as fronteiras de um mercado recém-conquistado".

Eis o tópico inicial do relatório que o jornalista e professor Alarico Correia Neto, atual diretor da Editora Universitária, endereçou à FUNAPE (Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão) e ao Gabinete do Reitor.

A Editora está dinamizando o seu programa editorial e as perspectivas de distribuição de livros é a melhor possível.

Oportunamente, daremos maior enfoque àquele importante setor cultural.

Correspondência - Carlos Romero Av. N. S. dos Navegantes, 792 - Tambaú - João Pessoa-Pb - Telefone - 226-1061

TEMOR

Anto Márcio

COMO DOMESTICAR UMA MOSCA

O primeiro passo é filiar a sujeita ao PT. O Partido que num ganha nada, nem atrapalha, mas existe. O único que tem frei. O PT fará com que a mosca fique dócil, já que é um partido de umas dez pessoas, pois quem danado é trabalhador nesse país? Ou, por outro lado (epa...!) todos somos. Todo mundo num trabalha? Ou vocês acham que os deputados, os senadores e o próprio presidente da República, não trabalham? Olha, se cês acham assim, serão enquadrados como guerrilheiros urbanos...!

DECIFRADOR DE SONHOS

Professor Dormynu

1) Sonhei que jogava no Palmeiras. Ao lado de meu ídolo, Roberto do Vasco. Roberto, com aquela dentadura de Monica, sorria o time (taime) todo pra mim. Ai eu olhava pra ele, e dizia assim: "Tusois?". Ele dizia: "Mas quem não é?" "Ai eu acordei. Que significa ? MARTO/GO

RESPOSTA - Tu, com esse nome de Marto, já tava me cheirando mal. E com essas perguntas! Vai pôr homem, que o país necessita d'ovos...!

2) Sonhei que estava vestido de noiva. Sorrindo e querendo chorar. Ao lado meu pai. Sorrindo também. Froide explica isso? LUCINHA/MG

RESPOSTA - Num precisa nem Froide, nem Freud. Se num fosse eu ser demitido daqui do jornal, eu explicava. Bons sonhos...

CARTAS DA SEMANA

Prezado - Fui convocado pelo Sr. Telê Santana. Contece que num tenho o dinhierro da passagem. Sou um centravante retado. Chuta cas duas, e centro de cabelo, digo de cabeça. Tenho um t(*)são enorme pra ir a Espanha. Que faço? LUIZ/NESTA

RESPOSTA - Faz o seguinte. Procure um médico aí e tome Piportil, o remédio que manda as pessoas pra o lugar da rima, digo, da rima. Ei, o senhor tem sotaque té na escrita, é?

Meu santo - O dragão da maldade me persegue todas as noites .Soy um lazado. Sou uma das 22 pessoas que comprou ingresso pra assistir ao "Raices da América", Qué que o sr. acha de mim? TULIO/NESTA

RESPOSTA - Tulio, filhote, eu num acho (p***)a nenhuma. Eu somente acho coisas de mim. Vare!



A preferência nacional

NECESSITO PARA MINHA COLEÇÃO DE BORBOLETAS:

Um patidópetro fálicus

Um jacaré

Um peru com trufas

Uma laranja Mecanica

Uma banana da terra

COLUNA MUSICAL ZÉ TINHORIM

Gostei muito do último disco do Caetano. Gostei, notadamente, porque se ele continua daquele jeito, vai ser o ÚLTIMO, mesmo. Ele cantando Peninha, é uma graciíiiiinha...! Parece um homi. Desafina, vai lá, vem cá, sobe, desce, mas num perde o glamour de cantar tosta (olha lá, revisão! E com T!) Porisso, digo sem medo de errar: sou mais Chocolate da Bahia...

PAPIM DE POLITICA

HOMEM - Vai votar?

MULHER - De onde?

HOMEM-Votar?

MULHER - De ondeeeeeee?

HOMEM - Ah, mulher burra...!

HELIO BELTRÃO - Bura, não Bura, com dois R. Hei de fazer desse país uma burocracia...!

O HOMEM ELEFANTE KRITIKA

O que mais impressiona no elefante men, é a dita tromba. O resto, a gente tira de letra. Tem aquela cena em que ele diz: "Viva o PDS" que é de uma originalidade impar! (Eta expressão cafona!!) E quando ele diz mamã, vieram lágrimas aos olhos desse escriba que vos escreve. Foi um baratatotal (compre nas casas Sias, aí que vendem caro, mas vendem honesto...). Tem outra cena comovente. É quando ele diz: "Sou Vasco da Gama e num abro"... Cotação: (*****).

COMPOSIÇÃO INFANTIL O PENSAMENTO

O pensamento pensa por nós. Por isso que eu nem penso. Tem pensamento sobre coisa feia, e pensamento sobre coisa bonita. O pensamento sobre coisa feia é muito melhor...! Mas minha mãe diz que é pecado. Porisso, eu penso bem baixiiiiiiinho! O pensamento a gente num vê. Mas pensa que vê. Nem pega. Nem pensa que pega. A gente é muito inteligente pra pensar. O chato nessa droga de banana é que tem muita gente pensando pela gente...

POEMA DA TV

Ligo a Tv, meu aparelhos preferido. E que vejo então? Um povo besta a ver televisão...!

Bumbum de bebê...



Em suma: desça do carro e fique quieto.

TÃO VENDO?

Motorista preso por dirigir carro embriagado

Encontra-se recolhido ao xé disposição do Juiz da Audiência, o profissional do viciado de Silva mais

Detran! Vamu prender esses caru bebu pe lai...!

METODO DE ALFABETIZAÇÃO

Pegue uma criança. Cubra de leite condensado. Leve até a geladeira. Depois (num fica lindo com B), leve-se até o fogo brando. Ai manda-se que ela diga: "A". Com esse método é bem fatível que ela diga, pois num tem quem guente. Leve até a lavadora de roupas (Só Brtastampa lava melhor...) e manda-se ele dizer, "B". Se ele num disser cubra no pau. Menino deve saber ler...

NOTICIAS DA COPA

PAINEIRAS) No meio da refeição, o centro avante Careca, com aquela basta cabeleira, subiu nas mesas e gritou: "Enquanto estamos aqui nos banqueteadando e ganhando milhões, o povão passa fome!!" O resto num conto, becouse acordei...

PAINEIRAS) Zico, com aquele narizinho afilado, anda processado pelo pai do fa, digo do garoto da publicidade, da Coca. Segundo o pai do menino, o "Galinho de Quintino" teria proposto ao boy, uma troca, digo, uma troca de posições. Como a coisa foi interpretada mal, tá o rolo...

PAINEIRAS) Telê, só dorme de bobs. Nocaute Durban, é o encarregado de botar e tirar. Essa é furô...

NOTÍCIAS DA TV

FURO: Clodovil é muito macho

FURIM - Betty Faria fala com um ovo na boca. De quem... (para, para, para!)

FURÃO - Boni ama Clark (eiíiiiiitaaaaaaa!)

NOTICIAS DE GUERRA

Do correspondente Xan Em Lui

El Salvador) O God! Tá um auê, aqui que eu nem vos conto! Homi atirando em homi, em muié, o baralho a sete!. Uma lou-cu-ra! Tou morto de medo! Pra que eu num continuei no Corpo de Baile da Globo? Todo dia eu acordo com aquele ratatata, de metralhadora. Tou doido pra trocar de emprego com um guarda de transito. É muito menos perif, digo muito menos perigoso... Chau...

SENÃO SENTIDO

Existe ou não uma receita para o sucesso? Essa é, sem dúvida, uma questão discutida por muitos. As respostas, em geral, são evasivas, já que o inesperado tem um peso muito forte nesta questão. Mas, independentemente das considerações de ordem teórica, na prática algumas coisas ou pessoas se afirmam como indicadores seguros de receptividade. A autora Janete Clair e os atores Regina Duarte e Francisco Cuoco podem, seguramente, ser enquadrados nesta categoria. É provável que, em anos de carreira, já tenham participado de experiências não tão bem-sucedidas, mas a exceção - mais uma vez - só serve para confirmar a regra, já que o carisma dos três sempre esteve presente. E é esse trio que comanda atrás e na frente das câmeras - sob a direção de Roberto Talma - a novela *Sétimo Sentido*, que estreia amanhã no horário das 20 horas, onde assuntos como a paranormalidade, a luta pelo poder e, como não poderia deixar de ser, a amor, são discutidos nas diversas tramas que envolvem cerca de 40 personagens.

A VISÃO DA AUTORA

São anos de prática, muitas novelas, e um talento indiscutível. Mesmo assim Janete Clair sempre almejou um novo método de trabalho. Ler muito sobre os assuntos que gostaria de abordar, ter tempo para meditar sobre cada personagem, criar um sólido perfil de cada um, além de uma recheada sinopse, e, finalmente, estreiar com muitos capítulos prontos, sempre foi a sua meta, jamais alcançada. Algumas vezes, chegou perto do ideal, como em *Coração*

Alado, seu último trabalho exibido. Em outras, "tirou a novela da cartola" - como dizem muitos -, para substituir programas cancelados, como em *Pecado Capital*.

Mas só agora, em *Sétimo Sentido*, pela primeira vez Janete realiza exatamente o que pretendia. Durante um ano leu tudo sobre paranormalidade, parapsicologia, espiritismo, inconsciente, encarnações - uma das molas mestras da história -, escreveu uma sinopse de muitas páginas e um perfil dos personagens, no qual não faltam detalhes, como o signo de cada um dos que conduzem a história, com todas as características da casa zodiacal, o perfume que usam e o gênero de roupa, por exemplo. E mais: no dia da estreia da novela, 50 capítulos já terão saído da sua máquina de escrever. E todo esse trabalho resulta numa enorme segurança para Janete.

Há um ano, uma sementinha plantada pelo ator Carlos Alberto - ainda na época do *Bravo!* - de que eu deveria fazer uma novela sobre várias encarnações, começou a crescer dentro de mim. O personagem já surgiu com um nome - Luana Camará - e eu não renunciei a essa primeira fonte de inspiração. E, aí, comecei a ler tudo sobre a paranormalidade, espiritismo, pedi uma pesquisa bastante extensa, conversei com muitas pessoas que, quando sabem que você está interessada no assunto, não escondem suas experiências. Até então, eu, que sou católica apostólica romana, jamais tinha lidado com esse tipo de assunto. Apesar de não chegar a conclusões, comecei a ver que



O personagem Tião Bento foi escrito para Francisco Cuoco, que no dia-a-dia das gravações da novela aperfeiçoa o trabalho

não era uma coisa assim tão distante. Quando o tema não era mais desconhecido, comecei a fazer o personagem. Naquele momento, eu já tinha certeza de que Luana não estava fora da realidade, que os fenômenos existem mesmo, ainda que não saibamos explicá-los. E, assim, nasceu a minha Luana Camará - forte e bonita - envolvida numa história muito real, onde se misturam diversos personagens. E cada um deles tem uma história muito forte. Pela primeira vez estou me sentindo muito segura. Não tenho que parar e pensar o que vou fazer com alguém dentro da narrativa.

Isso resulta numa obra de muito fôlego. Em cada capítulo, a ação se desenrola abrindo espaço para novas tramas surgirem.

Realmente, eu tive tempo de criar histórias boas para cada personagem. *Sétimo Sentido* é uma novela que não tem cenas gratuitas, que não brinca. Eu não preciso encher páginas. Pelo contrário, cada uma delas é importante para o capítulo seguinte.

De um lado está Luana Camará, jovem marroquina, que volta ao Brasil tentando recuperar sua fortuna roubada pela família Rivoredo. De outro, Tião Bento, o braço direito do falecido Antonio Rivoredo, principal mentor das traças contra os Camará e antagonista de Luana. Em meio a tudo isso, se manifesta a paranormalidade dela, de início através de visões de situações futuras e que, no decorrer da novela, fará com que Luana passe por uma transformação radical, vivendo outra vida. Isso sem contar com as histórias

paralelas de personagens também muito ricos.

Não é uma história que se vê todos os dias. Disso tenho certeza. Um chofer de táxi pode encontrar um dinheiro roubado em seu carro ou um homem mais velho pode se apixonar por uma mulher 30 anos mais nova, como acontecia em *Pecado Capital*, que era bem mais "chão". Não é cotidiano, porém, o fato de uma mulher antever o futuro, e, mais tarde, se apossar da personalidade de outra mulher. Realmente, não é uma história comum. Mas, se não é provável, é possível. E é isso que a torna fascinante. Sei que é preciso ter coragem para escrever sobre tema tão arrojado. Mas eu tenho.

Sétimo Sentido, ainda que envolvendo dezenas de personagens, tem como núcleo básico o antagonismo entre Luana Camará e Tião Bento. Duas figuras que Janete Clair compara, de certa forma, a Joana D'Arc e Don Juan, num duelo no mínimo surpreendente.

Luana é uma pessoa, antes de tudo, bem intencionada. Sozinha, vai querer consertar esse mundo louco. É um pouco Joana D'Arc, que também tinha visões, e a ilusão de pretender salvar a França. Luana não tem ambições, quer de volta a sua fábrica, para poder dividir com os operários. Uma utopia... Uma coisa nova... Quem sabe se ela consegue, no final, no meio de tudo isso, envolvida com suas visões e com uma outra personalidade, vivendo e amando? Tião Bento é o seu antagonista radical. Um personagem muito complexo, com uma necessidade quase doentia de poder e afirmação. Luana

representa pra ele a ameaça. E, daí, surgem imensos conflitos. Mas Luana não passa o tempo todo vendo coisas. Ela sai na rua, namora, como todas as pessoas. Senão, ficaria muito chato. Tião Bento também não vive todos os capítulos obcecado pelo poder. Tem um lado muito leve, bem Don Juan mesmo, que vive atrás das mulheres, e elas atrás dele, que adora guardar pés de sapato de recordação das mulheres, colocado sempre num tom muito irônico.

Sandra Rivoredo (Natália do Vale), "executiva que precisa segurar a barra da família"; Rudi Rivoredo (Carlos Alberto Ricelli), "um homem que lida com a aventura"; Harold Bergman, "um milionário excêntrico"; Santinha, "uma louca adorável"; Erika (Lisa Vieira), "personagem muito bonito, interiorizado, voltado para si mesmo", são algumas das outras pessoas que compõem o imenso painel de *Sétimo Sentido*. E, para cada uma delas, Janete tem uma palavra, como se falasse de filhos queridos.

Gisa (Tamara Taxman), por exemplo, é um personagem de que gosto muito. É bem solta, caminhoneira que faz parte do núcleo do jardineiro dos Rivoredo. É uma mulher muito político e feminista, sem saber. Ela já foi Ana Preta, em *Pai Herói*, Maria Faz Favor, em *Coração Alado*, e Chica Martins, em *Fogo Sobre Terra*. É a mulher do povo, que diz as coisas que todos gostariam de dizer. Ela é muito necessária pra mim, como porta-voz, por ser uma pessoa aberta, franca, sem papas na língua. E, por isso mesmo, ela me acompanha, de certa forma, nas minhas novelas.

Tem a Sara Mendes (Nicete Bruno), que também gosto muito. Uma mulher que é mãe ardorosa, se sacrifica pelos filhos; O Mendes (Sebastião Vasconcelos), um cara inteiro, que foi líder dos trabalhadores; Danilo (Cláudio Cavalcanti), um cineasta frustrado, que banca o repórter e ajuda muito Luana. E ainda o Valério (Armando Bogus), em outro núcleo, que amo, um homem que começou a se sentir velho, sem poder fazer as coisas da sua juventude, e com muito medo da solidão. E, para fugir dela, se apegou a uma família. São tantos... que não dá para falar sobre todos eles. Mas amo a todos.

Através de Luana, Tião Bento e tantos outros personagens Janete Clair irá contar a história de *Sétimo Sentido*.

A FESTA DO OSCAR

Poucas vezes, nos últimos anos, a lista dos candidatos aos Oscars da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood foi tão pródiga em conter personalidades marcantes em várias fases e épocas do cinema internacional. Concorrendo este ano aos Oscars que premiam os melhores trabalhos de 1981, estarão astros dos anos 30 (Henry Fonda, Katharine Hepburn, Sir John Gielgud), da década de 40 (Burt Lancaster), dos anos 50 e 60 (Paul Newman, Jane Fonda, Warren Beatty) e alguns dos superstars surgidos a partir dos anos 70 (Jack Nicholson, Diane Keaton, Meryl Streep e o diretor Steven Spielberg), apenas para citar os mais conhecidos. Esta grande noite de entrega dos Oscars será apresentada, pela Rede Globo, com exclusividade para o Brasil, amanhã, a partir das 23 horas, diretamente do Dorothy Chandler Pavilion, em Los Angeles. A narração será de Hélio Costa, com comentários de Rubens Ewald Filho.

A 54ª noite dos Oscars tem como candidatos mais fortes a um grande número de premiações os filmes *Reds* (com 12 indicações), *On Golden Pond* (com 10), *Ragtime* e *Caçadores da Arca Perdida* (com oito indicações cada) e *Chariots of Fire* (com sete indicações). Os membros da Academia selecionaram os indicados em suas respectivas funções, (ito é, os atores votam para melhor ator, etc), com exceção das categorias Documentários, Filme de Língua Estrangeira, Maquiagem e Efeitos Visuais, que foram designados por comitês especiais. Todos os membros votaram para o Melhor Filme do ano. Para os brasileiros, a decepção pela ausência de *Pixote* ou de Marília Pera na relação dos concorrentes, é, em parte, recompensada pela indicação do filme *El Salvador: Another Vietnam*, na categoria Documentário de Longa Metragem, produzido

pela brasileira Teté Vasconcellos e o americano Glenn Silver.

Os candidatos aos Oscars deste ano são:

Melhor Filme: *Atlantic City*; *Chariots of Fire*; *O Lago Dourado* (*On Golden Pond*); *Caçadores da Arca Perdida* (*Raiders of the Lost Ark*) e *Reds*.

Melhor Ator: Warren Beatty, em *Reds*; Henry Fonda, em *O Lago Dourado*; Burt Lancaster, em *Atlantic City*; Dudley Moore, em *Arthur*, *O Milionário Sedutor*, e Paul Newman, em *Ausência de Malícia* (*Absence of Malice*).

Melhor Ator Coadjuvante: James Coco, em *O Doce Sabor de Um Sorriso* (*Only When I Laugh*); John Gielgud, em *Arthur*; Ian Holm, em *Chariots of Fire*; Jack Nicholson, em *Reds*, e Howard E. Rollins Jr., em *Época do Ragtime* (*Ragtime*).

Melhor Atriz: Katharine Hepburn, em *O Lago Dourado*; Diane Keaton, em *Reds*; Marsha Mason, em *O Doce Sabor de Um Sorriso*; Susan Sarandon, em *Atlantic City*, e Meryl Streep, em *A Mulher do Tenente Francês* (*The French Lieutenant's Woman*). Melhor Atriz Coadjuvante: Melinda Dillon, em *Ausência de Malícia*; Jane Fonda, em *O Lago Dourado*; Joan Hackett, em *O Doce Sabor de Um Sorriso*; Elizabeth McGovern, em *Na Época do Ragtime*, e Maureen Stapleton, em *Reds*.

Melhor Diretor: Louis Malle, por *Atlantic City*; Hugh Hudson, por *Chariots of Fire*; Mark Rydell, por *O Lago Dourado*; Steven Spielberg, por *Caçadores da Arca Perdida*, e Warren Beatty, por *Reds*.

Melhor Direção de Arte: *A Mulher do Tenente Francês*, *O Portal do Paraíso* (*Heaven's Gate*); *Na Época do Ragtime*; *Caçadores da Arca Perdida* e *Reds*.

Melhor Fotografia: *Excalibur*; *O Lago Dourado*; *Na Época do Ragtime*; *Caçadores da Arca Perdida* e *Reds*.



Warren Beatty

Melhor Documentário (Longa Metragem): *Against the Wind and Tide: a Cuban Odyssey*; *Brooklyn Bridge*; *Eight Minutes to Midnight: a Portrait of Dr. Helen Caldicott*; *El Salvador: Another Vietnam* e *Genocide*. (Curta Metragem): *Americas in Transition*; *Close Harmony*; *Journey For Survival*; *See What I Say* e *Urge to Build*.

Melhor Montagem: *Chariots of Fire*; *A Mulher do Tenente Francês*; *O Lago Dourado*; *Caçadores da Arca Perdida* e *Reds*.

Melhor Filme em Língua Estrangeira: *The Boat is Full*, da Suíça; *O Homem de Ferro*, da Polônia; *Mephisto*, da Hungria; *Muddy River*, do Japão, e *Os Três Irmãos*, da Itália.

Melhor Maquiagem: *An American Werewolf in London* e *Heartbeeps*.

Melhor Música: (Score Original) *Chariots of Fire*; *O Dragão e o Feiticeiro* (*Dragonslayer*); *O Lago Dourado*; *Na Época do Ragtime* e *Caçadores da Arca Perdida*. (Canção Original) *Arthur's Theme* (*Best That You Can Do*), de Arthur; *Endless Love*, de Amor Sem Fim; *The First Time It Happens*, de *The Great Muppet Caper*; *For Your Eyes Only*, de 007 - *Somente Para Seus Olhos*, e *One More Hous*, de *Na Época do Ragtime*.

Melhor Curta Metragem (Animação): *Crac, The Creati on e The Tender Tale of Cinderella Penguin*. (Filme) *Couples and Rob bers*; *First Winter* e *Violet*.

Melhor Som: *O Lago Dourado*; *Outland* - *O Comando Titânico* (*Outland*); *Dinheiro do Céu*; *Caçadores da Arca Perdida* e *Reds*.

Melhores Efeitos Visuais: *O Dragão e o Feiticeiro* e *Caçadores da Arca Perdida*.

Melhor Roteiro Original: *Ausência de Malícia*; *Arthur*, *O Milionário Sedutor*; *Atlantic City*; *Chariots of Fire* e *Reds*.

Melhor Roteiro Adaptado: *A Mulher do Tenente Francês*; *O Lago Dourado*; *Dinheiro do Céu*; *O Príncipe da Cidade* (*Prince of the City*) e *Na Época do Ragtime*.

A vocação industrial, agrícola e política da Paraíba

Demócrito de Castro e Silva

cimento das matérias primas de que o Estado é possuidor, que atentaram à sua localização geográfica e estratégica, - por tudo isso, a Paraíba foi e é a preferida pelos homens de visão industrial, que se resolvem a instalar as suas fábricas em terreno fértil e seguro, porque multiplicador de seus investimentos.

Ademais ainda, a dinâmica imposta pelo atual Governo estimula a confiança dos que procuram a Paraíba, para a utilização de suas matérias primas regionais, no desejo maior de transformá-las em produtos manufaturados, como os fios e os tecidos e as confecções, no aprimoramento do algodão, que se oferece ser o de melhor qualidade, não apenas na fibra, mas, também, na pureza de sua aculturação.

O mesmo ocorre com o abacaxi, que se revela ser o melhor em toda região, podendo aproveitá-lo na sua origem como fruto de excelente paladar, ou, ainda, no mercado de bebidas, - desde o vinho à aguardente - ou em rodela apetitosa, para exportação.

Preocupa-se a administração paraibana, tendo à sua frente a juventude inteligente de seu governador, Tarcísio Burity, não apenas em desenvolver e alargar a sua indústria, mas, ainda, e também, incentivar a agricultura, em projetos de irrigação, que tornem permanente a produção e a colheita seja efetiva, para tranquilidade do produtor, que se há de redimir dos efeitos climáticos que assolam as regiões nordestinas.

Irrigada a terra, os mini-açudes disseminados nas fazendas, a energia elétrica levando conforto e progresso às zonas agrícolas do Estado, teremos, certamente, uma Paraíba redimida e realizada de tudo aquilo que esperou concretizar-se de há muito.

Mas não fica somente aí o balanço que se propõe o Governo, em suas realizações e em suas metas.

Não pretende apenas aflorar o solo para a agricultura mecanizada e produtiva, mas, revolvendo a terra, escava o sub-solo paraibano

com o martelo dos geólogos, a procura de riqueza mineral guardada em seu cofre inferior.

E a constituição de uma entidade própria para exploração e comércio desses elementos minerais já se define e dá os primeiros frutos, com a procura daqueles que tentam explorá-las objetivamente, para exportação e aumentar, assim, os recursos da balança regional, com reflexos na colheita de divisas e amenidade no débito que nos obrigamos contrair no exterior.

E tudo isso, para fazer-se realidade, se complementa com o cuidado e o carinho que o nosso Governador dispensou ao Porto de Cabedelo, há algumas décadas praticamente definindo, ao abastardar-se pela afloração de arrecifes que lhe dificultavam o acesso e lhe diminuía o calado.

Ampliou, - com recursos próprios e a coragem dos administradores dinâmicos - o Aeroporto Castro Pinto, dando-lhe dimensões jamais imaginadas, para o pouso de aeronaves de qualquer porte, internacionalizando a sua potencialidade de uso.

Dotou a capital com uma rodoviária padrão, há muito reclamada pela população, que sentia, não apenas a deficiência, mas, ainda, a inferioridade às demais dos Estados vizinhos.

O Espaço Cultural é o resumo de um sonho que se faz realidade, para guardar toda a história de nossa Paraíba, desde os primeiros aos contemporâneos, numa ligação de cultura que somente o amanhã poderá avaliar a sua grandeza e projeção.

Tarcísio Burity vem demonstrando, desse modo, o quanto de desvelo pelos problemas de nossa terra, que lhes foram entregues para avaliar da sua capacidade de administrador.

Administrador, que soube conduzir a bom termo os destinos da Paraíba, nesse período governamental que lhe foi dado participar diretamente, e revelar mais uma faceta de sua inteligência e a marca de sua personalidade, no conduzir o destino político-administrativo do povo paraibano.



Jane Fonda, Henry Fonda e Katharine Hepburn

O MÉDICO DOS PUNHOS DE RENDA

O médico Manoel Veloso Borges, filho do senhor de engenho Anísio Pereira Borges e de dona Virgínia Veloso Borges, era o mais velho de 18 irmãos, nove homens e nove mulheres. Na época as famílias eram bem mais numerosas. Criá-los e educá-los uma missão pródiga de glória. Trabalho insano na preservação da moral e da saúde, bem como de outras preliminares básicas no destino de cada um. Foram felizes os Veloso Borges, bem como outras famílias contemporâneas, entretanto, a infortúnica situacional foi impiedosa com uma maioria no capítulo dos fatos sociais. Na vida laboriosa do homem na terra, tirando da terra, o próprio destino da terra.

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Nascido a 11 de Abril de 1885, no Engenho Recreio, Vila do Pilar, na Paraíba do Norte, de propriedade dos seus pais, Manoel Veloso Borges teve uma infância feliz. Vida de menino de Engenho. A semelhança, certamente, da minha vida e de outros adolescentes nascidos e criados em Fazendas. O cavalo de pau. O carneiro, corcel da infância. O galope num alazão arisco pela bagaceira cheirando a mel ou por entre os marmeleiros verdejantes, arranhando-se mais das vezes no magal. Os banhos de rios, águas e cascatas. A pescaria de anzol ou tarrafas em balsas de bananeiras. A curiosidade de escondida, olhando as mocinhas a banhar-se. O despertar fisiológico de Freud. O acordar com a sinfonia dos pássaros. As caçadas de baladeiras e espingardas. As adivinhações e novos compadres em torno das fogueiras de São João e São Pedro. A luta livre com os irmãos e amigos na terra bendita impregnando-se no corpo suado, numa verdadeira maratona olímpica sem juizes e sem ódios. O vai-e-vem à Cidade aos sábados, a feira de frutas e outros viveres, as bugigangas espalhadas em esteiras ou tapetes no chão junto a quinquilharias caras trazidas de longe. No carnaval, o encantamento com a cadência do Zé Pereira e outras músicas. A beleza obesa do Rei Momo no mostruário de outras fantasias. A troca de votos de saúde, felicidades e presentes de Natal e Ano Novo. A disciplina cuidadosa dos genitores punindo os deslizes de comportamento. Finalmente, mais tarde, a perda de um paraíso de sonhos, limitado por um mundo que se apavora, se angustia e, tem medo.

A ESCOLA E OS COLÉGIOS

Os primeiros estágios de Escola no próprio Engenho. A carta de A B C difícil. O temor dos Mestres austeros, empunhando a terrível palmatória. A cartilha ilustrada. Felisberto de Carvalho, antologia inesquecível dos bons estudantes. O internato, recurso oportuno oferecido maximé pelas ordens religiosas aos genitores interioranos, para ajuda no destino dos filhos. Os novos Mestres mais evoluídos, o ensino curricular, os grêmios literários, o aprendizado de música, o treinamento em discursos e cartas de amor, a inveja de quem sabe dançar, os esportes, o patriotismo despertado nas festas cívicas, a afirmação religiosa no "amor ao próximo como a si mesmo, e a Deus acima de todas as cousas".

E neste estágio, neste viver de rotina, encontramos o jovem Manoel Veloso Borges e seus irmãos, numa espécie de pensionato na Rua General Osório, quase em frente à Catedral Metropolitana. Ele, o jovem Veloso, em naturais instantes de comção, já pequeno orador inflamado, guiando com cuidado o seu comportamento, mas certo de atender aos anseios do seu coração.

Nas férias, retornava ao Engenho Recreio tendo levado a bom termo mais uma etapa da sua jornada de predestinado, passando a ajudar seu Pai na moagem e em outros ofícios, em feliz obediência à bondade, útil disciplina, da vida, extensiva também aos seus irmãos.

E que as lições do trabalho ministradas pelos seus genitores, atenuavam as suas preocupações com o futuro.

CURSO MÉDICO NA BAHIA

Em 1903, com a idade de 18 anos, Manoel Veloso Borges foi estudar Medicina na Bahia, onde fez todo o seu curso. Novos hábitos, novas amizades, diferente arte culinária à base de vatapá, efó, xinxim de galinha, acarajé e abará. O treino de capoeira. A Festa do Bonfim. A Segunda-Feira Gorda da Ribeira. O rufar dos tambores nos terreiros dos candomblés e o rufar de asas de anjos no dia de Iemanjá. Um desfile de eventos em justo e natural respeito à tradição. O feitiço da Baiana, mas, sobretudo, a sua paixão pela Senhorita Andréa Teixeira Ribeiro, para o jovem Veloso Borges uma deusa mitológica que mais tarde veio a ser sua esposa e leal companheira.

Na Escola de Medicina revelou-se logo um aluno exemplar. Exaltou na Casa de Hipócrates o prestígio do estudante paraibano; ainda hoje fulgurante, agora nos cursos de pós-graduação. Tornou-se amigo dos Professores Pinto de Carvalho e Ribeiro Santos, com o acesso fácil às Clínicas Psiquiátrica e Oftalmológica, no Hospital Santa Izabel, no Bairro de Nazaré. Aliás, frequentava todas as Clínicas com entusiasmo. Inteligente e perspicaz procurava desvendar os mistérios de todas as síndromes e enfermidades.

• Lavoisier Feitosa

Discurso proferido quando de sua posse, ante-ontem à noite, na Cadeira 29 da Academia Paraibana de Letras

E que, aplicado como era, sabia que maximé nas cidades do interior, o médico tem de ser um bom clínico, bom obstetra, bom ortopedista, bom psiquiatra, razoável cirurgião, enfim, bom em todas as especialidades. Juntamente com o Juiz, o padre e outras autoridades, no ambiente sem recursos técnicos atualizados, é ele sobretudo, o médico, o coração do gênero humano, pulsando esperança, no prestígio e conceito comunitário.

Na Faculdade de Medicina, Manoel Veloso Borges era estimado por todos, pelo respeito aos Mestres, pelo meio como se comunicava com os colegas, pela atenção e solidariedade com os bedéis e enfermos.

Sem pudores exagerados, era um recatado na vida estudantil. Tinha na sua graciosa noiva Andréa a sua razão de ser sentimental. Alta, morena clara, olhos castanhos, era, sem dúvida alguma, uma das moças mais bonitas da Cidade. Conhecia-a já com 94 anos, cabelos prateados, pele curtida pelo tempo, uma fidalga de extraordinária lucidez e admirável grandeza espiritual. Recebi dela a colaboração também feliz e inesquecível, oferecida pelas suas três filhas, pelo industrial Aginaldo Veloso Borges, irmão mais moço de Manoel Veloso Borges por Cezar de Oliveira Lima e outros amigos, permitindo-me assim a coleta desses subsídios, tão valiosos para o meu modesto trabalho, a serviço comovido da nossa jovem Academia de Medicina.

Ainda na Bahia, o doutorando Veloso Borges, residiu em pensionatos e fundou repúblicas acadêmicas. Viveu intensamente a vida estudantil, política e social da Cidade. Ligou-se para sempre ao destino da terra hospitaleira com gratidão e amor.

FORMATURA

Formou-se em medicina no dia 8 de Dezembro de 1908, exatamente com 23 anos. *Considerações Sobre a Conceção Atual da Psicose Maníaco-Depressiva* foi o título da sua tese, defendida publicamente e aprovada com distinção. Ainda hoje sente-se o cuidado que teve em emitir cada conceito.

Prova disso é que a cruel psicose, continua a ser tratada como alienação mental. No entanto, particularmente, estamos com a Escola que a considera afecção bioquímica, levando muitos ao suicídio e entristecendo ciclotimicamente todos os seus portadores.

A POST-FORMATURA

Logo depois de formado, o médico Manuel Veloso Borges veio para a Paraíba do Norte, Capital do Estado. Foi recebido festivamente pelos familiares e pela enorme legião de amigos. Foi clínico no Território do Acre, então inóspito. Residiu e trabalhou ali até junho de 1914, quando retornou à Bahia para casar com Dona Andréa, seu ídolo e amor estudantil. A fidelidade do casal resistiu à distância e ao tempo. Uma longa e encantadora história de amor. Casaram-se no dia 30 de Junho de 1914. Entre os padrinhos, na Catedral fericamente iluminada e enfeitada de flores, estavam os Professores Pinto de Carvalho e Dario Peixoto, com as esposas. Passaram a lua de mel em longa viagem num navio de luxo e depois no Engenho Recreio, na Vila do Pilar, na Paraíba. Um delicado prêmio de afeto e atenção aos seus familiares e ao seu Estado.

NOVOS VOOS

Em 1915 voltou ao Norte com a esposa, fixando residência em Alcabaca, no interior do Estado do Pará. Exerceu a profissão de médico da Companhia que estava construindo a Estrada de Ferro Cametá-Caldas da Rainha. E que os seringais, a borracha ouro negro da época, a Amazônia misteriosa, valiam tanto para o Nordeste em seca causticante, quanto a terra prometida e tanto quanto o tesouro lendário de Monte Cristo.

Caminhando palmo a palmo nessas reminiscências, encontramos, como médico de um navio gaiola que fazia o percurso do Rio Amazonas, Flávio Ribeiro Coutinho, nosso ex-governador, de saudosa memória, de quem fui médico assistente, até quase a sua morte, consequência fatal de uma trombose cerebral. Fora contemporâneo do Doutor Manoel Veloso Borges e também, como eu, estudara na Bahia. Disse-me certa vez: "Seu doutor, quem estudou na Bahia, não esquecerá jamais o farfalhar das saias das filhas de santo. "E tinha razão o Doutor Flávio. Que digam alguma coisa os Acadêmicos Humberto Nóbrega, Everaldo Soares, Múcio Batista, Isaías Silva e Marco Aurélio de Barros.

No Acre, bem como no Pará, na Amazonia enfim, o trabalho médico equivalia a uma missão ousada na selva colorida e hipnótisante. Mais

das vezes para o Doutor Veloso Borges, a ambulância era um barco a vela ou a remo para "atenuar o sofrimento intenso" de uma parturiente. A sutura imediata de um abdome perfurado sangrando "com risco de vida". "A terapêutica inadiável" no socorro à asfixia de um edema agudo do pulmão. Tudo isso, agora as graves incompatibilidades com o curandeirismo feiteiro com suas rezas e ervas medicinais, livres, àquela época, do Conselho Regional de Medicina.

Mas, ao término de dois anos, "onde o calendário caminhava lentamente" no dizer de Dona Andréa em apreciações curiosas, o Doutor Veloso Borges, retornou a Bahia deixando e trazendo saudades. Em mais uma etapa de viagem no navio gaiola no qual o Doutor Flávio Ribeiro também servia. E, como bom narrador que era, contava aos amigos, com bom humor, essas viagens históricas, dizendo mais ou menos assim: " - Os navios eram de pequena tonelagem. Passageiros de todas as classes. Famílias que tentavam nova vida profissional. Outras em cruzeiros de recreio. Também artistas, cantores, mágicos, jogadores profissionais, orquestras e... algumas moças bonitas desacompanhadas. Um espetáculo inesquecível o do rio serpenteando na mata virgem. Ilhas com nomes exóticos. Nativos nas suas margens, alguns sorridentes e outros tristes, com aspecto de paludados, recebendo prendas e jogando flores silvestres. Um mundo inexplorado".

Já então era um clínico culto, prático e sereno. Ainda era jovem mas ao lado da sua esposa já colecionara inúmeras histórias para contar aos seus amigos e descendentes.

RETORNO A BAHIA

Na Cidade de Salvador trabalhou dois anos como médico da Saúde Pública. Homem de acordes fáceis com a vida, sente-se, analisando-se os seus comemorativos progressos, que era ético até com os valores falsos. Sólido, absolutamente sólido nas convicções - traço genético que encontramos no passado de seus genitores e nos seus irmãos, muitos dos quais diplomados em cursos superiores, era um homem convocado sempre para presidir reuniões em que as decisões fossem definitivas.

Por isso, sua família, em árdua rotina profissional na indústria, na pecuária, na lavoura e em outras atividades com fluxos e refluxos, convocou-o inapelavelmente para ajudar sua gente e seu Estado.

NA TERRA NATAL

Instalou-se na Capital e instituiu o sistema de atendimento com hora marcada. A consulta custava vinte mil reis. Ninguém saía do seu consultório, especializa do em Otorrinolaringologia, sem ser por ele atendido com proficiência e boa vontade. O nosso Higinio Brito, para nossa felicidade aqui presente, ainda rapazola, foi por ele atendido como cliente e tornou-se seu admirador incondicional. Jamais deixou um humilde, um pobre, em inquietação com a sua doença.

O Doutor Veloso Borges fixando-se no Estado, fundou com um grupo de colegas a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba. Por sinal ideia feliz dos Doutores Lourival Moura e Seixas Maia. Em *As Raízes da Ciência da Saúde na Paraíba*, na página 115, o acadêmico Humberto Nóbrega - esta querida sentinela vigilante, sentimental e científica da nossa classe narra o episódio com a sua precisão costumeira.

No entanto, é o imortal Oscar de Castro, no seu livro *Medicina na Paraíba*, que também em memorável trabalho de pesquisa pública, integralmente, a ata da sessão de fundação da S.M.C.P., no dia 3 de Maio de 1924. Em síntese, a Diretoria ficou assim constituída: Presidente - Dr. Manoel Veloso Borges. Vice-Presidente - Dr. Flávio Maroja. 1º Secretário - Dr. Elpidio de Almeida. 2º Secretário - Dr. Teixeira de Vasconcelos. Orador: Dr. Seixas Maia. Tesoureiro - Dr. Silvino Nóbrega. Membros da Comissão de redação: Drs. Newton Lacerda, Ademar Londres e Paulo Morais.

O Dr. Alvaro de Carvalho, representante do Governador Solon Lucena, em fluente alocução, saudou a Diretoria empossada. Falaram outros oradores e o nosso patrono, ao assumir a presidência, dissertou brilhantemente sobre os fins na Sociedade,



Manoel Veloso Borges

sendo ao término aplaudido pelo auditório.

Estando eu na Presidência da referida Sociedade, em 1974, em festa comemorativa do seu cinquentenário, senti, juntamente com meus colegas de Diretoria, que o Dr. Manoel Veloso Borges irmanado com seus companheiros, a alicerçara para sempre naquele 03 de Maio de 1924 e fizera dela uma instituição diligente a serviço da dignidade da classe médica. Publicamos em minúcias, nos anais da Sociedade e filmamos em imagens coloridas cada passagem do cometimento inesquecível. Quatro dias de festa. Vasta programação científica, social e esportiva no Salão de Convenção do Hotel Tambau e no Esporte Clube Cabo Branco. *Terapia Intensiva* foi o tema do Congresso. Quinze especialistas do Rio e de São Paulo. Noventa e cinquenta e duas inscrições de médicos e acadêmicos de medicina. Apoio incondicional do Governador Ernani Sátiro, do Reitor Humberto Nóbrega, do Dr. Pedro Kassab, Presidente da Associação Médica Brasileira e de vasta cadeia de Laboratórios Farmacêuticos. Uma apoteose.

Ainda da década de 1920, o Dr. Veloso Borges trabalhou com o seu irmão Virgínio Veloso Borges numa sociedade algodoeira, comprando logo em seguida a Fábrica de Tecidos Tibiri, no vizinho Município de Santa Rita, sem contudo abandonar a medicina. Mais tarde veio a fazê-lo, à semelhança de tantos outros colegas. E que ao homem forte cansa mais a rotina do que os anos vencidos. Posteriormente arrependeu-se de ter abandonado a medicina mas jamais deixou de declarar outras profissão que não a de médico. E tinha razão, pois a sua missão fora meritória e generosa.

INGRESSO NA POLÍTICA

Em 1928, com a chegada do Dr. João Pessoa a Paraíba, foi convidado a colaborar no seu Governo. Negou-se de início mas cedeu à argumentação de que se os homens corretos não o ajudassem com quem iria contar?

Elegeu-se para a Câmara Municipal e, posteriormente para a Assembleia Estadual, onde foi líder.

Opondo-se ao Presidente Washington Luiz, engajou-se na Aliança Liberal. Era a fase prerrevolucionária com João Pessoa - na Paraíba; Antônio Carlos - em Minas Gerais e Getúlio Vargas - no Rio Grande do Sul.

Conta a história que, na Assembleia Legislativa, em plena efervescência política, Veloso Borges afirmava eloquentemente: " - a nossa campanha não será estéril". E realmente não foi. O Presidente Washington Luiz ganhou a eleição com Júlio Prestes mas não o empossou. " - Ganharmos não arrastam, diziam os liberais com toda exaltação guerreira". E, na realidade, e morte violenta de João Pessoa, no dia 26 de julho de 1930, fez eclodir a evolução com todo o seu rosário de crimes, sangue e lágrimas.

Mas, Veloso Borges era um moderado e proclamava: - "faremos um governo de probidade, liberdade e justiça". Como era natural, fez inimigos mas, à semelhança de sua família, guardava-se deles com cautela.

Cabe-me neste instante abrir um parêntese para declarar que minha família era perrepesta atuante. Não acreditava na liberdade, probidade e justiça pregadas pelo Doutor Veloso Borges e referendadas pela revolução. Forámos seus clientes mas, particularmente, discordávamos radicalmente da sua tese.

Éramos amigos e vizinhos da família Dantas. Avistávamos, à noite, negras de céu avermelhadas pelas suas propriedades em chamas. Nas minhas memórias - "Entre o berço e o túmulo" - contarei a versão que dávamos à morte dos Drs. João Dantas e Augusto Caldas, indubitavelmente trucidados no cárcere. Meu Pai que era um homem abastado, perdeu todos os seus bens e adoeceu. Não sofremos mais graças à intervenção prestigiosa do liberal Anfrísio Brindeiro, realmente um amigo inesquecível.

O médico e deputado Manoel Veloso Borges, era realmente, leal e bondade infinita. Prova disso foi sua ida ao Rio de Janeiro, acompanhando o corpo do seu inditoso amigo João Pessoa. Hospedou e escondeu muitas vezes, na Fábrica Tibiri, o Tenente Juarez Távora, que tinha a responsabilidade de comandar a revolução no

Nordeste. Residia então à Av. Monseñor Walfredo Leal, 147. Vendeu mais tarde, contra a vontade de Dona Andréa, a casa do Doutor Antônio de Ávila Lins, por setenta contos de reis. Na verdade, o que para nós perrepeistas era um opróbrio, para os liberais era um título de glória.

DEPUTADO FEDERAL E SENADOR

Eleito Deputado Federal Manoel Veloso Borges, foi residir no Rio de Janeiro, onde foi membro da Comissão de Economia e Finanças, de um País que precisava de muito dinheiro para socorrer e arrumar um povo desgastado e sofrido, em delicada convalescença do processo revolucionário. Comportou-se no cargo com equilíbrio e, bom senso. A prova se faz disso é que, em 1935, foi indicado Senador da República, ao lado do Doutor José Américo de Almeida.

No entanto, a impressão dominante é a de que o Senador Veloso Borges já não se sentia feliz na política. A liberdade, probidade e justiça que prometera estavam sendo negadas. O Presidente Vargas fecundara no Partido Liberal, sem aliança sem matrimônio, o Estado Novo. E Manoel Veloso Borges era um democrata nato. Achava, com Lowell, "que somente a democracia dava a cada um o direito de ser o seu próprio opressor".

INDUSTRIAL E BENEMÉRITO

Afastou-se sem alarde da política militante e com os seus irmãos comprou a Fábrica Deodoro no Rio de Janeiro, posteriormente com filial no Estado de São Paulo. Então, face à sua credibilidade de esclarecido estadista, foi eleito Vice-Presidente do Sindicato das Indústrias de Tecelagem, naquele Estado.

Nas empresas, à semelhança do comportamento na Fábrica Tibiri, na Paraíba, onde se revezava trimestralmente com seus irmãos sócios, fazia sempre Ambulatório Médico duas vezes por semana, atendendo a seus operários e familiares.

Fundou com os irmãos, uma ala no Hospital Santa Izabel em João Pessoa, com o nome de sua veneranda genitora - Dona Virgínia Veloso Borges. Creio tê-lo conhecido nessa ocasião. Normolineo, alvo, fâcies angulosa, enérgica e serena, já sem a barba crescida e bem tratada, cabelos escassos, demonstrava que sua vida era esculpida por uma férrea.

Ainda aqui em João Pessoa, no Asilo de Mendicidade, mantinha a suas expensas, a Enfermaria Santa Andréa, em homenagem a sua esposa, que jamais deixara de acompanhá-lo com altivez, energia e lealdade na sua vida trepidante.

Homem premiado pela fortuna, ninguém jamais o viu com uma taça de champanhe numa mão e um prato de caviar na outra. Muito embora, para o conforto da família, não olhasse o preço das etiquetas. Quando uma filha pediu-lhe um dia uma "baratinha", carro esporte da moda, disse-lhe em tom de graçaço: - no quintal tem muita "barata" minha filhinha. Traduz essa brincadeira gentil a preocupação que tinha com as filhas na sociedade carioca avançada.

Do seu consórcio com Dona Andréa, tinha três filhas: Lígia que casou com Pogy de Figueiredo, do Rio de Janeiro; Yolanda casada com Antônio Queiroz Monteiro, de Pernambuco, viúva há um ano. E Virgínia casada com Milton Morais, da Bahia.

Percorreu o mundo, indo e vindo em sucessivas viagens, que aproveitava para estudo e observação visando a melhoria de sua vasta rede de empresas. Certa vez, em Londres, o Doutor Pogy, também médico, seu genro, preencheu na recepção de um Hotel a sua ficha como industrial. Ele não gostou. Exigiu a identidade de Médico e foi atendido feliz, imediatamente.

A cada dia ampliava o seu "currículum vitae". Foi membro do Conselho do Comércio e Industrial do Brasil no Exterior, indicado pela Confederação Nacional das Indústrias. Foi um dos fundadores da Casa da Paraíba do Rio de Janeiro e seu Presidente. Nunca negou auxílio a um conterrâneo menos favorecido pela sorte, experimentando assim a alegria íntima de servir à sua terra e ao seu povo heróico.

Tinha verdadeiro culto pelo trabalho. Mais de uma vez comentou solenemente que só gostaria de viver enquanto pudesse trabalhar e ser útil. Nisso também DEUS o ajudou, entre outras dádivas generosas e merecidas. Faleceu num domingo pela manhã, de repente, quando cuidava do seu jardim, após um dia de trabalho intenso no sábado anterior.

No santinho de lembrança da sua missa de 7º dia, Dona Lígia, sua filha, fez gravar a seguinte mensagem de reminiscências e saudades: - "Muito se poderia dizer dele, pois foi um Grande. Força. Bondade. Dignidade - eis o meu Pai. Para você o nosso eterno amor e saudade. Repouse do seu trabalho, porque suas obras o seguem".

Agora, 23 anos após a sua morte, pesquisando com modéstia, cuidado e entusiasmo a história da sua vida, achamos que ele manteve-se vivo nos que viveu. Mantem-se vivo na jovem Academia de Medicina da Paraíba. Mantem-se vivo transitoriamente em mim, para a minha felicidade.

Teve razão o médico Oscar de Castro - o grande Oscar de Castro - ao enfatizar numa mensagem de encantamento e inteligência: - "Manoel Veloso Borges, o fidalgo dos punhos de renda". Um médico dos punhos de renda, digo em reverência a um homem extraordinário.

BETTY FARIA

**Ser gostosa
é antítese da
inteligência**

PÁGINA 21



MODA PARIS, URGENTE!

Estas meias com "pois"
negros é um dos "hits"
da coleção Christian
Dior para 82, e que
está vindo por aí.
Mais Moda, página 20



REELEIÇÃO, SIM

A tese de reeleição dos atuais governadores, extraoficialmente jinda em estudos pelo Governo, não deve ser encarada como uma aberração, como querem fazer crer os oposicionistas. O direito de candidatar-se à reeleição faz parte do jogo democrático e é praticado nos países mais civilizados do mundo, sem que isso se constitua em violação da democracia.



Leônidas de Abreu

Dizer que o PDS seria o beneficiado com a introdução, na Lei eleitoral, do direito de reeleição dos atuais chefes dos Executivos estaduais, não procede. E há, em contrapartida, um bom motivo para se permitir que os atuais governadores, todos bônicos (o povo não participou diretamente da escolha), fossem passados pelo crivo popular, única maneira de saber se as suas administrações foram ou não eficientes.

Entrevistado recentemente num programa de TV promovido pela REVISTA NACIONAL, o Governador do Maranhão, João Castelo, apresentou um argumento corretíssimo em defesa da tese da reeleição: para ele, essa seria a maneira mais direta e democrática de o povo julgar os atuais governadores, aprovando ou condenando as suas gestões.

Como reforço a este argumento, pode-se dizer que o mandato de apenas quatro anos dos governadores é insuficiente para a conclusão de obras projetadas a prazos mais longos, dentro de uma filosofia de governo que pode mudar, mesmo que o sucessor seja do mesmo partido, até mesmo por uma questão de estilo. O mandato do Presidente da República é, como se sabe, de 6 anos.

O Brasil, este ano, procura os meios corretos de criar uma Lei eleitoral — ora sob a coordenação do Ministro Leônidas de Abreu — que possa subsistir à fase de transição de um período mais duro para a

caminhada em direção à democracia. Portanto, nada mais justo que todas as variantes sejam levadas à mesa dos debates, desde que o resultado final seja uma legislação aperfeiçoada, capaz de resistir às eventuais turbulências de um processo de evolução política.

É evidente que se o PDS detém a maioria dos Executivos estaduais, à primeira vista seria o grande beneficiado com a adoção da tese da reeleição. Mas só à primeira vista, pois se as eleições de novembro serão diretas, caberá ao povo, através do seu voto indevassável, aprovar ou não as administrações dos atuais governadores, nas urnas

O que importa estabelecer, benefícios partidários à parte, é a lisura ou não do direito de os governadores pleitearem a reeleição. E o mundo desenvolvido, convivente com a prática democrática e calejado pela experiência simples e inquestionável de que cabe ao povo julgar seus governadores, nunca encarou como jogo sujo o direito de qualquer deles tentar a reeleição.

A argumentação de que o direito estimularia a eternização de determinadas figuras da vida nacional no poder também não procede. Quem decide se este ou aquele pode ou não continuar à frente dos destinos do Estado ou dos Municípios é o povo. Não fosse a eleição direta e secreta. E, sobretudo, sem a odiosa Lei Falcão, castradora da livre manifestação dos partidos.

Levantar bandeiras contra o aperfeiçoamento político é demonstração de primarismo e estagnação. E, mais do que isso, é querer negar ao povo o direito de escolher livremente seus governantes.

Mesmo errando, ao povo está reservada a tarefa histórica de participação ativa na vida política do País. Agora, estabelecer, a priori, a incapacidade do eleitor em bem escolher é desrespeito que o povo se encarregará de cobrar na hora de depositar o seu voto na urna.

SIMPLES FÃ

"Ao Sebastião Nery:

Por ser grande admiradora de sua página, na REVISTA NACIONAL, lhe escrevo com a finalidade de lhe parabenizar, pelo excelente conteúdo que possui seus artigos, e por seu admirável senso de humor, que tornam seus artigos agradáveis, e ricos de expressão jornalística. Como leitora assídua, dessa Revista e em particular do que o Sr. escreve, digo que apesar de trabalhar com jornalistas, lhe escrevo apenas como simples fã que sou da sua pessoa. Renovo meus votos de parabéns e felicidades na sua vida profissional, e pessoal."

Elinor Soares Braga
Teresina — PI

SALVE O JOSÉ!

"Curioso: na RN-172, o Joel Silveira comenta que o falecido Ministro José Américo de Almeida — "pessoa de grande inteligência e cultura, além de poderosa oratória" — jamais conseguiu pronunciar o nome dele corretamente. Só o chamava de Joé. Curioso, repito. Conheço vários homens de cultura que têm tais vícios de linguagem. São pessoas que dizem, até, advogado, forçando um E que não existe. Será que o Joel nunca corrigiu o Ministro?"

Altino Cavalcanti
Recife — PE

Corrigir não adianta, Altino. Não é um problema de cultura; é de puro vício de linguagem — e até mesmo de ... charme! Por exemplo: um dos maiores capitães de imprensa deste país, o nosso Octavio Malta — que está, agora, fazendo belíssimos 80 anos —, responsável, como profissional, pela grande arrancada da ULTIMA HORA, de Samuel Wainer, até hoje tem o mesmo vício. Ele não diz Samuel — mas, Samuê; não diz papel, mas papé. E assim por diante. Um homem que chegou à estatura intelectual e política como José Américo tem todo o direito de dizer Joé. E o Joel deve ficar muito feliz por isso, pois não?

- O CARRO A ÁLCOOL

"No editorial de hoje da REVISTA NACIONAL — ("Ponto de Vis-

ta", RN-173) — há uma série de considerações sobre o problema do carro a álcool, todas elas muito procedentes e com argumentos os mais válidos. A Revista reuniu todos os argumentos e mandou brasa, embora sem a contundência que, aliás, seria necessária para essa pouca vergonha que é se fazer um programa desses, do maior interesse nacional, gastar-se rios de dinheiro e depois, as próprias autoridades desmoralizarem o álcool, bigodeando os que entraram na canoa promovida pelo Governo. Já é hora de serem responsabilizados os responsáveis, de se dar um jeito. Tudo leva a crer que gente grossa do exterior estava interessada na distribuição do álcool e não conseguiu. Será?"

F. Almeida Jr.
Salvador — BA

Toda razão, Almeida. Inclusive porque tem muitos órgãos tratando do assunto. E diz um sábio ditado popular que panela em que muitos mexem não dá boa comida. No dia que a Petrobrás tratar somente de petróleo, o IAA tratar de álcool — (final é Instituto do Açúcar e do Alcool) — e a Comissão Nacional de Energia tiver autoridade, apesar de presidida pelo Vice-Presidente da República, Aureliano Chaves, tudo leva a crer que as coisas entrem, finalmente, nos eixos. O que já não é sem tempo.



Aureliano Chaves

Revista NACIONAL

Diretor-Editor-Chefe
Mauritônio Meira

Diretores
José Ayler Rocha
Oscarino A. Vasconcellos

Publicidade: Oscarino A. Vasconcellos — Diretor; Redação: Altenir Rodrigues — Editor Executivo; Alberto Nunes e Carlos Felipe — Editores; Jussara Martins, Lago Burnett e Sebastião Nery; Arte: Walter ("Xavier") Machado e Rogério Delgado; Ilustração: Franco de Assis; Fotografia: Florentino Carneiro; Seções: Ary Vasconcellos, Celina de Farias, Joel Silveira, Jorcelino de Souza, Mister Eco e Rubem Braga. Fotocomposição: Marino G. Pinheiro (chefe); Alcir Pereira da Silva e Evanir José Ribeiro da Fonseca; Fotolito: Jorge da Cunha Ferreira e Aroldo Pinto; Revisão: Adriano Jorge; Pesquisa: Irene Kantor; Tráfego: Nelda Nunes.

Conselho de Redação
Adonias Filho
Antônio Housais
Aurélio Buarque de Holanda
Guilherme Figueiredo
Joel Silveira

Colaboradores: Abelardo Jurema, Adilson de Barros, Arnaldo Niskier, Augusto Donadel, Bernardete Cavalcanti, Carlos

Alberto Rabaça, Carlos Newton, Edmar Morel, Érika Rodrigues, Everardo Guilhon, Everton Schneider, Fernando Lobo, Fernando Luiz Cascudo, Fred Ayres, Homero Homem, João Conde, Marcelo Faria, Marcelo Suppa, Maria Therezinha de Oliveira, Maria Perpétua, Mário Morel, Maurício Caminha de Lacerda, Nelson Dims Filho, Nertan Macedo, Ormeu Fontenelle, Paulo Roberto Peres, Regina Coelho, Raul Giudicelli, Reinaldo Paes Barreto, Renato Correa Paes, Roberto Paulino, Rossana Moreira e Waldimir Maia Leite.

Brasília — Oliveira Bastos e Otávio Paraguaçu; São Luís — Adilson Vasconcelos; Teresina — Jesus Trábulos; Fortaleza — Venelouis Xavier; Mossoró-RN — Dorian Jorge Freire; João Pessoa — Petrólio Vinícius de Souto; Recife — Esmeraldo Marroquim; Aracaju — Leô Filho; Salvador — José Lopes da Cunha; Juiz de Fora-MG — José Carlos de Lery Guimarães; Vitória — Djalma Juarez Magalhães; Campos-RJ — Aluysio Cardoso Barbosa; Teresópolis-RJ — José Renato de Miranda; Petrópolis-RJ — Ivaldo Costa; Nova Iguaçu-RJ — A. Borges de Mello; Maringá-PR — Franklin Vieira da Silva; Canoas-RS — José Fontes; Santo Angelo-RS — João Baptista Santos da Silva; Rio Pardo-RS — Rogério Lima Goulart; Goiá-

nia — Elton da Costa Campos; Campo Grande-MS — Bernardo Elias Lahdo; Correspondentes no Exterior: Jacyr Domingues (Milão-Itália), Ana Helena Berenguer (Paris) e Antônio Olinto e Zora Seljan (Londres).

REVISTA NACIONAL (*)
é uma publicação da

gradus jornalismo Ltda.

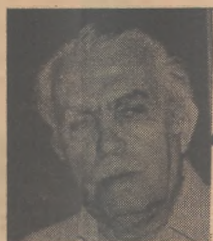
Diretor-Gerente
Mauritônio Meira

Administração, Redação, Publicidade e Oficinas de Composição, Montagem e Fotolito: Rua Santa Luzia, 799 - 8º andar, Tels.: (PABX) — 240.8499 — 220-6049. Telex.: (021) 21013 — C.G.C. 29.978145/0001-43 — Insc. Est. 00047000 — Rio de Janeiro — CEP. 20.030 — Gerente Administrativo — Haroldo de Carvalho; — Sucursal de Brasília — Expedito Quintas — Diretor — Edifício Carioca, sala 601. Tel.: 224-1294; Sucursal Nordeste — (Pernambuco, Paraíba e Alagoas) — Atalrico Morêda — Diretor; Publicidade: Morêda & Associados. Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, 522 — PABX — 339-0506 — Recife-PE. Sucursal Bahia — Nilson de Oliveira Cezar — Diretor, Rua Alfredo Brito, 20 — Tel.: 242-4144 — Salvador-BA.

Rede de jornais da RN

(*) Circula aos domingos com exclusividades regionais pelo sistema de franquia, com os seguintes jornais brasileiros aos quais são fornecidos os filmes (fotolitos) para impressão: CORREIO BRAZILIENSE — Brasília; O IMPARCIAL — São Luís; O DIA — Teresina; O ESTADO — Fortaleza; O MOSSOROENSE — Mossoró-RN; A UNIÃO — João Pessoa; JORNAL DO COMMERCEIO — Recife; JORNAL DA CIDADE — Aracaju; JORNAL DA BAHIA — Salvador; TRIBUNA DE MINAS — Juiz de Fora-MG; JORNAL DA CIDADE — Vitória; JORNAL DO COMMERCEIO — Rio de Janeiro; FOLHA DA MÃNHA — Campos-RJ; TERESÓPOLIS JORNAL — Teresópolis-RJ; TRIBUNA DE PETRÓPOLIS — Petrópolis-RJ; SEMANA ILUSTRADA — Nova Iguaçu-RJ; O DIÁRIO do Norte do Paraná — Maringá-PR; A TRIBUNA — Santo Angelo-RS; JORNAL DA CIDADE — Canoas-RS; FOLHA DE GOIÁS — Goiânia; O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande-MS.

RUBEM BRAGA



Elas perigam no verão

Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalcando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão.

Estamos tranquilos. Fizemos este verão com paciência e firmeza, como os veteranos fazem a guerra. Estivemos atentos à lua e ao mar; suamos nosso corpo; contemplamos as evoluções de nossas mulheres, pois sabemos o quanto é perigoso para elas o verão.

Sim, as mulheres estão sujeitas a uma grande influência do verão; no bojo do mês de janeiro elas sentem o coração lânguido, e se espreguiçam de um modo especial; seus olhos brilham devagar, mas elas começam a dizer uma coisa e param no meio, ficam olhando as folhas das amendoeiras como se tivessem acabado de descobrir um estranho passarinho. Seus cabelos tornam-se mais claros e às vezes os olhos também; algumas crescem imperceptivelmente meio centímetro.

Estremecem quando de súbito defrontam um gato; são assaltadas por uma remota vontade de miar; e certamente, quando a tarde cai, ronronam para si mesmas.

Entregam-se a redes; é sabido, ao longo de toda a faixa tropical do globo, que as mulheres não habituadas à rede e que nelas se deitam ao crepúsculo, no estio, são perseguidas por fantasias, e algumas imaginam que podem voar de uma nuvem



a outra nuvem com facilidade. Sendo embaladas, elas se comprazem nesse jogo passivo e as vezes tendem a se deixar raptar, por deleite ou preguiça.

Observei uma dessas pessoas na véspera do solstício, em 20 de dezembro, quando o sol ia atingindo o primeiro ponto do Capricórnio, e a acompanhei até as imediações do Carnaval. Sentia-se que ia acontecer algo, no segundo dia da lua cheia de fevereiro; sua boca estava entreaberta: fiz um sinal aos interessados, e ela pode ser salva.

Se realmente já chegou o outono, embora não o dia 22, me avisem. Sucederam muitas coisas; é tempo de buscar um pouco de recolhimento e pensar em fazer um poema.

Vamos atenuar os acontecimentos, e encarar com mais doçura e confiança às nossas mulheres. As que sobreviveram a este verão.

O bom poeta Geir Campos



Geir Campos é um capixaba fronteiriço que pendeu para o Sul e acabou até morando em Niterói. Apesar de que "Tarefa", seleção de vinte anos de sua poesia, é um excelente livro. Vejam este trecho de Padre Nosso:

*E o pão difícil,
que nem todos têm,
dai-nos,
e a força de o repartir bem.
Amém.*

A respeito de cinco tipos de mulheres fatais, escreve:

*"Pela primeira entrega-se a fêria de um dia,
pela segunda o salário do mês,
pela terceira as rendas da família,
pela quarta as relíquias e os bens de raiz,
pela quinta o petróleo e os minérios do país."*

O livro é da Civilização e custa 500 cruzeiros.

A poesia é necessária

Soneto

ANTÔNIO NOBRE
(1867-1888)



*Não repararam nunca? Pela aldeia,
Nos fios telegráficos da estrada,
Cantam as aves, desde que o Sol nada,
E, à noite, se faz sol a lua-cheia.*

*No entanto, pelo arame que as tenteia.
Quanta tortura vai, numa ânsia aladal
O Ministro que joga uma cartada,
Alma que, às vezes, d'Além-Mar anseia:*

*— Revolução! — Inútil. — Cem feridos,
Setenta mortos. — Beijo-te! — Perdidos!
— Enfim, feliz! — Desesperado. — Vem.*

*E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarelas:
Assim, Antônio! deves ser também.*

(Do livro "Só".)



CIMENTO MAUÁ S. A.

CR\$1.000.000,00

PRÊMIO "CIMENTO MAUÁ" PARA OS MELHORES TRABALHOS CRÍTICOS E/OU BIOGRÁFICOS SOBRE "EUCLIDES DA CUNHA" E SUA OBRA

Regulamento:

1. O Prêmio, no valor global de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), se encontra aberto a qualquer pessoa residente no Brasil, independente de idade ou atividade profissional, com exceção dos empregados da CNCP COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND, CIMENTO MAUÁ S/A e suas empresas controladas ou afiliadas.
2. Os trabalhos deverão cobrir aspectos críticos e/ou biográficos diretamente relacionados com a vida e obra de Euclides da Cunha e deverão ser inéditos. Em nenhuma hipótese, trabalhos, ensaios ou monografias já publicadas poderão concorrer ao Prêmio em questão.
3. Os trabalhos deverão ter um mínimo de 60 (sessenta) e um máximo de 80 (oitenta) páginas datilografadas, em espaço A4, tamanho ofício.
4. As obras concorrentes deverão ser enviadas em 4 (quatro) vias à Secretaria da Academia Brasileira de Letras (Av. Presidente Wilson, 203 - RJ). Fica, desde já, acertado que os trabalhos apresentados, premiados ou não, não serão devolvidos pela Comissão Julgadora nem pela Cimento Mauá S/A.
5. A Comissão Julgadora será formada por 3 (três) pessoas de renome nos meios literários, escolhidos pelo Presidente da Academia Brasileira, Dr. Austregésilo de Athayde, o qual presidirá a Comissão Julgadora.
6. A decisão da Comissão Julgadora será final e irrecurável, não se podendo apelar contra a mesma, quer por meios legais ou extra-judiciais.
7. Os trabalhos, sob pseudônimo e acompanhados de envelope com nome, endereço e telefone, deverão ser entregues à Secretaria da Academia Brasileira de Letras até o dia 31 de maio de 1982 impreterivelmente. Não serão aceitos trabalhos entregues após esta data ou que cheguem, por via postal ou outra qualquer, à Secretaria da Academia Brasileira de Letras após o dia 31 de maio.
8. Os prêmios serão entregues às 19:00 horas do dia 05 de julho de 1982 em cerimônia pública, sob a presidência do Dr. Austregésilo de Athayde, a ser realizada na sede da Academia Brasileira de Letras.
9. Os melhores trabalhos, de acordo com a avaliação inapelável da Comissão Julgadora, receberão os seguintes prêmios:
1º lugar: Cr\$ 500.000,00
2º lugar: Cr\$ 300.000,00
3º lugar: Cr\$ 200.000,00
10. Os casos omissos e/ou aqueles não previstos pelo presente Regulamento serão resolvidos pela Comissão Julgadora.
11. Os concorrentes, ao submeterem seus trabalhos, automaticamente declaram estar de pleno acordo com este Regulamento. Qualquer desrespeito a este Regulamento provocará a eliminação do concorrente e seu trabalho.

JOEL SILVEIRA



VELHO GAITEIRO

A velhice pode ser disfarçada, mas não adiada — quem foi mesmo quem disse isso? Creio que a frase é de Simone de Beauvoir (vou conferir). De qualquer maneira, nem chega mesmo a ser uma frase excepcional, na verdade é quase um truismo. Lembrei-me dela ao ver, na coluna do Zózimo, o flagrante em que o dr. Antônio Galloti, mais carnavalesco do que nunca, todos os dentes expostos, aparece se esbaldando ao lado de sua juvenil companheira num dos bailes mais liberados da terça-feira gorda. Magnífico instantâneo que retra-

ta perfeitamente o perfil do que antigamente se chamava de "velho gaiteiro". É isso o que tem sido de tempos para cá o dr. Galloti, precisamente desde o dia que passou adiante, por milhões de dólares, o seu rendoso emprego de testa-de-ferro das multinacionais, e ficou sem ter o que fazer. De testa-de-ferro a velho gaiteiro — o alegre e descompromissado ancião está botando pra quebrar, sem ligar para as artérias já gastas, transando e curtindo como todo bom "gatão" endinheirado. Que não lhe falte Hígia, deusa da saúde e protetora dos valetudinários.

CUIDADO

Três batidinhas na madeira, de preferência jacarandá: vem aí Abril, "o mais cruel dos meses", segundo Elliot. Todo cuidado é pouco, como adverte o nosso Adirson de Barros, atualmente a mais bem informada Cassandra deste País.

MAIS CORRIGENDA

A culpa foi minha, e não da revisão: numa nota publicada na edição da semana retrasada troquei o senador Dirceu Cardoso pelo governador Eurico Rezende. Como a nota é curtinha, vale a pena repeti-la por inteiro e como de fato deveria ter sido publicada. Aí vai:

"Senador Dirceu Cardoso: sempre que o seu colega Passarinho chateá-lo além do limite, pessegue-lhe nas fuças esta frase de Marquerite Youcenar (extraída do seu livro "Alexis", recém-lançado no Brasil pela Nova Fronteira): "No momento em que decidimos renegar todos os princípios, é conveniente que

conservemos, no mínimo, os escrúpulos".

Garanto a Vossa Excelência que ele, Passarinho, no mínimo vai encabular."

E aqui vai um adendo, oportuno: outro que devia aprender a lição de Youcenar é o deputado Hélio Garcia, que tão porcammente traiu o nosso José Aparecido quando este se encontrava anestesiado na mesa de operação, em Cleveland. Aliás, é dele, Garcia, a frase que está na boca de todo mundo: "A política mineira anda muito suja". Autoridade não lhe falta para afirmar tal coisa.

QUASE CERTO

É possível que quando esta notinha estiver saindo publicada o doutor Lagalhães Pinto já esteja aboletado no Ministério da Justiça, conforme previsão nossa de meses atrás. No da Justiça ou em outro qualquer. A não ser que, no caso, tenha entrado areia. Areia mineira, é claro.

Um lugar no mundo

Vez por outra, quando esta cidade do Rio se faz mais pesada e sufocante, é de Sorrento que me lembro e dos poucos dias que lá passei. Pois seria lá que eu faria minha casa, de janelas abertas para o mar — o fervente mar que tropeça logo adiante no rochedo encrespado que é Capri e segue depois até distâncias que a vista não alcança. Daria jeito de acordar bem cedo, de preferência aos sábados, para saudar o nascer do sol que tantas vezes eu vi, da varanda do Hotel Cocumella, dissolvendo no mar todo o seu sangue. Vez por outra desceria até a Marina Grande, para ouvir dos pescadores, no rude e molhado linguajar deles, as histórias e acontecimentos que o mar lhes conta e ensina. As sextas-feiras, o restaurante de Giuseppe Zaccarelli, na Marina Piccola, fornecia uma especialidade marinha que é como uma tarantela de todos os bichos miúdos do oceano: para lá seguiria e lá ficaria, sem pressa, a mastigar os crustáceos e a bebericar o "bianco" calabrés, que tem gosto de cabola crua, ou o louro Frascati, que guarda a melhor ternura e sabedoria de todo o Lácio.

Nas tardes vagabundas — que seriam todas — o melhor seria permanecer num dos pequenos bares da piazza Torquato Tasso, do lado de fo-



ra, quando fosse dia de sol, ou lá dentro, na sala aquecida para o inverno, a beber lentamente o douradíssimo strega e a ler, sem paixão nem convívência, os jomais de Nápoles. Certamente teria um barco, porque algumas vezes, quando se fizessem insospitáveis os arrancos marinhos, a solução seria ganhar o mar livre ou então sair bordejando pela costa até lá embaixo, muito além de Amalfi, onde a montanha é mais agreste, as mulheres mais caladas e os homens mais crus.

Custa sonhar? — J.S.

VAI-E-VEM

— Hélio Fernandes, você é mesmo candidato a senador? É fato consumado?

— Consumadíssimo. Minha candidatura é realmente para valer. Em 1966, eu fui candidato a deputado federal pelo então Estado da Guanabara. Seria facilmente eleito e por votação consagradora, mas fui cassado quatro dias antes da data marcada para as eleições, que seria a 15 de Novembro. Agora que acabou a famosa Lei das Inegibilidades, fui convidado por vários partidos para me candidatar a deputado e me recusei. Taxativamente.



Hélio Fernandes

— Por quê?

— Simples. Pensei: deputado, não. Não porque tenha desprezo pela Câmara Federal. Mas é que eu queria ser deputado quando tinha

quarenta anos. Quando podia iniciar uma carreira política. Mas agora quero ser senador, e isso por dois motivos. Primeiro, porque já estou numa idade que se compõe melhor no Senado. Segundo, porque, no Senado, posso falar todos os dias e pelo tempo que quiser — ou quase. Minha intenção no Senado, e me perdoe a imodéstia, é fazer uma revolução pela palavra. Se eleito, e tenho certeza que o serei, falarei diariamente no Senado sobre todos os problemas nacionais: dívida externa, balanço de pagamentos, dependência do Brasil ao Ex-

terior, multinacionais. Quero denunciar tudo. Na Câmara não existe essa facilidade — lá, se não se é líder de partido ou de bancada, só se pode falar uma vez por mês. E olhe lá.

— A ênfase com que você confirma a sua candidatura ao Senado nos leva a uma outra pergunta: haverá mesmo eleição em 82?

— Sem dúvida nenhuma. Aposto com quem quiser.

— Pois está apostado. Uma garrafa de uísque. Escocês, é claro.

— Feito.

BOM DE LER

"Pérola Nandi. Perla: como eu a chamava, e ela assim preferia: Perla, a feia mais bela que jamais vi. Acho que as pessoas não colhiam agradável impressão ao conhecê-la: muito branca, como se naquele justo momento houvesse saído de um claustro ou masmorra, após dez anos sem ver a luz do sol. Os olhos davam a ilusão de que eram seus pensamentos; louco parecia o olhar estagnado, a um passo do grito ou da agressão". — Haroldo Maranhão ("A Morte de Haroldo

Maranhão", pag. 13, GPM Editora.

ooo

"No Recife de Antanho, diz Gilberto":

"Quem não é Cavalcanti é cavalgado". — Homero Homem ("O Agrimensor da Aurora", Editora Forense — Universitária, pag. 208).

ooo

"Não encontro precisamente interdições e proibições na letra do Evangelho. Mas trata-se de contemplar Deus com o mais

límpido dos olhares e sinto que cada objeto desta terra, que desejo, se faz opaco, por isso mesmo que o desejo, e que o mundo inteiro perde de imediato sua transparência ou meu olhar perde sua clareza, de modo que Deus deixa de ser sensível à minha alma, e que, abandonando o Criador pela Cristura, minha alma deixa de viver na eternidade e perde a posse do reino de Deus. — André Gide ("Os frutos da terra", Editora Nova Fronteira, pag. 164).

Os 14 milhões de deficientes físicos de todo o Brasil já não podem dizer que não tem um porta-voz. Chegou

DESAFIO DE HOJE

Um jornal onde você opina, questiona, sugere. "DESAFIO DE HOJE" traz, todos os meses, artigos de renomados médicos, reportagens, lazer, literatura. E muita crítica.

FAÇA A SUA ASSINATURA

CERTIFICADO ESPECIAL DE ASSINATURA

Faça sua Assinatura Semestral e receba o jornal Desafio de Hoje durante sete (7) meses (1 mês grátis). (marque com um X o Estado onde você mora)

☐ Rio de Janeiro Cr\$ 600,00
☐ Brasília, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo Cr\$ 700,00
☐ Outros Estados Cr\$ 750,00

Nome Profissão
Cargo Empresa
Ramos de atividade
End. para entrega Cidade
Bairro Estado CEP

O valor da assinatura, em cheque ou dinheiro, deve ser enviado em nome de OASIS — Empresa Jornalística e Editora Ltda. Rua Visconde de Pirajá, 85, loja 3 — Subsolo, telégrafo: Rio de Janeiro — CEP. 22410 — Tel.: 267-3543 — 227-3141 e 226-2727.

SEBASTIÃO
NERY

Prestes — 9

Em 1950, na campanha presidencial, o Partido Comunista mandou votar em branco, o que não impediu a vitória estrondosa de Getúlio contra Eduardo Gomes e Cristiano Machado. Prestes reconhece o erro:

“Foi um erro. Hoje, eu reconheço. Desde 1954, no 4.º Congresso, nós já admitíamos que tínhamos errado, fazendo campanha pelo voto em branco. A classe operária não aceitava o voto em branco. Nossos oradores eram valados na porta das fábricas. E nós errávamos, agindo assim por preconceito contra Getúlio.”

Em 1955, na campanha de Juscelino contra Juarez Távora e Plínio Salgado, o PC mudou. Prestes conta:

“Em 54, nós aprovamos um programa onde combatíamos qualquer candidatura à Presidência da República. Era o teste do voto em branco, mais uma vez. Mas voltamos atrás e resolvemos apoiar Juscelino. Então passamos a viver em contradição com

o nosso próprio programa: quer dizer, passamos a ferir as próprias resoluções do 4.º Congresso. Mas foi justo apoiar a candidatura Juscelino. Vou citar um fato. JK tinha como chefe da Casa Militar um udenista reacionário. No dia em que JK tomou posição contra o Fundo Monetário Internacional, nós fizemos uma manifestação até o Catete. Eu ia na frente, comandando a passeata. Entramos no pátio do Palácio e imediatamente o chefe da Casa Militar, Nelson de Melo, me viu. Quis imediatamente me prender. Chamou um oficial do Estado-Maior e mandou me prender, mas Juscelino não deixou. Botou as mãos na cabeça e disse a Nelson de Melo:

— Não faça isso.

Sinceramente, não vejo grandes diferenças entre JK e Getúlio. O que houve foi que no governo de Getúlio nós éramos muito esquerdistas e no governo JK começamos a criticar nossas posições equivocadas. E isso nos levou a uma postura mais prudente.”

Prestes — 10

Em julho de 1956, a comissão executiva do Partido Comunista estava reunida ouvindo Diógenes Arruda, o segundo homem do partido, que acabava de chegar de Moscou onde tomara conhecimento oficial do “relatório secreto de Krushev contra Stálin”. Prestes interrompeu a reunião e chamou Glocondo Dias, o terceiro homem do partido, encarregado dos “aparelhos”, inclusive o de Prestes:

“Vamos mudar tudo, que ele sabe de tudo. Um camarada que fala assim do socialismo e da União Soviética é um traidor.”

Prestes, nas memórias, critica muito Arruda:

“Arruda voltou da União Soviética completamente mudado. Eu só fui saber como ele agia anos mais tarde. Arruda era um burguês, um senhor feudal, do ponto de vista ideológico. Era um cacique. Os intelectuais o detestavam. Com relação a mim, a posição era totalmente diversa. No período em que estive à frente do partido, nos dois anos que antecederam a clandestinidade, tive as melhores relações com a intelectualidade brasileira. No dia 21 de abril de 47, nós reunimos a intelectualidade na rua Sete de Setembro, no Rio. Cada um dos presentes recebeu um carnê do partido das minhas mãos e saímos em marcha até o Palácio Tiradentes. Estava todo mundo lá: Oscar Niemeyer, Graciliano



Luiz Carlos Prestes

Ramos, Jorge Amado, Cândido Portinari, muitos jornalistas. Portinari, quando não compreendia uma coisa, vinha à minha casa e dizia que tinha dúvidas. Eu explicava e ele respondia: “É, agora eu entendi.” As relações eram ótimas. Com Arruda, mudou tudo. Houve eleições na Associação dos Escritores do Rio, a intervenção do partido foi de tal inabilidade que houve a dissolução da base do partido entre os escritores. Carlos Drummond de Andrade e outros não aceitaram a intervenção e romperam com o PCB.”

Porque fui deputado

Todo dia falo dos outros. Hoje, perdoem-me, falarei de mim. Também não é todo dia que se faz 50 anos. No dia 8 de março de 62, chegava aos 30 e lançava minha candidatura a deputado estadual pela Bahia, com esta mensagem publicada no MEU Jornal da Semana:

— “Não, preciso dizer muito. Vocês me conhecem. 30 anos fazem um homem. 30 anos medem os atos de um homem. E o homem não é mais do que a medida de seus atos.

Nasci aqui. Aqui cresci. Um dia, saí, fui estudar, trabalhar. Estudei muito, trabalhei muito, corri mundos, busquei caminhos, em alguns me perdi. Mas o que é a juventude senão um buscar de caminhos?

Hoje, estou aqui para pedir a vocês que me deem um voto de confiança. Tenho consciência, quase orgulho, de me sentir preparado para este voto de

confiança. O estudante que fui não queria apenas notas. Queria aprender para ensinar. O professor que fui não queria apenas salários. Queria ensinar para servir. O jornalista que sou não quer ser apenas um artesão de palavras. Fiz de minha profissão um instrumento de luta em favor do País, que quero diferente, que quero melhor, para que não sofra amanhã os mesmos impasses que hoje enfrenta.

É por isso que sou candidato. Não tenho muito a prometer. Quase nada. Apenas que continuarei sendo o mesmo. Estudante, aprendendo. Professor, ensinando. Jornalista, lutando. Deputado, trabalhando pelo meu País, pela minha gente. Cumprindo meu dever.

É só isso. Confio na confiança de vocês.”

A Bahia confiou. Fui eleito. Honrei a confiança. Tanto que fui cassado em 64.

Porque volto
a ser deputado

Hoje, aos 50, mais uma vez sou candidato. Agora, a deputado federal pelo Rio. Como em 8 de março de 62, minha mensagem continua sendo minha vida:

“Você me conhece.

Sou Sebastião Nery, jornalista.

Minha história é a história comum de um menino pobre do Nordeste.

1 - Nasci em Jaguaquara, Bahia, sem luz e sem estrada, 8-3-32.

2 - Não vim à vida a passeio. Vim a serviço. Não estou aqui trazido. Vim. A pé, para a escola primária, aos 6 anos. De trem, para o Seminário, aos 10. De caminhão, para Minas, aos 18. Ensinei latim e português. Estudei Filosofia e Direito.

3 - O que sei de saber a Igreja me ensinou. O que sei de fazer Minas me ensinou. Na Universidade, aprendi a verdade. Na mina de Morro Velho, a injustiça.

4 - Em 52, dirigente estudantil, jornalista e político, greve na Faculdade, preso. Em 54, suicídio de Getúlio, preso. Candidato a Vereador, em Belo Horizonte, pelo Partido Socialista (PSB), preso. Tive voto, mas não tive mandato, impugnado. Em 55, correndo mundo: Nova York, Paris, Roma, Atenas, Moscou. Continuei.

5 - De 50 a 63, na Bahia, fundei e fiz Jornal da Semana. Em 61, renúncia de Jânio, preso. Em 62, eleito deputado. Em 64, cassado, preso, enfiado em um porão, processado, um ano clandestino em São Paulo, absolvido por unanimidade. Continuei.

6 - Desde 65, jornalista no Rio. De 70 a 74, fundei e fiz, com censura e polícia dentro, Política, primeiro semanário do país depois do terror do AI-5. De 78 a 79, na TV Bandeirantes, ajudei a abrir a abertura. Impedido, continuei.

7 - Escrevi livros: Sepulcro Caiado, Socialismo com Liberdade, Folclore Político (1, 2, 3, 4), As 16 Derrotas que Abalaram o Brasil, Portugal um Salto no Escuro, País e Padraos da Pátria. Fiz teatro: Brasil, da Censura à Abertura. Continuei.

8 - Escrevo Sinopse (ULTIMA HORA), Contraponto (Folha de S. Paulo), Política (REVISTA NACIONAL). Faço TV, revistas, jornais, debates. Continuo a luta que comecei aos 20 anos, sempre ao lado dos mais fracos, injustiçados, perseguidos, oprimidos. Do povo. Não cansei.

9 - Lutar é andar a garganta das pedras. Quem abre caminho, corre o risco das cobras. Mas é aos pés dos que vão na frente que as borboletas se levantam. Política é biografia. O homem é a medida de seus atos. Por isso lhe contei minha vida. Para ter direito de pedir seu voto. Sou candidato a deputado federal. 50 anos, maduro, provado, preparado para representar você e o Rio no Congresso.

10 - Preciso de seu voto. O povo me deu, a ditadura tomou, você me devolverá o mandato que honrei. Com seu voto vou continuar 30 anos de luta, ao lado do povo, resistindo, plantando o amanhã. Que ninguém cassa.”

É isso aí. Não vim mesmo à vida a passeio. Vim a serviço.

Curto - Circuito

Reinaldo Paes Barreto

ra o álbum, está bem, mas — e as pessoas?

Sim, cadê os demais, companheiros de flagrante?

Na hora estavam ali, conosco, dividindo a calçada, compondo a perspectiva, tanto que o diagrama incluiu a todos na mesma emulsão. A seguir, imediatamente às vezes, tomaram o seu caminho e nos deixaram apenas aque-

le instante — fiapo de vida preso no papel.

Agora, tanto tempo depois, eu tenho o direito de saber: você, de cabelo solto, trinta anos talvez, que está à minha direita (aliás, por que essa gabardine dobrada sobre o braço, pensou que

ia chover?) e o olho da Kodak paralisou quase atravessando a rua, você, que fez da sua vida?

Casou? Tem filhos? Ou não. Ficou esperando um marido e a madeira, agora, deu caruncho. Você sabe, ao menos, que uma tarde, em Lisboa, um sujeito se

colocou entre o seu sorriso e o céu de abril, assim, e esse instante não foge mais?

Não sabe? Então venha ver. As fotos não têm pressa. Envelhecem, sim, mas só até o ponto de emprestarem outono à moldura.

Nós, dentro delas, não. Continuamos incólumes, perenes, parados no ar. Até que uma tesoura nos rasgue.

Lambe-lambe



A grande pergunta é a seguinte: quando alguém tira um retrato da gente, no meio da rua e, depois da revelação, se verifica que aparecem outras pessoas, atrás, ao lado, o retrato vai pa-

MISTER ECO



OUTROS VISUAIS

Outras Palavras, programa corujão da Bandeirantes, vem-se destacando pelos temas que aborda, em entrevistas de muitos entrevistados: aborto, orgasmo, pederastia, bissexualismo, sexo grupal e quejandos - palavra que também não deixa de ser uma perversão vocabular. A linguagem usada é a mais desabrida possível, quase sempre homenageando-se o chamado baixo calão. Não demorará muito e Outras Palavras, programa produzido pelo filho de um conhecido milionário, estará mostrando, para sua melhor imagética, cenas de sexo explícito. Questão de tempo.

OS FINALMENTES

"O Coronel e o Lobisomem", romance de José Cândido de Carvalho (quase vinte edições), vai ser transformado em telenovela. Se o responsável pela adaptação não pretender estragar inteiramente uma notável obra literária para usufruir de autoridade alheia como tem acontecido nestes últimos tempos, o público espectador irá ficar sabendo a quem pertencem, de fato, expressões como maluco da cabeça, apenasmente, don-

zela militante, parenta encailhada na prateleira, soletração de cartilha, delito de sem-vergonhismo, nesse entrementes, ponderação severista, remédio de grande valimento, galhofismo, moças desencaminhadas, despresença e muitas outras. Se ao Coronel Ponciano de Azere do Furtado, natural da praça de Campos dos Goitacazes, ou se ao Coronel Odorico Paraguaçu, de Sucupira, Bahia.

JORNALISTA

Morreu, como se sabe, num desastre de ônibus, o pugilista João Henrique, ex-campeão sul-americano dos meios-médios ligeiros. Kaled Curi, empresário de lutas de boxe, compareceu ao programa "90 minutos", da Bandeirantes, para ser entrevistado pelo ator Nuno Leal Maia, agora também fazendo gracinha de jornalista. E, desde a primeira pergunta sobre o morto, o assunto passou a ser, efetivamente, sobre pugilistas brasileiros, suas possibilidades no ranking mundial e sobre o destino do boxe no Brasil. Como na história contada pelo Fernando Sabino, o jornalista - que Senhor do Bonfim me perdoe! - Nuno Leal Maia naquele instante decretou o esquecimento de João Henrique, que não tinha nada que viajar de ônibus.



Nuno:
Jornalista, sem
saber das coisas

JÚRI

Cinquenta pessoas estão julgando as músicas do MPB-82, todas elas sem receber centavo, apenas pela oportunidade de aparecer no vídeo. Na finalíssima, porém, duzentas pessoas serão convidadas a integrar o grupo. E, com um júri de 250 pessoas, estará, pelo menos aparentemente, afastada qualquer hipótese de que seja um festival de cartas marcadas. Mas desde que se torne público o voto de cada um. E isso, duvidoso, como se diz lá em Maragogipe.

CRÍTICA

Quando, em 1980, a TV Educativa do Rio de Janeiro decidiu encetar uma campanha no sentido de devolver ao povo brasileiro o conhecimento de todas as manifestações da sua maior festa popular - o carnaval - conhecimento que lhe foi tirado pela própria televisão, dentro de suas naturais e notórias carências técnicas, a emissora alcançou estrondoso sucesso.

O sucesso da TVE se fez sentir através de cartas, telegramas, telefonemas, votos de louvor de Assembléias Legisla-

tivas, e que tais, pois a sua transmissão de 87 horas ininterruptas não se limitou apenas ao desfile maior das escolas de samba, nem também somente ao Rio de Janeiro. O maracatu e o frevo pernambucanos, a Noite dos Tambores Silenciosos também de Pernambuco, os carros de mutação do Paraná, os afoxés da Bahia, os blocos de Olinda e o Tambor de Crioula do Maranhão, praticamente tudo, enfim, em matéria de cultura popular e concernente ao carnaval, foi visto pelos brasileiros. A empresa de pesquisas de audiência, tão famosa que já se

tornou verbete de opinião popular, se limitou apenas a um breve comunicado, que não se sabe se mais ridículo do que cínico, dizendo apenas: "Devido aos festejos carnavalescos, não houve pesquisa dos festejos carnavalescos..."

Ano passado, a TVE repetiu a dose, com maiores contribuições para o espectador. E, neste 1982, embora em pequena escala, os festejos carnavalescos já passaram a contar com a participação de mais duas emissoras do Rio, gerando para os Estados, além, naturalmente, da TVE. E isso valeu à emissora fundada

por Gilson Amado nada menos que sete dos nove prêmios instituídos pela J. J. Relações Esportivas - o Troféu Momo de Ouro - destinado aos comunicadores que mais se destacaram durante as transmissões do carnaval de 1982.

Entre aquela empresa que não pesquisou a audiência do carnaval em 1980 e esta que, embora dedicada a Relações Esportivas, destaca o trabalho da TVE durante o carnaval - vale a velha máxima de que a bom entendedor meia palavra basta.

estas cá me ficaram

char o quarto. Daí pra frente eu não sei de mim. É uma loucura. Qual!!! Assim eu não agüento. Vou ter que voltar para Maragogipe, de onde nunca deveria ter saído para saber dessas loucuras.

5 Declaração de Kate Lira, sobre a arte do nu:

Quando eu comecei a fotografar para revistas desta espécie (de nus) havia uma censura muito forte no Brasil. Até mesmo numa revista de moda o bico do seio não podia aparecer de jeito nenhum. Mas esse tipo de censura acabava me dando um certo apoio e eu conseguia fazer qualquer tipo de foto. De uns tempos para cá, tudo foi liberado demais e eu não tenho necessidade de mostrar meus órgãos genitais para o público masculino.

Curioso é que essa declaração de Kate Lira coincide com o lançamento do filme pornográfico "Eros, Deus do Amor", no qual ela aparece em pleno ato sexual com um menino de 14 anos. Conclui-se, assim, que, não posando mais para fotos, a bela Kate Lira apenas decretou a morte da estética.



Débora
Duarte:
cansada de
reconciliar

5 Outra vez a Hildegard Angel, minha doce Hilde, sobre o possível afastamento de Débora Duarte da novela "Sétimo Sentido":

O que se diz é que Débora teria chegado atrasada, com frequência, e, até mesmo, faltado às gravações, prejudicando o trabalho. O que irritou a direção e levou-a a substituir a atriz. Isso, entretanto, não invalida a justificativa de que Débora teria

parado por estafa. Quem sabe, devido ao cansaço, ela faltou e atrasou? É tudo uma questão de ótica, não acham?

Eu acho. Assetai o meu potente binóculo e posso garantir que a minha ótica indicou que a Débora, de fato, estava com estafa de tanto comemorar a volta do Antônio Marcos.

ooo

5 Declaração de Chico Anísio sobre um dos mais recentes tipos por ele criados:

Painho traz atualidade, pois é uma sátira social que aborda um tema comum nos nossos dias, que é o poder "gay" e o misticismo popular. Mas nada tem a ver com Joãozinho Trinta ou Jair de Ogum, como andam dizendo.

Tubo bem, Chico. Só não se entende é o sotaque baiano do personagem e por que é ele chamado de Painho, expressão carinhosa usada somente na Bahia, pelos filhos em relação aos seus respectivos pais.

ooo



Lucélia:
gafada
pela Globo

5 De Ferreira Netto, informando de São Paulo:

A Globo acaba de fazer mais um bom negócio. A novela "Escrava Isaura", que já foi exibida com sucesso em diversos países, acaba de ser adquirida pela TV da Finlândia.

E Lucélia Santos, Edwin Luisi, Rubens de Falco e tantos outros artistas que participaram da novela, nada receberão da Globo, de direito do intérprete, como manda a lei. É ou não um acinte e um desafio?

ooo

5 De Mauro Montalvão, meu guru e meu jornalista de cabeceira:

O Carnaval é uma época em que os amigos se encontram. Talvez devido à descontração - porque durante o resto do ano é aquela correria. Um desses encontros foi o de Leci Brandão com seu amigo Deputado Jorge Leite, do Rio de Janeiro...

Esse deputado, Maurinho, foi o verdadeiro Rei Momo do Carnaval carioca, mandando e desmandando de acordo com a carta do trono, elaborada por outro deputado, o Waldomiro Teixeira, por alcunha Miro.

I Troféu Momo de Ouro



Expedicto Quintas

BRASÍLIA POSTO AVANÇADO

Figueiredo



Que venham as correções

A palavra candente do Presidente Figueiredo, condenando a permissividade e a pornografia, hoje ocupando largos tratos nos canais de comunicação — imprensa escrita, falada e televisionada — veio de encontro a uma posição de perplexidade que as mais variadas categorias sociais haviam assumido, desde há muito, tais e tamanhas a desenvoltura, o atrevimento e o grau de licenciosidade alcançados entre nós.

Não veio com ares e pendores de falso moralismo, nem de Catão de última hora. Veio no instante certo, no estágio adequado, podendo, por isso mesmo, ganhar a desenvoltura necessária, repondo nos seus lugares os verdadeiros valores éticos que alicerçam a nossa sociedade.

Tristes e melancólicos os episódios destacados pelos órgãos de divulgação, dando um falso testemunho de que o brasileiro é um fauno, um protestante sexual, mesclando um povo deformado nas linhas básicas de manifestação de sua alegria.

A classe média, sobre cujos ombros recaem as amostragens que qualificam e autenticam a nossa gente — hoje marginalizada de tais manifestações, por culpas inflacionárias —, sente o conforto da palavra do Presidente da República e aguarda as providências que traduzem na prática aquilo que as palavras presidenciais tanto profligaram, num anátema corajoso que a Nação de há muito recitava.

coração para vencer esse estirão diário.

Um primor de contradições e medievalismo nos conceitos e colocações de D. Aloísio Lorscheider em artigo assinado, falando sobre a posição do Papa em relação aos jesuítas. Lá pelas tantas chega a ousadia de vaticinar coisas terríveis para quem cair nas mãos de Deus. Imagine só. Um Deus que é só bondade e amor esfolando um pobre cristão...

Thales Ramalho, ex-secretário geral do PP, é o parlamentar com maior autoridade para dizer do peso específico que o seu ex-partido levou para o PMDB. Conhece de-cor-e-salteado os caminhos da dissolvida agremiação.

O que mais angustia as bases municipais do pedesismo mineiro é o excesso de mineirice que coloca um prolongado jogo de cintura nos entendimentos para a escolha do candidato situacionista à sucessão do Governador Fraelino Pereira. Enquanto o PDS nega e estica o processo decisório, o Sr. Tancredo Neves já vai longe, com uma dianteira calculada em 200 mil votos sobre o seu provável concorrente. Isto, na dependência de suas origens de antanho: PSD ou UDN.

O Governador Paulo Maluf possui o mais completo "feed-back" eleitoral do país, inclusive com as definições maiores de constituição do Colégio Eleitoral que elegerá o novo Presidente da República. Comenta-se que as informações estão divididas em vários programas, de cuja unidade só mesmo o Chefe do Executivo Bandeirante tem conhecimento e conhece a chave. Em cima de tais dados é que Maluf está desenvolvendo a estratégia de seu futuro político e sobre eles é que traça o perfil de seu comportamento.



Reagan

Vestir um despir outro

Com a retomada das trocas comerciais entre os Estados Unidos, Canadá, México e Alemanha, numa tentativa de colocar muletas no caos social que ameaça engolfar as nações do Caribe, aqueles países estarão sendo profundamente injustos para com o Brasil, caso persistam as informações de que o aumento do intercâmbio se dará em detrimento do nosso país, num favorecimento feito de gratuidades patrocinadas pela CIA.

Curiosa a posição do Governo Reagan em relação ao seu aliado mais solidário da América do Sul. Além das barreiras impostas aos produtos brasileiros — hoje tornando difíceis as relações de troca, apresentam-se, agora, favorecimentos incompreensíveis, substituindo a lealdade pela complacência, a soberania pelo acorramento e a independência pela submissão.

A opção pela cucaracha e a adesão das "Banana's Republics" não afirmará e nem consolidará o prestígio mundial dos EUA.

APPE

O CIDADÃO ZACARIAS BRASIL

TESTADO...



...PROVADO...



...E COMPROVADO: O ALCOOLISMO...



...PREJUDICA TAMBÉM A SAÚDE DO SEU CARRO.



Appe

Exportações:

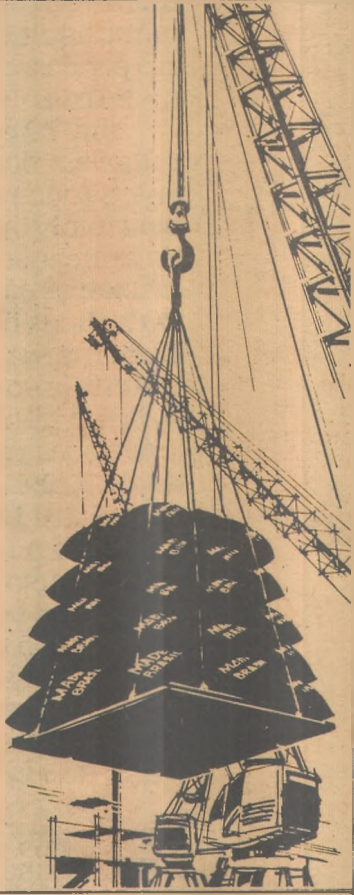
Nós também pesamos na balança.

Através de seu programa de crescentes exportações, a Coca-Cola participa da batalha pela conquista do equilíbrio na balança comercial do País.

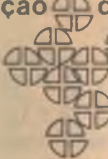
Em sua fábrica em Campinas, a Coca-Cola produz café solúvel de alta qualidade que é totalmente destinado ao mercado externo.

Contribui, também, de forma substancial na exportação de outros produtos, como café em grão, sucos cítricos, açúcar, chá, etc.

Nós, os fabricantes brasileiros de Coca-Cola, temos muito orgulho disso.



associação dos fabricantes brasileiros de Coca-Cola



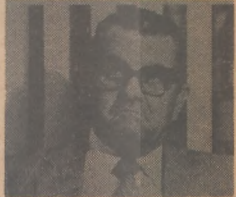
integrando as empresas nacionais autônomas que fabricam Coca-Cola no Brasil



PLANO GERAL



Dom Aloísio



Passarinho



Maluf

O Senador Jarbas Passarinho tem mantido uma conduta irrepreensível no desempenho das elevadas funções de Presidente do Senado Federal. Sob sua inspiração aquela Casa do Congresso procede a uma reavaliação de meios e de fins, com vistas a otimizar os serviços legislativos. Sem alardes, o representante do Pará confere ao seu trabalho austeridade e seriedade num plano isento, superiormente voltado para os interesses da casa e de seus habitantes maiores: os senadores.

Do Gabinete do Senador José Lins (o último do corredor sul do anexo do Senado) até o fim do anexo 3 da Câmara dos Deputados, não quase mil metros de chão corrido para serem palmilhados. Haja perna e

A Bahia não pára de crescer.

O Desenbanco alcançou, nos últimos três anos, marcas que bem demonstram a sua participação no processo de desenvolvimento da Bahia.

Em 79 e 80 obteve o primeiro lugar em desempenho global entre todos os bancos de desenvolvimento do país; o seu saldo de aplicações cresceu de 6 bilhões de cruzeiros em março de 79 para 70 bilhões de cruzeiros em 1º de março deste ano. O seu patrimônio líquido, hoje, é de 6,5 bilhões de cruzeiros e as previsões para o final deste ano em saldo global de aplicações superam a casa dos 130 bilhões de cruzeiros.

Para o Desenbanco, 81 significou a sua consolidação no setor de expansão bancária e uma efetiva atuação na economia do nosso Estado.

Este crescimento se deve, em muito, à sua penetração no quadro geral da expansão econômica baiana.

Operando como agente repassador de recursos do BNDE, BNH, Banco Central e outras

instituições financeiras, a participação do Desenbanco atuando com linhas próprias de financiamentos foi excelente. Nesta faixa de recursos próprios, o Desenbanco vem apoiando diversos programas: indústrias de produtos alimentares, micro-empresas, reforço de capital de giro, apoio ao giro comercial das pequenas e médias empresas, lavra mineral, adiantamentos de recursos do Finor e fomento à produção de carvão mineral. A mobilização de recursos para o setor privado, elevou-se de 3 para 22 bilhões de cruzeiros nos últimos 3 anos.

O Governo Antônio Carlos Magalhães, através do Desenbanco, procura expandir cada vez mais as suas atividades. Dessa forma, foram concedidos financiamentos para importantes projetos nos setores petroquímico, industrial, de energia elétrica e rural, turismo, agroindústria, prefeituras do interior, reflorestamento, setor público, saneamento básico, transporte e, principalmente,

de alimentos.

Um importante instrumento de atuação do Desenbanco tem sido a Propar - Promoções e Participações da Bahia S/A, responsável por aportes de capital de risco a projetos de interesse para o desenvolvimento do Estado. A Propar participa, hoje, de 18 projetos, com investimentos de 1,4 bilhão de cruzeiros, que geram 5.671 empregos diretos.

Através desse método de participações pôde ser montado um eficiente subsistema de empresas destinadas a promover a ampliação da oferta de alimentos na Bahia, englobando a Ebal, Sementes Formoso, Alimenta, Frisuba e Usina



Desenbanco. A força do nosso desenvolvimento.

liança, que juntamente com a
ropar compõem o Sistema
esenbanco.

Diante dessa performance, é mais
o que natural o otimismo que marca
expectativa em torno do
crescimento da economia baiana
para este ano.

É o desenvolvimento abrindo
arminhos e levando a Bahia a ocupar,
mercidamente, um lugar de
destaque entre os Estados mais
importantes do país. É o Governo
Antônio Carlos Magalhães
trabalhando cada vez mais por uma
Bahia melhor.

Desenbanco - a força do nosso
desenvolvimento.

Desenvolvimento.



Desenbanco
Banco de Desenvolvimento do Estado da Bahia S.A.

BAHIA
Governo
ANTÔNIO
CARLOS
MAGALHÃES

ECONOMIA

ASSIS PAIM CUNHA

Está em nossas mãos construir os resultados

JOEL SILVEIRA — O Ministro Galvêas declarou que o desempenho econômico do Brasil, este ano, será melhor que o do ano que passou. Disse que a inflação será menor que 70 por cento e que as exportações passarão da casa dos 30 bilhões de dólares. O Senhor concorda ou não? Por quê?

ASSIS PAIM CUNHA — O Ministro Galvêas, com essa declaração, busca o apoio decisivo de todos os brasileiros para que suas previsões se transformem em nossa realidade. A balança comercial encerrou o ano de 81 com o maior superávit até agora registrado nas estatísticas econômicas, segundo declarou o próprio Galvêas. Nossas exportações registraram mais 15,5 por cento em relação a 1980, contra menos 38 por cento das importações. Esses resultados inverteram por completo a situação que se apresentou no fim de 80. As previsões de Galvêas para 82 são no sentido de que os preços do petróleo permaneçam estáveis. No campo das exportações, ele espera uma recuperação significativa no preço dos produtos primários vendidos pelo País no exterior, que no ano passado tiveram cotações baixas.

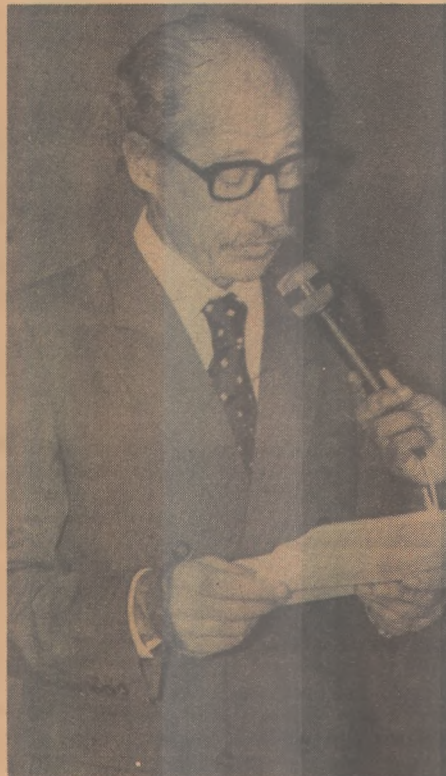
O Brasil deu um passo firme, em 1981, no sentido de dominar as tendências inflacionárias. Não podemos, em 82, recuar aos velhos tempos em que reclamávamos dos problemas em vez de procurar as soluções. O que tem acontecido é uma maior conscientização da importância de visualizarmos a recuperação econômica como um todo, objetivando conter a inflação.

Você sabe por testemunho próprio, Joel Silveira, como homem de imprensa das reportagens internacionais e como ex-expedicionário da FEB, que existem povos seguros e conscientes da força de suas soluções, como os alemães e os japoneses de após-guerra, e que há povos fragilizados e imaturos. Esperar que as previsões do Governo se realizem por passe de mágica é uma atitude de povos primitivos, indecisos quanto aos próprios destinos.

O Brasil inteiro irá pagar se o desempenho econômico deste ano não for melhor que o do ano que passou. Todos os brasileiros serão culpados se a inflação não baixar. Está em nossas mãos construir os resultados.

SEBASTIÃO NERY: Quem mais contribuiu para ajudar a deflagrar o processo de abertura: os políticos, os empresários ou os operários? Por quê?

ASSIS PAIM CUNHA: A abertura tem sido uma conquista. A abertura não representa uma benesse do Governo. Não corresponde a uma pressão dos empresários. Nem é uma conquista exclusiva dos operários. É a consequência do início de nossa maturidade político-econômico-social. A ingenuidade das colocações pessoais como solução para problemas estruturais do País e das empresas já passou. O Brasil cresceu econômica e socialmente à medida em que foi adquirindo maturidade política. Há duas décadas estávamos na Idade Média brasileira no sentido em que começávamos a nos descobrir como nação. Desde então houve a adequação entre a necessidade de expansão econômica do Sul e os problemas do Norte; a ocupação de



Assis Paim Cunha

estados como Amazonas e Mato Grosso; a fixação do nordestino ao seu habitat; o desenvolvimento da agricultura, provocando alterações profundas no campo da exportação. Creio que o processo de abertura vai se intensificando à medida em que o Brasil cresce enquanto nação e adquire a autoconfiança política dos países desenvolvidos.

MAURITONIO MEIRA: A política seguida pelo Ministro Delfim Netto está correta? Sim ou não? Por quê?

ASSIS PAIM CUNHA: Não sou juiz de ministros. Não me animo a julgar ninguém, governantes ou governados. Mas a determinação é um traço do caráter firme do Ministro do Planejamento. Ele tem errado, mas acredito que tenha acertado muito mais. No seu caso o erro é mais consequência da determinação que o caracteriza, que fruto de decisões inadequadas. E eu não acredito em nada onde não haja determinação. E veja bem, determinação para mim é se expor, assumir riscos, realizar. Sua proposição política é reconhecidamente boa, sendo contestada apenas nos detalhes de execução. Mas, convenhamos que conciliar objetivos muitas vezes inconciliáveis — como crescimento econômico, redução de inflação, distribuição de renda, equilíbrio da balança de pagamentos — não é uma tarefa fácil.

JOSÉ AYLER: O que V. Sa. fez nas empresas em 1981 e o que pretende realizar em 82 para ajudar o País a enfrentar as dificuldades que atravessamos?

ASSIS PAIM CUNHA: 1981 foi um ano de recessão propagada, promovida, procurada. Mesmo assim, veja o resultado apresentado pelas melhores empresas do Norte e Sul do País. No entanto, outras perderam terreno, encolheram-se, esperando a chuva passar, aguardando a volta das vacas gordas. Mas quem não teve medo de se molhar, acabou pegando bom tempo.

O Grupo Brastel-Correa partiu, em 1981, para a diversificação de suas atividades comerciais, industriais, financeiras, agropastoris e de serviços, compensando em uma área a retração

A REVISTA NACIONAL dá sequência, neste número, à série de depoimentos de empresários sobre as perspectivas da economia brasileira em 82. Como estamos em um ano de eleições, há também opiniões sobre questões políticas, interligadas, na verdade, com o desempenho econômico do País. Como ficou claro na primeira matéria desta série, há otimismo das autoridades para que a situação melhore. E, de certa forma, esse otimismo é partilhado por alguns empresários. Nesta edição, os depoimentos são dos Srs. Assis Paim Cunha e José Rômulo Dantas. O primeiro é o presidente do Grupo Brastel, de atividades bastante diversificadas: eletrodomésticos, banco, financeira, gêneros de primeira necessidade e material de construção; o segundo, empresário do mercado imobiliário e o homem que comprou grande parte da Praça Tiradentes e convocou o arquiteto Oscar Niemeyer para fazer um projeto que possa devolver à Praça o esplendor de outras eras.

de outra. Se a venda de eletrodomésticos sofria o peso da restrição do prazo de financiamento, com forte impacto sobre a oferta nos grandes mercados do Rio e São Paulo, a horizontalização da cadeia Brastel, que em 1981 se colocou entre as primeiras redes de eletrodomésticos com distribuição nacional, levou para o interior preços e condições só oferecidos em grandes praças. A abertura de novas lojas no caminho da interiorização geográfica dispensa grandes investimentos quando se possui uma estrutura operacional eficiente e se é capaz de promover um balanceamento ótimo de créditos com volume de estoque. A resposta a nossas ofertas foi imediata em todo o País. Possuamos, no início de 81, quarenta lojas no Grande Rio. Ao encerrarmos o ano, existiam setenta e uma lojas da Brastel em todo o Brasil. A empresa adquiriu nova dimensão, posicionando-se acima dos mais fortes concorrentes, que conservaram posições estáticas na expectativa de aumentar a rentabilidade de seus negócios para expandi-los, no futuro. Por outro lado, crescemos também por substituição, adquirindo firmas desinteressadas em continuar operando em determinada praça ou impossibilitadas de prosseguir em seu negócio. Essa prática de absorção refletiu-se beneficentemente sobre o fisco, o comércio, a indústria e contribuiu para atenuar o problema do desemprego.

Através de nossas lojas de materiais de construção, em 1981, colaboramos na implantação do programa elaborado pelo Ministro Mário Andreazza, que implica a venda e construção pelo processo de mutirão de casas populares para a população de baixa renda.

A criação da Brastel Feijão com Arroz, empresa de distribuição de gêneros alimentícios de primeira necessidade e produtos de limpeza para o lar, é hoje uma realidade. Os mercadinhos Feijão com Arroz multiplicaram-se pela periferia dos grandes centros, bairros proletários, bocas de favela, zonas até então inatingidas pelo comércio, onde justamente o brasileiro de menor poder aquisitivo era explorado nas burocracias ou obrigado a pagar condução para fazer suas compras.

Na área financeira, a integralização do Sistema Financeiro Brastel-Correa impôs a compra do Banco de Crédito Comercial (BCC) e da Corretora Laureano, hoje Correa Corretora.

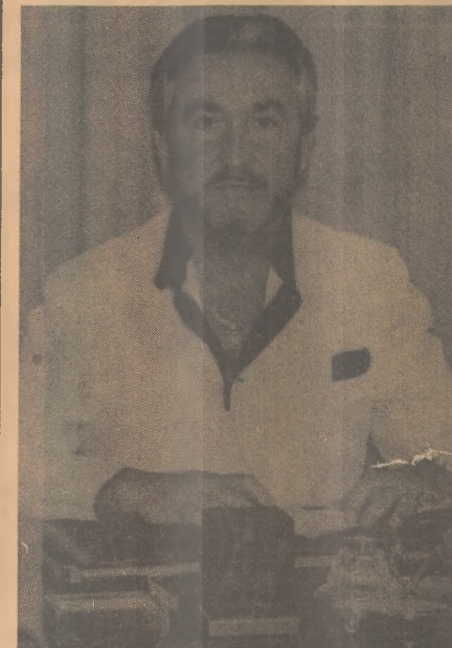
Assumimos, também, algumas empresas em dificuldades estruturais, auxiliando as autoridades financeiras a sanear o mercado, evitando, com isto, para o próprio mercado, as consequências de uma intervenção.

No campo industrial, dotamos de modernas máquinas a nossa indústria de brinquedos de látex em Vassouras e o Frizem — Frigorífico Industrial Frozem Meat; e intensificamos a cultura de frutas na Serra da Bocaina, com vistas a um programa de exportação para 82.

Pretendemos este ano desenvolver todas as potencialidades de nosso Grupo empresarial. Pretendemos enfrentar os obstáculos com trabalho e imaginação criadora. Acredito no resultado do esforço. Na persistência. Na dedicação ao trabalho. Em todos os atributos ditos ingênuos que, no entanto, fizeram a grandeza econômica e trouxeram o progresso a muitos homens respeitados e a muitas nações desenvolvidas. Acredito que, no Grupo empresarial que dirijo, cada um de seus funcionários, dos cargos mais altos às mais humildes funções, pode ajudar o País a enfrentar suas dificuldades, deste ano e dos anos que virão, simplesmente trabalhando. É o meu caso. Pelo País só posso trabalhar. É a única coisa que sei fazer.

JOSÉ RÔMULO DANTAS

O desempenho do Brasil será melhor este ano



José Rômulo Dantas

JOEL SILVEIRA — O Ministro Galvêas declarou que o desempenho econômico do Brasil este ano será melhor do que no ano passado. Disse que a inflação será menor do que 70 por cento e que as exportações passarão da casa dos 30 bilhões de dólares. O senhor concorda (ou não) por quê?

JOSÉ RÔMULO DANTAS — Acredito que o desempenho econômico do Brasil, este ano, será superior ao do ano findo pelas seguintes razões:

a) Nossa dependência do petróleo importado está diminuindo;

b) Nosso crédito externo está sólido;

c) Nossas exportações estão se ampliando;

Não tenho, entretanto, condições para quantificar essa superioridade, pelos seguintes motivos:

a) A expansão dos meios de pagamento está em "nível dramático", como adverte o Instituto Brasileiro de Economia;

b) A elevação da capacidade ociosa da indústria, com aumento da taxa de desemprego;

c) Apesar do desempenho do principal tributo federal — Imposto de Renda — as despesas do Tesouro têm sido maiores do que a Receita.

SEBASTIÃO NERY — Quem mais contribuiu para ajudar a deflagrar o processo de abertura: os políticos, os empresários ou os operários? Por quê?

JOSÉ RÔMULO DANTAS — Todos os segmentos da sociedade brasileira continuam empenhados no processo de abertura. Nesse sentido merece destaque a atuação da imprensa, denunciando sem cessar os abusos do autoritarismo e demonstrando a necessidade de restauração do Estado de Direito; tão vigoroso tornou-se o consenso nacional que, entre intelectuais, não surgiu uma só voz discordante.

MAURITONIO MEIRA — A política seguida pelo Ministro Delfim Netto está correta? Sim ou não? Por quê?

JOSÉ RÔMULO DANTAS — Correta — sobretudo para as instituições financeiras. Basta analisar os balanços dos bancos e das empresas industriais e comerciais com adequada estrutura de capital próprio. Devemos também reconhecer que está bem administrada nossa dívida externa. Discordo porém das altas taxas de juros.

JOSÉ AYLER ROCHA — O que V. Sa. fez nas suas empresas em 1981 e o que pretende realizar em 1982 para ajudar ao País a enfrentar as dificuldades que atravessamos?

JOSÉ RÔMULO DANTAS — Dentro de minhas estreitas limitações, dei alguma contribuição para resolvermos a crise de habitação no País.

MUTIRÃO

Novo conceito de planejamento para bancos

Desenvolvimento de estratégias e planos operacionais para partes ou setores individuais do banco, que sejam consistentes com as suas prioridades estratégicas gerais, e o estabelecimento de sistemas de controle gerencial para produzir informação relevante e que motive pessoal da maneira desejada — são dois dos principais tópicos do Seminário sobre *Direção e Planejamento Estratégico de Bancos*, que terá a participação de especialistas ingleses do mais alto nível e será dirigido por Christopher Batt, uma das maiores autoridades europeias em administração bancária.

Promovido pelo Centro Gerencial Latino-Americano do Brasil S/C Ltda., o Seminário já tem confirmada a presença dos mais renomados banqueiros e executivos financeiros internacionais, todos interessados em conhecer os novos conceitos a serem formulados por Christopher Batt, diretor do Grindlays Bank Group, de Londres, sobre a nova realidade bancária mundial em face dos difíceis problemas econômico-financeiros que atingem a todas as nações. O conferencista terá a colaboração de Norman Bernard, seu auxiliar direto também no Grindlays Bank Group, onde atua como Gerente-Geral.

O Seminário, que será realizado no Rio Othon Palace Hotel, em Copacabana, nos dias 26, 27 e 28 de maio deste ano, receberá inscrições até o dia 20 de abril próximo — e, por tratar-se de seminário internacional, as inscrições, que serão formalizadas após o preenchimento de formulários próprios, têm o pagamento fixado em dólares (câmbio da data da inscrição), dentro dos seguintes valores: individual — 980 dólares; 2 pessoas (mesma instituição) — 920 dólares por pessoa; 3 ou mais pessoas da mesma instituição, p.p. 880 dólares.

O cancelamento da inscrição será permitido, desde que solicitado até antes do dia 20 de abril, enquanto as reservas de acomodações serão feitas diretamente ao Rio Othon Palace Hotel, local das conferências.

CARLOS FELIPPE

As minguadas quotas do FPM

Continuam as oscilações das transferências para os Estados e Municípios das quotas do Fundo de Participação, representadas pelas alíquotas incidentes sobre o Imposto de Renda e o IPI. Março apresentou uma reação, mas continua ainda abaixo de dezembro último o quinhão dos Estados.

As prefeituras do interior — principalmente das regiões mais pobres (Norte e Nordeste) — estão atuando com mais intensidade junto à Secretaria de Articulação com os Estados e Municípios, da Sepplan.

Pedro Paulo de Ulysses, titular da SAREM, tem sido pressionado por milhares de autoridades, com um pedido unânime nas solicitações que recebe: manter em alta as quotas do FPM.

EXPEDICTO QUINTAS

House Organ faz seu seminário

Será realizado nos dias 1 e 2 de abril, o I Seminário de House Organ do Rio de Janeiro, que terá lugar no Hotel Glória, das 9h às 12h e das 14h às 18 horas.

O Seminário conta com o apoio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, e do Centro de Estudos da Comunicação — CEC.

Na mesa de Debates estarão presentes profissionais de Assessorias de Comunicação, Jornalistas e professores, que debaterão as questões ligadas a jornais de Empresas, às Assessorias de Comunicação Social e o perfil do Assessor de Comunicação.

A realização é da Koproco — Assessoria de Comunicação Social que já está com inscrições abertas nos seguintes locais: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do RJ — Rua Evaristo da Veiga, 16 — 17º andar — e na Rua Alvaro Alvim 37 — s/ 1306 — Tel. 240.7985

A. RODRIGO

PEDIDO

Numa carta ao "Jornal do Brasil", publicada na seção "Cartas" do caderno B (edição de dia 9 de fev. último), o leitor Aristides Dorigo, da cidade de Recreio (Minas), escreve longamente e com conhecimento de assunto sobre Monteiro Lobato. E no final faz referência a uma reportagem minha sobre o enterro de escritor — de quem, aliás, fui amigo. A reportagem, segundo Aristides, teria sido publicada no extinto "Diário de Notícias" na edição de 8 de abril de 1948. Tenho uma vaga idéia da reportagem — embora tenha certeza de que de fato acompanhei o enterro de Lobato. Será que Aristides Dorigo poderia me remeter (aqui para a redação da "Revista Nacional") uma cópia xerox da reportagem em questão? Faço votos para que ele tome conhecimento deste meu pedido. E que o atenda — pelo que fico desde já agradecido.

JOEL SILVEIRA

Matemático transforma fórmulas em desenhos

A paixão é o traço principal do caráter do professor da Universidade de Moscou, Anatoli Fomenko, Doutor em Ciências Físico-Matemáticas.

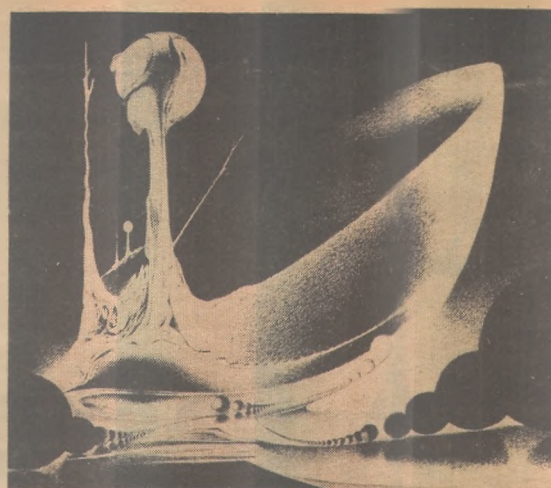
Cursava a escola secundária quando sentiu-se tão atraído pela ficção científica que escreveu uma novela intitulada "O Segredo da Via Láctea". A obra foi publicada no jornal infantil "Pionerskaia Pravda". E não somente foi levada a sério pelas crianças, entre as quais teve muito êxito, como também os adultos se fixaram nela.

Alguns anos depois, apaixonou-se pela física, o que o ajudou a conquistar o primeiro lugar numa olimpíada que organizou no Instituto Físico-Técnico de Moscou na cidade de Magadan.

Depois de terminar o 2º grau com a medalha de ouro, ingressou na Faculdade de Mecânica da Universidade de Moscou. Já cursava o quarto ano, quando as matemáticas absorveram toda a sua atenção e o jovem resolveu mudar de faculdade.

Aproximava-se o exame de topologia e Fomenko teve a idéia de traçar em forma de composições gráficas, conceitos e processos matemáticos concretos. Os desenhos, além de ajudá-lo na aprovação do difícil exame, também foi-lhe útil na defesa de tese do fim do curso, sendo publicada num compêndio de trabalhos científicos.

Passou-se algum tempo e Anatoli Fomenko defendeu a tese de candidato a Doutor em Ciências.



Desenho do céu matemático

Em 1972, quando tinha apenas 26 anos, defendeu a de Doutor em Física e Matemáticas resolvendo um dos problemas matemáticos mais difíceis, insolucionável para muitos cientistas.

Fomenko é autor de 55 trabalhos e de vários manuais. Ele acha que entre a matemática e a pintura há muito em comum, como, em geral, entre a ciência e a arte.

Anatoli Fomenko mostrou seus desenhos a estudantes, cientistas e pintores. E ninguém ficou indiferente a eles, o que significa que também as fórmulas matemáticas podem emocionar e ser tão expressivas como a arte.

CÉLIA PAAR

SENAI promove concurso nacional

Para comemorar os seus 40 anos de existência, o SENAI — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial — está promovendo um concurso nacional de monografias sobre o tema "O SENAI e o Desenvolvimento Industrial".

É uma boa oportunidade para você, que se interessa pela formação profissional, contribuir com seus conhecimentos, e ainda concorrer a prêmios de 400, 200 e 100 mil cruzeiros, já descontado o Imposto de Renda.

O trabalho pode ser feito em grupo e deverá ser entregue no máximo até dia 30 de julho de 1982, no Departamento Regional do SENAI.

O concurso é aberto ao público em geral, sendo vedada a participação dos funcionários do Sistema SENAI.

APRESENTAÇÃO

1. O texto deverá ser inédito, podendo ser apresentado trabalho de equipe.
2. O texto deverá ser redigido em Português, constando no mínimo de 90 páginas e no máximo 180 páginas, datilografadas em papel ofício, em espaço 3, numeradas todas as páginas.
3. O trabalho deverá ser apresentado em 3 vias.
4. Não computado no limite de páginas do trabalho, deverá ser anexado um resumo de, no máximo, duas páginas, o índice e a bibliografia consultada, organizada segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), tabelas, gráficos, desenhos, ilustrações e outros que sirvam de apoio ao trabalho.
5. A capa da monografia deverá conter:
 - título
 - pseudônimo
6. Os trabalhos não deverão ser assinados ou conter dados que permitam a identificação do(s) autor(es), independente do pseudônimo.
7. Os participantes que desejarem concorrer com mais de uma monografia deverão apresentar para cada trabalho um pseudônimo diferente.

PRAZOS

1. O prazo máximo para entrega do trabalho será no último dia útil do mês de julho de 1982.
2. O período de julgamento será de agosto a novembro de 1982.
3. A proclamação da monografia vencedora pela comissão será dia 19/11/82.

4. A solenidade de entrega dos prêmios será no dia 4 de dezembro em sessão pública.

RECEBIMENTO

As monografias deverão ser entregues nas sedes dos Departamentos Regionais do SENAI.

O trabalho deverá ser apresentado em envelope lacrado, juntamente com uma sobrecarta também lacrada, identificada por fora com o pseudônimo e título da monografia, e dentro as seguintes informações:

- título da monografia;
- pseudônimo;
- nome completo do autor ou dos autores, em se tratando de equipe;
- indicação do responsável pela equipe (se for o caso);
- endereço (rua, cidade, Estado, telefone);
- número e órgão expedidor da(s) identidade(s);
- número do CPF ou CIC;
- instituição a que esteja vinculado (se for o caso), indicando cargo ou função;
- profissão (se for o caso);
- escola a que pertence (se for o caso).

PRÊMIOS

1. O prêmio é no valor de Cr\$ 400.000,00 para o 1º lugar, Cr\$ 200.000,00 para o 2º, Cr\$ 100.000,00 para o 3º, já descontado o IR.
2. O SENAI se reserva o direito de publicar a monografia vencedora, cabendo a si os direitos autorais que porventura hajam.

JULGAMENTO

A Comissão julgadora será composta de 5 membros, chefiada pelo Diretor-Geral do SENAI.

A Comissão caberá estabelecer os critérios a serem adotados no julgamento dos trabalhos.

A Comissão Julgadora deverá entregar o resultado do seu trabalho até 19 de novembro de 1982.

A decisão da Comissão Julgadora é inapelável.

Será facultado à Comissão Julgadora recomendar a publicação de outras monografias, além das premiadas, após prévia permissão dos autores.

O SENAI não se obriga à devolução dos originais não premiados, cabendo a seus autores a retirada dos mesmos, pessoalmente ou por pessoa credenciada, munida do protocolo de inscrição, no Departamento Regional do SENAI em seu Estado.

ONDE ENTREGAR

- ALAGOAS
Av. Fernandes Lima, 385 — Farol — Maceió
- AMAZONAS
Av. Carvalho Leal, 555 — Manaus
- BAHIA
Rua Miguel Calmon, 39 — 8º andar — Salvador
- CEARÁ
Av. Pedro Ibiapina, 1280 — Jacarecanga — Fortaleza
- DISTRITO FEDERAL
SIA — Trecho 2 — Lote 1130 — Brasília
- ESPÍRITO SANTO
Av. Beira Mar, 2235 — B. Ferreira — Vitória
- GOIÁS
Av. Anhangüera, 3576 — Goiânia
- MARANHÃO
Av. Getúlio Vargas, 2888 — São Luís
- MATO GROSSO
Rua Corsino do Amarante, 396 — Cuiabá
- MATO GROSSO DO SUL
Av. Afonso Pena, 1114 — Campo Grande
- MINAS GERAIS
Av. Afonso Pena, 1500 — 14º e 15º andares — Belo Horizonte
- PARÁ
Trav. Quintino Bocaiuva, 1588 — Belém
- PARÁIBA
Rua D. Pedro II, 788 — Campina Grande
- PARANÁ
Rua Chile, 1678 — Curitiba
- PERNAMBUCO
Av. Cruz Cabugá, s/nº — 3º e 4º andares — Casa da Indústria — Recife
- PIAUI
Rua Dr. Francisco Correia, 845 — Parnaíba
- RIO DE JANEIRO
Rua Mariz e Barros, 678 — Rio de Janeiro
- RIO GRANDE DO NORTE
Rua Capitão-Mór Gouveia, s/nº — Natal
- RIO GRANDE DO SUL
Av. Assis Brasil, 8450 — Sarandi — Porto Alegre
- SANTA CATARINA
Rua Tenente Silveira, 35 — 9º e 10º andares — Florianópolis

- SÃO PAULO
Av. Paulista, 750 — São Paulo
- SERGIPE
Rua Propriá, 201 — 3º andar — Aracaju

W. MACHADO



MULHER

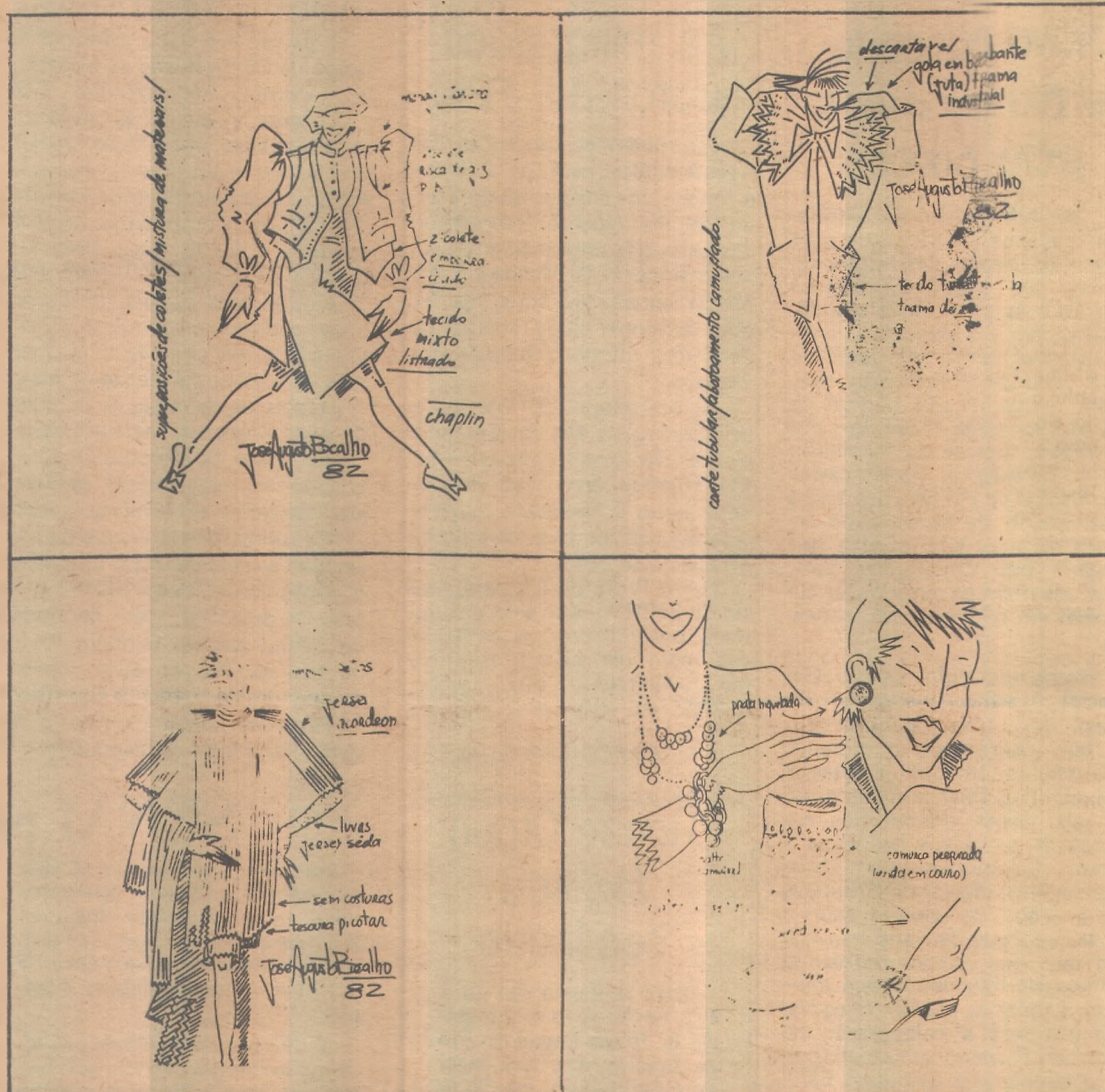
Celina de Farias

A festa final

"Este meu trabalho tem um valor especial porque teve um início diferente dos demais. Antes, na montagem das coleções, o ponto de partida era o tecido, apresentado pelas tecelagens, da maneira que elas interpretavam os "verões" e "invernos".

Neste meu inverno 82, comecei do fio em encontros proveitosos com uma tecelagem e uma indústria de fios e desta união, obtive cores especiais, tramas únicas, texturas desenvolvidas, seguindo minhas idéias, e, até mesmo ao manifestar o desejo de trabalhar com um "tecido impossível", fui surpreendido com a peça piloto deste meu desejo. Esta coleção, para mim, não é mais uma coleção, é uma nova fase, onde o desfile não é o início de tudo, mas a festa final de um bom trabalho": José Augusto Bicalho.

E assim aconteceu a festa final, o lançamento do Inverno 82 de Bicalho, um dos nossos grandes nomes de moda. Seus pontos de partida foram as Carasbas, os mosqueteiros, os anos 60, as roupas de baixo, (que agora estão por cima) das damas do século XVII, etc. Tudo reciclado com tecidos do presente e do futuro (emborrachados, laqueados, luminosos, fosforescentes) e primitivos (telas artesanais, rústicos e chenilles).



Anote

Deixe os legumes e as verduras de molho em água com sal e vinagre por meia hora. Iviará os insetos que estiverem escondidos. Os legumes e as verduras não perderão a cor original se forem cozinhados em panela destampada. Evite cozinhar as verduras em muita água e durante muito tempo, pois, além de perderem o sabor, perderão as vitaminas.

Limpe as cenouras, as batatas e as frutas com as mãos sempre molhadas pois assim elas não ficarão manchadas. Quando a alface estiver murcha, coloque-a de molho em água fria com um pouquinho de bicarbonato e deixe-a em lugar escuro. Ficará viçosa de novo. E se a couve-flor estiver murcha e amarelada, é só colocar um pouquinho de leite e uma pitadinha de açúcar na água em que for cozinhá-la.

Jamais deixe de peneirar a farinha de trigo quando for fazer um bolo. Além de evitar os bichinhos que a farinha tem, deixa a massa mais lisa e uniforme. Aproveite e peneire o fermento junto.

Assim que você chegar da praia ou piscina, lave o biquíni ou o maiô. Use um pouquinho de vinagre na primeira água, não torça as peças e seque-as à sombra. Agindo dessa forma, eles não desbotam e ficam sempre novos.

Evite usar esteira para tomar sol, ela marca a pele. Prefira a tradicional toalha. Não esqueça do baldinho, o mar pode estar com bandeira vermelha e não será uma boa você ficar muito tempo ao sol, sem se molhar. Habitue-se a caminhar pela beira d'água, além de se bronzear por igual, você estará fazendo ótimo exercício para as pernas.

Ao cortar os ovos em rodela, mergulhe a faca em água fervente, para que não esfurem. Os ovos frescos têm a casca opaca e áspera, enquanto os velhos têm a casca brilhante e lisa. Os ovos, apesar de possuírem um alto valor nutritivo, são pobres em calorias, por isso são incluídos em regimes de emagrecimento. Eles se tornam mais volumosos se forem colocados em temperatura ambiente, antes de serem batidos.

Para facilitar a tarefa de passar roupa, deve tirá-la da corda ainda úmida. Só deixe secar completamente quando não for passá-la no mesmo dia, pois a roupa guardada úmida, fica mofada. Para umedecê-la use, de preferência, água quente que penetra melhor no tecido e se quiser perfumar suavemente, acrescente, à água, gotas de alfazema ou qualquer outra. Não passe roupa umedecida imediatamente, enrole-a apertando bem e deixe por algumas horas.

Se você vai renovar a pintura da casa ou tem algum retoque a fazer com o emprego de tinta industrializada à base de água, siga as instruções do fabricante. Ivas ao adicionar a quantidade de água indicada para emulsionar a tinta, empregue água bem quente (mas não fervente). A ca-

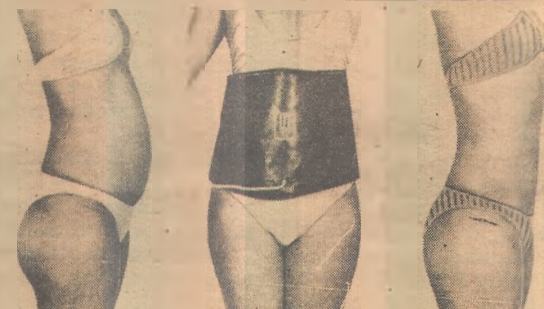
seína, elemento de fixação da tinta, é despertada com água quente, fazendo com que a pintura fique melhor fixada e, conseqüentemente, dura mais.

Antes de descascar as maçãs, passe-as por água fervente. Verá como a casca sai facilmente. Se você der uma esquentadinha bem rápida nos limões e nas laranjas, antes de espreme-los, eles soltarão mais suco.

Para remover papel que ficou grudado a uma superfície de madeira, não raspe com faca. Ponha um pouco de óleo de cozinha (uma gota de cada vez) no papel. Deixe ficar por algum tempo e passe depois um pano macio. Repita a operação até o papel ter saído completamente. Decalques antigos podem sair com facilidade se passar neles, com um pincel, diversas camadas de vinagre branco. Deixe o vinagre umedecer bem o decalque e, com cuidado, raspe.

Quando usar sua máquina de lavar:

Para tirar fiapos de veludo cotelê, lave e deixe secar na sombra. Enquanto a roupa ainda estiver úmida, escove com uma escova de roupa; todos os fiapos sairão. Mas lembre-se: a roupa tem que estar úmida. Você eliminará o problema dos fiapos se adicionar, no último ciclo, uma xícara de vinagre branco. Ou colocar um pedaço de nailon no secador, junto com as roupas molhadas, para funcionar como capitalizador dos fiapos. Se os fiapos embaixo e ao redor do filtro do secador, estiverem úmidos isto quer dizer que o orifício de fora está entupido. É melhor limpá-lo antes que a máquina enguice.



Cinta Térmica Mônica

Usando apenas 15 minutos por dia você terá o corpo que pediu a Deus.

Eliminando as gordurinhas localizadas e a celulite, através do calor.

Alivia dores lombares, dores na coluna e cólicas menstruais.

Excelente relaxante e ativa a circulação.

Unisex - Tamanho único - Garantia de Funcionamento.

Assistência técnica permanente.

Voltagens de 110 ou 220 volts.

MÔNICA O CALOR QUE EMAGRECE

Preço: 2.100,00 por ☐ Cheque ☐ Vale Postal que deverá ser anexado ao pedido ou 2.400,00 pelo reembolso postal mais despesas de correio. Preencha e envie ainda hoje o cupom abaixo e o envie para Erocenter Ltda.

Caixa Postal 21068 Cep. 20110 Rio de Janeiro.

Voltagens 110v ☐ 220v ☐

Nome

Endereço n.º

Fone Apt.º Bairro CEP

Cidade Estado



Bandeirantes vai de música antiga

Um minifestival de músicas brasileiras consideradas favoritas nas últimas oito décadas, a ser realizado em dez programas, constitui a nova arma da TV Bandeirantes, na incessante luta pelos pontinhos do IBOPE e sobretudo para atrair espectadores jovens sempre afeitos à novidades. O primeiro da série, Viva a Música Popular Brasileira, irá ao ar hoje, em cadeia nacional, a partir das oito da noite.

Para realizar a série, onze críticos de São Paulo e do Rio escolheram noventa e seis músicas, que serão apresentadas em oito etapas por grandes intérpretes e sempre com a presença do público. Ao final de cada programa será distribuída uma cartela para que sejam apontadas as favoritas. E, numa finalíssima, a emissora mostrará as doze músicas mais votadas.

No programa de hoje, defendendo músicas que eles mesmos escolheram, já confirmaram presença: Nara Leão, Dominguinhos, Zezé Mota, Zimbo Trio, Roberto Ribeiro e Sílvia Maria.

Carla Camuratti



O erotismo saudável de Carla Camuratti

Encarnando a moderninha adolescente "Sônia", filha de Jaridel Filho e Célia Helena, na novela "Brilhante", a jovem atriz Carla Camuratti conquistou a simpatia do público e a confiança dos críticos, que a vêem como a mais nova e vigorosa atração da nossa televisão. Sobre tudo por se tratar na realidade de sua segunda apresentação no veículo, em que começou ano passado, participando com brilho de um episódio do seriado Malu Mulher.

Mas é o cinema que poderá tornar ainda mais popular a bonita e eficiente atriz, apesar de este ter comprovado menor poder de alcance que as telenovelas, é lógico. Pelo menos é o que se conclui quando se sabe que é justamente o nome de

Carla Camuratti uma das fortes razões do sucesso de bilheteria que um filme está fazendo na capital paulista e arredores: O Olho Mágico do Amor. Produzido na famosa Boca do Lixo, em São Paulo, trata-se do filme de estreia de Carla e também dos diretores José Antonio Garcia e Icaro Martins. E como todos os produtores da Boca, o filme usa e abusa do erotismo, ao qual não escapa nem a personagem de Carla, a Vera Gatta, uma inocente secretária que trabalha numa Sociedade de Amigos da Ornitologia. Sua sala tem um buraco por onde ela observa o tempo todo o outro lado, que é justamente o quarto de uma prostituta, Penélope (Tânia Alves) que desperta na jovem incontidos desejos.

Malu Mulher pra inglês ver

A produção brasileira de televisão começa a despertar grande interesse nos ingleses, o que pode ser comprovado através de alguns importantes lances. O British Institute Film (a cinemateca de Londres) programou para junho uma semana de televisão brasileira, que começará com a exibição de Morte e Vida Severina, adaptação da TV Globo, com direção de Walter Avancini, da obra do poeta João Cabral de Melo Neto.

Além disso, o Canal 4, um segundo canal comercial que está sendo lançado na Inglaterra, terá em novembro como ponto alto de sua programação o multicolorido e movimentado Fantástico. Fato ainda mais curioso é que o show dominical do Canal 4 carioca será lançado num forte esquema de promoção, a cargo da emissora inglesa, incluindo debates especiais para jornalistas e publicitários e a distribuição de uma revista com reportagem completa sobre o programa.

Tem mais: para este ano, a outra destacada atração do Canal 4 inglês é o seriado Malu



Regina Duarte

Mulher, estrelado por Regina Duarte. Inicialmente, serão exibidos treze episódios, com a possibilidade de serem aumentados para vinte e oito, dependendo, é lógico, de sua aceitação pelos ingleses.

A bandeira feminista levantada pelo programa agradou tanto aos dirigentes da nova emissora da Inglaterra que os levou a uma decisão: os personagens não serão dublados e o recurso a ser adotado é o da legenda. Simplesmente porque a dublagem prejudicaria substancialmente a dramaticidade dos temas, bem como o ritmo e a vivacidade da montagem.

Jornal do CHACRINHA



Normas da Censura são obsoletas

A Censura vive baixando normas, principalmente para a televisão. Não faz muito tempo que ela baixou mais algumas como, por exemplo, tomadas de ângulos ousados nos artistas e chamadas de filmes impróprios para menores durante o dia. Depois das 23 horas vale tudo na televisão. Antes, chamadas com cenas de sexo, violência, e outras coisas mais, estão proibidas. Mas estas normas não estão sendo cumpridas. Durante o dia, continuam passando as chamadas que a Censura proibiu. Existe um programa num certo canal de televisão, no horário das 23 horas, no qual as bailarinas se apresentam com as mesmas roupas que usam à uma da manhã, nas boates paulistas. Mas neste horário pode. O que não pode são as chamadas do tal programa passarem durante o dia, mostrando as bailarinas com roupas sumárias. E isto está acontecendo. Depois das 23 horas, como eu disse, vale tudo. O que não é permitido, mas continua acontecendo são as chamadas de programas impróprios sem mostrar as cenas que vão ao ar. Como por exemplo: assista logo mais ao programa tal...

TRANSAÇÃO

A Copacabana comprou a editora e o cast da K-Tel, que deixou de funcionar em nosso país como gravadora. Por outro lado, continua funcionando como firma de outros produtores. Com a transação, a Copacabana aumentou o seu

cast, contratando Jorginho Portugal, Beto Douglas, Exporta Samba, Jurema, Gabriela, Almir Guineto, Wilson de Assis e Romeu Juliano.

VAMOS DAR UM TEMPO

Nelson Ned, meu querido e grande amigo, precisa urgentemente deixar de



Chacrinha Fátima Boa Viagem

dar entrevistas malhando argentinos, cubanos e holandeses. Isso não traz nada, não soma nada, não leva a nada. Nelson, você é um homem apaixonado. Vamos falar de amor e das mulheres, meu filho!

ZÉLIA, A PICARETA

O nome dela é Zélia e a sua área de maior atuação é no Paraná. A sua grande jogada é se arrumar na vida. E por isso anda por aí vendendo shows de Chacretes e Mulatas do Sargentelli. Só que não tem nada a ver. Quem já viu diz que as mulheres são horroresas. A tal de Zélia não passa de uma oportunista, vigarista. Só que ela não está autorizada a vender shows do Chacrinha aqui. Se eu descobrir mando colocá-la no xadrez!

CASSINO DO CHACRINHA

Todos os sábados, via Embratel para todo o Brasil, ao vivo, a partir das 4 horas da tarde, pela Rede Globo de Televisão, o Chacrinha comanda o seu "Cassino" apresentando os cantores das paradas de sucessos, analistas e convidados especiais da linha de shows e das novelas da Globo; buzinas; calouros, troféu abacaxi; Chacretes, as mulheres mais quentes do Brasil; gincanas; e as mil e uma loucuras deste Velho Guerreiro. "Cassino do Chacrinha" (Discoteca e Buzina), o maior baile-show da televisão brasileira.

agenda chacriniana



Gal Costa: agora vai de terninho

Mais uma vez estamos elegendo o estudante e a estudante mais bonitos do Brasil. Prêmio de 500 mil cruzeiros para os vencedores.

000

O estilista De Carlos foi visitado por Marília Pera, Simone e Gal Costa. Elas encomendaram terninhos ao De Carlos, que é considerado um dos maiores estilistas do Brasil.

000

A qualquer momento Xênia e Hebe Camargo vão participar do corpo de analistas do "Cassino do Chacrinha".

000

Erasmus Carlos foi a Recife fazer shows e gostou tanto que ficou um mês inteiro por lá.

000

Quinteto Violado assinou contrato com a RGE e já atacou no MPB-82. Aliás, venceu a primeira eliminação.

000

A CBS está investindo uma nota violenta no cantor-compositor Maurício, que acaba de lançar o seu primeiro LP. A faixa que está sendo trabalhada é "Trem do Além" que estourou nas paradas de sucesso de todo o Brasil.

000

Dizem as boas línguas, que Eli Correia, agora pertencente a Rádio Globo, de São Paulo, está ganhando 4 milhões. Aliás, uma parte do rádio do Rio e de São Paulo está pagando melhor do que na televisão.

000

Rosemary assistiu a estréia do nosso programa "Cassino do Chacrinha" pela Rede Globo na casa da simpática Hebe Camargo, que estava comemorando, na ocasião, mais um aniversário.

SISTEMA
PACOTINHO
& PACOTÃO



DEIXE SUA CARGA EM BOAS MÃOS.



UMA GRANDE VERDADE ESTÁ NO AR: MAIS BARATO DO QUE TRANSPORTE RODOVIÁRIO, SÓ AVIÃO DA VASP. UM EXEMPLO SIMPLES: - UM PACOTE DE 10 KG QUE VOCÊ MANDA POR RODOVIA ENTRE SÃO PAULO/RIO CUSTA Cr\$ 1.586,00*. O MESMO PACOTE TRANSPORTADO PELA VASP CUSTA APENAS Cr\$ 921,40*, INCLUINDO A ENTREGA A DOMICÍLIO. ASSIM

É O SISTEMA PACOTINHO & PACOTÃO, A MELHOR SAÍDA PARA A REMESSA DE CARGAS E ENCOMENDAS DA SUA EMPRESA. ALÉM DO PREÇO SIGNIFICATIVAMENTE MAIS VANTAJOSO, A VASP OFERECE OUTRAS DIFERENÇAS IMPORTANTES. A VASP TEM "KNOW-HOW" DOS MAIS EFICIENTES PARA LIDAR COM CARGA. COM A MESMA SEGURANÇA VOCÊ

DESPACHA COFRES OU CRISTAIS. NA VASP O SERVIÇO É COMPLETO; SUA CARGA CHEGA AO DESTINATÁRIO ONDE ELE ESTIVER. PELO SISTEMA DE REDESPACHO, A VASP ATENDE A MAIS DE 6.000 LOCALIDADES. DESCOBRA ANTES QUE SEUS CONCORRENTES O QUE A VASP PODE FAZER PELA SUA EMPRESA. LIGUE AGORA PARA A VASP E CONTE O SEU

PROBLEMA. A VASP VAI LHE DAR AQUELA MÃO PARA MODERNIZAR O TRANSPORTE DE SUA PRODUÇÃO COM ECONOMIA E RAPIDEZ. DESDE PACOTINHOS A PACOTÕES.

(*) DADOS DE MARÇO DE 82.

VASP
UM TOQUE DE CARINHO EM TUDO QUE FAZ



ESPORTE

Carlos Felipe

Telê muda na frente mas não volta atrás

A costumado a andar, dentro e fora do País, acompanhando a Seleção brasileira, confesso que fiquei encabulado com a hostilidade de parte da torcida — certamente um grupo de vascaínos frustrados — ao atacante Careca, domingo último no Maracanã, no jogo Brasil x Alemanha. O que me espantou foi que este tipo de comportamento não é muito próprio do torcedor carioca — que, há muito tempo, felizmente, colocou de lado o bairrismo na escolha ou escalação de jogadores no escote, aplaudindo quem joga e respeitando aquele que eventualmente se encontra na reserva.

Espantou-me, repito, porque realmente vaiar jogador da Seleção, ou a própria Seleção, sempre foi um esporte preferido pela galera paulista — e, afora isso, porque Careca não tem culpa nenhuma de ter sido escolhido por Telê para entrar no lugar de Roberto. E mais: o atacante do Guarani, embora tenha treinado apenas uma vez entre os seus novos companheiros, não teve uma atuação comprometidora — pois, pelo contrário, teve lampejos de grande jogador que é, sobretudo demonstrando muita habilidade no toque de bola, velocidade e perfeição nos deslocamentos, abrindo sempre os espaços necessários para as penetrações de Zico, Adílio, Vítor, Júnior e Leandro, vindos de trás.

Porém, mais uma vez ficou evidenciado que não pode ter dois malandros num lugar só. E a prova maior foi uma jogada, verdadeiramente uma grande jogada, — da administração do Maracanã? — que alcançou plenamente os seus objetivos: isto é, neutralizar toda e qualquer reação à presença de Careca no time, colocando-o a salvo de apupos e vaias. Explico: talvez adivinhando que os torcedores que se postariam à direita da Tribuna de Honra — onde normalmente fica a torcida do Vasco — fatalmente iria vaiar o jogador paulista, alguém — quem? — colocou dependurado nas marquises, do lado contrário — onde normalmente fica a torcida do Flamengo — dois possantes microfones que levavam o coro, certamente rubro-negro, a todos os alto-falantes do estádio, abafando totalmente qualquer movimento hostil a Careca. Uma boa de malandro, reconhecimento, mas queria saber de que jeito ficaria se, exatamente daquele lado, começasse — e faltou pouco para acontecer — uma vaia, não para Careca, mas para toda a Seleção, que, a certa altura do jogo, chegou a ser dominada pelos alemães. E sei lá o que poderia acontecer se algum desavisado anunciasse que as principais autoridades do Estado e do País encontravam-se presentes no estádio!

Embora não tenha ouvido qualquer comentário por parte do Presidente Figueiredo, posso assegurar que ele não tem opinião diferente da minha: apesar da vitória do Brasil — que fatalmente deve ter alcançado grande repercussão em todo o mundo, deixando grilados nossos adversários na próxima Copa, em junho/julho próximos — os alemães ocidentais vão ser uma parada duríssima na Espanha. O time deles é muito bom, tem um conjunto excelente, e como vai disputar o mundial reforçado de alguns cobras (entre eles, destacadamente, o ponta-de-lança Rumennig, eleito nos três últimos anos o melhor da Europa), que estiveram fora domingo último, no Maracanã, por contusão, todo cuidado com eles é pouco: afinal, além de jogarem bem, dispõem de uma massa física



Careca

excepcional e um estado atlético melhor ainda.

Mas ninguém precisa ficar temeroso, pensando que o Brasil não esteja também no páreo: conforme o próprio Presidente Figueiredo testemunhou de corpo presente, respaldado por todo o seu Ministério, a Seleção brasileira, apesar de não ter tido uma atuação convincente, demonstrou que, mesmo desfalca de três jogadores excepcionais — diria, mesmo, imprescindíveis —, como Sócrates, Carezza e Falcão (Falcão, por que não?), venceu com méritos. E não importa o score apertado de 1 a 0, porque o que se torna mais importante no caso é a presença mais uma vez da magia do nosso futebol, evidenciada na jogada maravilhosa de Adílio, deixando Júnior cara a cara com o goleiro alemão, que não teve como defender o magistral voleio do lateral rubro-negro, colocando a bola no ângulo sem apelação.

Portanto, repito o que já disse várias vezes: Telê já tem a base do time que vai à Copa e dificilmente irá mudar o grupo, à exceção de duas trocas que ele jamais negou que fará — a de um dos ponta-de-lança e de um dos jogadores de meio de campo. Cá comigo, no entanto, tenho a impressão que deve sobrar Roberto e Renato, porque Careca, Vítor e Adílio deram conta do recado e Serginho ainda tem direito a uma oportunidade (possivelmente será o titular no próximo jogo) e, se souber aproveitá-la, poderá garantir o seu lugar.

De resto, só falta registrar uma coisa: por que a TV Globo desrespeita o torcedor brasileiro, e os profissionais da crônica esportiva, convocando para comentarista um buzuuto do porte do Menotti, cuja maior frustração é ser obrigado a reconhecer que o futebol argentino há muitos anos está a reboque do futebol brasileiro? E que só chegou a campeão do mundo, porque, como todo peru, o que ele teve pela frente na Copa-78, também já tinha morrido na véspera?

Manduca, que que há?

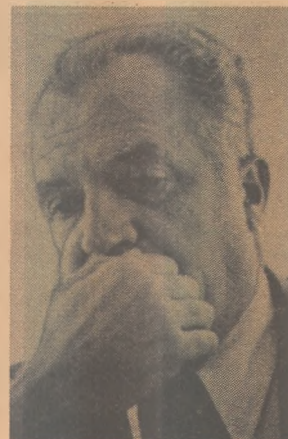
PONTO DE ENCONTRO

A DOR DA DÍVIDA

Dita por quem foi — (o empresário gaúcho Paulo Velhinho, pessoa da maior seriedade e notório conhecedor da economia brasileira) — a frase chega a ser aterradora. Diz ele: "O Brasil é menos viável hoje do que há 50 anos".

Não dá calafrios?

Na mesma entrevista, (à revista "Senhor", de São Paulo) ele — que, aliás, se classifica como um otimista, vejam só — mostra sua preocupação com a nossa dívida externa. E diz porque: "Me preocupa porque um país que deve o quanto nós devemos se compara a uma empresa que deve quase acima de suas possibilidades. Como empresário eu sei, porque já vivi no passado fato semelhante. O endividamento reduz o espaço físico de manobras do indi-



Velhinho

víduo, limitando-o em suas decisões, muitas vezes naquilo que os credores externos impõem. E basta que olhemos o trabalho dos nossos governantes, andando pelo Exterior, quase que de mão estendida, a pedir a compreen-

são dos banqueiros e dos líderes internacionais e muitas vezes praticando aquilo que não significa na verdade a sua convicção".
E quando o repórter lhe perguntou qual, a seu ver, é o principal defeito do governo federal, Velhinho não vacilou: "... é não contar para nós, os brasileiros, as verdades sobre o nosso país, a começar por aquela que é mais conveniente, de que somos um país extremamente pobre e como tal devemos nos comportar. Em cima dessa realidade será mais fácil construir o nosso desenvolvimento".

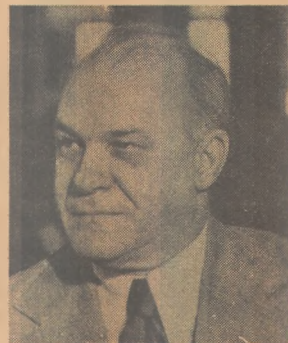
No que nos toca, o empresário Paulo Velhinho tem toda razão. Mas é claro que o que ele afirma não tem o endosso da matemática do governo. Ou da matemática oficial, como diz o Joelmir Betting.

NA PONTA DO LÁPIS

No último ano, o preço da água aumentou, no Rio, em 150 por cento. E da passagem nos trens suburbanos 200 por cento. A isso os delirantes e oníricos tecnocratas oficiais chamam de "visível declínio da inflação".

E tem mais: o material escolar disparou 105 por cento entre março de 81 e março de 82. Exemplo: um lápis que há um ano custava 2 cruzeiros e 50 centavos, está custando agora 13 cruzeiros. Os números, como as cartas, não mentem jamais. Refiro-me aos números reais, os que nos agridem o bolso, somados e calculados na ponta do lápis, e não aos números "deles", manhosamente extraídos dos computadores que "eles" próprios alimentam.

O BOTE DA COBRA



Thales

Como tanta gente mais igualmente escarmentada, o deputado Thales Ramalho que é sabiamente dado a sinistras profecias que costumam se realizar, anda inquieto com a aparente tranquilidade do governo depois da incorporação do PMDB-PP, fato que o Planalto teria "absorvido" sem maiores apreensões. Não vão nessa, adverte o

deputado Ramalho. E acrescenta, estreitando ainda mais aqueles seus olhos achineizados de perspicaz pernambucano: "Esperem pelo bote de cobra".

Quem também duvida da "tranquila absorção" do Planalto é aquele outro deputado, do PP de São Paulo que resmunga: "Temo pelo pior" — diz ele. E explica por que: "Afinal de contas, é difícil imaginar que o Senador Tancredo Neves e o deputado Ulisses Guimarães possam tomar o poder sem comandarem um simples batalhão da PM".

E a tal história: eleitor, todo mundo sabe que a Oposição tem. Resta saber se tem poder de fogo.

Aliás, o senador Sarney já anda a falar em "perplexidades jurídicas". Que diabo é isso?

COMO COMBATER

Tá! uma boa idéia. Para combater a candidatura do doutor Tancredo Neves e vencê-lo nas urnas, o governo federal abre as cornucópias para a realização, em Minas, de todo um programa administrativo. Vai ser um não acabar de estradas vicinais, asfaltamento de outras, escolas, hospitais, creches, mercados populares, tudo do que o povo precisa — precisamente o povo mineiro do Vale do Jequitinhonha, que há séculos precisa de tudo — porque nunca teve nada, a não ser o "barbeiro", portador da doença de Chagas, que naquelas bandas é mais comum do que dor de dente.

Donde se conclui que, mesmo derrotado, o doutor Tancredo já pode orgulhar-se de, como simples candidato, ter realizado em seu Estado o que talvez não pudesse fazer como governador devidamente eleito. Quem lucra, afinal, é Minas. Dar ao povo escola, hospital e comida é sempre uma boa, mesmo que essa doação seja inspirada por motivos menos nobres e caridosos. Palmas para o governo, que ele merece. E palmas também para o doutor Tancredo, que ele, embora indiretamente, também merece. E palmas igualmente para o povo mineiro, que afinal vai lucrar com uma briga com a qual nada tem a ver.

BOMBA-RELÓGIO

A advertência (ou aviso) é do economista José Roberto Whitaker Penteado Filho, em artigo publicado na "Veja".

"Se o Brasil — diz ele — não acordar agora para o problema da formação adequada dos elementos que estarão trabalhando e produzindo em 2000, 2010, 2050, estaremos preparando para os nossos próprios filhos, que hoje estudam, um quadro de ineficiência, desemprego e insolvência econômica bem pior do que a que supomos estar vivendo hoje. As medidas capazes de desarmar a bomba-relógio tiquetaqueando em direção ao ano 2000 não são, certamente, nem muito simples nem muito fáceis. Mas são viáveis, lógicas e sensatas. É só querer".



Tancredo

GÊNIO

Fantástica, brilhante, genial mesmo a descoberta daquele líder pedessista: "Eleições se ganham é nas urnas". Se fosse sincero, poderia acrescentar: "O que é uma pena".



Com José Wilker, em *Bye, Bye Brasil*



Betty: corpo de menina, cabeça de mulher



Estilizada, uma estrela versátil

JU MARTINS

BETTY FARIA

Ser gostosa é quase a antítese da inteligência

Ausente do teatro há cerca de seis anos, Betty Faria está de volta ao palco justamente ao lado do consagrado comediante Jorge Dória. Eles interpretam os dois únicos personagens de Amor Vagabundo, peça de Felipe Wagner, com direção de Domingos de Oliveira, que acaba de estreiar no Rio. Em clima de perfeito entrosamento, o que confere à peça o tom exato de comédia e dramalhão, ela é Lúcia, uma secretária solteira, e ele, Flávio, um cinquentão recém-descasado. Com dois filmes de conteúdo político acertados para este ano mas sem planos para a televisão, no entanto ela continua no vídeo da TV Globo, graças à novela Pecado Capital, um grande sucesso de audiência, tanto na época do lançamento como agora, na reexibição.

Amor Vagabundo encerra para mim um grande desafio", confessa Betty Faria, que nunca fez comédia, apesar de uma carreira bem sucedida como atriz e também como vigorosa e exuberante estrela de shows, como em seu início de carreira.

"Mas o Jorge Dória é um grande mestre no assunto — res-salva a atriz, que o considera o nosso maior comediante. Ele consegue quebrar qualquer rigidez momentânea, deixando-me portanto inteiramente à vontade no palco."

Não é apenas o confronto com Jorge Dória que faz Betty Faria se sentir quase como est-reante. De acordo com a estru-tura da montagem, a peça re-quer uma conversação ininter-rup-ta com os espectadores, que são encarados por sua Lúcia como seu quase único ouvinte, porque ela raramente pode estar com Flávio.

"Além disso", explica Betty, "os fatos passados devem ser contados com a emoção do mo-mento em que a história aconte-

ce, e isso nos obriga a verdadei-ros malabarismos psicológicos".

Também não é apenas em função da peça que Betty Faria se preocupa em manter a comu-nicação com o público. Esta é realmente a sua grande meta e, por isso, confessa-se sempre disposta a enfrentar riscos, mes-mo porque nunca se conforma com resultados insatisfatórios, e quer melhorar cada vez mais.

Inteligente, persuasiva, irre-quieta, marota, diz que exige muito de si mesma. E, nesta perspectiva, confessa sem falso pudor que foi terrivelmente su-focante a sua última experiência em televisão, vivendo uma pro-fessora de dança em *Baila Comigo*, novela de Manoel Carlos, levada ao ar ano passado. Este pequeno fracasso, no entanto, não diminui sua lucidez em re-lação ao poder de alcance deste veículo de comunicação.

"Durante o tempo em que estive no Nordeste, filmando *Bye, Bye Brasil*, pude perceber que no interior a televisão ainda não conseguiu derrubar o rádio, mas tem um papel cada vez mais im-portante. Transmitindo informa-

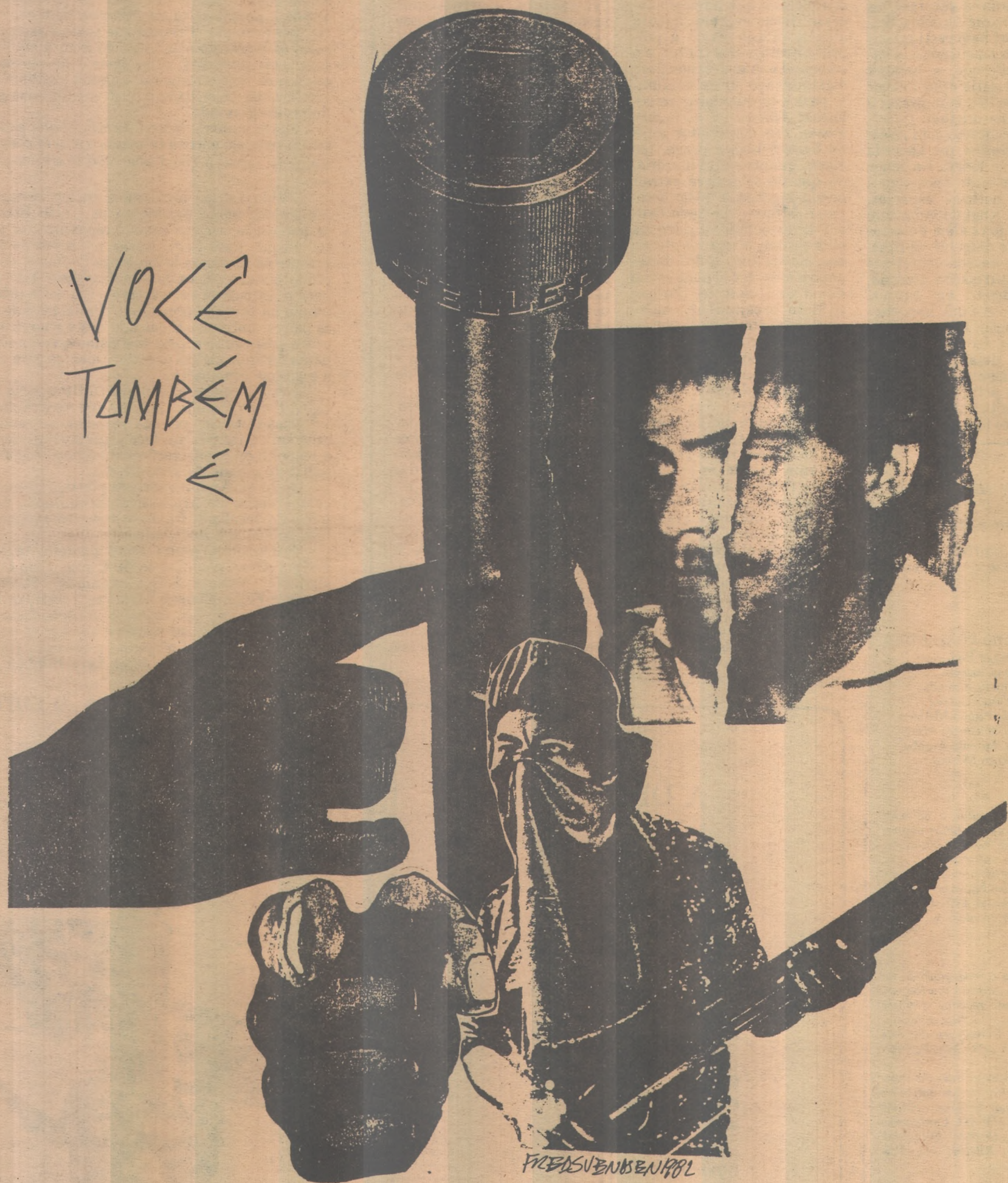
ções positivas, a televisão pode mudar tudo para melhor. Mas se os programas, inadvertidamente, continuarem levando mensagens incompatíveis com a realidade e a situação dos que estão sendo atingidos, podem arrasar tudo de vez... Embora eu não estivesse naquela época em novela ou em qualquer tipo de programa de TV, por todos os lugares onde passei recebi manifestações de carinho e até muitos presentes típicos da região."

Preocupada em diversificar a carreira, Betty Faria já aceitou fazer dois filmes este ano. Um deles, *O Bom Burguês*, será di-rigido por Osvaldo Caldeira e co-meça a ser rodado em abril, abordando fatos políticos da década de setenta, inclusive vivi-dos pelo personagem que lhe ser-ve de título. O filme dará a Bet-ty a oportunidade de trabalhar novamente com José Wilker, o intérprete do principal papel e seu parceiro no famoso *Bye, Bye Brasil* — pelo menos, a crítica atribui à dupla os melhores, mais emocionantes e também mais di-vertidos momentos do impecável filme de Cacá Diégues.

Na agenda cinematográfica de Betty Faria, o outro filme é um antigo projeto, que finalmente toma corpo. Trata-se da histó-ria de *Lili Carabina*, a ser prota-gonizada por ela e que agora terá a direção de José Joffylli.

A par de toda a movimenta-ção exigida atualmente pelo tra-balho e pela dedicação aos dois filhos (Alexandre, de 13 anos, e João, de seis), a atriz está sem-pre em ótimo astral. Não é mais tão jovem, mas mesmo assim, consegue manter o corpo enxu-to, de eterna bailarina. Seu ros-to lembra o de uma cigana e su-gere pertencer a uma mulher obstinada, porém um tanto quanto misteriosa. Este é o seu grande segredo e o álibi perfeito do sucesso.

"Num determinado momen-to da peça, minha personagem coloca em cena toda a sua ver-dade, dizendo que a única coi-sa que sabe é que é uma mu-lher gostosa. Isso é quase uma antítese da minha proposta co-mo ser humano, porque conside-ro o físico um dos maiores ini-migos da inteligência."



FREDSUENKENTZ

RESPONSSÓVEL

Vieram-me às mãos primeiro os originais. Um pedido de leitura e, se possível, uma sincera opinião amiga. E no mesmo dia em que o correio minha opinião levava, traduzida em entusiasmo, trazia ele, para minha surpresa, as *Manchas roxas* (contos, Salvador, 1981) bem vestidas em livro. Além da surpresa, a satisfação. Porque é sempre uma grata satisfação folhear livro que se leu, com prazer e primazia, no original.

Meu contacto com Ayêska Paulafreitas de Lacerda não vem de longe. De longe de mais de vinte anos vem a troca de notícias esparsas, dando-nos sinal de vida, com seu pai. E para além do entusiasmo que descobri na filha, para além da sua consciente busca de afirmação literária, encontrando em tantos, restou-me - é o que importa - a constatação, nas doze histórias curtas do livro, da presença de uma escritora de pulso. O talento evidenciava-se até em pormenores, como no não muito cauteloso comportamento formal e nos apa-

rentes perigosos caminhos coloquiais, por onde às vezes a autora se enredava, e que são, frequentemente, descaminhos de tantos.

A surpresa é que, neste livro, tudo perfeitamente se completa: o que parecerá excesso torna-se, em leitura atenta, indispensável à própria estrutura dos contos, e o coloquial não se desanda para o alambicado, antes se afunila para a dissimulação psicológica. *Almoço só para mulheres*, um dos pontos altos do livro, é bem a prova, tão eterna quanto a arte literária, do quanto se poderá extrair de um enganoso e linear bate-papo. Mestre Machado deu-nos lição definitiva disto na obra-prima *Missa do Galo*, nascida de um "tolo" bate-papo a dois. E é aí onde está o difícil ao ficcionista. Porque se não despontar, subrepticamente, o indispensável corte vertical de todo o blá-blá-blá por ele criado entre as personagens, a história, sem contemplação e em linguagem vulgar, vai para o brejo e o autor cai do cavalo. Pois Ayêska sai do blá-blá-blá de *Almoço só para mulheres* com grande mestreia, o conto firme nos alicerces e como fulcro um universo de magoados, doridos e até risinhos desencontros humanos.

Ayêska é escritora de temática variada, porém unitária na busca dos meios-tons. Esta marca está presente em todos os contos, desde os de linha poética (*Para matar as saudades*), aos de maior força psicológica (*Manchas roxas*, pequena obra-prima), pas-

sando pelos de inegável ternura (*Mustang*) e pelos toques anedóticos (*Almoço só para mulheres*). Tais oscilações de sentimentos dão bem a medida e a sensibilidade crítica da autora diante dos pequeninos e magoados problemas de família classe média, eternos em qualquer literatura.

Ainda por este ângulo, ou por isto mesmo, *Manchas roxas* não são um livro de altos e baixos. Um somatório de dores, alegrias, tristezas e ironias. E é através da ironia, quase sempre, que vem a denúncia. E através da denúncia a amostragem, decida, da vida, tal qual ela é.

A fluência narrativa, uma fluência toda sua e personalíssima, é que dá a falsa impressão de menor preocupação formal na elaboração dos trabalhos. A "inquietação estilística", todavia, transfigura-se belamente em vida latejante, que dá bem a medida do talento criador da escritora.

Todo livro de contos terá seus pontos altos. Aqui temos, porém, nestas *Manchas roxas*, pela unidade estilística, pelo corte psicológico das personagens, pelos temas altamente sugestivos e particularíssima maneira de abordá-los, pela síntese explosivamente criadora e transfiguradora de cada história - a revelação vívida da qualidade do que de melhor se produz hoje no gênero conto. A autora é estreante em livro. Mas chega amadurecida e senhora do seu ofício.

É ler e conferir.

NESTE NÚMERO

Na escala hierárquica dos veículos de comunicação, a TV ocupa o primeiro lugar. Nela, som e imagem se congeminam de modo a, muitas vezes, anularem a nossa fala e o nosso poder de discernimento. Daí, evidentemente, a televisão representar uma espécie de prolongamento do sistema na medida em que somente é obsorvida por este quando se dispõe a homologá-lo *ad infinitum*. Um slogan como, por exemplo "Criança que pratica esporte respeita as regras do jogo", nos dá bem a medida de suas reais intenções, uma delas a de persuadir a criança de hoje a respeitar amanhã e sempre as regras ditadas pelo sistema dentro e fora das quatro linhas do gramado.

Neste número, Vilson Brunel Meller estabelece um paralelo entre a televisão e o livro chegando, algumas vezes, às conclusões não muito animadoras.

Fábio Lucas, professor e crítico literário recentemente eleito presidente da União Brasileira de Escritores, escreve sobre o renascimento do nacionalismo. Para Fábio Lucas, entre outras coisas, a doutrina marxista levou longe demais a concepção internacionalista da luta de classes. Há - ainda para o articulista em questão - um certo sabor de utopia na tese que proclama: "Proletários de todos os países, uni-vos". É calçado neste e noutros preceitos prepugnados pelo marxismo que o autor em pauta formula alguns questionamentos para chegar a algumas conclusões.

Neste número, a segunda e última parte do artigo *A Poesia Popular Oral*, de José Alves Sobrinho.

José Octávio, por sua vez, demonstrando que atua em várias frentes, tece algumas considerações a respeito da urbanização e do espaço econômico-social da cidade de João Pessoa.

A. L. M. Andrade, artista plástico baiano, traça um roteiro das Artes Plásticas na Bahia, desde o início da década de 60, até o presente, sempre num tom polêmico e instigante.

Publicamos, ainda neste número, textos de Políbio Alves, Aldo Lopes de Araújo, Caio Porfírio Carneiro, Moema Selma O'andréa, Hildeberto Barbosa Filho, Elmano Moreira, Terezinka Pereira e J. Queiroz. Em *Registro*, a seção *Espaço do Leitor*, ora criada, se dispõe a acolher as opiniões dos nossos leitores a respeito da cultura paraibana e brasileira de um modo geral. Leia, também, a seção *Novos*.

• O EDITOR

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR

Sérgio de Castro Pinto

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almeida
Walter Galvão
Vilson Brunel Meller
Sérgio de Castro Pinto
Carlos Antônio Aranha
Anco Márcio

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr\$ 350,00
Outros Estados
Cr\$ 400,00

A DEUS OU A QUEM DE DIREITO

• J. QUEIROZ

quando o dia é nublado,
põe-se a folhear
um incomensurável álbum.

quando o dia é claro,
espoca o flash do sol
a cada instante.

espoca-o e flagra
o instantâneo que somos
neste mundo lambe-lambe.



Capa do artista-plástico, Fred Svendsen

A vida inteira pregado na Serra do Cosme, de enxada nas costas, plantando milho, algodão e feijão-de-corda. Aos domingos revirava o mundo a saltar pelos serrotes e se atrepar nos catolés arengando com os macacos e saguis. Tudo que cabia na sua vista, se bulia nos seus pés e sustentava seu esqueleto, herdou do pai: a serra, o medo das cobras, o chapéu, o vento soprando quente e o velho costume de não ficar com a cabeça no tempo.

De viver naquela trabalhadeira sem fim, tava esquecendo uma coisa: se casar. E Maria, que passou a vida esperando um dia ser chamada Maria de Zequinha, ficou no jirau, no caritô, inteirando o tempo entre catar piolho nos sobrinhos e juntar teias de aranha no sedém. Até disseram que ele só se tornou rapaz velho porque tinha uma égua para quebrar seu galho. Ficou uma cascável quando soube e até gritou no pé-do-ouvido de cada um. Se virava de outro jeito e não casava para poder livrar a mãe de uma nora ruim.

Certifico que nas folhas 384 livro 9 Registro Civil fizemos o assentamento de José Firmino Filho de José Firmino e dona Benedita atolada até o pescoço nas obrigações da casa roça sem tempo de mijar chamar-lhe pelonome todo basta Zé vê se não esquece trazer da feira carinho apito menino tempo carta de ABC carneiro canivete mais tarde égua peixeira agora homem barba assinatura gilete título de eleitor retrato negócio no banco primeiro documento encontrado fundo da mala dona Benedita comido pelas traças tempo quase funcionário da Junta não lia data do nascimento reservista folha corrida na polícia.

Na verdade nunca se meteu em arruaças. Tinha uma peixeira, andava sempre com ela escanchada nos quartos, mas essa era de cortar fumo, nunca fora em bucho de seu ninguém e Deus havia de protegê-lo pra nunca ir. O mesmo Deus que guiou seu pai. O mesmo que iluminou seu avô e deu-lhe sustança nos braços para enfrentar aquele mundo de serra e dar fim até a última onça. Baixo e entroncado era o velho Cosme, vindo não se sabe de que lugar ou classe de gente. O que trouxe foi uma mochila encardida dependurada no cano dum bacamarte, sua única fortuna quando aqui chegou. Um avô distante e esfarrapado na memória de dona Benedita, que aprumou-se de vida às tontas, topando nas pedras, fugindo das cobras e espichando couro de onças em varas de marmeleiro.

Outro dia caiu da égua. Todos os sábados, antes da feira, dava-lhe banho e aparava-lhe as crinas. No caminho um pai-d'égua solto no corredor de avelós, endoideceu quando viu a bicha toda arrebitada, dando socos nas rédeas e com vontade de escaramuçar. Um dia de juízo. Os animais se atracaram e no rugeruge Zequinha despencou da sela mas o pé ficou enganchado no estribo. Arreventou-se. A felicidade foi que estava perto de casa. Dois meses atolado no fundo duma rede, bebendo mentruz que a mãe preparava, mentruz com leite. Quando a noite caía, vinha a sobrinha para distraí-lo e à luz do candeeiro lia folhetos. Eram histórias dos Doze Países de França, das batalhas de Oliveros & Ferrabrás e de Lampião chegando no inferno. A luz trêmula,

CANTIGA PRO SETE-ESTRELAS

• ALDO LOPES DE ARAÚJO



mortíça, ardia-lhe nos olhos e à medida que iam se aprofundando na noite, ficavam os heróis cada vez mais distantes, fracos e embaçados.

Zequinha tocador de fole. Aprendeu sozinho. Trocou a égua pelo instrumento. Um no outro. Toda festa que havia, era ele o tocador. Nem velho ficava parado ao toque do seu oito-baixos. Até dona Benedita, sempre resando para ver um dia o filho livre daquele negócio, batia o pé quando o ouvia tocando uma modinha. Depois se aventava. Aquilo num era caminho de gente não. Arrumação de Satanás. E tanto meteu a língua que uma noite ele sonhou tocando no inferno. As mazurcas e os baiões animavam a cãozada. Uma fuzarca de arrepiar. Acordou-se com a mãe lhe sacudindo pelos cabelos. Trincava os dentes e dizia palavras emboladas. Botou os pés no chão mas cadê coragem para encarar dona Benedita, e murcho de vergonha, abaixou as vistas depois de dizer que tinha visto muita gente conhecida socada lá.

As caranguejeiras quando apareciam no seco, traziam inverno ou quando o João-de-barro fazia sua casa com os fundos voltados pro nascente. E os astros, ah! os astros. A estrela d'alva, a lua nova com uma lagoa em volta, o sete-estrelas no meio do céu, um círculo vermelho, no sol da tarde e um ventinho soprando do poente. Zequinha sabia quando vinha a chuva e era bom porque o povo viçoso ia fazê-lo criar calos nos dedos de tanto tocar, como as verrugas do hábito de contar sete-estrelas. Até os dias de descanso seriam empalhados com rela-buchos. Um descanso inventado pelo próprio Padre Eterno que fez o mundo em apenas seis dias e folgou no sétimo.

Depois viu que as sete vacas magras tinham engolido as sete vacas gordas e continuava a ruminar a mesma fome. Uma vidona folgada é tudo o que ele quer de Deus daqui para frente, porisso hoje tem tino de tocador vadio, para compensar o tempo que passou escutando o baião da enxada nos seixos do tabuleiro. Coisa que aprendeu logo: A mãe ensinou-lhe o caminho da roça com bofetadas e empurrões. Era o jeito, meu filho. Inda era pequeno quando o pai morreu. Estendeu-se no pé do pote. Comeu arroz quente e bebeu água. O menino não botou uma lágrima. Tava acostumado a ver bicho morto. Até estranhou quando viu o povo carregando-o num caixão preto. Deviam jogá-lo na copeira. Os urubus comiam e pronto. Quando começou a ficar saído demais e fazer estrepolias pelo mundo, dona Benedita começou a arrancar-lhe as orelhas e quebrar cabos de vassoura no rabo. Mania danisca de matar gatos. Cada gato que se mata, sete anos de atraso. Tava feio de saber disso. Os gatos tinham sete vidas, mas não sabia que ele mesmo tinha fôlego de sete gatos e somente agora tomou conhecimento de uma coisa: o único bicho de sete-cabeças dessa vida é apodrecer a sete palmos de chão adentro. Porisso que hoje só toca junto das portas, para na hora das brigas, estando como bala na agulha, tirar o cu da ratoeira. Sabe ele que sempre tem um cabra tramando acabar com o forró e para isso basta olhar pra cima e atirar no candeeiro.

Conversar com o padre Florentino era a melhor coisa desse mundo. Toda vez que ia à feira, tinha por obrigação aparecer no convento.

Amarrava a água numa algaroba em frente e eram poucas as vezes que não trazia nos alforjes um cozinhado de feijão verde ou um capão gordo que a velha mãe cevava no chiqueiro. Aquele fanisco de homem velho e santo merecia mais do que isso e era de um saber monstro, um iluminado por Deus. Quando palestravam o assunto era um só: as plantações, os astros que regem tudo e as sagradas escrituras. Um dia ganhou uma bíblia. O padre sempre lhe dava alguma coisa: um escapulário, um santinho, um almanaque. Agora, quando passa por ele na praça da igreja, torce a cara, faz que não o conhece. E o tempo que ganhava na sua companhia, perde hoje nas casas de jogos, nos cabarés, nos forrós e até na feira das frutas, acorocado por detrás dum desses caçuás de banana a encher a pança. O monte de cascas nunca ganhou tanta altura como hoje. Fome desgraçada. Por um instante se lembrou da serra do Cosme em tempo de chuva, escorregadia e molhada. O mangaeiro começou a desmanchar seus pensamentos e divagações, quando pôs-se a contar aquela cascária. O montão foi se encolhendo no mesmo destino da serra passando para as mãos dos outros, fugindo de seus pés e estes se afastando dela, sendo enxotados, escoraçados, a fazer rastos na estrada. Dona Benedita na frente, com um baú na cabeça e uma tilangueira de sacolas dependuras, só resmungando. Ele atirando pedras, mordendo os beiços e dando patadas no ar, de pescoço esticado, vendo a serra minguar-se até sumir no cinzeiro dum mundo seco e tirano, cheinho de homens de cabeça no tempo.

Enfiou a língua com força por entre as gengivas, tirando os restos do almoço. Encostou o rego da bunda bem na quina da parede e catucando a algibeira, puxou um espelhinho redondo, (ria de contente talvez pelas botinas novas apertando-lhe os pés ou pelos cabelos duros, embebidos de loção e brilhantina) Deu com os ombros e carraspiou o pente nos cabelos. Franziu a testa e perdeu a graça quando viu seu olho vermelho que nem bola de fogo, quando se lembrou que perdera o outro apanhando algodão na Serra, quando lhe passou pela memória o maldito espinho enfiado, fazendo merejar sangue e vazando-lhe o olho agora sem brilho, ôco de expressão.

A vista secando. O fiscal do Banco chegando com uma cobrança. O sol chupando tudo. A capoeira fedendo. Os urubus cagando. Os bodes entisicados. O fiscal berrando. Dona Benedita enxugando os olhos com a barra do vestido. Que ali só tendo um amancebado enterrado de cabeça pra baixo. Que Deus despresou tudo. Que o dinheiro da aposentadoria não dá pra merda nenhuma. Que não têm mais terra. Que o Banco tomou tudo. Que sempre disse a Zequinha pra não se meter nessas coisas. Que moram na ponta da rua. Que não suporta mais a catinga de lama podre do açude velho. Que o único filho bate pernas pelo mundo. Que agora só sabe tocar sanfona e olhar pro sete-estrelas. Que não adianta adivinhar inverno se a terra foi pra caixa-prego. Que sofre como diabo. Que tá um caco. Que Zequinha tá lhe matando aos poucos. Que não aguenta mais essa vida cachorra ~~maneira~~ fn

A

lírica,

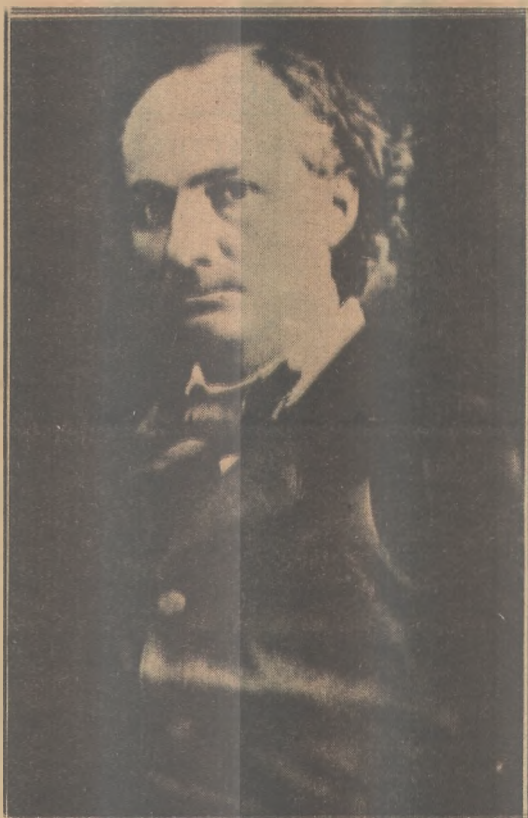
a

modernização

e

a

modernidade



Baudelaire

• MOEMA
SELMA
D'ANDREA

O impasse criado para a lírica, após a palavra de ordem da libertação da norma, gritada pelos românticos, veio conferir-lhe estatutos polêmicos e polarizações que se agravaram a partir do século XIX. Impasse que se agudizou com o advento da sociedade burguesa, criadora e criatura de uma nova ordem de valores, fundados no capital e no avanço da técnica, engendrando novos meios de produção e, portanto, novas relações sociais mais dinâmicas e contraditórias. Fenômenos como a multidão, "a massa", o anônimo e as máquinas, gerando a proclamação da pressa e da automação, causaram o primeiro impacto nos poetas do século XIX. Foram eles os primeiros a receber os "echos" dessa mudança. E essa nova consciência, lúcida e poética, requeria também uma mudança total da lírica que fosse, ao mesmo tempo, aceitação (percepção de) e recusa (resistência) à nova ordem outorgada.

E quanto à lírica anterior? Era representativa de uma tradução estética e cultural e seu espectro refletia também uma experiência de mundo, calcada num lirismo. As vozes pungente, a voz individual dos românticos, muito embora essas últimas já tivessem se incompatibilizado com a norma e com os clássicos cânones "do bom versar". Espelhando o mundo, o poeta lírico era o menestrel do seu tempo. Poeta e leitor comungavam juntos de um mundo ordenado, sem o caos que a técnica moderna iria lhes impor. O prenúncio dos estertores dessa poesia já aparece nos romances de Balzac, onde o autor de A COMÉDIA HUMANA fez de Lucien, em AS ILUSÕES PERDIDAS, o lírico dissonante entre a decadência aristocrática e a ascendência burguesa.

Com o descompasso criado entre a emergência e a urgência da modernização, o poeta lírico voltou a olhar sobre si mesmo e se viu à margem de uma sociedade voltada agora, e mais do que nunca, para o utilitarismo.

Como e onde vai se enquadrar a lírica? Que espaço se lhe sobrar?

A resposta virá através da resistência, em que ela "abrirá caminhos caminhando". Irá cantar a nova ordem de valores desse mundo modernizado, expressa na dialética da tensão arte/vida. Sentirá a rejeição desse mundo hostil à sua voz. Tentará se inserir nesse novo código de valores que a ela é contrário e ao qual dela, por sua vez, é antagônica.

A nova poesia tem como característica a crise do verso, a dissonância formal, a despersonalização, entre outras. Diz Hugo Friedrich: "Com Baudelaire começa a despersonalização da lírica moderna, pelo menos no sentido que a palavra lírica já não nasce da unidade da poesia e da poesia empírica, como haviam pretendido os românticos, em contraste com a lírica de muitos séculos anteriores. (...) Os poetas sempre souberam que a aflição se dissolve no canto. E o conhecimento da cartase do sofrimento mediante sua transformação em linguagem formal mais elevada. Mas apenas no século XIX, quando o sofrimento com finalidade passou a sofrimento sem finalidade, à desolação e, por fim, ao nihilismo, as formas tornaram-se tão imperiosamente, a salvação - conquanto fechada em si e repoussantes - entrando em dissonância fundamental na poesia moderna. Assim como a poesia separou-se do coração, a forma separou-se do conteúdo. A salvação da poesia consiste na linguagem, enquanto o conteúdo permanece em sua insolubilidade."

Consciente dessas transformações e ambiguidades é que Baudelaire, em FLEURS DU MAL, se dirige ao leitor: "Hypocrite lecteur, mon frère, mon amiable." Com igual sarcasmo Machado de Assis, na pele de Brás Cubas, endereça "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas". Conhecendo, como conhecemos, o acli-

cate com que M. A. trata o leitor, não é difícil concluir quem é "o verme".

E dessa maneira é que vamos chegar ao fim do século XX, com a lírica posta em meio dos mesmos impasses, das mesmas polêmicas e polarizações. Ao contrário da época que foi absorvida pelo romance e, portanto, bem contextualizada pela relação (in) pessoal, a lírica padece de mal incurável de ser EU sendo NOS. Alguns teóricos não lhe perdoam a (in) definição. O ser isto e aquilo ao mesmo tempo. Sujeito de recusa e oferta. Símbolo de reclusão e comunhão. Eles querem os pontos bem demarcados. Poesia-pura? Poesia-engajada? Poesia-prosa? Prosa-poesia?

Sobre a questão do "engajamento poético", a lírica que, pela sua especificidade, não pode ser participante, vêm as considerações de SARTRE: "Mais pourquoi le voudrais-je? Parce qu'elle se sert de mots comme la prose? Mais elle ne s'en sert pas de la même manière; et même elle n'en sert pas de tout; je dirai plutôt qu'elle les sert. Les poètes sont des hommes qui refusent d'utiliser le langage. Or, comme c'est dans et par le langage conçu comme une certaine espèce d'instrument que s'opère la recherche de la vérité, il ne faut pas s'imaginer qu'ils visent à discerner le vrai ni à l'exposer. Ils ne songent pas non plus à nommer le monde et, par le fait? Ils ne nomment rien du tout, car la nomination implique un perpétuel sacrifice du non à l'objet nommé..."

A questão da poesia como arte pura, idealizada não se coloca para OCTAVIO PAZ:

A questão da poesia como arte pura, idealizada e portanto "en dehors" do mundo, como a pensa SARTRE, colocando-a como a face bem oposta da prosa, essa questão, repetimos não se coloca para OCTAVIO PAZ: "Quando un poeta encuentra su palabra, la reconoce: ya estaba en él. Y él estaba en ella. La palabra del poeta se confunde con su ser mismo. El es su palabra. (...) Las palabras del poeta son también las de su comunidad. De otro modo no serían palabras. Toda palabra implica dos: el que habla y el que oye. El universo verbal del poema no está hecho de los vocabulos del diccionario, sino de los de la comunidad. El poeta no es un hombre rico en palabras muertas, sino en voces vivas".

Ela, portanto, a função da lírica na modernidade. A poesia moderna realizada historicamente, que se recusa ao simples chamado da inspiração e do coração. Que trabalha com a razão da fantasia e da imaginação. (DIZEM que finjo ou minto/ Tudo que escrevo. Não./ Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação./ Não uso o coração". - F. Pessoa) Que não se enval no canto individualista do sujeito empírico. Que pensa "matematicamente" a organização interna de sua obra em consonância com a organização externa. Que dispõe de rupturas e dissonâncias de forma para melhor manifestar o fundo dissonante e contraditório. E faz tudo isto com a matéria verbal da linguagem comum, "malgré lui même". Ou como diz Valéry: "Songez aussi qu'entre tous les arts, le nôtre est peut-être celui qui coordonne le plus de parties ou de facteurs indépendants; le son, le sens, le réel et l'imaginaire, la logique la syntaxe et la double invention du fond et de la forme... et tout cela au moyen de ce moyen essentiellement pratique, perpétuellement altéré, souillé, faisant tous les métiers, le langage commun, dont il s'agit pour nous tirer une Voix pure, idéale, capable de communiquer sans faiblesse, sans effort apparent, sans faute contre l'oreille et sans rompre la sphère instantanée de l'univers poétique, une idée de quelque moi merveilleusement supérieur à Moi".

Assim, na lírica moderna, o hic et nunc de seu canto será, doravante, seu permanente desafio. O desafio da "folha em branco" e a luta com a "palavra impura" são a metáfora da modernidade.

O RENASCIMENTO DO NACIONALISMO

• FABIO LUCAS

Parece que a doutrina marxista levou longe demais a concepção internacionalista da luta de classes, em todos os seus níveis de significação. Há um sabor de utopia na tese otimista que proclama: "Proletários de todos os países, uni-vos".

O marxismo procurou formular uma visão pragmática da vida, de reflexo importante na superação do capitalismo como *praxis* burguesa. Sob esse ponto de vista, sua doutrina é inexecutável. Sua crítica da sociedade capitalista é de uma genialidade tal que os tempos só fazem confirmá-la. Qual o segredo? Tudo indica que seja a globalidade de visão, o espírito de totalidade que inspirava as reflexões do grande pensador de *O Capital*.

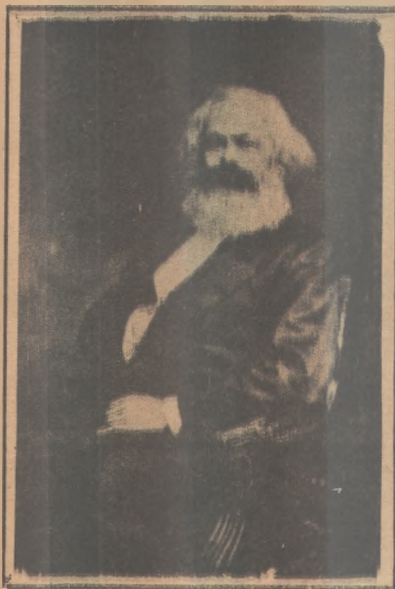
A internacionalização da luta de classes, antevista pelo mestre e acentuada pelos seus continuadores, teve em Rosa de Luxemburgo e Lenine os mais hábeis sistematizadores. A expansão imperialista do capitalismo encontrou neles os intérpretes mais agudos.

Mas a *praxis* marxista de luta anti-imperialista? Os povos que se dizem executores do marxismo, pelo simples domínio do aparelho do Estado, cometem erros frequentes no combate do imperialismo. Falta algo à sua fundamentação econômica e política para globalizar uma doutrina viável.

Alguns problemas não foram suficientemente encarados. O primeiro reside na análise das consequências do avanço desigual da tecnologia. Os países e as regiões que conquistam maior eficácia na utilização dos fatores de produção, quando não socializam imediatamente tal vantagem, tendem a dominar os outros países ou regiões retardatários no progresso tecnológico. E os países ditos socialistas monopolizaram, de certa forma, as conquistas autóctones de tecnologia, deixando de fraternizar seu avanço com as outras nações do mesmo sistema socialista, oposto ao sistema capitalista.

Quer isso dizer que se plantou, do lado socialista, o germe do imperialismo e da quebra de unidade do sistema em confronto com o capitalismo. Mais importante ainda: a razão nacionalista ultrapassou em importância a razão internacionalista⁽¹⁾.

A consequência teórica e prática deste fato é de importância capital. A doutrina marxista faltou, quer nos parecer, uma superposição do fenômeno antropológico aos fenômenos econômicos e políticos. Não se jogou devidamente com a descontinuidade das culturas. E tais descontinuidades foram associar-se à desigualdade de



Karl Marx

avanço tecnológico para impor o renascimento do nacionalismo com forte poder decisivo no cenário mundial.

O Efeito do Filtro

Agravada a descontinuidade das culturas e manifestada a preponderância do fator nacional nas relações entre os povos, dá-se uma espécie de tradução permanente da informação que circula em espaço de aldeia global para a linguagem praticada em regiões culturais fechadas. Deste modo, cada subsistema nacional encarrega-se de dar uma versão local à informação que transita de nação a nação. O internacionalismo das mensagens científicas e artísticas, facilitado pelos meios de comunicação instantânea, submete-se a uma filtragem que representa uma refração, um desvio na marcha direcional do conteúdo da mensagem.

Sob esse aspecto, a titularidade dos meios de comunicação é fundamental. Daí não ter procedência o adágio meluhânico de que "o meio é a mensagem", a não ser que consideremos a introdução do meio como um fator de modificação no sistema de comunicação. Mas, além de tal esfera, predomina o interesse em direcionar o conteúdo.

Assim sendo, mesmo quando a informação internacional é veiculada, a seleção de seus níveis de graduação é que determinará o grau de sua ligação com o receptor. A óptica nacionalista, por exemplo, absorve em seu contexto a informação nova, adaptando-a aos interesses marcantes que predominam na sociedade.

O grande erro dos internacionalistas está em assimilar em grosso, diretamente, a mensagem emitida por fontes carregadas de seus próprios interesses sócio-culturais, sem deixar que

a informação nova atravessa: a lente redutora de sua carga ideológica e a adapte ao sistema de interesses instalado no interior do pale receptor.

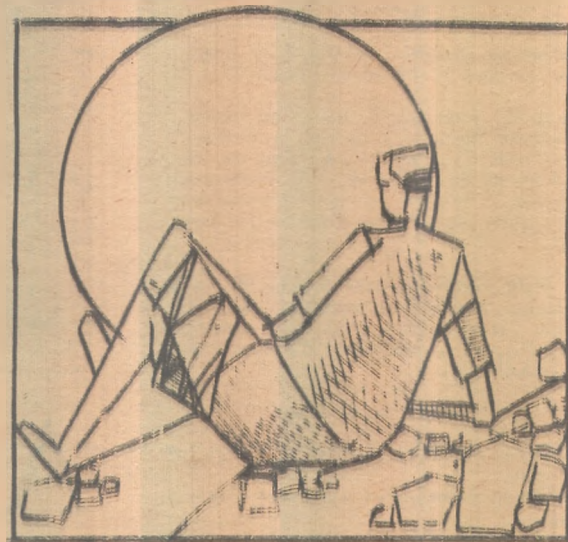
No caso em espécie, dá-se uma subordinação passiva à informação nova, uma recepção crítica, uma vitimação pelo esquema da dependência, uma vez que a titularidade do conteúdo da mensagem não é da sub-fonte nacional, mas é inteiramente do emissor internacional, que desrespeita as fronteiras antropológicas estabelecidas pela descontinuidade das culturas, passa por cima das fronteiras e fraudas o respeito recíproco que se deve manter no inter-relacionamento entre os povos.

Assim, do ponto de vista das chamadas multi-nacionais, é de toda conveniência que haja uma homogeneização da mensagem internacional, pois assim os custos operacionais se tornam mais baixos e as resistências internas ao seu domínio, baseadas na cultura local, não quebradas sem que tenha de utilizar a força bruta, também mais dispendiosa e problemática.

Dai o fato de a dependência ideológica constituir um dos mais sérios obstáculos à autonomia econômica e política das nações. O domínio das fontes de informação constitui uma das metas mais sérias para os povos submetidos, que desejam emergir como nações independentes. Além do mais, do ponto de vista marxista, sabe-se hoje, com a contribuição de Gramsci, que a revolução socialista, tantas vezes sonhada, não poderá vir de um golpe de Estado ou do simples domínio do aparelho estatal pela força. A classe operária não será a conquistadora do processo, nem pequenos grupos armados, de burgueses de boa consciência. A nova *praxis* consistirá em converter a nação, mediante a ocupação de todos os canais de comunicação até que, um dia, a fonte imperialista não consiga mais ultrapassar as fronteiras. A revolução, manipulada pelas camadas intelectuais, será a resposta necessária ao cerco e à dominação que o imperialismo exerce com a titularidade das fontes. A revolução virá com a exatidão da queda de uma fruta madura. Igualmente sem o trauma de um confronto armado, pois não será fruto despendido no bojo de uma tempestade. Pois este fruto quando veio, alcançando-se ao controle do aparelho estatal, procedeu à "canonização do não-contraditório", pelo temor de um retrocesso, matando a força permanente de renovação que é a dialética.

A sociedade civil conquistada é que tornará irreversível a marcha em direção ao socialismo. Serão infinitos atos de persuasão a delinear um estado de espírito novo, uma aliança de vontades. Ai, sim, a titularidade das fontes e o direcionamento das mensagens cumprirão sua tarefa mais importante, no sentido de dar autenticidade aos entrelaçamentos sociais.

POEMAS DE HILDEBERTO BARBOSA FILHO



Projeto

*Sim, tentarei a poesia.
A poesia traz a dimensão
que me preenche.
Mundo só muito além
do estúpido,
seu reino tem o gosto
da humana condensação.*

*Serei amadurecido...
Em equilíbrio lívido e lúdico,
estarei acima de qualquer
solidão.*

*Amadurecido e armado,
conversarei comigo!*

O Verso

*A emoção e a palavra
em larvas enlaçam-se,
enrolam-se drapeas pelo solo.*

*Lá fora, o frio de dentro
adentra... adensa-se na rua.
E a lua, escandalosa e nua,
em claros rompe o mundo!*

*Aberto e profundo,
num duelo incerto o verso brota,
brabo e bruto,
em desafio a dizer
que não me calo.*

*E em luzes, hálus e lágrimas
vem o verso como ele só
nunca veio.*

As Palavras

*Amar as palavras:
amor ou vício? Tragédia.
Como as tragédias, beleza.
Tão beleza tal gestos de agonia.*

*Brigar as palavras:
dor ou dnisia? Comédia.
Como as comédias, tristeza.
Tão tristeza tal gestos de alegria.*

Exemplo:

Cantador A - Volto o passado, ao presente,
- Volto o presente ao passado.
Cantador B - Volto o tenente, ao soldado,
- Volto o soldado ao tenente,
Cantador A - Volto o brasão a patente,
- Volto a patente ao brasão,
Cantador B - Volto o cruzado ao tustão,
AB - Volto o tustão ao cruzado,
AB - Volto o tustão ao cruzado,
AB - Isto é que é quadrão voltado,
AB - Isto é que é voltar quadrão.

Quadrão grande ou vai-e-vem: Estrofe de 8 pés de 12 sílabas, em ritmo quase dançante. Disposição das rimas: AAAbbecb.

Exemplo:

É no ano, é no mês, é no dia, é na hora,
É no campo, é no manto, é no prado, é na flo-
ra,
É no peito, é na voz, no baião, na sonora,
Na sonora, no peito, é na voz, no baião,
É na unha, é no dedo, é na palma da mão,
É na palma da mão, é no dedo, é na unha,
É na folha, é no cabo, é na mecha, é na cunha,
É quadrado, é quadrilha, é quadrinha, é qua-
drão.

Meia-quadra: Estrofe de 8 ou 10 pés de 15 sílabas, obedecendo ao refrão: Se eu disser que é meia quadra, você diga é meio quadrão. Disposição nas rimas da estrofe de 8 pés: AAAbbCCb

Exemplo da de 8 pés:

Quando eu disser grau é curso, você diga curso é grau,
Quando eu disser mau é bom, você diga bom é mau,
Quando eu disser pau é pão, você diga pão é pau,
Quando eu disser pão é pau, você diga pau é pão,
Quando eu disser chão é areia, você diga areia é chão,
Quando eu disser areia é chão, você diga chão é areia,
Quando eu disser meia quadra, você diga quadra e meia,
Quando eu disser quadra e meia, você diga meio quadrão.

Exemplo da estrofe de 10 pés:

Disposição de rimas:
AbbAACDDC

Quando eu disser oh de casa, você responde oh de fora,
E seu eu perguntar quem é? Você responde é de paz,
E seu eu perguntar seu nome, você responde é o Braz,
E seu eu disser pode entrar, você diz pouca demora,
Se eu disser demore um pouco, você diz eu vou embora,
Se eu perguntar p'ra onde vai, você diz vou p'ro sertão,
E se eu disser Deus o leve, você diz, amém, patrão,
Se eu perguntar quando volta? Você diz na lua cheia,
Quando eu disser meia quadra, você diz quadra e meia,
Quando eu disser quadra e meia, você diga meio quadrão.

Parcela ou carrilha miudinha: Estrofe de 10 pés de 4 ou 5 sílabas, ritmo ligeiro. Esta, quase em desuso. Disposição das rimas: AbbaACDDC.

Exemplo de 4 sílabas:

Eu sou valente
No meu trabalho,
Não me atrapalho
No meu repente,
Sou renitente,
Sou atacante,
Sou massacrante,
Vou dar de vara
Hoje na cara
Desta pedante.

Exemplo de 5 sílabas:

Sou bom cantor,
Sou bom repentista,
Não temo a artista,
Pois tenho valor;
Não sou orador,
Mas sou linguarudo,
Nunca tive estudo,
Porém tenho prática
E na matemática
Eu sei quase tudo.

Galope Alagoano: Estrofe de 10 pés de 10 sílabas - é o mesmo "Martelo Agalopado", porém difere daquele que tem toada própria e



A Poesia Popular Oral

(Conclusão)

• JOSÉ ALVES SOBRINHO



obedece a um refrão: Lá vão dez de galope alagoano. A disposição das rimas é a mesma do martelo agalopado: BBAACDDC.

Exemplo:

1 vez cantor não me insulta,
De insultar 2 vezes se apanha,
E de 2 para 3 voltando apanha,
4 vezes pior inda resulta,
5 vezes não vem porque se oculta,
Se vier as 6 vezes está insano,
7 dias estuda e perde o plano,
P'ra tirar oito pontos na matéria,
E se 9 tirar a coisa é séria,
Lá vão 10 de galope alagoano.

A Gemedeira: Estrofe de 6 pés de 7 sílabas, com um relacho (ai, ai, ui, ui), entre o quinto e o sexto pés.

Exemplo:

Geme o menino na escola
Quando não sabe a lição,
Geme o pobre paciente
Na mesa de operação,
E o político só geme
Ai, ai, ui, ui,
Quando perde a eleição.

Oitavão rebatido: Estrofe de 8 pés de 7 sílabas, obedecendo a um refrão: No oitavão rebatido. Começa a estrofe com uma quadra: AbAb, e segue com três rimas emparelhadas em ritmo acelerado até finalizar com o refrão.

Exemplo:

Em sextilha eu tenho ação.
Só faço verso medido,
Em sete pés de mourão.
Também nunca fui vencido,
No quadrão ninguém me engana,
Na toada alagoana,
E agora ou vai ou se dana
No oitavão rebatido.

Dez de queixo caído: Estrofe de 10 pés de 7 sílabas e é cantada de duas formas - a antiga, em desuso, e a moderna. As disposições de rimas são diversas: forma antiga - AbAbAbAbAb. A atual: AbbaACDDC, ambas finalizam com o refrão: Nos dez de queixo caído.

A antiga:

Cai do cavalo o vaqueiro
Que não monta prevenido,
Cai na água o jangadeiro
Em um mar enfurecido,
Cai do relógio o ponteiro
Pela ferrugem comido,
Cai do bonde o motorneiro,
E, às vezes, fica ferido,
Quanto mais meu companheiro
Nos dez de queixo caído.

A atual:

Cai quem voa de avião,
Cai quem viaja de trem,
Cai quem acaba o que tem,
Cai quem perdeu a razão,
Cai quem fica sem visão,
Cai quem não está prevenido,
Cai até quem tem subido
Para o mais alto lugar,
Cai quem não sabe cantar
Os dez de queixo caído.

Dez de adivinhação: Estrofe também de 10 pés de 7 sílabas, cantada em diálogo entre dois cantadores. Cada qual faz 2 pés alternadamente até chegar ao final, com o que responde a uma pergunta, cuja resposta ficou no primeiro pé da estrofe. Disposição das rimas: AbbaACDDC.

Cantador A - Não tem marido, é viúva,
- Mas tem dinheiro cantante,

Exemplo:

Cantador B - Ah se eu fosse seu amante
- Ia ganhar uma luva,
Cantador A - Ela é mesmo uma uva,
- Bonita em todo sentido,
Cantador B - Tem calçado, tem vestido
a - Tem posição tem estudo,
- P'ra ser completa e ter tudo?
Cantador A - Só falta mesmo um marido.

Estrovenga: Estrofe de 10 pés de 7 sílabas, obedecendo a um refrão ou a um mote dificultoso, fazendo e desmanchando o que fez. Tem toada própria em ritmo acelerado, repetindo o refrão:
Quando eu ia ela voltava
Quando eu voltava ela ia.

Exemplo:

Eu deixei a Micaela
Porque estava um perigo;
Não dava certo comigo
E nem eu dava com ela;
Se eu ia p'ra o lado dela,
A desgraçada saía:

Mesmo sabendo que o assunto é polêmico em si, não foi o gosto pela polêmica que nos induziu a arrumar algumas idéias em torno dos inconciliáveis livro e televisão, mas a oportunidade de ainda uma vez repensar certas colocações que aparecem, aqui e ali, em jornais, revistas, livros e outros meios de divulgação.

Não compulsamos bibliografia técnica e/ou especializada para a elaboração destas linhas, uma vez que nosso propósito não é discutir causas e consequências sociológicas, políticas, ideológicas ou outras que porventura explicassem a atual situação do livro e da televisão no Brasil. O parco material utilizado poderia até ser rotulado de anti-acadêmico e a-cultural, conquanto a contribuição que eventualmente possa surgir destas páginas, é fruto único e exclusivo da observação e reflexão pessoais de alguém que, como professor, se preocupa em levar para a sala de aula elementos outros além das rotineiras "lições" da disciplina que deve "ensinar".

Nos círculos acadêmicos de algumas Universidades brasileiras há uma certa dificuldade em abrir espaço para a discussão de assuntos não-acadêmicos, diria mesmo certa rejeição em mexer em alguns "abelheiros", pelo fato de provocarem uma como desestabilização da rotina universitária. A preferência geral acaba incidindo nos anos jargões nada originais como o baixo nível do ensino, a remuneração do professor, o despreparo do aluno e outras mesmices desgastadas (e desgastantes).

Para contornar a famosa "crise da Universidade brasileira", poucos se dispõem a repensar a própria Universidade (repensando-se a si próprios); a maioria aguarda um milagre (não saberia dizer qual) para começar a trabalhar. Mas não vamos aqui discutir a "crise da Universidade" e sim um dos instrumentos básicos de trabalho na sala de aula, o livro; e talvez o seu concorrente mais poderoso, a televisão.

A televisão está roubando espaço do livro? O hábito de leitura degenerou por causa da televisão?

Antes de antecipar qualquer resultado, talvez coubesse a seguinte reflexão: depois de "inventados", nem o livro, nem a televisão sofreram grandes avanços a não ser na parte técnica. A finalidade de um e de outra permanece inalterada desde o primeiro instante até o presente. Por que, então, as pessoas não vêem certas coisas que a televisão mostra? E também: por que a televisão não mostra certas coisas? Por outro lado, por que não se lêem certos livros e por que não se entendem (ou não se quer entender) certas leituras?

Há, por trás disso tudo, um enorme jogo de interesses econômicos, políticos e ideológicos resultando sempre em vantagens para uns prejuízos para outros. Se bem rastreamos esse jogo de interesses, poderemos detectar algumas causas, alguns culpados, e um número igual ou maior de consequências e vítimas. Na batata pela primazia, como veículo de informação, a televisão leva descomunal vantagem sobre o livro. Não seria um mero problema de marketing? Enquanto a televisão explora exaustivamente suas possibilidades técnicas, o livro continua palmilhando a velha trilha do "vamos deixar como está, para ver como é que fica?".

x x x

O LIVRO

Na obra *Círculo Imperfeito* (Prêmio Gregório de Matos e Guerra de 1978 - categoria poesia), do professor e escritor paulista Carlos Felipe Moisés, encontramos um poema que só se livra do rótulo "paródia", porque é datado de Lisboa, 1975, e está impregnado de, digamos, "seriedade poética". E qualquer semelhança com a "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias, não é nenhuma coincidência, é inteiramente propositada. Os versos são estes:

MINHA TERRA

*Minha terra tem palmeiras
Onde cantava o Gonçalves
dia antes do naufrágio.
Mas o oceano bebeu tudo:
sabia palmeiras canto.*

*"Nossos mares têm (Gonçalves)
E eu aqui fiquei sozinho
sem terra sabiá com dias.
Não aqueles do Gonçalves
Mas os meus, que ele contar
Não contava, só cantava
pendurado nas palmeiras.*

*Em cismar sozinho à noite
mais prazer encontro eu cá
pois descobri que cismar
sozinho é inda melhor
que cismar acompanhado.
De dia cismo ou de noite,
prazer encontro em cismar
o Tejo e o mar. O que cismo?
Sei lá! (Sei cá?) Sei que é
contrário ao que cismaria
lá se cá não estivesse
cogitando no acolá.*

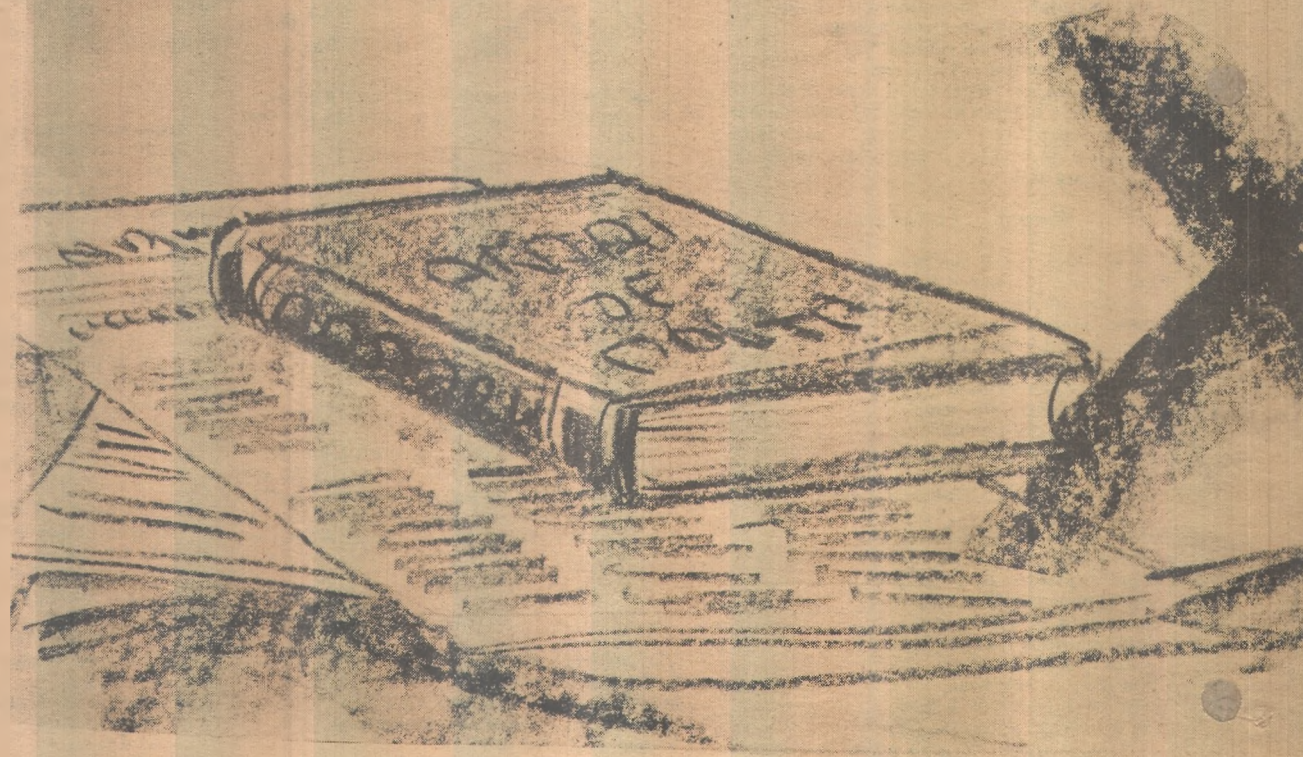
*Minha terra tem primores!
(Nunca vi um prunheiro...)
Hão de ser frutos muito raros:
Gonçalves, guarde um pra mim!
Vou ver se também naufrago
no litoral do... onde mesmo?
Minha terra tem poetas
sensíveis como o Gonçalves
o Casimiro de Abreu
e até Manuel Bandeira,
que passam a vida inteira
ensinando a sua gente:*

*"Nossa terra tem poetas..."
Ah, muito setimetais...
Fazem versos comovidos
pois um sabiá (andorinha?)
ouviam cantar não sei onde
âm não sei quê (ah!) que vem*

*não sei como e dói não sei
porque... Mas espere lá!
Estes versos são de cá!
De cá? de quem? Esqueci...
Minha terra tem poetas
memória rimas projetas.*

*Não permita Deus que eu morra!
É o que dizia o Gonçalves
que queria ser eterno
pra sofrer eternamente
a saudade das palmeiras,
do primor, do sabiá.
Não que eu deseje o contrário
(morro até sem permissão)
mas o que eu queria mesmo
era voltar carregado
de todo este amor
que só por cá descobri.*

*Minha terra tem palmeiras
onde cantava e inda canta
o Gonçalves e eu quisera,
que meus pobres dias fossem
tão gonçalvos quanto os dele.
É seria uma tenção:
ai dá-me cá, ai toma lá,
a palmeira o sabiá.
Minha terraterramada.*



*O Gonçalves tem razão:
(do) exílio uma (só) canção.*

CARLOS FELIPE MOISÉS - Lisboa, 1975.

Quem, dos de gerações passadas não conhece, não ouviu, não leu, ou até não chegou a decorar algumas estrofes da "Canção" do Gonçalves? Dos antigos organizadores das velhas "Antologias da Língua Portuguesa", se arriscaria a esquecer (?) de incluir essa cantilena do poeta maranhense? Ou esta outra pérola do garimpo vernáculo:

Ah, que saudades que eu tenho
da aurora da minha vida,
da minha infância querida
que os anos (felizmente, diria o Osman Lins),
não trazem mais?...
de frequência também obrigatória nas mesmas antologias e/ou livros escolares de até há bem poucos anos?

Se o assunto é "saudades da terra", um poema como o de Carlos Felipe diria muito mais para as cabeças dos jovens de hoje do que o balouçar piegas das palmeiras do Gonçalves, ou a chama bruxuleante do lampião do Jorge de Lima, a sensaboria das laranjas (dos laranjais do Casimiro), ou mesmo a arrulhosa mansidão das pombas do Raimundo.

Não seria muito mais fácil induzir o aluno à leitura dos "clássicos", iniciando-os por um caminho mais atraente (de gente que fala sua mesma língua), do que tentar empurrar cabeça adentro "visitas à casa materna", "navios-negreiros" ou epopéias inteiras de (para a maioria) ilustres desconhecidos?

Osman Lins, num de seus últimos livros publicados em vida, intitulado: *Do Ideal e da Glória - Problemas Inculturais Brasileiros* (São Paulo, Summus, 1977), preocupa-se com assuntos atinentes à cultura brasileira, vistos sob vários aspectos. Um desses assuntos é a televisão, outros, sob o título de "Temas Abomináveis", trata, por exemplo, da inofensiva festa junina, com seu casamento matuto e outros aparatos ditos cômicos, que o Autor de *Avalovara* considera um achincalhe ao humilde, sofrido e digno homem do campo. Trata também da "invasão cultural" via literatura estrangeira, abrindo espaço para zurzir a nossa descriteriosa censura, entre outros.

Livro versi

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe - que faz a palma,
É chuva - que faz o mar.*

• CASTRO ALVES

Esses temas - antes de aparecerem em livro, foram publicados em jornais em forma de artigos semanais. Causaram, nessa altura, celeuma, discussões, polêmicas; provocaram mal-estar e réplica por parte daqueles que se sentiram direta ou indiretamente atingidos pelas farpas do escritor. Enfim, artigos que deram muito o que falar. Hoje, reunidos em livro, e permitindo uma visão de conjunto dos assuntos tratados, dão muito o que pensar.

Contudo, não é aos "Temas Abomináveis" que o escritor pernambucano dedica o maior espaço do seu *Problemas Inculturais Brasileiros*, mas ao livro didático. O Autor de *Nove, Novena* dedica dois capítulos inteiros ao infundável assunto: "O Livro Didático - Primeiro Tempo: 1965" (p. 15-40) e "O Livro Didático - Segundo Tempo: 1976" (p. 127-49). Produzidos nas datas indicadas nos capítulos, os textos - impregnados de mordacidade quase sempre incomplacente -, retratam o baixo nível, a ausência de originalidade (ele chega a referir a falta de inteligência) e a alienação da maior parte dos livros didáticos consultados (mais de cinquenta) relativamente à nossa realidade e ao nosso tempo. Enfim, é uma crítica e um alerta à infeliz situação do livro didático no Brasil.

Assim, nos capítulos englobados pelos dois "Tempos", em títulos que vão de "A Confraria do Virginal Abrigo" e "Exemplos nada Exemplares" a "Uma Disneylândia Pedagógica" e "Escolha um Animal Qualquer", Osman Lins distribui sua crítica equanimemente entre autores, editoras, instituições de ensino, professores e alunos, reservando uma boa parcela de responsabilidade ao próprio Governo pelo desinteresse e omissão históricos demonstrados nesse particular.

Não se pretende aqui rastrear todo o livro de Osman Lins, de leitura obrigatória para quantos desejem repensar os problemas atinentes à nossa cultura - via de regra encarada e/ou "executada" pelo avesso, por aqueles que dela se apossam.

Dizem os pessimistas que o livro já não é mais fonte de saber/cultura e/ou prazer/deleite como noutros tempos. Os otimistas revidam, exibindo números e proclamando: "nunca se leu tanto neste País como hoje".

Deixando de lado as razões de uns e de outros, o que se sabe é que os livros, no Brasil, de maneira geral, não mal concebidos e mal escritos (isto é válido tanto para o conteúdo quanto para a diagramação/apresentação, com exceções cada vez mais numero-

s televisão

• Vilson Brunel Meller

Ligo a tevê
para assistir
ao carnaval
Que me aparece
uma turista
levando pau.

• ANCO MÁRCIO

ragem média de três a cinco mil exemplares, enquanto na Argentina elas chegam a oitenta, cem mil ou mais, para uma população de 50 milhões; nos Estados Unidos, as edições atingem quinhentos, setecentos mil, e até um milhão de exemplares ou mais. Fogem à regra das tiragens raquíticas, no Brasil, apenas alguns "monstros sagrados" como Jorge Amado ou Erico Veríssimo (edições de cinquenta mil ou mais - *Tieta do Agreste* foi o campeoníssimo: cento e vinte mil exemplares na primeira edição) e um ou outro "estouro" de vendagem como Márcio de Sousa (com *Galvez, Imperador do Acre*), Fernando Gabeira (com *Que é isso, companheiro?*). Sucesso depois repetido com *Crepúsculo do Macho*, o mesmo não ocorrendo com *Entrada e Bandeiras* e Paulo Francis (com *Cabeça de Negro* e *O Afeto que se Encerra*) ou os indefectíveis *best-sellers* (Cassandra Rios, Chico Xavier, e, despontando, como forte "vendedor de livros", Neimar de Barros).

Enquanto alguns autores de talento discutível (agora, por exemplo, está na moda a "literatura sexerótica") enchem as prateleiras de livrarias e bancas de jornais, os livros e autores reconhecidamente de valor estão à cata e editores ou encontram a maior dificuldade para serem (re) editados. Bastaria verificar o que acontece com certos livros destinados ao estudo nas Universidades. Valham os exemplos: a excelente *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, de Otto Maria Carpeaux, editado em 1949, só chegou, que se saiba, à quarta edição (1967). (A 2ª edição é de 1952 e a 3ª de 1963). A *Bibliografia da Literatura Portuguesa*, de Massaud Moisés, obra indispensável para os estudiosos da Literatura Portuguesa (sobretudo no Brasil), teve uma única edição (1968). Já bastante desatualizada, não se tem notícia de

Um item que não pode ser esquecido nesta "luta do livro no Brasil" é a qualidade e mesmo a quantidade das livrarias existentes no País. E no setor livrarias onde a disparidade com outros países mais avançados se faz sentir com maior agudeza. É sabido que Paris (só a cidade de Paris) possui um número de livrarias quatro vezes maior que as existentes em todo o Brasil. Mas nem todos sabem, certamente, que em Aix-en-Provence, França, cidade com pouco mais de cem mil habitantes, há "melhores livrarias que São Paulo e, acintosamente, mais livrarias que o Rio de Janeiro com suas seis ou sete Universidades e seus sete milhões de habitantes" (Affonso Romano de Sant'Anna, *Jornal do Brasil*, 19.04.81, do artigo intitulado: "Confissões de um brasileiro que ficou bobo na Europa").

Haveria ainda muito o que se discutir nesse campo, mas concluiríamos esta parte trazendo o depoimento de Mário Fittipaldi, Presidente da Câmara Brasileira do Livro que, por ocasião da VI Bienal do Livro de 1976, em São Paulo, fez o seguinte comentário a respeito do preço do livro no Brasil: "Os livros estão muito caros, segundo dizem, no entanto, se um disco custa quinhentos cruzeiros, ninguém acha que está sendo explorado; um livro pelo mesmo preço, porém, é encarado como o maior "roubo".

Por falta de uma tradição "cultural", pelo baixo poder aquisitivo da população ou por outro motivo qualquer, o fato é que o brasileiro consome pouco livro, mas muito "som" (discos, fitas e aparelhagem de todo o calibre), muito televisor e outros "supérfluos", o que nos leva a crer que a tese do baixo poder aquisitivo-verdadeira no geral -, é apenas pretexto neste particular.

Estes problemas somados, (ou, se se quiser, sub-traídos, dependendo da ótica), transformam o livro, ao lado de outras publicações (revistas, jornais, etc), em verdadeiros "vilões" da cultura brasileira. Conclusão: como o hábito de leitura praticamente não existe, os livros não são consumidos; as bibliotecas funcionam precariamente, não oferecendo maiores atrativos; as livrarias não poucas e mal-aparelhadas; o teatro é luxo para poucas cidades e para pouca gente; os cinemas dificilmente exibem fitas decentes... o brasileiro acaba buscando informação no "Jornal Nacional", lazer na "Novela das Oito" e cultura no "Globo Repórter".

Assim, compelido pela necessidade do lazer, mas sem nenhuma chance de opção, o brasileiro cai em cheio no mundo fácil, vibrátil, rotineiro, fascinante, fugaz e... esclerosante da televisão.

X X X X

A TELEVISÃO

O poder de penetração (indiscriminada) e de poderoso veículo formador de opinião pública, transforma a televisão, ao mesmo tempo, em algo fascinante e temível, edificante e destruidor, idolatrado e odiado até os limites do possível. Essa gama variada de potencialidades faz da televisão o veículo mais polêmico, discutido e estudado por pessoas interessadas no mundo inteiro.

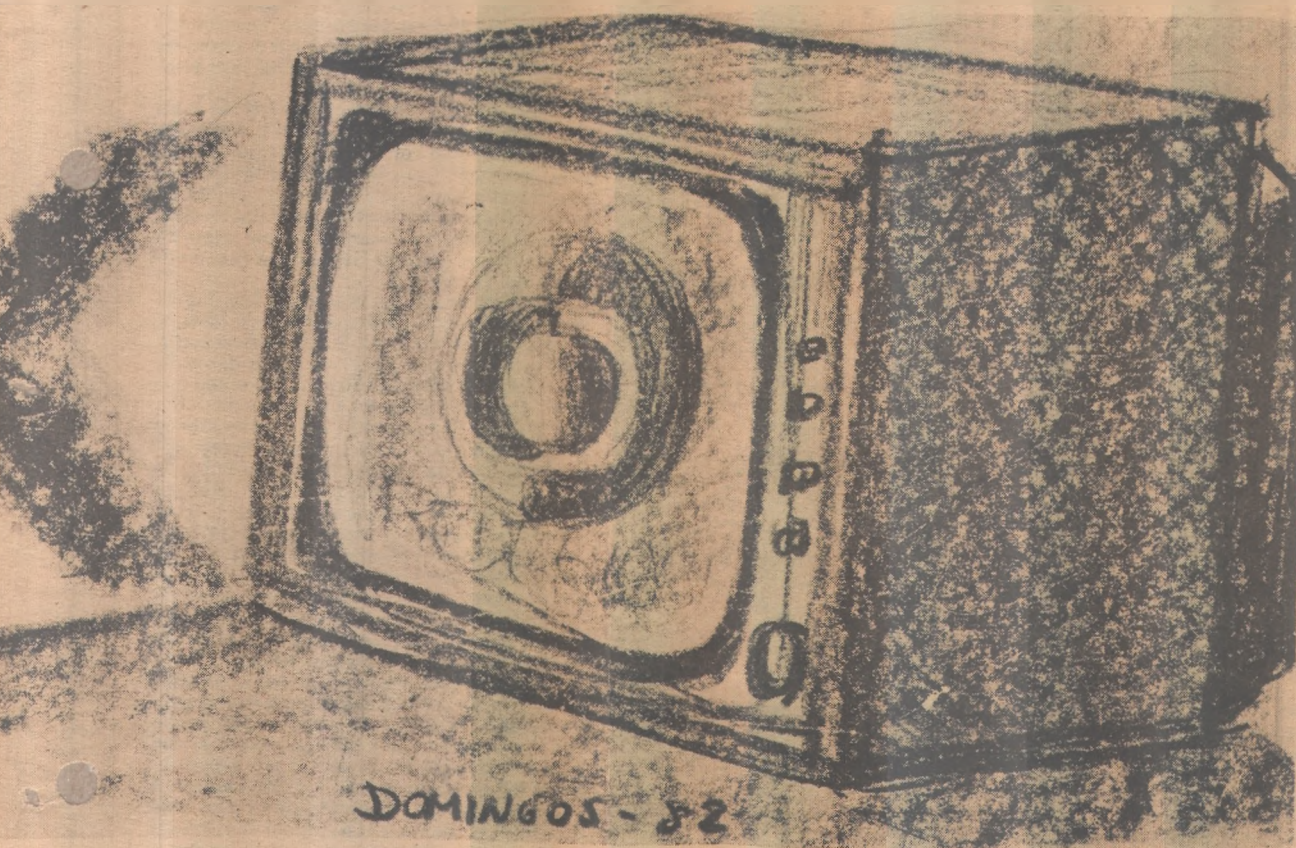
O telespectador se divide em várias categorias: o que já enjoou de televisão, o que diz que enjoou e continua vendo, o que "só acompanha" alguns programas para estar bem informado, o que vê muito e tem vergonha de assumir, o que diz que só vê futebol ou programas de humor, a maioria que nega ver novela (curiosamente as novelas atingem os maiores índices de audiência); por fim, aqueles que admitem gostar e ver muito televisão. E estes últimos são verdadeiros "sinal dos tempos". Assim como hoje nos causa admiração a paciência dos nossos antepassados que gastavam horas charlando banalidades nas calçadas das casas (pelo menos é o que dizem), da mesma maneira os pósteros ficarão admirados quando lerem, nos livros de Psicologia do Comportamento, que no final, do século XX, no Brasil, havia pessoas que consumiam três, quatro, cinco ou mais horas por dia diante de um televisor.

Aos que estão curiosos em saber que rumo tomará esta discussão, poderia estimular a imaginação colocando a seguinte reflexão: um aluno de primeiro, segundo ou terceiro graus tem um máximo de quatro horas de aula por dia, descontados fins-de-semanas e feriados. Esse mesmo aluno poderá ter muito mais de quatro horas de programação televisiva diária, incluindo fins-de-semanas e feriados. Quem leva vantagem: escola ou televisão? Enquanto a televisão possui um aparato tecnológico diabolicamente perfeito que se transforma, no vídeo, em poder de penetração e persuasão; as escolas - via de regra arcaicas e sem recursos de qualquer natureza, especialmente financeiros -, contam apenas com os atributos pessoais dos docentes, sua bagagem cultural, seu saber, sua experiência, seu idealismo. (Um parêntese: o Professor, no Brasil, ainda é visto pela ótica romântica do "sacerdócio". Enquanto o Magistério não for encarado sob o aspecto estritamente profissional, os "sacerdotes" continuarão a ser alvo de toda a sorte de exploração por parte dos empregadores). Até os dotes artísticos do Professor (recurso muito explorado pelos "cursinhos") são grandemente prejudicados - quando não anulados - pela magia das imagens em movimento, das cores, pelos trejeitos sensuais das ninfetas das novelas e pelas vozes "sedutoras" (leia-se monócórdicas, inexpressivas dos galãs ou daqueles "manequins" de cabelo padronizado dos vários telejornais informativos. (Ou deformativos?).

Impossível analisar, com as minúcias e a profundidade desejadas, tudo o que a televisão brasileira hodierna oferece como campo de observação e estudo. Uma análise atenta e completa, porém, foge aos limites estabelecidos por este trabalho; ficaremos restrito ao necessário, dentro da proposta inicial.

A televisão, como outros grandes inventos da humanidade, é boa ou má dependendo do uso que dela se faça. No Brasil, a televisão atingiu um nível (sobretudo técnico) invejável, dos mais elevados do mundo. A prova são os prêmios e títulos internacionais que a TV Globo vem conquistando nos últimos anos. (Há programas *made in Brazil* que são vendidos para mais de 50 países).

Em termos tecnológicos, econômicos e financeiros, o sucesso da TV brasileira chega a causar inveja a muitas das suas congêneres de países mais desenvolvidos. Sob o aspecto cultural, no entanto, todo esse poderio e técnica causam apreensão e calafrios às pessoas habituadas a refletir. E foi certamente questionando estes desníveis e o perigo da corrosão cultural que Sivuca, o sanfoneiro de Itabaiana, proferiu a célebre e caústica frase: "A televisão é o blefe do século".



sas, felizmente), mal revisados, mal distribuídos, pouco comprados, menos ainda lidos.

O Brasil não possui ainda a tradição 'cultural' de certos países mais maduros; isso concorre para que o livro se coloque mais ou menos nesta situação: primeiro, não existe o hábito de leitura entre os cidadãos comuns: consumir livro com regularidade é luxo de uns poucos intelectuais e profissionais que lêem, quando mais não seja, por puro dever de ofício. Segundo, os livros para crianças (didáticos ou não) que poderiam/deveriam induzi-las ao gosto da leitura, muitas vezes são verdadeiros monumentos à preguiça mental e à promoção da ignorância, como se as crianças (todas) fossem débeis mentais em potencial (ou em ato?). As características de tais livros são estas: letras imensas, ilustrações abundantes - geralmente mal feitas - para engrossar o caldo de um conteúdo pobre, quando não ridículo. Por mais que quiséssemos, não nos furtamos à tentação de ilustrar, com alguns exemplos extraídos de um livro didático da primeira série do primeiro grau, da lavra da Autora do compêndio:

Doce Mamãezinha do meu coração,
Cuidas de mim com tanto carinho...
Sou pequenino, teus braços - meu ninho.
Quero abraçar-te com muita afeição!

Após estas riquíssimas rimas em "ão", é que a "fritada" vai começar:

Carne e ovos dá a galinha;
E a gemada e a fritada,
O assado e a canjinha
Fazem forte a garotada.

Mas os pendores poéticos da professora não param aí. E vai atacando fauna afora:

Vou caçar esse ratinho,
pois ele é um bichinho mau.
Eu sou o peludo gato;
Sei fazer: miau... miau...

Parodiando Nero (o Imperador mesmo!), poderíamos repetir: "Quão grandes talentos os concursos de poesia estão perdendo!"

Terceiro, em decorrência da falta do hábito de leitura (o baixo poder aquisitivo da população teria algo a ver com isso?) as tiragens dos livros, no Brasil, são irrisórias. As edições têm uma ti-

difícil, pessoal nem sempre muito qualificado, e, o pior de tudo: acervo muito pobre, tanto de livros e pior ainda de periódicos. Muitos administradores universitários não assimilaram ainda a lição do saudoso Zeferino Vaz, o criador da UNICAMP, para quem uma Universidade se alicerçava em cinco elementos: 1º cérebros, 2º cérebros, 3º cérebros, 4º bibliotecas, 5ª edificações. nova edição a caminho. Por falta de mercado, com certeza, a *História Concisa da Literatura Brasileira*, do Prof. Alfredo Bösi, que pode ser considerada uma obra 'clássica', no gênero, deve estar entre as quarta ou quinta edição (embora, até 1978, já tivessem sido feitas oito impressões calçadas na primeira e segunda edições). A indispensável e obrigatória *Formação da Literatura Brasileira - Momento Decisivos*, de Antônio Cândido, teve sua quinta edição publicada em 1975. Vale lembrar que a obra está completando vinte e cinco anos neste 1982. Deve haver muita gente lidando com Literatura Brasileira sem conhecer Antônio Cândido, o que é quase uma heresia...

Dentro desse quadro desalentador, pode ser considerado grande sucesso editorial *A Literatura Portuguesa*, de Massaud Moisés, que chegou à 16ª edição em 1980, (quando se sabe que a primeira edição é de 1960), o que corresponde a quase uma edição por ano. Todavia, tanto essa obra, quanto a *História Concisa da Literatura Brasileira*, do Prof. Bösi, parece terem sido concebidas para uso de alunos do segundo grau e acabaram tendo uma acolhida maior em nível universitário. Se há algum demérito nesse fato, não poderá ser imputado às obras, tampouco aos seus Autores.

Outro aspecto a considerar diz respeito às bibliotecas públicas, universitárias e das instituições de ensino de primeiro e segundo graus, particulares ou não. Dificilmente se encontram bibliotecas que primam pela qualidade seletiva do acervo. Biblioteca Pública, no Brasil, (com exceções), significa, para a maioria dos governantes, o mesmo que INAMPS para os previdenciários: um mal necessário. Traduzindo: não funciona, mas todos devem saber que existe...

As bibliotecas universitárias padecem de outro mal brasileiro: a ostentação. Prédios suntuosos, custo altíssimo, conservação

Urbanização e espaço econômico-social em João Pessoa

• José Octávio

O transcurso dos 396 anos de existência da cidade de João Pessoa, oportunamente situado pelo Governo do Estado, na fronteira do IV Centenário, a respeito do qual se vêm de constituir as necessárias comissões de planejamento e execução, impõe toda uma série de considerações a cerca da definição de seu espaço urbano, conjugado com a respectiva função econômica e os problemas sociais, consideravelmente agravados, nos últimos vinte anos, ante a vigência do modelo concentrador de renda, do qual se vem beneficiando a classe média alta, em detrimento das grandes massas populares, progressivamente empurradas para os conjuntos habitacionais e favelas da periferia.

Na esteira dos livros e estudos mais ou menos clássicos sobre João Pessoa, da autoria de Walfredo Rodrigues (*Roteiro Sentimental de uma Cidade*), cônego Florentino Barbosa (*Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba*), Botto de Menezes (*Minha Terra*), Juarez Batista (*Caminhos, Sombras e Ladeiras*), Humberto Nóbrega (*História de uma Cadeia Transformada em Palácio e De Convento a Palácio*), Archimedes Cavalcante (*A Cidade da Parahyba na Época da Independência*), Jomar Souto (*Itinerário Lítico de uma Cidade*), José Leal (*"A Evolução dos bicos metropolitanos"* in *Revista do IHGP*, nº 20), Benedito Maia (*A Universidade do Ponto de Cem Réis*) e José Américo de Almeida (*"A Cidade de João Pessoa, Roteiro de Ontem e de Hoje"* in *Guia dos Telefones*, 1969), desponta a admirável monografia da profª Janete Lins Rodrigues - *Acumulação de Capital e produção do Espaço: O Caso da Grande João Pessoa* (Editora Universitária UFPB, João Pessoa, 1980) - que, lançando mão de metodologia mais moderna, representada por dados estatísticos e pesquisas de campo, vem de recolocar as diversas Ciências Sociais - História, Geografia, Sociologia e Economia - tratadas conjugadamente e com espírito de síntese, como instrumento de avaliação do passado para estabelecimento da dinâmica presente/futuro.

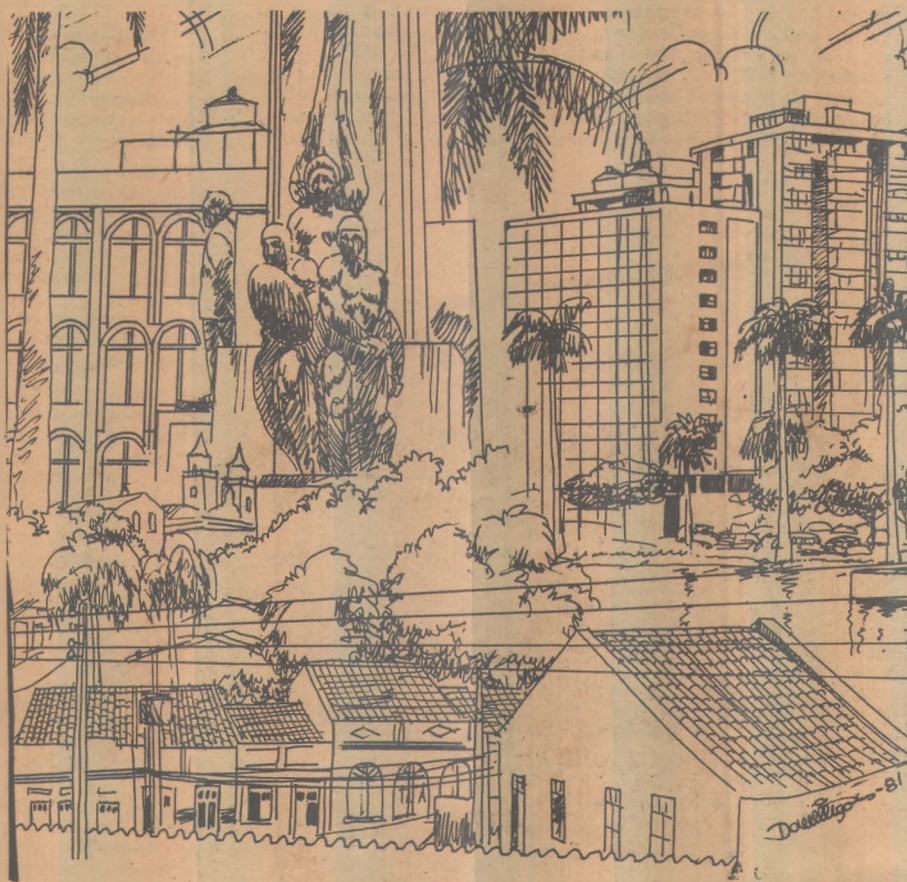
Mais do que nunca, é essa a função das Ciências Sociais em geral e da História em particular, ou seja, abrir caminho para ampla discussão dos problemas atuais, com base no processo que se desencadeou até agora. Por conta disso, é que, partidário declarado do revisionismo, que sempre aprendi a distinguir da cômoda neutralidade e também das mistificações dos revanchismos, sempre entendi que a História, encerrando *ativa construção e não passiva rememoração* equivale mais ao presente que ao passado, pois seu nome não é Maria - é Marta! Na conferência do III SPCB de que resultou o ensaio *Brasil, Tempo e Cultura III* acredito haver deixado bem claro esse posicionamento e valores (1).

DUAS DÉCADAS DE AVANÇO

Postas as coisas nesses termos, o que pretendemos discutir aqui é a definição do espaço econômico-social da antiga Felipéia de N.S. Das Neves, nos anos 1910/30, quando, só então despertada do secular imobilismo e letargia, o aglomerado surgido em 1585 demarrou para a condição de um centro comercial e de prestação de serviços que deixaram para trás o antigo aldeamento travado pela subordinação às várzeas açucareiras que lhe subjugavam as forças.

Dentro desse quadro, as duas décadas anteriores à Revolução de 30 acontecimento que significou no Brasil o deslocamento dos centros de decisão do campo para as cidades devido ao caráter (pequeno) burguês de que se revestiu - tornam-se importantes pelo impulso urbanizador que oferecem, como fenômeno seguramente não restrito à cidade da Parahyba, porque estendido a todo Nordeste.

Está é uma questão em torno da qual venho particularmente insistindo, ou seja, a de não se poder estudar a Parahyba fora do contexto nordestino em que se situa.



Compreendeu-o Manuel Corrêa de Andrade, o grande e gordo géo-historiador pernambucano que, estudando a Revolução de 30 em monografia imbuída de penetrantes considerações (2) -, soube oferecer atenção ao problema da urbanização, sem a qual não se pode entender a feição assumida pelo mais importante acontecimento da História do Brasil.

Isso se verifica porque, ao contrário do século XIX, que representou período de estagnação e declínio nordestinos, correspondente à transferência do polo econômico brasileiro para o centro-sul, o Nordeste se encontrava em marcha, isto é, se movendo para frente, no período 1910/30.

Por trás da predominância do latifúndio, da tradição senhorial, dos baixos índices de produtividade de culturas como o açúcar e o algodão, com sua secular tendência à introversão, da secular deficiência da rede de transportes e dos infimos padrões de vida das populações nordestinas, agiam forças mudancistas sem as quais não se pode entender a Revolução de 30, tal como agora a estamos considerando, a nível regional.

Um, desses fatores era a urbanização que, à época, se fazia sentir, com intensidade, mesmo na menor das capitais nordestinas - Aracaju! - cujas transformações, particularmente incentivadas pelo Governo Graccho Cardoso, foram bem analisadas por José Ibarê da Costa Dantas, destacando os benefícios das duas primeiras décadas do século (calçamento, obras de saneamento, cinema, energia elétrica, Banco do Estado de Sergipe, água encanada e penetração do automóvel) e, em particular, a força de atração do transporte ferroviário que transformava a capital sergipana em centro nuclear da área açucareira da região de Cotiguiaba e da pecuária sanfranciscana (3).

Com a urbanização, se enlaçava o ascenso da burguesia urbana que Eul-Soo-Pang, tomando por base o período 1924-30, foi flagrar no modelo de sociedade oligarca nordestina que era a Bahia das primeiras décadas do século.

"Os políticos da CRB dominante não eram estimados pelos Calmon. Opondo-se à influência da dinastia agrária, havia a origem burguesa da família Mangabeira. Filhos de um farmacêutico de Salvador, João e Otávio nasceram numa família de classe média. (...) Como Seabra e Rui Barbosa, os Mangabeira elevaram-se à proeminência política sendo burgueses de origem urbana. Seus antecedentes sócio-econômicos contrastavam e até mesmo se contrapunham aos políticos da dinastia rural" (4).

Já focalizei em outro estudo e no tocante à Paraíba da década de vinte, o mesmo fenômeno que incidia em cheio sobre cidades como a capital (Paraíba, hoje João Pessoa) e Campina Grande. Nelas, é por essa época que principia a emergir uma realidade nova, com a luz elétrica, o cinema (mudo e acompanhado ao piano), o carnaval, os primeiros concursos de misses, o futebol e as corridas a cavalo, a multiplicação de jornais diários, disseminação de sociedade recreativas, fiscoação de armazéns e mercearias substituindo o antigo abastecimento de vendedores ambulantes, e as grandes obras de engenharia sanitária que, de parceria às novas posturas municipais, consagradas na capital pelo prefeito João Maurício de Medeiros, em 1928, vão deixando para trás hábitos como os de acender fogueiras na via pública e o enterro em redes (5).

RECIFE, MACEIO, FORTALEZA

Uma vez mais, faz-se preciso associar a problemática paraibana ao caso do Nordeste, para que não se limite, parquialmente, a extensão de fenômeno bem mais amplo.

Recife, nada obstante sua larga tradição urbana - urbana e radical-revolucionária - beneficiou-se bastante dos novos *inputs* trazidos pelas décadas de dez e vinte, esta última estudada em grande estilo por Souza Barros (6) - donde a condição de metrópole regional que sedimentou. Foi este o período em que a capital pernambucana, indiretamente afetada pelas transformações da agro-

indústria, a partir de então, dominada por capitais predominantemente industriais, ganhou (1924) seu novo porto, vinculado por importante rede de estradas de ferro a toda região, administrações urbanas do tipo Dantas Barreto e Amaury Medeiros, e uma variada gama de indústrias de transformação que, saltando de noventa e nove na década de dez, para trezentos e quarenta e cinco, na década seguinte, lastrearam o poderoso movimento de massas, dirigido por Cristiano Cordeiro e Joaquim Pimenta.

O fenômeno, porém, não se limitava a Recife, já que, como o considerou Douglas Aprato Tenório, cidades como Maceió também se consolidavam como polo geoeconômico e administrativo de um estado que, anteriormente, vira essas funções exercidas por Marechal Deodoro (7).

Em Fortaleza, o fenômeno ainda se fazia mais característico, na medida em que Mozart Soriano Aderaldo precisou em bondes, praças, cinemas, hotéis e mercados, o que de um ângulo mais moderno, Raimundo Girão associou ao cosmopolitismo das obras contra as secas, implementadas por empresas estrangeiras como a Dwight P. Robinson & Co., Inc e Norton Griffiths & Co. Ltda. (8).

O CASO DA CIDADE DA PARAHYBA

Nesse contexto, é que as mudanças econômicas e sócio-culturais operadas nas décadas de dez e vinte infundem a então cidade da Parahyba o início do perfil dos nossos dias, o que não significava pouco para uma cidade que, estacionária, permanecera à margem da História, se não política mas econômica e socialmente.

Isto porque, mesmo na condição de uma das mais antigas do Brasil (1585), bastando dizer-se que não conheceu o estágio de vila, pela circunstância de haver surgido em apoio à efetiva ocupação de uma capitania real, a cidade praticamente parou no tempo, como se hibernasse, à espera de um sopro de progresso que somente despontará com o advento do século XX.

Atolada no fundo dos mangues, donde, segundo o geógrafo Mário Lacerda de Melo, a impropriedade do local de sua edificação (9); sem dispor de uma rede adequada de estradas, fosse rodoviária ou ferroviária, sendo que esta, quando surgida em fins do século XIX, não passou de um ramal da estrada tronco Recife-Natal; sem ainda um porto digno desse, nome, e experimentando a desvantajosa concorrência da proximidade do Recife, por onde se escoava a produção sertaneja, a então cidade da Parahyba atravessara os séculos como aglomerado colonial de caráter urbano isto é, reduzida a acanhado centro onde se amontoavam as muitas igrejas e raros edifícios públicos cercados de sítios que lhe transmitiam, nas exatas palavras de José Américo, feição "mais vegetal do que urbana".

A admirável pesquisa de Aécio Aquino, encadernando a visão dos viajantes estrangeiros sobre o Nordeste do século XIX, revela que esses visitantes compreenderam muito bem o fenômeno donde, sequer a maioria deles haver aportado aqui (10). Efetivamente, a cidade não se desenvolvera como ponto de embarque de mercadorias, repousadas em relações sociais de produção introvertidas e pouco sensíveis à urbanização - no caso desviada, como se encontrava, das principais rotas comerciais. Em fins do século XIX, sua função reduz-se quase exclusivamente a termos político - administrativos, visto como, econômica e culturalmente, Areia e Manguape - que serão liquidadas pelo trem de ferro, responsável pela ascensão de Campina Grande, Itabaiana, Alagoa Grande, Guarabira e Cajazeiras -, se fazem bem mais importantes que a capital.

Dentro desse quadro, não era de admirar a longa sobrevivência de hábitos imemoriais como os banhos nas fontes públicas que lhe asseguravam o abastecimento d'água - do Governador José Peregrino (1900-04) conta Walfredo Rodrigues havê-lo visto, toalha ao ombro, dirigindo-se à fonte que ficava em frente ao Palácio do Governo, então uma velha edificação confiscada aos jesuítas no século XVIII.

Foi somente com o século atual que a cidade, até então restrita a pálida função administrativo-religiosa, como fundo de quintais dos engenhos que lhe ocupavam as cercanias, despertou da letargia, impondo-se como centro de alguma expressão urbana.

Embora para isso contribuíssem fatores econômicos, como a elevação dos preços do algodão durante a primeira guerra mundial, e a sensível concentração de recursos derivadas das obras contra as secas durante a Presidência Epitácio Pessoa, quando inclusive, se intentou construção de porto às margens do rio Sanhauá, nunca será demais lembrar o aparecimento, então, de administrações de índole urbana, o que não se consegue, apelando para convencionalismos *palacianos* ou impressionistas, mas para as *mensagens* desses

Presidentes de Estado e o volume de obras com que beneficiaram a capital.

DE CAMILO A SOLON

De um deles, Camilo de Holanda (1916-20), sob o impulso da elevação dos preços do algodão durante a Grande Guerra, multiplicaram-se tanto as edificações e reconstruções urbanas, encorajadas por seu oporoso prefeito Diógenes Pena, que lhe adveio censura do próprio Epitácio Pessoa, chefe incontestável da oligarquia paraibana.

"(...) Vejo o que me diz acerca do movimento de receita e despesa de sua administração. Sobre essa matéria o que lhe posso dizer é que mais de uma vez lhe disse em carta ou pessoalmente: acho que V. devia ter guardado alguma coisa para os tempos maus e empregado mais utilmente a boa arrecadação que teve. Compreendo que V. desejasse ligar o seu nome à remodelação da capital; mas melhor seria não gastar tanto, sobretudo numa época em que as obras custavam tão caro. Se parte desse dinheiro tivesse sido posto de lado, hoje não estaríamos tão cheios de apreensões. Se parte houvesse sido empregada em estradas, açudes, etc., muito mais teria lucrado a Paraíba. Porque, por exemplo, gastar mais de cem contos num belvedere? Por que despendir mil contos numa Escola Normal? A Escola estava na antiga Residência, onde havia espaço mais que suficiente para ampliar o edifício, creio mesmo que você chegou a fazer alguma coisa nesse sentido. Mas, devido talvez ainda ao seu ressentimento, por causa da mudança da Escola para aquela casa, V. deliberou-se a instalá-la num palácio e foi isso o que vimos". (11).

Antes, João Machado (1908-12) lançara as bases da redefinição do espaço urbano da cidade da Parahyba, com abastecimento inauguração da luz elétrica e implantação de bondes elétricos que, no caso desses últimos se encarregariam de empurrar os limites da cidade para além de seus primitivos bairros de Tambiá e Trincheiras (12).

Foi, porém, com a administração Solon de Lucena (1920-4), nitidamente burguesa e urbana, mediante a exaustiva análise com que a crivei no estudo "Solon de Lucena - Ascensão Burguesa e Democracia na Paraíba", da coletânea *Solon de Lucena - Democracia a Década de Vinte na Paraíba*, montado sobre as mensagens presidenciais e noticiários dos jornais da época, que se consolidou a nova postura da capital paraibana, como centro prestador de serviços e sede, até, de florecente indústria artesanal, em fabricação de cigarros, calçados, bebidas e alimentação.

Com um prefeito que marcou época, chamado Walfredo Guedes Pereira, justamente cognominado "Pereira Passos da Paraíba", bem como contando com a ostensiva cobertura do Presidente da República (Epitácio) com quem despachava diretamente na qualidade de seu oitavo ministro (13) -, Solon nada obstante o pouco controle que exercia sobre as oligarquias agrárias, presidiu época de intenso otimismo, datando daí os grandes edifícios dos correios e telégrafos, Batalhão de Caçadores (que orientará o crescimento da cidade no sentido sul) e Academia de Comércio, que então se instalaram ou principiaram a se instalar, inauguração da Praça da Independência, apontando à cidade o caminho do mar, implantação de exemplar sistema de esgotos confiado ao engenheiro Saturnino de Brito, restauração do Parque Arruda Câmara, e criação, até juntamente com o líder político e comercial Isidro Gomes, do Banco da Parahyba, "com o capital inicial de dois mil contos de réis integralizado com subscrição de parte dele pelo Governo do Estado e publicação dos estatutos em A União, a 12 de fevereiro de 1923".

A REDEFINIÇÃO SOCIAL

Evidentemente, bem mais importante que essas obras e realizações urbanas em si faziam-se as novas relações de trabalho que se instalavam com a industrialização e o capitalismo, mesmo em bases muito modestas como os que aqui se verificavam.

Antonio Albino Canelas Rolim, em recente trabalho apresentado ao XI Simpósio Nacional de História, patrocinado pela ANPHUR, em João Pessoa, verificou que o período 1916/1917, quando justamente a urbanização da capital paraibana se define, sob a inspiração camileana, revela-se pródigo em greves, a primeira das quais, segundo a professora Terezinha Pordeus, ativada pelo setor ferroviário do operariado em 1915 (14).

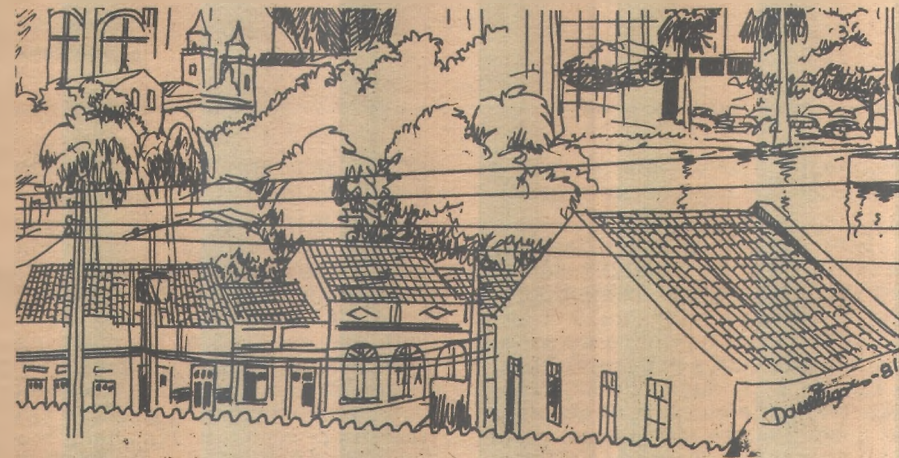
Mesmo assim, o em que João Pessoa não se converterá é num centro social-operário mais ativo. Se isso de dizer-se que aqui não se protesta não passa de uma balela, também não convém superestimar o alcance e conteúdo desse movimento; de massa bem mais efetivos, em outros centros do país. No período 1928/30 que estudamos em profundidade, a única greve registrada pela imprensa foi a dos

motorneiros e condutores da Empresa Tração, Luz e Força (ETLF), uma emperrada concessionária de luz e bondes que o presidente João Pessoa, na intenção de melhorar o rendimento, estava tentando transacionar com a Electric Company que detinha a propriedade da Pernambuco Tramways do Recife e pertencia ao grupo-norte-americano da Electric Bond and Share Company (15).

A greve que, deflagrada a onze de dezembro de 1928, contou com as simpatias da população, e a ativa condescendência do prefeito Ávila Lins, que interveio para evitar que a empresa colocasse os bondes em funcionamento, através de pessoas não habilitadas, como os fascistas estavam procedendo na Itália, esteve longe de assinalar qualquer conteúdo sindical ou político. Seu sentido é exclusivamente salarial - "visando reclamar aumento de vencimentos que lhes melhora a situação atual", em face da "insuficiência da diária de 3\$500 que percebem motorneiros e condutores sujeitos ainda a um regime intenso de multas pelos motivos menos ponderosos" (16).

Se, por outro lado, o Congresso Proletário da Parahyba verificado no Teatro Santa Rôza, entre os dias sete e nove de novembro de trinta, aparece claramente estimulado por radical-reformistas como Ademar Vidal e jornalistas Rafael Corrêa de Oliveira e Antenor Navarro, além do líder operário Fiuza Lima que, aliás, acusado de comunista, desertou, aí, da liderança que exercia (17) - o setor sindical pessoense aparece tão enfraquecido no auge da mobilização do populismo radical, entre 1962 e 64, que a liderança das reivindicações sociais do período transfere-se para o campesinato, os estudantes e os profissionais liberais, agrupados não em sindicatos mas numa instituição litero-recreativa chamada API, de combativa atuação no período (18).

Por conta disso é, que, empurrada pelas



transformações dos anos dez e vinte, bem como pela fermentação populista do período 1929/30, João Pessoa se fará cidade mais de oposição que de esquerda, condição que os resultados eleitorais do período 1945/65, parecem atestá-lo (19).

Não me parece, aliás, que isso haja mudado, tanto mais quanto o tipo de industrialização que aqui se vem processando - com predominância do capital sobre a mão de obra e enquadramento das grandes empresas por um tipo de controle verdadeiramente para-militar, além da alta rotatividade da mão de obra - impede a formação de sindicatos operários, donde a liderança exercida no campo das reivindicações sociais pela Igreja.

O AVANÇO DOS ANOS VINTE

A julgar pelas desalinhas notas que as estamos aqui procedendo, ficam muito claras as dificuldades a que se submeteram a evolução e desenvolvimento de hoje cidade de João Pessoa, entendimento a favor do qual depõem as estatísticas e a História.

Estatisticamente, o que se observa é, inclusive, um período de decréscimo da população de 24.714 em 1872 para 18.645 em 1890. Em 1900 éramos apenas 28.793 habitantes pois o crescimento vegetativo só se torna mais acentuado em 1920, quando a população salta para 52.990, que se transformará em setenta mil, aproximadamente, ao final da década (20).

A Historiografia comprovou esses percalços, de tal sorte que os principais documentos sobre a capital paraibana - *Diálogos das Grandezas do Brasil* no século XVII, relatórios dos Governadores Fernando Delgado e Beaurepaire Rohan, nos séculos XVIII e XIX, e a última mensagem presidencial elaborada por João Suassuna em 1928 - são documentos de crise, o último dos quais bem acompanhado por pronunciamento do deputado Antonio Guedes na Assembleia ("Estamos vendo a crise em toda parte. Os

acréscimos e dificuldades financeiras são gerais"), e dramático artigo de Guttemberg Barreto, sobre fechamento de nossas casas comerciais, no período 1924/8, pela imprensa (21).

O problema unanimemente visto por todos eles foi o da predominância da praça do Recife, contra o qual reagiria violentamente o presidente João Pessoa, através do que se convencionou chamar de Guerra Tributária (22).

Para mim, o problema seria mais profundo porque vinculado ao caráter pouco articulado da economia paraibana em que, por exemplo, o traçado das vias férreas seccionou o sistema de produção e trocas na medida em que o noroeste do Estado tornou-se tributária de Mossoró, toda zona oeste, de Pombal a Cajazeiras, de Fortaleza, e o sertão, do porto do Recife, via Campina Grande.

Dentro dos padrões da época, João Pessoa não estava errado quando, secundando Epitácio Pessoa no Parlamento Nacional e José Américo de Almeida, em A Paraíba e seus Problemas, via no chamado imposto de barreira, uma maneira de fortalecer o litoral, então desacelerado e anêmico:

"(...) Campina Grande deve a sua prosperidade comercial à situação de entreposto dos sertões do Estado.

E justo pois, que a praça da capital goze também das vantagens da circulação de nossa riqueza, ressurgindo da decadência causada por esse deslocamento de negócios.

A sua posição geográfica, pelo menos, dá-lhe esse direito (...) não para diminuir Campina Grande mas para abastecê-la a todo o Estado, em condições mais vantajosas que os mercados mais distantes" (23).

OS ATUAIS PROBLEMAS

O que é de se perguntar é se hoje não reaparece, em outro nível, problemas antevistos a nível político e fiscal, pelo impetuoso presidente paraibano

dade onde um tipo de exploração capitalista selvagem gerou abissais disparidades sociais, entre rendas que se elevam e salários que minguam.

Terá valido tanto tempo e tanto esforço para se chegar a isso? - Cientificamente, não tenho resposta para a indagação, até bem porque só o poeta maior (Fernando Pessoa) talvez a tenha:

"Valeu a Pena?
Tudo vale a Pena
Se a alma não é pequena"...

BIBLIOGRAFIA E NOTAS AO TEXTO

(1) - Cf. José Octávio, "História Presente e Realidade Social Paraibana" in Brasil, Tempo e Cultura III, A União Cia. Editora, J. Pessoa, 1980, págs. 121/173, passim.

(2) - Cf. Manuel Correia de Andrade, 1930 - A Atualidade da Revolução, Editora Moderna, S. Paulo, 1980, pág. 21.

(3) - Cf. José Iberê da Costa Dantas, O Tenentismo em Sergipe, Editora Vozes Lda. Petrópolis, 1974, págs. 42/3.

(4) - Eul-Soo Pang, Coronelismo e Oligarquias (1889-1943), Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979, págs. 179/80.

(5) - José Octávio, "A Paraíba e a Década de Vinte" in João Pessoa, a Paraíba e a Revolução de 30, A União Cia. Editora, J. Pessoa, 1979, págs. 168/170 e Epaminondas Câmara, Datas Campinenses, Depto. de Publicidade, J. Pessoa, 1947, págs. 147/8. O novo Código de Posturas Municipais da Cidade da Parahyba (1928) foi publicado por A União, no mês de outubro desse ano, no expediente do prefeito Maurício de Medeiros.

(6) - Cf. Souza Barros, A Década 20 em Pernambuco, Rio de Janeiro, Gráfica Editora Acadêmica, 1972 passim.

(7) - Douglas Aprato Tenório, Capitalismo e Ferrovias, Edufal, Maceió, 1979, págs. 106/115.

(8) - Cf. Mozart Soariano Aderaldo, História Abreviada de Fortaleza, Imprensa Universitária da UFCE, Fortaleza, 1974, págs. 52/3 e Raimundo Girão, Geografia Estética de Fortaleza, 2ª ed., Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1979, págs. 249/50.

(9) - Cf. Mário Lacerda de Melo, Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1958, págs. 309 e segs.

(10) - Cf. Aécio Aquino, Nordeste, Século XIX, mimeografado, J. Pessoa, 1977, págs. 87/93, obra sob o mesmo título editada em 1981 pela Editora Universitária da UFPB.

(11) - Carta de Epitácio Pessoa a Camilo de Holanda in Na Política da Paraíba (2ª fase: 1912 - 1939), Edição revista e organizada pelo INL, Rio de Janeiro, 1962, págs. 334/5.

(12) - O papel das linhas de bonde na ampliação do espaço urbano de João Pessoa foi precisado por José Octávio no estudo "Prevalência do Social em Ernani Sátiro e Benedito Maia" produzido para o Correio das Artes de 13/11/77, parcialmente montado sobre o livro de Benedito Maia, A Universidade do Ponto de Cem Réis, A União Cia. Editora, 1976, que enfoca jornalisticamente o assunto.

(13) - Wellington Aguiar, "Louvação a Um Justo" in O Norte de 4/3/79.

(14) - Comunicação apresentada pelo prof. Antonio Albino Canelas Rolim ao XI Simpósio Nacional dos Professores de História, J. Pessoa, 24/7/81 e informação da professora Terezinha Pordeus, junho de 1980.

(15) - A intenção do Governo da Paraíba em transacionar a ETLF com a Bond and Share - faz-se presente ao noticiário de A União, 1.7, 12/3, 13/4, 21/8 e 19/8/29.

(16) - A União, 12/12/28.

(17) - Sobre o Congresso Proletário da Parahyba veja-se o noticiário dos jornais A União e o O Liberal no período 7 a 13/11/30.

(18) - Cf. José Octávio, "Tensão Social e Revolução na Paraíba", mimeografado, Gráfica do Curso 2001, J. Pessoa, 1976, págs. 17/24.

(19) - Cf. José Octávio, "Dissidência, Protesto e Familismo nas Eleições da Paraíba em 1978" in As Eleições Nacionais de 1978, vol. II, Edições da Fundação Milton Campos, Brasília, 1979, pág. 341. vol. 37, Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1976, pág. 67.

(21) - Cf. O Norte de 19/11/27 e A União, 22/3/29.

(22) - Sobre a Guerra Tributária, que praticamente representou a pré-revolução de 30, na Paraíba, vejam-se as duas pastas peçadas de recortes de A União e Jornal do Comércio, nos Arquivos do Pres. J. Pessoa/INHP.

(23) - Pronunciamento do pres. J. Pessoa, in A União, 12/4/29.

(24) - Cf. Relatório do Banco da Parahyba in O Norte, 5/11/27.



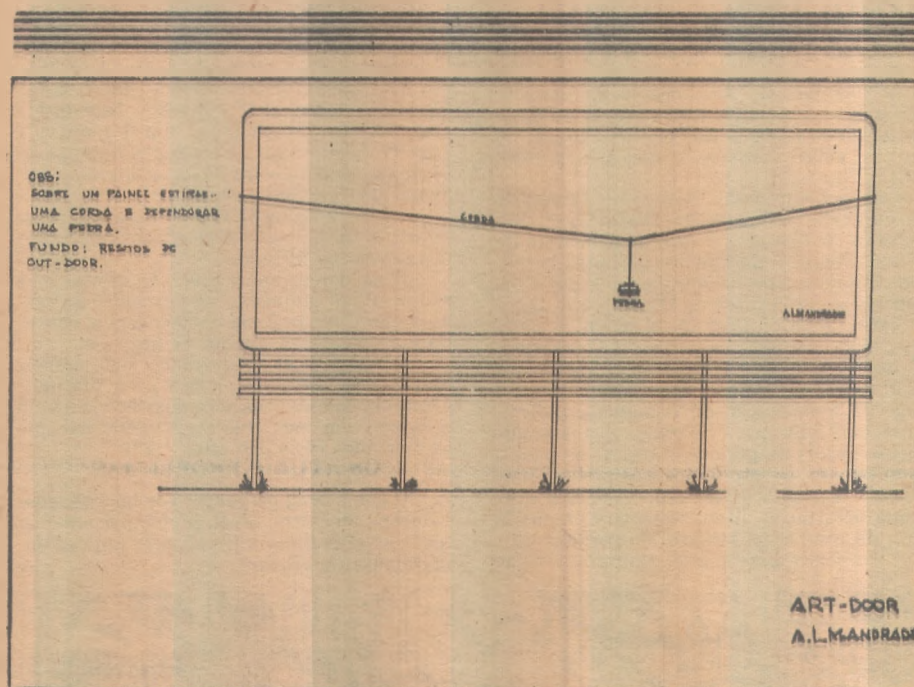
A história da arte de vanguarda no Brasil se localiza na sua quase totalidade no sul do País, certamente em duas capitais: São Paulo e Rio de Janeiro. O que acontece em outras regiões pouco se sabe, o fato é que não existe um circuito de informação mais amplo. O Nordeste, por exemplo, ou mais exatamente o meio de arte na Bahia, vive num processo de isolamento e de infantilidade cultural, com uma certa fixação no autoritarismo do regional/nacional. Tivemos sem dúvida um momento de lucidez, de contatos com o restante do País e com as linguagens emergentes da época. As Bienais da Bahia em 66 e 68.

O que esse evento representou para os artistas de outros centros, principalmente do eixo Rio/São Paulo, não sabemos, acreditamos ter sido uma válvula de positividade para as linguagens de vanguarda. Para o meio de arte em Salvador, submerso na tradição de uma geração envelhecida com os surtagmas formais de movimentos do início do século, carente de novas informações e alheio às manifestações de vanguarda que se processavam no País, concretismo, neo-concretismo, tropicalia, etc., as duas bienais nacionais foram importantes, não só para a geração de artistas dos anos 60 como também para o público e estudantes de arte que se deliciavam com o impressionismo local.

É possível se falar na sua repercussão a nível nacional, tanto assim que o fundador da Bienal de São Paulo, Francisco Matarazzo Sobrinho, contactou com seus organizadores e tratou logo de sua transferência de Salvador para S. Paulo, sem obter êxito. Salvador ficou sendo o local da Bienal Nacional. Incômodos para os artistas oficiais e o cenário cultural provinciano de nossa capital, provocou aborrecimentos, mas por outro lado provocou uma atualização no circuito de arte de Salvador. Um trágico acontecimento veio interditar definitivamente esse evento; o regime político no final da década de 60 era desfavorável, inesperadamente surgiu o AI-5. Fechamento da II bienal, prisão de artistas, danificação de obras de arte... Foi o fim de uma iniciativa. Passamos todos estes anos com um sintoma de amnésia cultural, submetidos ao comodismo de nossos "grandes" artistas, Museu de Arte Moderna e outras instituições desativadas. Uma coisa é preciso ficar claro, durante todo este tempo que estivemos fora do ar ocorreram sérias transformações na linguagem e no pensamento da arte, e o problema do momento é como se tomar co-

AS ARTES PLÁSTICAS NA PROVÍNCIA

• A. C. M. ANDRADE



nhcimento desses fatos se até a vanguarda dos anos 50 foi esquecida.

Sem o trânsito de informações, sem um centro de apoio e viabilização de possíveis linguagens contemporâneas, é difícil se lutar contra a oficialidade e uma república de artistas protegida com a política cultural do Estado e produção de arte tipo nossa realidade ou cultura nacional que normalmente circula nas galerias e alimenta o mercado do turismo. No momento das Bienais a Bahia teve acesso à produção de arte emergente da época fundamental para se transformar o meio de arte. Atualmente começa a surgir mais uma nova geração de artistas sujeita a cometer os mesmos equívocos e sem a formação necessária de um artista contemporâneo. Claro, um circuito sustentado por reacionárias ideologias não permite o aparecimento de "novas" linguagens nem de "novas" leituras.

1970 - Começamos uma outra década, monótona e repetitiva, sem nenhuma novidade. O mesmo grupo hegemônico detém o poder das Artes Plásticas, garantido por um frágil mercado, muitas vezes sem intermediário onde o artista vedete de colunas sociais vende diretamente seu produto em seu atelier; e pelo mercado Estatal (obras públicas).

Entre 72 e 74 o Grupo de Estudos de Linguagem da Bahia (Haroldo Cajazeira, Júlio César Lobo, Orlando Pinho, ALMAndrade, entre outros), um pouco distante dos problemas do circuito local, iniciou um estudo rigoroso de semiótica, teoria da informação, teoria e filosofia da arte, poesia concreta, poema/-processo. Re-leitura do construtivismo, dadaísmo, arte conceitual, Mondrian/Duchamp. Em julho de 74 edição da revista Semiótica (único número). Dissolução do Grupo. Passamos pelas discussões da segunda metade desta década; arte contemporânea, circuito e política cultural. Procuramos intervir em nosso ambiente de arte através de exposições, textos sobre arte em jornais e revistas alternativos, atuações em circuitos paralelos (a universidade).

embora sem grande possibilidades de atritos mais significativos.

Um manifesto em 76, assinado por mim e pelo crítico Haroldo Cajazeira, Arte/Bahia/Estagnações, ("A situação da arte na Bahia estagnou-se nas propostas da década de 60 (pop arte, etc.), não havendo nenhum vínculo com a produção e as discussões dos anos 70..."), causou um pequeno incidente, a crítica provinciana se revoltou. Mas nada mudou até o final dos anos 70. Só oportunistas: agentes estranhos se transformando em artistas, críticos, de arte, marchanda, ocupando cargos nas instituições culturais.

Salvador é a capital da festa, dos modismos de verão e do turismo de classe média. As questões culturais acabam virando espetáculos, de um lado está o conservadorismo da oficialidade e do outro o conservadorismo das oposições e da marginalidade. Recentemente os 70 anos de um artista foi comemorado em praça pública. Uma grande festa de aniversário. O Estado através de faixas em toda cidade, jornais e televisão, convidava o povo para homenageá-lo. Isso mostra o investimento do Estado em seus artistas.

O que mais caracteriza as artes plásticas na Bahia é a ausência de um pensamento cosmopolita. Mas em meio à mitologia da arte baiana e quietude do circuito é possível coexistir um gueto da contemporaneidade.

Reflexões sobre arte contemporânea:

A verdade do difícil é uma mentira.

O olhar vulgar do espectador comprometido escorre ligeiramente sobre a fala silenciosa da obra de arte, sem nada entender, se sente diante de um abismo, (ela recusa se entregar a qualquer sujeito), no desespero da incompreensibilidade arrisca um riso desconfiado e abandona a aventura, o empirismo falha. Será possível enxergar um sentido ou não sentido sem uma relação de pensamento? Esse estranho objeto de desejo (arte) é resistente à sedução da rotina, tem como virtude o

(rápidas informações sobre a Bahia)

problema da formulação de um método. Um modelo de conhecimento. Se tinha algo chamado real como referência (interpretação/representação), tem agora a exigência da demonstração e da descoberta. Um instrumento mental ou uma atividade lúdica na tensão da intuição e da razão, e o ponto de partida para penetrar em sua intimidade é a contemplação racional. Assim como na Polis grega, o advento da filosofia culminou com o pensamento mitológico e tem-se início a era da razão.

Pertence a um outro mundo, o da sabedoria. Mas num gesto paradoxal se mostra gratuitamente ao olhar público ao mesmo tempo em que é indispensável a este mundano de outros circuitos. Somente com investimentos culturais será o exame do mistério arte: discursos tautológicos provenientes da semiologia, da psicanálise, da economia política, etc. porém, mesmo assim não deixa de ser um problema do sensível; só que as qualidades sensíveis e as qualidades inteligíveis estão presentes em medidas de igualdade. Sua política é a abertura de possibilidades de ver o invisível do real (social e da arte) e engendrar na ordem viciada de signos um estado de perturbação e de desordem.

Certamente uma ciência sem os infortúnios de uma doutrina da certeza, limitada a um código a priori. Um método análogo ao da matemática para levar a dúvida à forma extrema na obsessão da loucura. O próprio processo de conhecimento e a ordem signica são colocados em questão.

Ler um trabalho de arte hoje é necessário se partir de um modelo (críticos, informações, etc), desaparelhado culturalmente não se entende nada. Estamos diante de uma gramática de construção e uma gramática de leitura. Na arte existe códigos a priori (aqueles utilizados pelo artista) e códigos a posteriori (a referência do espectador ou críticos que coincide ou não com a do autor).

O sacrifício do sentido
Problematizar o discurso da arte é traçar um eixo de investigações críticas de si mesma, descobrir o sentido de sentido. A arte tem servido como lugar de confirmar uma teoria ou afirmar conhecimentos prévios. Todo discurso é resultado de outros discursos. A arte como operação de conhecimento implica a rigor na definição de uma gramática de construção de outros axiomas.

Uma ambiguidade proposital (excessiva) para desintegrar a profundidade, o outro (significado) é substituído por relações/disrelações. Nada a dizer, funções matemáticas. Irregularidades que o mundo do sentido pouco suporta. Nada de explosivo, excentricidades frias, pequenos problemas com rigor de economia na sua materialidade para sugerir ao espectador um espaço clínico, "isento de sentido" (questão mental), sem contudo desconstruir a expectativa de que alguma coisa pode acontecer (uma armadilha). A imprevisibilidade é quase total, a razão e o acaso se tocam na sutileza da desordem. O paradoxo atinge o extremo. A perfeição remete à monstruosidade do gratuito.

● TERESINKA PEREIRA

DOMINGOS. 82

gem temas os mais variados, desde os que dizem respeito ao universo particular do poeta enquanto ser social, até aqueles que, fora do seu contexto existencial, conseguem no entanto instigá-lo de modo a provocar a sua sensibilidade poética.

Hotel do tempo, de Brasílo Felício - São poemas comprometidos com o tempo presente e com os homens inscritos também no tempo presente. Poemas que, quase sempre, se revestindo de uma conotação política, pretendem apreender a realidade objetiva sem, contudo, relegarem a um segundo plano a atmosfera poética, o *quê* de poesia que pode fazer a vez de sísmógrafo para detectar a realidade circundante.

Diário da Tarde, de Paulo Mendes Campos - Num estilo fluente, Paulo Mendes Campos consegue apreender o ramerrão do cotidiano envolvendo-o numa aura de poeticidade ora jocosa, ora pungente, e que atinge a todos na medida em que restaura a infância perdida, a adolescência soterrada e circunstâncias que, de um modo ou de outro - e graças à argúcia do poeta -, preencheram o vazio de alguns momentos longínquos do ser social Paulo Mendes Campos. Observe-se, contudo, que mesma as crônicas mais confessionais, mais intimistas, se revestem de uma conotação coletiva a cada vez que repercutem na sensibilidade do leitor. É um livro que, além das crônicas reúne traduções de poemas feitas pelo autor e, ainda, estudos críticos e biográficos sobre escritores famosos da literatura de todos os tempos. O futebol, como não poderia deixar de ser, também marca presença neste livro lançado, conjuntamente, pela Editora Civilização Brasileira e pela Massao-Ohno Editores.

Lançamento Massao Ohno - Paulo Wrobel/Editores

Paniedro, de Herio Saboja - Livro visceralmente experimental este *Paniedro*, de Herio Saboja. Livro que, de um modo ou de outro, está a nos revelar a coragem dos seus edi-

tores. Principalmente porque, embora possa repercutir e sensibilizar a crítica especializada, dificilmente marcará presença na lista dos mais vendidos.

Lançamento da Record

Chorinho Brejeiro, Dalton Trevisan - São 13 contos, como sempre curtos, marca registrada do autor, cujo título é uma pausa refrescante se o compararmos aos de seus livros anteriores publicados nos últimos 10 anos: *A Faça no Cotação*, *A Trombeta do Anjo Vingador*, *A Guerra Conjugal*, *Crimes de Paixão* e outros, além do grito enfurecido da massa clamando por vingança pelas próprias mãos de seu livro de 1980, *Lincha Tarado*. Trevisan apresenta em *Chorinho Brejeiro* uma nova galeria de tipos e casos que, ao contrário do que alguns dizem ou pensam, jamais se repete, já que o homem não se repete nunca em nenhum instante de sua vida.

Como em seus outros livros, o autor não se arvora em juiz de seus personagens encontrados em bordéis, pensões e outros lugares escusos de Curitiba e que ele apresenta em ritmo de choro, tango ou samba-canção. Em *Chorinho Brejeiro* ele sorri com ironia de suas tragédias, mas assim fazendo não estaria por acaso dando sua própria opinião sobre o destino humano?

Histórias do Arco da Velha, Seleção de Alfred Hitchcock - Há pessoas que relaxam lendo um meloso romance de amor. Outras preferem meter-se na pele de personagens audaciosos de romances de aventuras; já se ouviu mesmo falar de um professor universitário cuja fórmula ideal de relax era percorrer rigorosamente a lista telefônica de assinantes à procura de nomes originais. Dali saía revigorado! Não é de estranhar, portanto, que tenham tanto sucesso de venda livros de terror, como os dos contos selecionados por Alfred Hitchcock para coleção que a Record vem publicando e que já se encontra no seu número 18. São 14 contos entre os quais se poderiam destacar "O Fugitivo", de Bill Preznitz, "Alguém para Matar?", de Jack Ritchie e "Variações num Jogo", de Patricia Higgs.

mith, que escreveu um dos filmes mais famosos de Hitchcock, *Pacto Sinistro*.

O criminalista, Vinícius Bittencourt - O autor deste livro é especialista em assuntos criminais. Praticamente, todos os casos importantes surgidos em Vitória nos últimos anos passaram por suas mãos. Entre esses, os dois mais rumorosos: o do Esquadrão da Morte e o da menina Araceli, ambos de repercussão nacional.

Resolvido a escrever sobre seus tantos anos de experiências forenses, partiu para este romance policial apresentando com todos os pormenores o planejamento e a execução de quatro homicídios juridicamente impuníveis e que, se reais fossem, deixariam a Justiça de mãos atadas.

O Criminalista trata do crime sem possível castigo legal que assim permanece a despeito da prova testemunhal, do corpo de delito, de exibição da arma do crime, da própria confissão do criminoso e, ainda, do julgamento regular a que ele faz questão de submeter-se para poder repousar tranquilamente sobre a intangibilidade da coisa julgada.

Lançamentos da Francisco Alves Editora

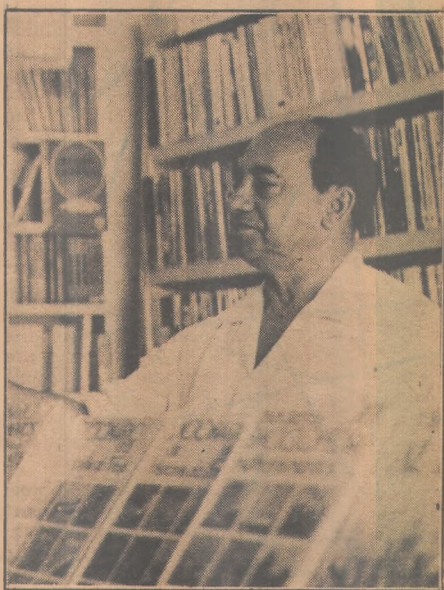
Uma Temporada no Inferno e Iluminações, de Jean Arthur Rimbaud - Esgotada há muitos anos, e tornada mesmo uma raridade bibliográfica, reaparece agora, em edição da Editora Francisco Alves, a tradução com que Léo Ivo revelou *UMA TEMPORADA NO INFERNO E ILUMINAÇÕES*, de Rimbaud, aos leitores da língua portuguesa.

Figura genial, Rimbaud ainda hoje constitui um desafio para a crítica. Após ter surpreendido os meios literários de Paris com uma aparição meteórica e ter produzido uma sucessão de obras-primas, abandonou aos vinte e um anos a Poesia e foi viver uma segunda e misteriosa existência na África, como negociante e explorador. Os seus versos e poemas em prosa converteram-se, porém, numa das contribuições fundamentais da revolução estética de que resultou a poesia mo-

derna. Ao lado de Victor Hugo, Baudelaire e Mallarmé, é um dos criadores da modernidade, com as suas imagens vertiginosas e imprecisas, e uma magia verbal, que, mais de um século transcorrida, ainda conserva soberbamente o seu encanto.

Profundo conhecedor da obra e da vida de Rimbaud, que tanto a marcou em sua própria poesia, Léo Ivo realizou, com esta recriação poética, um verdadeiro trabalho de amor e fervor, enriquecido inclusive por um longo ensaio crítico e biográfico.

Deixemos Falar ao Vento, de Juan Carlos Onetti - *DEIXEMOS FALAR AO VENTO* é uma obra dividida em duas partes. A primeira, pensada pelo protagonista e a segunda pelo autor, se bem que, nesta segunda parte, são pequenas as projeções do pensamento do protagonista, que é o Delegado Medina. Na primeira parte, Medina está em exílio voluntário em Lavanda, vivendo cheio de lembranças e desejo de um dia retornar à sua cidade, Santa Maria (criada pela imaginação do autor e que frequenta com assiduidade os seus romances, entre eles *JUNTA-CADAVERES*, já editada pela Francisco Alves). Enquanto exilado em Lavanda, Medina sobrevive trabalhando como acompanhante de doentes, pintor e desenhista de publicidade. Abatido por grave crise existencial quando no ponto máximo da sua atividade profissional, Medina conhece a personagem Frieda, que nesta primeira parte em muito o ajuda. Frieda é lésbica, mas manterá uma ligação com Medina e, através deste chegará até Seoane, terceira personagem do romance e que é filho de Medina. Em torno desses três personagens desenvolve-se a ação. Do confronto de suas relações, a narrativa encontrará o final trágico. É o vento, anunciado pelo título e pelas numerosas referências à tempestade da Santa Rosa, como é chamado no Uruguai o súbito calor no final do inverno, será a metáfora da crise existencial de Medina, cujo desenlace não é explicitado pelo autor, que mantém a narrativa até o final num clima de ambiguidades. Tão constantes são as ambiguidades do texto, que a tradução respeitou integralmente o estilo da narrativa. A tradução é de Maria de Lourdes Martini.



VIII FEIRA DO LIVRO DE JOÃO PESSOA

A VIII Feira do Livro de João Pessoa, promoção da Livraria do Bartolomeu, será inaugurada no dia 17 de abril vindouro, data em que se comemora o primeiro aniversário de nascimento de Monteiro Lobato.

Já assegurada a participação das principais Editoras do País.

Os livros editados pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado e Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, também estarão expostos à venda na feira.

Durante a VIII Feira do Livro, qualquer obra literária será vendida com desconto de 10 a 50%.

NOVOS

Maria Aparecida de Santana é aluna do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba. Edielson Pereira reside em Campina Grande e é aluno do 2º grau.

GÊNESE

• MARIA APARECIDA DE SANTANA

Ressurgindo do anonimato
O verso nasce
Da Força do nada faz-se existir.
O anonimato é o desconhecido caminho
E o nada o embrião da existência.

O espaço atônito reserva-se solidário
E um simples gesto na imensidão
Formula o tempo

- Faz-se um grito - É o ponto de partida de tudo.
Donde surgiu a palavra
Desde o início plantada
Antes mesmo se fazia a si
Verbo encarnado do nada.

MEDO DE SER

• EDIELSON PEREIRA

Uma matéria ao meu lado
Um desejo machucando
Olhares entrelaçados
Um medo repudiando
Com sentimentos iguais
Dois seres dialogando
Com preconceitos rivais
Temendo a quem está olhando
Enquanto o desejo aumenta
A coragem vai baixando
E o amor que se sustenta
Continua martelando
Por trás de faces contentes
Tem almas que estão chorando
Temendo dizer que sentem
Um amor lhes esmagando
Sem orgulho de ser gente
Vivem em si comparando
Esse amor tão diferente
Que não diz está amando.



DOMINGOS - 82



CANCIONEIRO TELÚRICO

• POLIBIO ALVES

Que fizeram do caramujo matinal,
da terra de mil sóis que não vejo?
Será que sacou algum porto
ou ínerme refém doutro planeta?
De repente, indiferente a própria morte,
ele se situou no último variante;

(O canto
tornou-se lamúria
do lamento brando
escorrido da boca
morta.
Também mais pesado
ainda, todo desencanto
no búzio azulado.
Assim como fibra usada
presença de homem
pulsando sem dizer nada).

Ali mesmo, qual lâminas de gestos,
a ilha imposta, qual mortal chama crua,
dentro do veleiro de algas
fêz-se resina das impressões digitais:

... era uma face de sol poente
ancorada sobre plantas.
Cantam os sucos fecundos da terra
despertados na relva sangrenta.
Depois os frutos nus
povoaram outras esteiras
aplacados nos favos de colmeia.
E os alimentos, cercados de bronze
curvar-se-ão em sumas mesas
esmaltados pratos que se agastarão
na estação derradeira.

Que fizeram do caramujo matinal,
da lua nova candente,
contraparente na estação.
E lá, na aldeia virgem, entre musgos
o cío aéreo imigrante de centauros;

- o hoi em silêncio
incendeia o abrigo
depois que cada indivíduo
se precipita fora do vidro.
É vidro, depois olho,
a planta viva e seu cultivo
até o boi ainda vivo.
Porém da dureza do ato
de vertical, um ângulo reto,
tem a lâmina seu objeto:
- qual hálito ascendente
é um boi nascendo

estendido na lâmina.
E na mesa de hoje exato
é menos palma de carne,
apenas olhos de medo
para consumo alimento.

Que fizeram do caramujo matinal,
será que ele se perdeu na região abissal?

... oh! pirâmides movêdicas,
que direi dos corpos esvaziados?
Se agora os peixes jazem

na grande imensidão das águas
frias das cisternas.
Oh! recônditos transparentes,
verdes ou azuis não deixais
os braços nus mergulharem até o fundo
onde os marasmos desuniram
os cascos dos navios retesados.
Não! tudo só,
às águas irrisadas
e o navio-brinquedo
entre os mugs purificado".

Que fizeram do caramujo
de olhos marimbundos?
Aonde se plantou os terrícolas
se a ilha-hoje insaciada

é aranha exausta em cânticos de cadáveres.
E o çarrasco indomável
que não antevejo.
Morreu ou partiu pra outro lugarejo?
(1963)

(*) do livro, "Estuário Nu", laureado pela
União Brasileira de Escritores/RJ, e pelo
Conselho Estadual de Cultura de Mangar-
tiba/RJ

